



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Elenice de Paula

**Da suavidade às histórias carregadas de pedras:**  
a escrituragem como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo

Florianópolis  
2023

Elenice de Paula

**Da suavidade às histórias carregadas de pedras:**  
a escrituragem como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação

Orientador(a): Prof. Dr. Jaison José Bassani

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Paula, Elenice de  
Da suavidade às histórias carregadas de pedras : a  
escrevivência como pensamento social brasileiro em  
Conceição Evaristo / Elenice de Paula ; orientador, Jaison  
José Bassani, 2023.  
250 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós  
Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Pensamento social brasileiro. 3.  
Conceição Evaristo. 4. Literatura . 5. Estudos decoloniais.  
I. Bassani, Jaison José. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Elenice de Paula

**Da suavidade às histórias carregadas de pedras:**  
a escrituragem como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo.

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado em 14 de dezembro de 2023 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Jaison José Bassan  
Universidade Federal de Santa Catarina - DEF/CDS/UFSC (Orientador)

Prof.(a) Dra. Maria Aparecida Rita Moreira  
Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina - SEE/SC (Examinadora)

Prof. Dr. Daniel Machado da Conceição  
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis – SME/PMF (Examinador)

Prof.(a) Dr. Elison Antonio Paim  
Universidade Federal de Santa Catarina - MEN/CED/UFSC (Examinador)

Dr. Victor Julierme Santos da Conceição  
Universidade Federal de Santa Catarina – CA/CED/UFSC (Membro Suplente)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof.(a) Jaison José Bassani Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

A todas as infâncias interrompidas por “balas perdidas”

A Miguel (*in memoriam*) e à sua mãe Mirtes.

## AGRADECIMENTOS

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças  
Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
Salgando-me o rosto e o gosto.  
Sou eternamente náufraga,  
Mas os fundos oceanos não me amedrontam  
E nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.

EVARISTO, Conceição. Recordar é preciso. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, p. 11, 2017.

Assim como no conto de Conceição Evaristo, do mar que vagueia onduloso sob os pensamentos, destaco: recordar é preciso! Ao chegar ao fechamento de uma trajetória que por vezes (e muitas) parecia impossível de sequer se iniciar, a memória lança o leme no movimento dessas águas que me afundaram sob o peso das distintas pedras que atravessam a vida, mas, mesmo assim, pude emergir com a insistência e resistência junto com a colaboração de quem me auxiliou a subir.

Por isso, quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina pela acolhida em um momento pandêmico tão tenso vivido mundialmente, pelo atendimento e todo apoio prestado ao longo desses dois anos.

Quero agradecer, carinhosamente, ao meu orientador, professor Dr. Jaison José Bassani, desde quando disse: Viva a universidade! Por ter se demonstrado sempre paciente, educado e aberto em me orientar na pesquisa. Quando me via perdida, suas palavras serviam tanto como suporte para o texto, como apoio para a vida, em seguir pelas águas, em acalmar as turbulências nas vezes em que a escrita parecia ter lançado uma âncora ao mar. Obrigada pela confiança!

À banca de qualificação e defesa, professora Dra. Maria Aparecida Rita Moreira, meus mais sinceros sentimentos de gratidão. Sua leitura atenta e os seus comentários foram fundamentais para me auxiliar a lapidar esta dissertação, ou as pedras da vida da escrevivência. Sem elas, este percurso poderia ser um tanto mais tardio. Obrigada!

Ainda à banca, ao professor Dr. Elison Antonio Paim, junto da leitura e comentários realizados para a qualificação, quero agradecer por ter arremessado a boia ao mar. Suas palavras e o voto de confiança em me indicar para a obtenção do *up grade* para o doutorado não só me deixou feliz, como me permitiu seguir por essas águas com mais confiança. Muito obrigada!

Como recordar é preciso, aproveito para agradecer à professora Dra. Ione Ribeiro Valle. Atravessar 600 km para Florianópolis nas madrugadas de quarta-feira, e depois retornar no mesmo dia, muitas vezes parecia ser uma distância tal como de atravessar a rua, pois suas aulas encurtam qualquer distância. Aproveito para agradecer não somente por me ajudar a compreender as teorias de Pierre Bourdieu, mas por suas aulas, por sempre se demonstrar tão disposta a ensinar e explicar abordagens tão complexas de uma forma tão doce, calma e extremamente didática.

Aproveito, ainda, para agradecer aos professores/as que não pude conhecer presencialmente, mas que, durante o isolamento devido à pandemia da Covid-19, tornaram os dias mais agradáveis e produtivos. É certo que cada um/a contribuiu de alguma forma para este trabalho. Ao professor Dr. Ademir Valdir dos Santos, por me apresentar uma outra história da educação. À professora Dra. Clarícia Otto, por me auxiliar nos direcionamentos e problemáticas da pesquisa. Ao professor Dr. Fabio Machado Pinto por, junto das leituras sobre Sartre e Paul Ricoeur, me ajudar a observar os Becos da Memória de Conceição Evaristo. À professora Dra. Eliane Santana Dias Debus, por me fazer repensar a vida, por me apresentar um outro mundo em meio à literatura. Obrigada por não desistirem do ensino e por o defenderem em um momento tão difícil na história do país. Sigamos juntos com esperança de novos futuros.

Recordar é preciso e assim, por essas águas, continuo navegando. Obrigada!



A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, p. 24-25, 2017)

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar representações sobre as experiências da vida adulta de mulheres e homens narradas por Conceição Evaristo a partir da compreensão destas como parte de sua escrevivência em seus livros *Olhos D'Água*, composto por 15 contos, e nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Com isso, busco compreender como as marcações sociais da diferença, como raça, gênero e classe social são utilizadas para construção corpórea e o processo de identificação e reconhecimento das personagens. As obras de Conceição Evaristo investem na crítica às desigualdades sociais, principalmente a assuntos que atravessam gênero, raça e classe e, ao mesmo tempo, como (re)existência, movimenta o protagonismo de suas personagens para o reconhecimento e construção identitária de si e os laços com os seus. A partir da compreensão da autora como pensadora social brasileira, por meio dos aportes teórico-metodológicos dos estudos decoloniais de Quijano (2005), Mignolo (2008; 2020) e Santos (2022), da interseccionalidade exposto por Davis (2016), Crenshaw (2004), Collins e Bilge (2021) e Akotirene (2018), do pensamento social crítico (hooks 2020), diáspora de Domingues (2021) e do letramento racial crítico proposto por Ferreira (2015), estabeleço a análise das obras selecionadas. Diante da análise, é possível afirmar que a literatura produzida por Conceição Evaristo promove uma leitura diaspórica, em que suas personagens e histórias atravessam os elos estabelecidos entre o passado e presente e na qual a escrita e oralidade servem como embasamento social para uma educação de (re)existência. Críticas da realidade social anunciada, as histórias servem como forma de interpretar o mundo em uma escrita denúncia marcada pelo brutalismo poético de projetar novas formas de viver e experienciar a vida.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Educação; Literatura; Pensamento Social; Estudos decoloniais.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze representations of the adult life experiences of women and men narrated by Conceição Evaristo from the understanding of these as part of her writing in her books *Olhos D'Água*, composed of 15 short stories, and in the novels *Ponciá Vicêncio* and *Alleys of Memory*. With this, I seek to understand how the social markings of difference, such as race, gender and social class, are used for corporeal construction and the process of identification and recognition of characters. Conceição Evaristo's works invest in criticizing social inequalities, mainly issues that cross gender, race and class and, at the same time, as (re)existence, moves the protagonism of her characters towards the recognition and identity construction of themselves and others. ties with yours. Based on the author's understanding as a Brazilian social thinker, through the theoretical-methodological contributions of the decolonial studies of Quijano (2005), Mignolo (2008; 2020) and Santos (2022), of the intersectionality exposed by Davis (2016), Crenshaw (2004), Collins and Bilge (2021) and Akotirene (2018), critical social thought (hooks 2020), Domingues diaspora (2021) and critical racial literacy proposed by Ferreira (2015), I establish the analysis of the selected works. In view of the analysis, it is possible to affirm that the literature produced by Conceição Evaristo promotes a diasporic reading, in which its characters and stories cross the links established between the past and present and in which writing and orality serve as a social basis for an education of (re)existence. Criticisms of the announced social reality, the stories serve as a way of interpreting the world in a written denunciation marked by the poetic brutalism of projecting new ways of living and experiencing life.

**Keywords:** Conceição Evaristo; Education; Literature; Social Thought; Decolonial studies.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conceição Evaristo.....	26
Figura 2 – Capa Ponciá Vicêncio, 2003 .....	83
Figura 3 – Capa Ponciá Vicêncio, versão inglês, 2007.....	83
Figura 4 – Capa Ponciá Vicêncio, 2017 .....	83
Figura 5 – Becos da Memória, Editora: Mazza, 2006.....	87
Figura 6 – Becos da Memória, Editora Mulheres, 2013.....	87
Figura 7 – Becos da Memória, Editora Pallas, 2013.....	87
Figura 8 – Capa Becos da Memória verso.....	89
Figura 9 – Contracapa Becos da Memória frente.....	89
Figura 10 – Contracapa Becos da Memória verso.....	89
Figura 11 – Capa do livro Olhos D’Água, Editora Pallas; 1ª edição, 2014.....	91
Figura 12 - Foto de mulher escravizada .....	201

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Cadernos Negros e contribuições de contos por Conceição Evaristo .....	29
Quadro 02	Produções, teses e dissertações do PPGE-UFSC com a temática literatura.....	250
Quadro 03	Personagens de Conceição Evaristo .....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECAN	Centro de Cultura e Arte Negra
CRC	Central Nacional de Informações do Registro Civil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECO	Educação e Comunicação
EI	Educação e Infância
ERER	Educação das Relações Étnico-Raciais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FIL	Filosofia da Educação
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEFAM	Laboratório de Estudos da Família, Relação de Gênero e Sexualidade
UNFPA	Nações Unidas sobre Juventudes da América Latina e do Caribe
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SHE	Sociologia e História da Educação
SUPED	Sujeitos, Processos Educativos e Docência
SUS	Sistema Único de Saúde
TEP	Trabalho, Educação e Política
UNICEF	Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
Conceição Evaristo e suas implicações para as pesquisas em educação .....	25
As obras selecionadas e a tecitura da pesquisa .....	31
A literatura sob a investigação acadêmica .....	40
<b>CAPÍTULO 1: LITERATURA, PESQUISA E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: NARRATIVAS QUE SE CRUZAM</b> .....	<b>49</b>
1.1 Literatura e pesquisa: delineamentos teórico-metodológicos ....	51
1.2 Literatura e pesquisa: memórias e narrativas diaspóricas .....	64
1.2.1 Literatura: produção, função e pensamento social .....	68
1.2.2 Literatura e sujeitos negros: a necessidade de uma afirmação ..	72
<b>CAPÍTULO 2: As escrituradas da Memória, História e narrativas: entrelugares narrados e experienciados em um passado em movimento</b> .....	<b>81</b>
2.1 Das memórias às histórias: entrelugares de disputas afirmativas	81
2.2 Ancestralidades, crenças e religiosidade em Conceição Evaristo: um reencontro com o passado e presente	97
<b>CAPÍTULO 3: ENTRE MORROS, BECOS, LÁGRIMAS E INSUBMISSÃO: AS FORMAS DE (RE)EXISTIR EM CONCEIÇÃO EVARISTO</b> .....	<b>127</b>
3.1 As configurações da vida: cenários sociais diversos entre quilombos e morros .....	128
3.1.1 Ponciá Vicêncio: do vilarejo à cidade .....	128
3.2 Pelos becos, as memórias .....	137
3.3 E na cidade os olhos se enchem d'água .....	151
<b>CAPÍTULO 4: SOCIABILIDADES EM MEIO AOS BECOS: ENTRE POEIRAS, LÁGRIMAS, FAMÍLIAS E REDES DE AFETO COMO (RE)EXISTÊNCIA</b> .....	<b>168</b>
4.1.1 N(a) vida de Ponciá, uma flor .....	168
4.1.2 Famílias, afetos, distrações e incômodos em meio aos becos: e assim (sobre)viver .....	172
4.1.3 Afetos e desafetos que enchem os olhos d'água .....	185
4.2 Gênero, trabalho e renda: homens e mulheres de Evaristo em busca da (sobre)vivência .....	200
4.2.1 Ponciá Vicêncio: relações de trabalho no campo e cidade .....	203
4.2.2 Entre lavadeiras, domésticas e operários: memórias de trabalho	210
4.2.3 Dos olhos, as águas: do corpo, a (sobre)vivência .....	218
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>227</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>235</b>

## INTRODUÇÃO

09 de maio – Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando. (JESUS, 2014, p. 29).

19 de setembro – No frigorífico eles não põe mais lixo na rua por conta das mulheres que catavam carne podre para comer. (JESUS, 2014, p. 121).

16 de junho – Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2014, p. 174).

O incômodo de Carolina Maria de Jesus de não gostar de catar papelão foi muito além de sua memória. A indignação foi transformada em escrita e serviu para materializar o seu pensamento quando seu diário, transformado em livro expôs publicamente a difícil vida de ser uma mulher negra, favelada, mãe solo de três filhos pequenos, sem comida, condição de saúde e quaisquer outros itens e direitos básicos para poder viver. A dor da fome marca toda a narrativa da autora que, em busca de um e outro papelão, virava as latas de lixo para encontrar algo que pudesse amenizar o vazio do estômago. E assim se fazia o sonho, na tentativa de imaginar que aquilo não era real e que talvez pudesse ser algo passageiro.

É desse sonhar que a escrita de Carolina Maria de Jesus a fez surgir como mulher. Mesmo com um processo lento (e tardio) de seu reconhecimento como escritora, sua narrativa está marcada pelas experiências, nas quais esse mundo, que poderia ser só imaginário, nos é dado a ler, posto a ser observado, ressignificado, interpretado e questionado, para que seus/as leitores/as consigam ao menos construir um olhar sob a tentativa de compreender o que é ser mulher, negra, favelada, faminta tanto por comida como pela vontade de tornar-se humana, já que isso parece ter sido arrancado dela. E assim, as páginas que provocam um aperto no peito e fazem saltar lágrimas pelos olhos, me provocaram a imaginar, a confundir minhas histórias, mesmo que doídas, mas repletas de privilégios por ser branca, quando comparadas com a dela. Foi então que a literatura me levou a outra sensibilidade no olhar, em perceber o quanto diferentes histórias atravessam nossos caminhos e por vezes não as percebemos. Entre o real e o escrever, um mundo todo é apresentado a partir do pensamento de Carolina sobre a vida, a fome, o mundo e as mazelas. E, mesmo a partir daquilo que parece quase impossível que a pudesse fazer feliz, a literatura despertou-me outras possibilidades de ver o(s) mundo(s) a minha volta, de (re)construir um olhar crítico, de ser educada por meio de linhas que até então

pareciam apenas ser imaginadas, como se a ficção estivesse fechada em um mundo paralelo.

O contato com *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lido no final de 2018, fez-me refletir sobre o porquê daquela literatura ter chegado tão tarde em minhas mãos. Mesmo tendo, até aquele momento, realizado duas graduações na área das ciências humanas (História, em 2008, e Sociologia, em 2016), aquela autora ainda havia sido encarada como nova, mesmo que a publicação de seus diários no formato livro já tivesse ocorrido em 1960<sup>1</sup>. A inquietação sobre a ausência da literatura escrita por mulheres negras e que também falasse de mulheres negras, levou-me a buscar outras obras. Nesse momento já tinha contato com os estudos de gênero e o feminismo negro, um processo iniciado pela leitura de Angela Davis (2016), que apresenta uma análise crítica das relações sociais a partir das intersecções entre mulheres, raça e classe, mas que, para meu rol de leituras, ainda estava muito vago na literatura brasileira, em que, até então, predominava o contato com produções de homens ou mulheres brancas<sup>2</sup>. Assim, foi na tentativa em enegrecer o feminismo, como indica Sueli Carneiro (2017)<sup>3</sup>, com o interesse por compreender mais sobre narrativas de mulheres negras, encontrei *Olhos D'Água* (2016), livro de contos escrito por Maria da Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo), o qual me surpreendeu por ter tantas histórias, ao mesmo tempo que similares às de Carolina de Jesus, conduziram-me para novos olhares e sensibilidades sobre as relações sociais. Enquanto professora, estava convicta do poder transformador da literatura,

---

<sup>1</sup> Na edição lida, Audálio Dantas, jornalista que encontrou Carolina e adaptou o diário para a publicação em textos de jornais e revistas e depois o livro em 1960, relata a dificuldade de adaptar o texto para evitar repetições, principalmente sobre a fome. Como destaca Dantas, “a repetição da rotina da favela, por mais que difícil, seria exaustiva. A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina” (DANTAS, 2014, p. 06).

<sup>2</sup> Destaco aqui Clarice Lispector (1998) e João Guimarães Rosa (1986).

<sup>3</sup> Conforme Sueli Carneiro, a luta por direitos civis e sociais caracterizada pelo movimento de mulheres e movimento feminista esteve fortemente interessada em romper com a hegemonia masculina. Contudo, conforme análises da autora, é necessário considerar que as distinções de gênero não são as únicas formas de opressão social constituídas, pois, em uma sociedade racista, mulheres negras e indígenas, por exemplo, tanto sofrem as amarras das desigualdades e exclusões provocadas pela hegemonia masculina como também sofrem distinções dentro das próprias pautas. Como indica a autora, “sino que también exige la superación de ideologías complementarias de este sistema de opresión como es el caso del racismo. El racismo establece la inferioridad social de los segmentos negros de la población en general, y de las mujeres negras en particular, operando además, como factor divisionista en la lucha de las mujeres por los privilegios que se instituyen para las mujeres blancas” (CARNEIRO, 2017, p. 111). Nesse sentido, enegrecer o feminismo corresponde a toda uma revisão epistemológica para perceber os privilégios e tanto incorporar pautas vindas de grupos de mulheres negras como proporcionar espaços de escuta e atuação.

principalmente pela possibilidade de provocar a imaginação sociológica e de promover processos educativos por meio da análise crítica, em que o pensamento social é construído e dado a interpretar em meio a versos, contos, prosas e histórias que nos são dadas a ler.

Desse modo, parto da análise de que Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo inserem-se como pensadoras sociais brasileiras. Suas narrativas, ao mesmo tempo em que agem como uma denúncia das mazelas da população brasileira, em especial de mulheres negras, permitem com que sejam constituídas formas de ver e narrar o mundo. São linhas que nos apresentam configurações de uma sociedade dada a ser interpretada e, quando imaginadas ou reconstruídas no momento de leitura, provocam uma sensibilidade analítica que age como uma função humanizadora.

Nesse sentido, essa observação dialoga com o que Eliane Debus (2017), ao analisar a temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens, expõe o poder da literatura, em especial a produzida por escritores/as negros/as. Para a autora, a literatura permite que os/as leitores/as tenham contato com um outro mundo, diferente daquele com o qual se está habituado. Conforme Debus (2017, p. 22),

[...] a palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são seus. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver.

Assim, nesse constituir-se de um imaginário até então tido apenas como ficcional, o pensamento social de quem narra a história exprime um mundo que até então era apenas seu, em que seus/as leitores/as irão reinterpretar a vida de diferentes sujeitos no tempo e espaço em que estão imersos. Pois, como indica Debus (2017, p. 23),

[...] se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com os textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo.

Do mesmo modo, esta pesquisa insere-se na tentativa de ampliar as visões de mundo, de proporcionar diferentes lentes analíticas para leitores/as que se interessarem em se debruçar sobre os mundos imersos entre o ficcional e o real, em perceber as possibilidades da literatura em seu poder de transformação social e, acima de tudo, compreender sobre as *escrevivências*<sup>4</sup> expressas no pensamento social brasileiro, transformado em literatura, a provocarem uma sensibilidade no olhar, refletir sobre as distintas realidades que configuram o mundo e a posição de cada leitor/a nelas, na tentativa de provocar uma sociedade humanizada.

Na busca por ampliar a visão de mundo, mesmo marcada pelo lugar de fala<sup>5</sup> por ser uma mulher, branca, professora, pós-graduanda, mãe, e na tentativa de utilizar a literatura nas aulas de Sociologia, além da obra de contos *Olhos D'Água*, encontrei outros livros de Conceição Evaristo, sendo eles, os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006); o livro de poemas: *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e os contos: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), e recentemente *Canção para ninar menino grande*, já na sua segunda edição, de 2022. Ler essas obras permitiu-me estabelecer o exercício analítico de perceber as conexões entre o real e o ficcional, de construir novas sensibilidades para observar as configurações do mundo sob uma tentativa de alterá-lo, com a pretensão de que seja mais humano para aqueles que, muitas vezes, parecem terem perdido a humanidade. Pois, como indica Rosangela Sarteschi,

[...] a literatura ganha sentido porque se estabelece como uma possibilidade concreta de apreender o mundo e, no processo de leitura que se coloca, estão dadas as condições de interpretar as sociedades

---

<sup>4</sup> Conceito levantado por Conceição Evaristo que servirá de análise e discutido ao longo do trabalho.

<sup>5</sup> Conforme Djamila Ribeiro, o lugar de fala envolve todo um conjunto de relaçõesas quais historicamente foram sustentadas pelo viés colonizador do homem, branco e europeu. Para a autora, “falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Pensamos como lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequentemente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64). Dessa maneira, a perspectiva assumida pela autora é de crítica ao negligenciamento dos saberes negros por todo um sistema opressor, tanto na academia como fora dela. Entretanto, como destaca Ribeiro, ao evidenciarmos situações de violência, como as do racismo, não devemos nos omitir. Quando pessoas estão ou ocupam uma situação de privilégio, como ser uma pessoa branca em um contexto marcado pelo racismo, por exemplo, deve ser usado o lugar de fala como uma forma de expor aquilo que talvez não pudesse ser sentido ou observado por outras pessoas. Como indica a autora, “Perceber-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas (RIBEIRO, 2017, p.107).

em que cada texto ou série literária estão inseridos (SARTESCHI, 2016, p. 16).

Mesmo que as próximas páginas pretendam analisar detalhadamente o pensamento social exposto por Conceição Evaristo, posso destacar desde já que a literatura produzida pela autora nos apresenta distintos cenários sociais, perpassa espaços rurais e urbanos, demonstra como mulheres, homens, meninas e meninos negros/as de diferentes idades e sexualidades lidam com o racismo, pobreza, fome e com as dificuldades de morar devido à falta de estrutura habitacional. A obra literária foi a forma encontrada pela autora para reinventar-se em meio as exclusões sociais, praticar a cultura sem perder a ancestralidade e apresentar a identidade de suas personagens. Assim, as narrativas de Conceição Evaristo exploram diferentes situações que influenciam o protagonismo para lidar com as violências que marcam a sobrevivência de distintos sujeitos que ora confundem-se com a realidade, muitas vezes anunciada nos jornais no tempo presente.

Em 2021<sup>6</sup>, quando apresentei o projeto para a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE-UFSC, destaquei alguns casos anunciados nos jornais e que tiveram repercussão nacional, que pareciam confundir a realidade com a narrativa de Conceição Evaristo. Ou seja, esse conjunto narrativo dado a ler não está solto do real, suas bases são sustentadas tanto pela experiência como pelo caráter reflexivo do pensamento social exposto em meio as linhas de denúncias que atravessam o tempo e se confundem com o presente.

Nesse sentido, enquanto artefato literário, as narrativas de Conceição Evaristo partem de uma escrita sensível em que são investidas observações e análises sobre o real com a intenção de intervir. E, como um espaço educativo, contribui para sensibilizar seus/as leitores/as, seja aos olhos daqueles/as que se identificam com as personagens para a reafirmação da identidade ou até mesmo à crítica social exposta,

---

<sup>6</sup> Naquele momento, destaquei que, em 20 de setembro de 2019, Ágatha Vitória Sales Félix, de oito anos, foi assassinada com um tiro, no Rio de Janeiro. Em 18 de maio de 2020, João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, foi assassinado a tiros por policiais. Em 02 de junho, Miguel Otávio, de 05 anos, morreu ao cair do nono andar do prédio em que sua mãe trabalhava como empregada doméstica, em Recife. Em 07 de agosto de 2020 vem à tona a notícia de que, no Espírito Santo, uma “menina de 10 anos” estava grávida, resultado de estupro praticado por seu tio. Desde então, novos casos, principalmente aqueles que foram midiaticizados, expõem a insistência do que poderia ser apenas ficcional, mas se encontra no presente, tais como Kevin Lucas dos Santos, 6 anos, de Queimados, na Baixada Fluminense, Karina Sobral de Souza, 9 anos, de Volta Fria, em Angra dos Reis, Esther Vitória de Melo Pires, 5 anos, da comunidade do Carvão, em Itaguaí, todas negras, vítimas de “bala perdida”, são algumas das crianças que foram assassinadas em 2022.

seja por aqueles/as que possam perceber seus privilégios historicamente construídos e proporcionar novas relações sociais sob a pretensão de romper com as exclusões sociais.

Com grande destaque à narrativa sobre mulheres negras, o universo das infâncias e juventudes também é explorado pela autora. São meninas e meninos de diferentes idades que vivem em situações desiguais em meio às distinções de gênero, raça e classe social, mas que também deixa evidentes outras intersecções, como a sexualidade, religiosidade, geração, dentre outras. Nesse sentido, as obras de Conceição Evaristo nos apresentam uma pluralidade de infâncias e juventudes marcadas pelo protagonismo infantojuvenil e a formação da identidade, e são uma escrita denúncia contrária a distintas formas de exclusões, violações de direitos ou até mesmo a ausência deles. À vista disso, a literatura de Conceição Evaristo provoca um movimento entre o deslizar-se de temas difíceis e vivos no presente para a construção de novas formas de viver e narrar a vida da população negra.

Diante do pressuposto de que Conceição Evaristo insere-se como uma pensadora social brasileira, iniciei a pesquisa no mestrado com o objetivo inicial de identificar e analisar as representações sobre as infâncias e juventudes narradas pela autora no livro *Olhos D'Água*, composto por 15 contos, e nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Com a análise das obras, pude perceber como as marcações da vida em torno da(s) infância(s) são utilizadas para construção corpórea e o processo de identificação e reconhecimento das personagens. Parto da hipótese de que as representações sobre as infâncias e juventude, além de proporcionarem o olhar crítico sobre a realidade social, permitem que sejam identificadas experiências do cotidiano de parte da população infantojuvenil brasileira.

As dores e sofrimentos não são os únicos expoentes que assinalam a análise da autora. Como uma lapidação da vida, sob o poder potencializador da literatura, mesmo que imersa na escrita denúncia por meio de contos e romances, Conceição Evaristo demonstra como as infâncias e juventudes são construídas de forma ativa em um conjunto de valorização da cultura e identidade negra. Perceber essa movimentação da vida levou-me a compreender e identificar outros elementos e marcações que são explorados nas narrativas, possibilitando estender a análise das obras com a intenção de observar a vida adulta. Nesse sentido, e considerando os limites temporais para cumprir o objetivo mais amplo anteriormente mencionado – mas que segue me movendo e para o qual a presente dissertação se coloca como um

primeiro degrau –, busco, neste primeiro momento, explorar as experiências da vida adulta de mulheres e homens narradas por Conceição Evaristo a partir da compreensão destas como parte de sua escrevivência. Ou seja, de como as memórias da autora atravessam as linhas narrativas que cortam as pedras da vida para serem lapidadas em meio a novas tentativas de viver. Por consequência, busco compreender como as histórias exibem distintas temporalidades e cenários sociais em movimento, nas quais suas personagens são dados a ler, e que conduzem ao caráter reflexivo de como os marcadores sociais da diferença provocam distintas experiências e influências nas expectativas de futuro. Assim, seguindo as recomendações da banca de qualificação em que foi apontada a possibilidade de avançar diretamente para o doutorado,<sup>7</sup> durante a dissertação exploro algumas passagens sobre a infância com a intenção de abrir os caminhos para a continuidade do trabalho na constituição de tese, na qual pretende-se, futuramente, explorar as representações das infâncias e juventudes junto à constituição das feminilidades e masculinidades. Desse modo, pretende-se, nesta dissertação, destacar a inserção de Conceição Evaristo como pensadora social brasileira e, a partir da análise de sua escrevivência, investigar sobre as experiências da vida adulta narradas, e por meio de suas personagens perceber quais as críticas levantadas sobre a realidade social. Junto dessa observação, busco perceber parte da configuração social brasileira narrada com a intenção de identificar como são construídas e reforçadas as exclusões sociais da população negra e, a partir do olhar crítico da autora, perceber como são construídas/narradas alternativas para lapidar as pedras encontradas nos caminhos da vida.

bell hooks<sup>8</sup>, em *“Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática”* (2020), ao discutir criticamente a partir de uma perspectiva interseccional entre gênero, raça, classe, idade, dentre outras marcações que agem na exclusão de pessoas racializadas, destaca o potencial transformador das narrativas produzidas por e para pessoas negras. Como indica hooks (2020, p. 89),

---

<sup>7</sup> O exame de qualificação foi realizado no dia 17 de maio de 2023. Junto à aprovação recomendou-se a realização do *up grade* para o avanço direto ao doutorado. Destaco a satisfação e agradeço à banca pela oportunidade. Contudo, devido às circunstâncias e interesses futuros, decidi por aguardar nova seleção de ingresso no doutorado.

<sup>8</sup> A escrita de seu nome deve ser sempre em minúsculo, conforme anunciado pela autora. Na orelha do livro *“O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”*, a Editora Rosa dos tempos relembra que esse pedido se trata por bell hooks ter sido registrada como Gloria Jean Watkins, e, “o pseudônimo, inspirado pela bisavó materna, Bell Blair hooks, é uma homenagem ao legado das mulheres fortes. É grafado em letras minúsculas para deslocar o foco da figura autoral para suas ideias” (hooks, 2020).

[...] contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção da comunidade, dentro ou fora da sala de aula. Podemos compartilhar tanto fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudem a compreender uns aos outros.

Marcada por uma longa trajetória de exclusão e, ao mesmo tempo, de resistência a todas as tentativas de invisibilizar as histórias das pessoas negras, em especial a de mulheres, hooks demonstra como as narrativas produzidas pela população negra agem em um duplo processo de ressignificação. Primeiro, no sentido crítico, da interpretação do social, das reflexões que atravessam o real e são narradas, tecendo denúncias sobre as experiências de vida atravessadas pelo racismo. Segundo, da aproximação de escritores/as e leitores/as negros/as, aos/às quais as “[...] *histórias conferem à escrita uma intimidade*”, pois, como indica hooks, “[...] porque, ao escrever várias histórias sobre o eu em mim e ao contá-las em livros e sessões de terapia, meu espírito ferido começou a cicatrizar” (hooks, 2020, p. 91). Ou seja, as mesmas narrativas literárias que expõem as rachaduras de um tecido social marcado por diferentes formas de exclusões sociais, servem, simultaneamente, como uma escrita denúncia que auxilia a (re)construção de novas possibilidades, de outros horizontes de expectativas tanto para escritores/as como para leitores/as negros/as, pois, em um processo de identificação, reconhecimento e construção identitária de valorização, contribui para fechar as cicatrizes sob a pretensão de novos futuros.

O pensamento social de Conceição Evaristo impõe-se ainda como uma valorização da história e cultura afro-brasileira uma vez que, sob a percepção do potencial transformador por meio do uso político para valorizar e construir a identidade do povo negro, as narrativas da autora destacam-se também como uma literatura de insubmissão que vai de encontro às narrativas hegemônicas construídas historicamente, ponto esse que estabelece críticas às produções constituídas pelo viés eurocêntrico colonizador, principalmente por terem negligenciado o pensamento negro, ainda mais acentuado quando se trata do pensamento de mulheres. Assim, Conceição Evaristo rompe ao menos dois aspectos da exclusão literária: primeiro, o de oportunizar narrativas de grupos que foram minorizados; segundo, em proporcionar a valorização de narrativas de mulheres negras e do protagonismo delas, ponto central em suas obras, principalmente em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), que integra esses dois pontos.

Angela Figueiredo (2020) destaca que essa insubmissão, ao mesmo tempo em que provoca, exige uma nova epistemologia, principalmente para romper com padronizações e análises que partem de uma perspectiva eurocêntrica de visão do mundo. Esse exercício analítico permite que outros olhares e saberes sejam postos em evidência e ajam ativamente em conjunto com um processo de reconhecimento da história, cultura, saberes e experiências daqueles/as que tiveram suas histórias negligenciadas, colonizadas e subalternizadas, principalmente as mulheres negras. Conforme a autora,

[...] uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial é aquela que se rebela frente às normas previamente estabelecidas, rompendo fronteiras e colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento, no nosso caso em especial, colocando as mulheres negras no centro da produção (FIGUEIREDO, 2020, p. 20).

Assim, ao provocar um rompimento com padronizações estéticas e assumir uma posição por vezes negligenciada à população negra, Conceição Evaristo provoca o deslocamento de estruturas consolidadas, mesmo que de forma lenta, e passa a ocupar um espaço e posição que são seus por direito, mas que por anos lhe haviam sido recusados. Desse modo, a autora produz uma narrativa insubmissa que anuncia o empoderamento de mulheres, questiona papéis sociais e as diferentes formas de violências, combate ao racismo e reivindica um lugar de anúncio. Como feminista negra, busca por meio da literatura valorizar a ancestralidade e afirmar sua identidade enquanto mulher negra.

Como destaca Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz (2021),

Grandes ausências protagonizaram um apagamento no cenário da literatura brasileira e a escrita de autoria feminina negra amargou as nuances de um passado colonial, as quais ainda reverberam e retiram do povo negro, sobretudo das mulheres negras, o reconhecimento da capacidade de construir o pensamento, isto é, o conhecimento intelectual (CRUZ, 2021, p. 16).

Nesse sentido, esta pesquisa também assume o compromisso de apresentar contribuições para o ensino das relações étnico-raciais e das discussões do feminismo negro. Diante disso, parto do pressuposto de que é impossível desvincular a literatura

de Conceição Evaristo de seu protagonismo e participação junto ao Movimento Negro<sup>9</sup> e ao Feminismo Negro.

### **Conceição Evaristo e suas implicações para as pesquisas em Educação**

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, negra, pobre, de um conjunto de 8 irmãos. Em um contexto em que o pai nem sempre esteve presente, a figura do padrasto passou a diminuir essa ausência. Com a mãe e tia lavadeiras, desde cedo aprendeu as atividades domésticas, em especial o cuidar do outro. Ainda na infância, passou a trabalhar fora de casa para auxiliar no sustento da família, o que fez com que, aos oito anos, tivesse seu primeiro emprego como doméstica, e ainda, também dividia as atividades de lavagem das trouxas de roupa da família.

Em seu depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras de Belo Horizonte, em maio de 2009, publicado no Literafro, portal de literatura afro-brasileira do departamento de letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Conceição Evaristo destacou que trocou “[...] também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos”<sup>10</sup>. Não nasceu rodeada de livros, mesmo assim, com todas as dificuldades sempre se dedicou aos estudos, demonstrou, desde pequena, forte interesse pela escrita, como quando, ao terminar o primário, ganhou o “[...] *primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte título: “Por que me orgulho de ser brasileira”*, uma demonstração de prazer pela escrita, inspirada em Carolina Maria de Jesus como sua referência como escritora. Com uma trajetória costurada por fios de aço, migrou para o Rio de Janeiro, em 1973, estudou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, concluindo o curso em 1990. Trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense, fez

---

<sup>9</sup> Sobre o Movimento Negro ver: GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016. PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro**. Relações Raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro, Pallas/Faperj, 2013.

<sup>10</sup> Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras de Belo Horizonte, maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 21 de janeiro de 2023.

mestrado e doutorado<sup>11</sup>. Participou ativamente do Movimento Negro. Em 1990 teve suas primeiras publicações no Cadernos Negros<sup>12</sup> (EVARISTO, 2009).

Figura 01: Conceição Evaristo



Fonte: Olhos D'Água (2016) (Acervo pessoal da autora).

Constantemente posicionando-se sobre como constitui sua escrevivência, em pronunciamento na conferência de abertura do XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2019, fala publicada posteriormente em capítulo de livro, Conceição Evaristo utiliza o momento e o espaço para afirmar “[...] que a minha condição de mulher negra na sociedade brasileira marca a minha escrita: tanto a literária como a ensaística” (EVARISTO, 2021, p. 24). Por meio de sua fala, destacou a necessidade da construção de narrativas de (re)existência, aquelas que irão falar e serem contadas

---

<sup>11</sup> Dissertação defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, em 1996, sob orientação de Pina Coco, com o título: Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Tese defendida em 2011, na Universidade Federal Fluminense, UFF, sob orientação de Laura Cavalcante Padilha, com o título: Poemas Malungos: cânticos irmãos (BRITO, 1996; BRITO, 2011).

<sup>12</sup> Em 1978 um grupo de jovens negros reuniu-se no Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN, em São Paulo, com o objetivo em produzir arte e literatura que partisse de narrativas negras. Gradativamente o grupo ampliou-se, assim como as produções. Em 1980 foi criado o Cadernos Negros, como forma de expor, por meio de publicações, as produções do grupo. Atualmente constitui-se no coletivo Quilombhoje (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2020)

por pessoas que tiveram suas histórias arrancadas, derrubadas e silenciadas pelo colonizador. Nesse sentido, como destaca a autora, “[...] o fenômeno literário surgido a partir desses sujeitos históricos vem de uma veia subterrânea na qual estão inscritos” (EVARISTO, 2021, p. 25). Assim, enquanto mulher negra, Conceição Evaristo usa suas memórias e escrita para questionar o presente e as histórias compreendidas como oficiais por intervenção e afirmação de vozes que reúnem a ancestralidade e culturas de matrizes africanas. A partir dessas experiências vindas da subalternidade, a autora destaca que

A apropriação do passado tem nos permitido questionar a ideia de nação brasileira ‘pátria mãe gentil’ de todos, na medida em que ainda experimentamos vários processos de exclusão, e ainda nos oferece a percepção de que temos uma experiência comum, um destino partilhado, uma história ‘transversalizada’ da África à diáspora (EVARISTO, 2021, p. 25)

Esse sentimento não foi compartilhado somente por ela. A trajetória de Conceição Evaristo possui estreita relação com a construção dos Cadernos Negros, que nasceu como resultado das mobilizações de movimentos sociais, em especial do Movimento Negro, que junto ao combate ao racismo e outras formas de exclusões sociais sofridas pela população negra na década de 1970, buscavam dar visibilidade às narrativas sobre e para a população negra que proporcionassem tanto a valorização de suas histórias e trajetórias enquanto escritores/as, como servissem para firmar novas narrativas que desvinculassem a subalternidade.

Maria Nazareth Soares Fonseca (2006) destaca que

Os autores dos Cadernos Negros buscaram dar visibilidade à sua produção e ampliaram a reflexão sobre a condição de trabalho dos escritores negros, sobre a circulação de seus textos, a marginalidade dessa produção e a linguagem com que se expressam. Numa criação literária mais preocupada com a função social do texto, interessa-lhes, sobretudo, a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial (FONSECA, 2006, p. 17).

Dessa maneira, a inserção, afirmação e reivindicação de intelectuais negros por meio da publicação dos Cadernos Negros se desenvolvem como uma rede de apoio em busca de melhores oportunidades, de contar histórias que foram subalternizadas, de proporcionar novas vidas possíveis de serem vividas. Cuti,

pseudônimo de Luiz Silva, foi idealizador do projeto Cadernos Negros<sup>13</sup>, como forma de incentivar a impulsionar a escrita, divulgação e circulação de produções de escritores/as negros/as. Assim, autores/as como Cristiane Sobral, Sacolinha, Lande Onawale, Décio Vieira, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Cuti, Raquel Almeida, Márcio Barbosa, Miriam Alves e Conceição Evaristo, sendo os/as primeiros/as a terem seus trabalhos publicados, firmam esse compromisso da narrativa em prol da reconstituição da história de si e dos seus.

Rodrigo da Rosa Pereira (2016), em sua tese de doutorado em história da literatura, ao estabelecer um levantamento da participação das intelectuais negras nos Cadernos Negros, referente à produção de contos, identifica as publicações de Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, faz um levantamento das publicações das autoras e estabelece um comparativo e análise deles. Com isso, Pereira destaca que, “[...] nos Cadernos Negros, Ribeiro é a escritora com a participação mais expressiva de todas as mulheres, havendo publicado em praticamente todos os números da série” (PEREIRA, 2016, p. 100). Dentre as observações que ganham destaque em sua tese sobre o rompimento narrativo, o autor destaca que,

[...] tal insurgência pode ser melhor compreendida à medida que as escritoras em pauta trazem ao leitor uma reflexão das problemáticas do ser mulher negra na sociedade brasileira, questionando e ressignificando essas condições sob diferentes perspectivas femininas afro-brasileiras (PEREIRA, 2016, p. 220).

Nesse aspecto, junto às questões que envolvem o pertencimento e construção de uma identidade valorativa da corporeidade negra, história e cultura, a atuação junto aos Cadernos Negros provoca uma escrita de sentimentos e emoções compartilhados, livre dos silenciamentos e da solidão. Ou seja, insere-se como uma rede ativa na intelectualidade brasileira.

Com base no levantamento de Pereira, destaco as contribuições de Conceição Evaristo para o Cadernos Negros, junto aos volumes comemorativos de 20 e 30 anos.

---

<sup>13</sup> Também articulador do grupo Quilombhoje.

### Quadro 01: Cadernos Negros e contribuições de contos por Conceição

#### Evaristo

Cadernos Negros e contribuições de contos por Conceição Evaristo		
Volume	Ano	Título
13	1990	Não informado
14	1991	Di Lixão Maria
16	1993	Duzu Querenza
18	1995	Ana Davenga
20 anos	1998	Ana Davenga
22	1999	Quantos filhos Natalina teve?
26	2003	Beijo na face
28	2005	Olhos D'Água Ayoluwa, alegria de nosso povo
30	2007	Zaita esqueceu de guardar os brinquedos
30 anos	2008	Di Lixão
34	2011	Lumiá Ei, Ardoca

Fonte: Pereira, 2016.

Como será abordado adiante, os contos indicados no quadro foram reunidos e publicados no formato de livro na obra *Olhos D'Água*. Contudo, neste momento, é importante destacar que mesmo com produções ainda na década de 1980 e da participação no Cadernos Negros desde 1990, o reconhecimento de Conceição Evaristo como intelectual e escritora brasileira se fez de modo lento, marcas do racismo, principalmente acadêmico, que valorizaram narrativas produzidas por pessoas brancas e silenciaram as produzidas pelas pessoas negras. Uma descredibilidade marcada tanto pelo preconceito como por se acreditar que as produções consistiam apenas em militância.

Mesmo com o reconhecimento tardio, Conceição Evaristo possui posição de destaque em suas obras, principalmente pelas reflexões sobre a realidade brasileira, em especial a de mulheres negras. Com o lento processo de reconhecimento, *Olhos D'Água* a levou como finalista do Prêmio Jabuti, de 2015, na categoria conto. Com suas obras traduzidas em diferentes línguas, como inglês e francês, gradativamente assume um espaço de destaque na literatura brasileira (DUARTE; CÔRTEZ; PEREIRA, 2018). Contudo, sua indicação para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2018, demonstra a forte amarra do racismo e misoginia que ainda perpassa cotidianamente. Mesmo com toda a trajetória, Conceição Evaristo obteve apenas um voto para ocupar a cadeira de número 7, sendo eleito Cacá Diegues em substituição ao cineasta Nelson Pereira de Souza. Como questiona Cruz (2021, p. 28), “[...] enfim,

nada novo sob o horizonte. A ABL, mais uma vez, mostrou-se incapaz de incorporar ao grupo a representatividade negra da bagagem intelectual, cultural e literária de Conceição Evaristo”, fator esse que tanto reforça as exclusões sociais das pessoas negras, em especial a desqualificação da intelectualidade negra, como interfere fortemente na circulação de suas obras para que outras pessoas possam ter contato com suas narrativas. Tal processo é semelhante ao de minha própria formação e contato com as obras, pois foi por meio do interesse pessoal em buscar novos referenciais literários produzidos por intelectuais negras que tive acesso a Conceição Evaristo.

Parto da percepção de que Conceição Evaristo provoca a insubmissão tanto na narrativa literária como na ocupação de um espaço que por anos lhe fora excluído. Desse modo, busco analisar as obras *Olhos D'Água*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* sob a ótica dos estudos do feminismo negro e pensamento decolonial. Justifica-se a escolha dessas obras por acreditar que, por meio das histórias narradas, é possível estabelecer olhares sobre o passado e as configurações do presente, uma vez que as personagens das histórias possuem suas trajetórias marcadas por experiências que dialogam com a vida da autora, mas, acima de tudo, pelo exercício analítico sobre a realidade brasileira percebida e/ou experienciada que orienta toda a construção literária da autora.

Como apontado por Cruz (2021, p. 23), a narrativa de Conceição Evaristo “[...] é um grito-lamento que encontra ancoradouro no peito e na voz de negros e negras que habitam este solo e que trazem inscritas na pele, por meio da própria melanina, heranças e memórias para muito além das cicatrizes da escravidão”. Ou seja, as linhas narradas, quase nada imaginadas, mas confundidas com as experiências que atravessaram a vida da autora, constituem-se um exercício reflexivo sobre o real, um pensamento social brasileiro exposto por meio de histórias que buscam fixar leitores/as, mas, longe de uma especulação ou sensacionalismo, parte dessas histórias para reeducá-los/as, sensibilizá-los/as e proporcionar novas formas de olhar e perceber o mundo.

Como destaca Cruz (2021, p. 82),

Conceição Evaristo é um exemplo de autoria negra que foi excluída das grandes editoras brasileiras, mas que segue publicando por editoras pequenas que, de maneira mais modesta, configuram-se como um importante meio de divulgação das vozes socialmente

excluídas do cenário literário brasileiro. Apesar de as autoras negras escreverem desde há muito, editorial.

A difícil tarefa de ser mulher negra, pobre e escritora tornou o caminho de Conceição Evaristo ainda mais difícil. Costurado com fios de aço, como constantemente lembra a autora, as amarras do racismo, sem desvincular-se do machismo, contribuíram para tardar a publicação de obras produzidas por pessoas negras, em especial as mulheres<sup>14</sup>. Parte do processo de rompimento dessa exclusão, além de produções oriundas de movimentos sociais, como o próprio Cadernos Negros, pode ser percebido como reflexos da Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Esse fator impulsionou não apenas o mercado editorial, mas também contribuiu de forma ativa para a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em todos seus aspectos, seja na arte, literatura, música, cinema, dentre outras expressões, principalmente no ensino, em que a história e manifestações culturais afro-brasileiras passaram (e muitas ainda estão nas primeiras revisões curriculares para atender a referida lei) a serem implementados nas escolas e universidades.

### **As obras selecionadas e a tecitura da pesquisa**

A presente pesquisa, como indicado anteriormente, analisa os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, bem como o livro de contos *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo, os quais são apresentados na sequência, a partir do foco desta investigação.

A obra *Becos da Memória* foi finalizada em 27 de julho de 1986<sup>15</sup>, mas sua primeira edição publicada apenas em 2006, pela Mazza Edições<sup>16</sup>, momento posterior ao romance *Ponciá Vicêncio*. A autora marca, sem distinção por capítulos, mas por

---

<sup>14</sup> Em entrevista, a socióloga Ângela Figueiredo (2020), destaca o lento processo de publicação de intelectuais negras e, gradativamente, a ampliação da visibilidade dessas produções contribuiu para que essas produções adentrassem ao universo acadêmico, servindo de bases teóricas e discussões acadêmicas, o que permitiu formar uma nova geração de leitores/as. Entretanto, como destaca Figueiredo, esse processo ainda se faz de forma lenta e atrelado ao mercado editorial (ZALUSKI, 2020). llas, em 2017. 198 páginas.

<sup>16</sup> Neste trabalho analiso a edição publicada pela Editora Pallas, em 2017, com 198 páginas.

meio de 92 divisões juntamente com o uso do recurso *drop cap*<sup>17</sup>, diferentes recortes na história, em que a narradora utiliza lampejos de memória para construir suas personagens em meio às suas vidas marcadas pelas lembranças, experiências, expectativas de futuro e suas configurações no presente narrado. Com uma constituição temporal que permite que o/a leitor/a possa imaginar a década de 1980, o romance é marcado pela insistência em expor as dificuldades de se viver na favela, construída por diferentes sujeitos de distintos lugares. São vidas narradas a partir de personagens, principalmente Maria-Nova, a menina que pode ser confundida com Conceição Evaristo, a partir de sua interpretação, em que são explorados os problemas sociais que atuam de forma intensa na marginalização dos/as moradores/as, mostrando que ser negro e pobre torna o sabor da vida um tanto mais amargo quando não se possui os privilégios constituídos quando se é branco e rico, por exemplo. Na obra, a desapropriação das moradias torna-se o ponto central da história, ponto similar à história da autora, quando morava no extinto morro Pindura Saia, em Belo Horizonte, um exercício que parece anunciar o que os becos ainda soam em suas memórias. Como indica Mileide Santos Dias (2020), “Evaristo revisita os becos de sua memória para (re)construir – usando como tijolo as lembranças e como cimento a linguagem – um lugar para os removidos e desabrigados da sua favela destruída” (DIAS, 2020, p. 11). Nesse conjunto narrativo, entre o lembrar, criar e analisar o social, o pensamento de Conceição Evaristo toma uma postura marcada pela escrevivência. Um universo que não está restrito ao imaginado, mas reconfigurado por narrativas que denunciam um passado que se confunde com o presente. Entre o real e o imaginado, por vezes são levantadas observações que insistem em questionar o sistema escravista brasileiro do passado, e suas reflexões no recorte temporal da história sinalizam para o presente da autora. Ao aproximar-se do centenário da abolição, a(s) história(s) em meio aos becos salienta(m) o desejo de romper as amarras da escravidão que insistem na vida dos/as moradores/as, daquelas que, tanto autora como as personagens, reconhecem-se como os seus.

Em *Becos da Memória*, o tempo parece agir constantemente como um protagonista, pois a fome, o frio, as condições precárias, dentre as mais variadas manifestações das péssimas condições de vida servem de apoio para se ter medo do

---

<sup>17</sup> Método utilizado para chamar atenção no texto, comum quando se inicia um capítulo ou a discussão de um artigo por exemplo, em que se atribui destaque à primeira letra da palavra escrita de forma maior que a fonte do texto.

futuro, pois cada vez mais a esperança parece desaparecer em meio à poeira que se levanta a cada barraco tombado pela demolição. A corrida contra o tempo também é marcada pelo agito do morro, por buscar água, por lutar para sobreviver, entre o serviço mal pago das lavadeiras e o trabalho braçal dos homens em meio às construções que apresentam outro cenário social que delimita ainda mais as distinções entre ser rico ou ser pobre, branco ou negro e/ou homem ou mulher, dentre outras marcações que interseccionam a vida das pessoas.

*Ponciá Vicêncio*, publicado pela primeira vez pela Mazza Edições em 2003<sup>18</sup>, em Belo Horizonte, é um romance que também possui forte crítica ao sistema escravocrata brasileiro e seus efeitos no tempo, tanto no da vida de Ponciá como das mazelas que ainda atravessam o presente. Sem distribuição por capítulos, por meio de 47 divisões<sup>19</sup>, as memórias de Ponciá, personagem principal do romance, são avivadas por meio de lembranças que se misturam com a saudade, por vezes marcada por lapsos que parecem servir para fugir do presente. A história é marcada por uma análise crítica que demonstra o posicionamento da autora com a intenção de romper com as amarras do racismo, pobreza e violências de gênero com as quais sofre e que se reconfiguram em seu presente. Principalmente na busca em desvincular as relações de poder impostas pelo coronel Vicêncio, proprietário não só da fazenda como das pessoas escravizadas, as quais supostamente iria libertar, carregando seu nome odiado desde a infância, pois parecia “[...] *lâmina afiada a torturar-lhe o corpo*”. A relação com sua família é expressa por meio de diferentes afetividades construídas ao longo de sua infância, principalmente pela mãe e pelo afeto com o avô. Com o desejo de aprender, quando os missionários passaram pelo vilarejo e por ali ficaram um tempo, a menina, sob o consentimento da mãe, começou a estudar, ponto que demonstra a importância atribuída ao ensino como uma tentativa em escapar das amarras da opressão, pois caso fosse para a cidade, “[...] *outro saber se fazia necessário*”. E assim foi quando, aos 19 anos, agarrada com uma trouxa, pega o trem rumo à capital. Ao chegar, logo na primeira noite encontra desilusão com a Igreja, quando dorme e passa ali mesmo a pedir esmolas e um emprego. Ao sonhar em juntar dinheiro, comprar uma casa e buscar a mãe e o irmão, já que os demais haviam falecido, encontra a difícil tarefa de sobreviver com as condições da fome,

---

<sup>18</sup> Neste trabalho será utilizada para a investigação a 3ª edição, publicada pela editora Pallas, em 2017, com 118 páginas.

<sup>19</sup> Também com formato *drop cap*.

acentuada posteriormente com a violência do marido. Um sonho que, entre a desesperança com a vida, é alimentado por suas memórias com a saudade de um passado que parecia ser melhor. Ou seja, a infância perdura em suas lembranças como algo positivo. Marcada por um forte silenciamento ora por ser mulher e negra, ora como forma de resistir às opressões, a trama é atravessada pelo desejo de arrancar do passado aquilo que lhe fazia bem e avançar para um futuro confortante e seguro.

Em relação ao silêncio de Ponciá, Cruz (2021, p. 34) indica que,

[...]representa bem mais que as muitas dores que suas/seus leitoras/es vão encontrar por entre as páginas deste romance que traz, em seu cerne, narrativas de um povo, histórias que poderiam ser a de muitos descendentes da diáspora, sobretudo de mulheres negras que optaram pelo autossilêncio, mas também daquelas tantas silenciadas pela hegemonia vigente.

Nesse sentido, o pensamento social brasileiro que sustenta a narrativa de Conceição Evaristo, ao mesmo tempo em que exhibe Ponciá, utiliza a história narrada para demonstrar a personagem como protagonista. Assim, as críticas sociais que movem a narrativa da autora são materializadas nas linhas que conduzem à história de Ponciá, na qual o movimentar-se no tempo e espaço, entre a narrativa e o real, assume tanto a crítica aos efeitos do racismo, da misoginia, das exclusões provocadas pela pobreza, como daquelas em que ser mulher, negra e analfabeta são ainda mais acentuadas. Essa dura realidade é evidenciada na pesquisa de Carneiro (2011), por exemplo, que analisou as políticas públicas para atender a população negra em comparativo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais demonstram a disparidade salarial entre homens e mulheres e entre mulheres negras em comparação a mulheres brancas, das violações de direitos e da hipersexualização de mulheres negras (CARNEIRO, 2011). Enquanto leitora mulher, branca, professora, mãe, dentre outras marcações que atravessam a minha história, ao comparar com a trajetória da personagem, observo como a vida de Ponciá exhibe como as marcações sociais agem de forma distinta na configuração social, de tal modo que, a partir da obra, apenas o peso da cobrança da maternidade talvez seja o único elemento que pode aproximar com minha história, mesmo que cheias de exclusões. Assim, Conceição Evaristo nos alimenta com as dores dos outros para nos

conduzir em nossas práticas nas quais os privilégios sociais possam ser utilizados para romper com os racismos e misoginia, dentre outras exclusões sociais.

Desse modo, a narrativa que conduz a história de Ponciá é permeada pelos desafios em ser mulher e negra, analfabeta, dentre outras marcações que agirão sobre a personagem. Em vista disso, sem desvincular-se de seu passado, o mundo de Ponciá é rodeado por dificuldades ligadas com uma mistura de ingenuidade e decisões de livrar-se daquilo. Assim, a personagem assume uma postura de confronto aos silenciamentos na história, principalmente à história das mulheres, ponto esse que pode ser percebido na ausência do nome do marido. Historicamente, a partir da visão ocidental, quando as mulheres se casavam, perdiam sua identidade, seu nome, passando a assumir a posição de alguém do outro, principalmente para o fortalecimento do grupo e relações de parentesco, quando os envolvidos podem também desfrutar da herança. Entretanto, no que corresponde à população negra, conforme destaca Zelinda dos Santos Barros (2003), o casamento entre pessoas negras pode ser percebido ainda como todo um processo de aliança e reconhecimento de sua negritude, em que, para além da valorização dos seus, exhibe como práticas sociais confrontam as exclusões sociais sustentadas pelo racismo (BARROS, 2003)<sup>20</sup>. Em Ponciá, seu companheiro é um homem negro. Contudo, não está livre da violência.

A história de Ponciá é uma história sobre o tempo, a memória e a luta do esquecimento. Passado e presente se confrontam, misturam-se com as vivências do passado e do presente que nos servem como sustento para observar o tempo presente, que passa e desperta um desejo de poder parar para não seguir no futuro. Uma ficção/realidade que dialoga com o passado escravista brasileiro e, diante do pensamento social que extrapola as linhas de memória, Conceição Evaristo reconstitui os problemas e como eles estouram na vida de suas personagens. Ou seja, são histórias individuais que expõem a realidade que parecia ser apenas ficcional, mas sustentados por memórias e experiências, as escrivências, narram o futuro incerto de pessoas que só querem chegar não se sabe onde, pois nem sempre é possível sonhar.

---

<sup>20</sup> Por meio da análise de estudo de caso, Barros também demonstra como os casamentos inter-raciais, muitas vezes, são constituídos como forma de reforçar o pacto da branquitude, em que, muitas vezes, a busca por um companheiro/a branco está envolta em toda a configuração social que historicamente privilegia a população branca (BARROS, 2003).

Em *Olhos D'Água*, conjunto de 15 contos reunidos e publicados pela primeira vez em 2014, pela editora Pallas<sup>21</sup>, Conceição Evaristo, ao mesmo tempo em que narra, dá vida às personagens centrais de suas histórias. A narrativa é marcada por afetos, desejos, angústias e anseios desde *Olhos D'Água*, conto que abre a obra, em que a filha/mãe apresenta-se inquieta por não lembrar a cor dos olhos de sua mãe, sendo esse um problema movido pelo medo não pelo esquecimento em si, mas de perder o vínculo com os seus. Somam-se a esse conto as narrativas sobre Ana Davenga, Duzu-Querenza; Maria; Natalina; Salinda; Luamanda; Cida; Zaíta; Di Lixão; Lumbiá; Kimbá; Ardoça; Dorvi; Ayoluwa, que são, simultaneamente, o título dos contos. Essas personagens ganham a centralidade dos contos que permeiam a obra. Por meio deles/as são expostas diferentes interpretações de mundo dadas aos marcadores sociais que atravessam as experiências/memórias narradas. Cada um/a, com sua trajetória, está imerso/a em uma rede de sentidos e significados que são explorados pela narrativa de Conceição Evaristo.

Os contos escritos em sua maioria na década de 1990, como apresentado na Quadro 01, permitem que seja explorada parte daquela realidade, que, atravessada pelas memórias da autora, nos direciona para problemas sociais ainda não superados, seja no passado, no presente da narrativa e no futuro, tal como ainda se fazem recorrentes. De maneira geral, a partir da análise de *Olhos D'Água*, o/a leitor/a sensibiliza-se com as dificuldades das personagens por ter que lutar para não morrer de fome, escapar da violência policial, da vida nos barracos do morro, da calçada que se fazia cama, do racismo cotidiano, do estupro, dos filhos perdidos e daqueles nem tidos, dos amores proibidos e daqueles rompidos, das balas perdidas e da difícil tarefa de construir sonhos. Mas também, em meio a tantas formas de tentar sobreviver, a ancestralidade, a religiosidade, o sentimento e reconhecimento de uma identidade corpórea como negra são marcas explícitas de que a obra não se reduz à escrita denúncia, mas se faz como resistência e existência da identidade e cultura afro-brasileira e africana, do rompimento com os padrões estéticos da academia, do reconhecimento como mulher, negra e intelectual brasileira, das formas encontradas para lapidar as pedras da vida sofrível de si e dos seus. Maneiras de construir futuros possíveis de serem vividos.

---

<sup>21</sup> Nesta dissertação será utilizada a publicação de 2016, pela mesma editora. Essa edição, com prefácio de Heloisa Toller Gomes e introdução de Jurema Werneck, é composta por 114 páginas.

Diferente das demais histórias que evidenciam uma narrativa sobre o fim do século XIX, em *Olhos D'Água* a centralidade dos contos está imersa na experiência de viver na cidade em um período contemporâneo. Um cenário que dialoga com o imaginário de novas realidades da vida urbana, muitas delas que parecem partir do Rio de Janeiro, pela vista do mar, ou pelo *cooper* de Cida, como demonstrado no conto de mesmo nome, em que a personagem vive uma corrida contra o tempo em busca de conquistas, pois, nesse mundo desigual, ser mulher e negra age como uma obrigação de não parar de trabalhar para desfrutar de lazer, por exemplo. Ainda, de novas formas de viver expostas a um mundo que ainda não rompeu por completo com o passado escravista que são configuradas na vida nas favelas, como as denúncias desses problemas sociais nos contos Luamanda, A gente combinamos de não morrer, Ana Davenga, Duzu-Querença e Di Lixão. Nas narrativas que expõem a vida das mulheres que costuram as linhas dessas histórias, junto às distintas violações ou ausências de direitos, como do abuso dos patrões sobre as empregadas, Conceição Evaristo explora ainda as violências contra as mulheres causadas por seus companheiros, como em “O beijo na face”, daquelas que também atingem as infâncias e juventudes, como em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, marcadas pela criminalidade que insiste em viver na favela, da tristeza em ser pobre e viver no morro, como destacado no conto “Os amores de Kimbá”, ou então, da fome e/ou trabalho infantil explorado em “Lumbiá”, que desde pequeno tem que exercer alguma função remunerada para fugir da fome. Cenários tão marcantes na década de 1990 ao ponto de estamparem constantemente as capas das revistas de maior circulação da época, como destacam Silvia Maria Fávero Arend e Anelise Rodrigues Machado de Araújo (2014), ao analisarem as capas da revista *Veja* e perceberem como a fome e a infância se fizeram constantes nas publicações do periódico.

Sendo a narrativa um exercício de (re)existência, Conceição Evaristo não limita suas personagens apenas ao sofrimento. É a lapidação da vida transformada em texto, linhas que permitem outras formas de perceber/compreender suas personagens – nem tão ficcionais assim –, que valorizam sua ancestralidade, o reconhecimento de si e dos seus, suas histórias e seus corpos. Como indica Alyne Barbosa Lima (2022), são “[...] outras formas de agenciamento do feminino negro, percebendo como as categorias de Memória e Ancestralidade corroboram para que esta ação seja mais efetiva” (LIMA, 2022, p. 16).

Desse modo, a lapidação da vida é exercida e demonstrada por meio de uma sensibilidade analítica sobre si, a vida, os seus e o mundo. Os próprios contos que carregam pedras, dores e sofrimentos são muitas vezes revertidos na superação dos problemas. A vida sofrida, as amarguras e violências, mesmo sem muitas vezes parecer ser possível escapar, seja da bala perdida que é demonstrada como não tão perdida assim, da panela vazia ou do vazio da vida, são tomadas por contornos de emoções e prazeres de si com os seus, da construção de identidades valorativas sobre o corpo e sua cultura, da afirmação da vida possível de ser vivida. Como em “O beijo na face”, mesmo marcada pela violência do companheiro, Conceição Evaristo instiga a perceber outras orientações sexuais, como a lesbianidade de sua personagem. Ou, da descoberta da bissexualidade em “Os amores de Kimbá”, em que a vida do personagem não pode ser definida pelas amarguras de viver no morro, nem da tragédia tomada pelo suicídio ao fim do conto, mas sim, por sua descoberta, aceitação e identificação de um corpo negro e bissexual.

Ainda, no conjunto dos contos de *Olhos D'Água*, a lapidação da vida ocorre em meio ao reconhecimento de si com o grupo, das festividades e manutenção de uma identidade cultural que buscam fortalecer os laços com as culturas de matriz africana, seja na religiosidade, na música, na contação de histórias e nas convivências com o grupo que assume uma função de fortalecimento dos laços do presente com a ancestralidade, tal como explorado no conto “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”.

Assim, Conceição Evaristo parte de histórias difíceis, mas não resume sua vida nem de suas personagens à dor e, sem a intenção de romantizar as exclusões sofridas pela população negra, expõe como é encarada a realidade de quem sofre. Ou seja, insere-se como uma pensadora social que (re)existe e insiste por novos futuros. Tanto para si como para as personagens das histórias que podem ser confundidas com as experiências de si e/ou dos seus. Como marca da escrivência, expõe os problemas e resistências como formas de narrar e ao mesmo tempo intervir nas continuidades do passado no presente.

Conceição Evaristo, em nota publicada no livro *Becos da Memória*, destaca que o livro “[...] foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional, com(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2017, p. 09). Ou seja, como uma pensadora social, como crítica e reflexiva sobre o mundo, a autora expõe histórias que partem de uma realidade. Nesse sentido, as

narrativas, que estão longe de serem apenas ficcionais, perpassam o universo real de vários sujeitos comuns, cujas histórias são misturadas com a literatura.

Dessa maneira, tanto no livro de contos *Olhos D'Água*, quanto nos romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo assume sua escrevivência. Sobre o termo, Lima (2022) destaca que ele se serve

[...] amplamente apoiado por reflexões lúcidas e imprescindíveis para pensar a nossa sociedade brasileira que nega a voz, a identidade, a religião, o pertencimento, dentre tantas outras coisas vitais ao povo negro. Uma sociedade que silencia, que mata, que reprime. Escrever de nós, para nós, torna-se um ato de resistência e subversão (LIMA, 2022, p. 72).

Nesse sentido, ao provocar a escrevivência, Conceição Evaristo não nega suas origens, seu passado tão marcado por distintas formas de exclusão e opressão, as quais servem como balizadores na construção de suas personagens. Longe da romantização de suas personagens que se assemelham às suas histórias individuais, a autora parte de uma sensibilidade analítica que permite perceber as relações de afetos construídas pelas personagens que estão envoltos na ancestralidade africana, na religiosidade, na dança, na arte e cultura como um todo, no reconhecimento do corpo e da construção de relações corpóreas de aproximação e de reconhecimento com os seus. São narrativas que servem como resistência e construção de novas formas de encarar a vida. Assim, entre as histórias carregadas de pedras e a suavidade desenhada para novos futuros, a literatura de Conceição Evaristo parte do interesse de não recusar as experiências, mas, como diz a autora em seu blog<sup>22</sup>, “[...] *a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.*”

Nesse sentido, Conceição Evaristo assume o compromisso de promover uma escrita denúncia do passado escravocrata, dos privilégios construídos e reforçados para aqueles que se beneficiaram (e se beneficiam) do trabalho escravo, do racismo, da manutenção de todas as medidas construídas para garantir a fome e a exclusão das pessoas que sofrem com ela, ou, do pacto da branquitude, como nos lembra Cida Bento (2022). Mas também, da necessidade em reconstruir outras narrativas que não

---

<sup>22</sup> A autora possui o blog Nossa Escrevivência, que busca publicizar suas publicações e participações em congressos e demais eventos acadêmicos ou de militância. O blog pode ser acessado em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/>

visualizem apenas as atrocidades cometidas pelo racismo, mas, sem adocicar essa amarga história, permitir que os sujeitos por anos subalternizados possam falar, serem vistos, imaginados, reconstruídos por meio de histórias que trazem a beleza do corpo negro, o reconhecimento de si e dos outros, da ancestralidade permeada nas memórias narradas e alimentadas pelas relações familiares, do convívio com os seus.

Sem dúvida, as motivações de Conceição Evaristo vão ao encontro da percepção da literatura como uma das formas de criticar a estrutura de opressão sustentada principalmente pelas distinções de raça, classe e gênero. E para além dessa denúncia, auxilia significativamente para a transformação da sociedade e das políticas valorativas de identidades daqueles/as que por anos foram inferiorizados/as, conforme indica hooks (2007), ao se referir a uma educação que promova o rompimento com a exploração. Para a autora,

[...] as pedagogias críticas da libertação atendem essas preocupações e necessariamente abraçam a experiência, as confissões, e os testemunhos como modos de conhecimento válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado (hooks, 2017, p. 120).

Assim, as interlocuções entre ficção e realidade, permeadas pela experiência de Conceição Evaristo, permitem que, por meio da literatura, sejam constituídas a aprendizagem e formação dos sujeitos.

### **A literatura sob a investigação acadêmica**

Encontramos, em geral, muitos trabalhos que utilizam da literatura como objeto de estudo. Ao consultar o banco de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC), para fins de levantamento com o intuito de demonstrar as possibilidades de pesquisa da literatura no campo da Educação, com o uso do termo “literatura” como palavra-chave, é possível encontrar uma tese e nove dissertações defendidas entre os anos de 2013 e 2022<sup>23</sup>, que utilizam a literatura como objeto de estudo. No Quadro 02: Produções teses e dissertações do PPGE-UFSC (vide anexo), constam os trabalhos defendidos no período destacado que possuem como temática a literatura para investigar a formação de leitores/as, processos educativos, literatura surda, literatura

---

<sup>23</sup> Conforme o site do programa, a primeira dissertação foi defendida em 1988.

infantil e, mais recentemente, trabalhos que versam sobre a literatura com temática africana, movimento esse ocasionado também devido a novos olhares para as pesquisas em educação e das possibilidades de orientações nas linhas de pesquisa<sup>24</sup>.

Com contribuições para esta pesquisa, dos trabalhos decorrentes do PPGE-UFSC destaco a dissertação “*A literatura afro-brasileira para a infância: de mulheres para meninas*”, de Fernanda Costa e Souza, defendida em 2022. Mesmo que o foco de análise esteja centrado nas produções literárias afro-brasileiras para a infância, a discussão proposta pela autora permite compreender a movimentação das produções literárias de mulheres negras e de como suas obras, ao mesmo tempo em que a promovem, inserem-se na Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Junto à observação do crescimento de publicações de obras produzidas por mulheres negras e que demonstram o protagonismo de personagens negras, Souza destaca as contribuições das obras e a inserção delas no cotidiano escolar, como forma de conduzir a discussões críticas sobre o cotidiano, valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira, bem como promover uma educação antirracista, ponto central quando se fala da e para uma Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Como indica Souza, “[...] as autoras negras estão presentes e debatendo com propriedade sobre seu cotidiano, argumentando como é ser mulher e menina negra em diversos setores da sociedade” (SOUZA, 2022, p. 78). Assim, em um conjunto de identificação e legitimação, as contribuições da autora permitem refletir como as produções de Conceição Evaristo promovem o rompimento epistêmico de narrativas hegemônicas e agem ativamente por e em uma educação antirracista.

A dissertação “*Vir-a-ser da sensibilidade: ensaio sobre a dimensão estética da formação humana mediada pela literatura*”, defendida em 2014, de Soraya Reginato da Vitória, contribui para esta investigação na defesa de que a literatura promove a formação de novas sensibilidades e a construção e compreensão dos/as leitores/as no mundo. Com uma proposição teórica a partir do materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Karl Marx, Vitória propõe-se desenvolver uma “[...] análise ontológica crítica sobre a dimensão estética na formação humana em relação com a literatura” (VITÓRIA, 2014, p. 22). O interesse da autora consiste em demonstrar que,

---

<sup>24</sup> O programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) está distribuído em seis linhas de pesquisa, sendo elas: Sociologia e História da Educação (SHE); Trabalho, Educação e Política (TEP); Educação e Comunicação (ECO); Educação e Infância (EI); Sujeitos, Processos Educativos e Docência (SUPED) e Filosofia da Educação (FIL).

“[...] as artes literárias, manifestações estéticas e parte do patrimônio artístico da humanidade, são produzidas por sujeitos que conseguem exprimir com beleza e profundidade as experiências” (VITÓRIA, 2014, p. 17). Ou seja, ao propor sua análise a partir do materialismo, Vitória instiga a refletir sobre como a literatura é produzida a partir de um olhar social do contexto de sua produção, e que por meio dela, tanto escritor/a quanto leitor/a desenvolvem a compreensão de si e do mundo no qual estão imersos. Um exercício no qual também “[...] a literatura ainda representa um importante meio de difusão de ideias e valores na sociedade” (VITÓRIA, 2014, p. 17). Nesse sentido, as observações da autora auxiliaram no processo de análise das produções de Conceição Evaristo selecionadas para este trabalho. Como um processo analítico, sem o interesse em desvincular a trajetória da autora, acredito que, como uma pensadora social brasileira, Conceição Evaristo permite estabelecer reflexões sobre distintos contextos e produzir novas sensibilidades, principalmente o “vir-a-ser”, como destaca Vitória, um processo em que a literatura auxilia na compreensão de si e do mundo a sua volta.

Com o gradativo reconhecimento de Conceição Evaristo, diferentes pesquisas buscam analisar as produções da autora em distintas áreas do conhecimento<sup>25</sup>. Por meio do uso das palavras-chave: “Conceição Evaristo”, “infâncias”, “literatura de Conceição Evaristo”, foi consultado o banco de teses e dissertações em plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES e feito um levantamento de trabalhos que poderiam auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa. A partir do levantamento, é possível afirmar que existe uma predominância de trabalhos oriundos de Programas de Pós-Graduação em Letras de diferentes regiões do país, e que, em sua maioria, investigam so protagonismo de mulheres narradas por Conceição Evaristo. Temas como maternidade, ancestralidade, violência de gênero, identidade, relações étnico-raciais e resistência são outras categorias analíticas que permeiam as análises sobre as mulheres e também se somam a outras problemáticas de investigação.

Junto aos trabalhos já destacados de Dias (2020), Cruz (2021) e Lima (2022), que abrem diferentes análises para as produções literárias de Conceição Evaristo e permearão este trabalho, destaco ainda as contribuições de Elisângela Oliveira

---

<sup>25</sup> Ao consultar a plataforma de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES é possível perceber o gradativo crescimento tanto de pesquisas sobre, como menções à Conceição Evaristo.

Gomes (2017), na dissertação “*A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir da análise de *Olhos D’Água*, Gomes destaca que Conceição Evaristo promove uma crítica aos problemas sociais sem desvincular-se de suas experiências enquanto mulher negra e pobre. Gomes destaca, ainda, que a autora percorreu um caminho de rompimento com as desigualdades que atingiram (e ainda atingem) a trajetória de vida e acadêmica, semelhante às personagens que parecem refletir esse processo, principalmente com as amarras do racismo que insiste em desenhar o pano de fundo das histórias. Entretanto, sem o interesse de reduzir às mazelas do racismo e das violências de gênero presentes nos contos de *Olhos D’Água*, Gomes destaca que “[...] a escrita de Conceição Evaristo atua de forma brilhante na nova percepção do sujeito feminino negro e suas produções literárias” (GOMES, 2017, p. 125). Nesse sentido, as observações de Gomes auxiliam na análise proposta desta dissertação no sentido de compreender como as produções literárias de Conceição Evaristo permeiam o diálogo entre a vida carregada de pedras e a construção de novas sensibilidades, novos sujeitos, leituras, interpretações e identificações de sujeitos que valorizam suas histórias, a ancestralidade, e percebem como a literatura evoca um reconhecimento de si e abre possibilidades para a construção de novos futuros, sentimentos e experiências do corpo negro.

No conjunto das discussões sobre valorização da história da cultura africana e afro-brasileira, principalmente com o objetivo de permear interpretações que busquem perceber elementos que evocam a ancestralidade, a dissertação “*Orixá e Literatura brasileira: a esteticização da deusa afro-brasileira Oxum em narrativas de Conceição Evaristo*”, de Oluwa Seyi Salles Bento, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP), em 2021, apresenta importantes contribuições que auxiliam a compreender as religiosidades de matriz africana e afro-brasileira e as narrativas sobre elas que percorrem os textos de Conceição Evaristo. Para a autora, as narrativas literárias colaboram ativamente para o processo de identificação e reconhecimento de si, assim como auxiliam na formação de uma identidade nacional valorativa. Ao analisar narrativas literárias que abordam as relações religiosas de suas personagens, principalmente com associações a Oxum, em Jorge Amado e Mário de Andrade, e em comparação com as obras de Conceição Evaristo, Bento destaca que,

as primeiras encaram a religiosidade como um exotismo e hipersexualização das personagens. Já em Conceição Evaristo, a religiosidade e comparação a Oxum permitem um retorno às origens, um reconhecimento de si e construção valorativa dos grupos por anos subalternizados. Para Bento, (2021, p. 190).

[...] o comparecimento da deusa aponta para uma insurreição contra a exotificação, a demonização, a infertilidade e a solidão impostas à mulher negra, sendo Oxum e seus símbolos, então, quem recuperam e metonimizam uma série de fertilidades possíveis desse grupo.

As infâncias, nas narrativas de Conceição Evaristo, permitem percorrer diferentes narrativas e experiências que atravessam tanto a trajetória da autora como a percepção tanto do olhar de crianças e adolescentes sobre a vida, como das dificuldades encaradas ao longo do transcorrer da vida. No conjunto de discussões que se propõem a perceber o universo infantojuvenil, a dissertação de Maria Aparecida Cruz de Oliveira, “*A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo*”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), em 2015, destaca que Conceição Evaristo contribui para apresentar outras narrativas sobre as infâncias. Segundo Oliveira, “[...] na literatura, de um modo geral, as crianças são quase sempre coadjuvantes, sua função se restringe, em grande medida, a compor a personagem adulta” (OLIVEIRA, 2015, 70). Contudo, percebe que em Ponciá Vicêncio e Becos da Memória o protagonismo infantil assume um olhar crítico e reflexivo, e que por meio da representação de infâncias negras, Conceição Evaristo contribui para reafirmar a identidade cultural afro-brasileira. Conforme a autora, “[...] está depositada na criança a certeza de que ela fará ouvir com ressonância as vozes emudecidas e silenciadas” (OLIVEIRA, 2015, 78).

Já em “*Histórias para incomodar os da casa-grande em seus sonos injustos: menores em situação de risco em contos de Conceição*”, de Claudia Maira Silva de Oliveira, dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), em 2017, as narrativas permeiam a infância e adolescência nas obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e em seis contos na obra *Olhos D’Água* (2014). Oliveira parte do pressuposto de que Conceição Evaristo utiliza a literatura como forma de humanizar seus/as leitores/as e personagens. Conforme Oliveira, mesmo tendo apresentado uma insistência na população infantojuvenil marginalizada,

em situação de violência e vulnerabilidade, a autora destaca que Conceição Evaristo provoca uma análise crítica à ausência de direitos, como saúde e educação, nas quais muitas crianças estão imersas. Com essa observação, Oliveira estabelece um comparativo entre a narrativa de Conceição Evaristo com as normativas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em que são apontadas situações que versam sobre as violações de direitos estabelecidos pelo estatuto. Ou seja, um diálogo entre o ficcional e a realidade social na qual permeiam normativas jurídicas sobre a população infantojuvenil.

Ainda em relação às infâncias, Luana Micaelhy da Silva Morais, em “*Escrevivendo a infância em Olhos d’água de Conceição Evaristo*”, dissertação defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), são estabelecidas reflexões sobre como a narrativa de Conceição Evaristo promove o protagonismo da infância negra na literatura. Para Morais, mesmo com toda a precarização da vida que permeia as histórias das personagens dos contos analisados, a violência, fome, exploração sexual, dentre tantas outras experiências desumanizadoras não são os elementos centrais da autora. Como uma negociação, as infâncias atuam de forma ativa na resolução de problemas, conflitos em que reinventam as formas de viver como um processo de resistência. Como indica Morais, “[...] apesar dos conflitos criados por Evaristo na fase infantil das suas personagens, a escritora não deixa de citar e fazer referência à brincadeira, inocência e imaginação da criança. Mesmo quando o ato de brincar dá lugar a situações cotidianamente referentes à fase adulta” (MORAIS, 2022, p. 83).

Ainda no âmbito da pesquisa sobre literatura e educação, os trabalhos de Bernardes, Santos e Debus (2018); Costa (2012); Costa (2020); Debus (2010); Jesus (2019); Jovino (2010; 2015); Lima e Brito (2021); Pisani (2019) e Silva (2022), auxiliaram no processo de análise das obras *Olhos D’Água*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Reflexões que, para além dos processos de promoção de um letramento antirracista permeado pela valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, a discussão proposta pelos/as autores/as contribuiu para afirmar que as produções de Conceição Evaristo se inserem de forma ativa como produto do pensamento social brasileiro.

As contribuições dessas pesquisas possuem em comum a sensibilidade analítica, ou, o que Eduardo de Assis Duarte e Elisângela Lopes Fialho (2014)

chamam de brutalismo poético. Para os autores, Conceição Evaristo não reduz suas personagens à violência, à brutalidade nas quais constantemente estão envolvidos, mas as amarguras da vida são transformadas em poesia, um processo que contribui para a humanização de personagens e leitores/as (DUARTE; FIALHO, 2014). Assim, momentos de “[...] *quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum*”, ou de que “[...] *minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro*”, por exemplo, agem na sensibilidade do olhar, na percepção das conexões dos sujeitos que se confundem, se entraram nos livros ou se saíram deles, e misturam-se ao cotidiano. É nesse transitar entre a suavidade e a vida carregada de pedras que Conceição Evaristo reivindica novos futuros possíveis.

A partir das reflexões compartilhadas com autores e autoras acima mencionados/as, que tomaram tanto a literatura, em geral, quanto a obra de Conceição Evaristo, em particular, como objeto de investigação no campo da Educação, e com vistas a dar conta do objetivo da presente pesquisa, que busca justamente destacar a inserção de Conceição Evaristo como pensadora social brasileira e, a partir da análise de sua escrevivência, investigar as experiências da vida adulta narradas nas obras analisadas, percebendo por meio de suas personagens as críticas levantadas sobre a realidade social, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, “*Literatura, pesquisa e a descolonização do conhecimento: Narrativas que se cruzam*”, apresento os delineamentos teórico-metodológicos que sustentam a investigação. Busco nos posicionamentos teóricos perceber as contribuições para o campo de estudos da decoloniedade com a intenção de auxiliar no processo analítico das obras de Conceição Evaristo. Ainda neste capítulo, trago as discussões sobre literatura e as narrativas literárias produzidas por intelectuais negros/as, por considerar importante situar as obras analisadas nesta dissertação dentro do campo de estudos da literatura e o diálogo/produção decolonial.

No segundo capítulo, “*Memória, História e narrativa: a escrevivência e os entrelugares narrados, experienciados e as relações com o passado em movimento*”, início a análise das obras *Olhos D’Água*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Parto do pressuposto de que a leitura de uma obra é iniciada pela capa, com uma pedagogia visual que instiga os/as leitores/as a imaginar e estabelecer as primeiras impressões sobre o que será anunciado. Desse modo, em um primeiro momento, investigo as capas das obras selecionadas e estabeleço comparativos, quando possível, entre elas e os assuntos que dialogam com a discussão proposta. Em seguida, ao tomar a

produção literária de Conceição Evaristo como narrativa diaspórica, discorro sobre ancestralidade com a intenção de perceber como as conexões com o passado movimentam a narrativa da autora. Um exercício de escrita que expõe o atravessamento entre dois mundos e realidades que são forjadas por elos ancestrais.

No terceiro capítulo “*Entre morros, becos, favelas e insubmissão: agrupamentos familiares e as formas de (re)existir em Conceição Evaristo*”, distribuo a análise em três partes. Na primeira, apresento as configurações da vida na favela, das distinções com o campo-quilombo que são narradas pela autora a partir da compreensão da crítica à extensão da escravidão como poder e controle sobre a vida. Em um segundo momento, observo como, em meio às mazelas e dores da vida, Conceição Evaristo expõe as formas de (re)existir por meio de relações de amizades e familiares que firmam a construção identitária e o reconhecimento de si e dos seus. Tendo essas relações como fio condutor, por fim, destaco como esse processo é estabelecido pela consciência analítica da autora que reflete sobre a constituição de suas personagens que buscam as formas de viver. Diante disso, a partir dos marcadores sociais, como raça, classe, gênero, corpo, idade e sexualidade, observo a leitura social da autora sobre as relações de trabalho permeadas por distintas desigualdades e sua extensão no tempo.

No quarto capítulo, “Sociabilidades em meio aos becos: entre poeiras, lágrimas, famílias e redes de afeto como (re)existência” parto da escrevivência e olhar social da autora para adentrar as casas, becos e avenidas a fim de compreender as relações de sociabilidade narradas pela autora, pontos esses que agem como formas de (re)existência nos cenários sociais narrados e auxiliam na condução e (re)construção da vida. Junto desse movimento, nesse capítulo, levanto ainda discussões sobre as relações de trabalho, com especial atenção ao trabalho doméstico. Sendo esse um elemento que marca a narrativa da autora, discuto como Conceição Evaristo nos apresenta, na história de suas personagens, elementos para compreendermos as dinâmicas das relações de trabalho e de suas reverberações no cotidiano de muitas famílias.

Foi o transitar entre as páginas/avenidas da ficção/realidade apresentadas por Conceição Evaristo que, ao mesmo tempo em que me encheram os olhos d’água, trouxeram provocações para refletir sobre a importância da literatura para a formação de novos sujeitos, de novas interpretações de mundo e da desnaturalização das mazelas sociais. Espero que, por meio da leitura desta dissertação, para aqueles/as

que não conhecem Conceição Evaristo, como pinceladas do letramento racial, que eu consiga, ao menos, despertar a curiosidade para saber mais sobre a autora e suas obras, para rever seu cotidiano, práticas e privilégios como aqueles garantidos/reforçados pela branquitude. Para os/as que já a conhecem, certamente a leitura deste texto será uma investida a novas observações e interpretações de mundo, tal como Conceição Evaristo nos instiga a fazer, pois é, “[...] *preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara pra trás*”.

Boa leitura!

## Capítulo 1

### Literatura, pesquisa e a descolonização do conhecimento:

#### Narrativas que se cruzam

A construção narrativa das personagens de Conceição Evaristo manifesta um exercício incansável sobre a complexidade social. Por meio das histórias que aparentemente parecem individuais, a autora apresenta como diferentes sujeitos perpassam a forma coletiva de encarar a vida. Nesse sentido, Conceição Evaristo não resume os problemas sociais a realidades e experiências individuais, mas, por meio de histórias que até então parecem ser isoladas, como uma leitura social do mundo junto das personagens, Conceição Evaristo demonstra como o tecido social é formado. Ao mesmo tempo em que sinaliza para as relações sociais excludentes, a autora preconiza a vida ativa e de resistência que vai sendo forjada constantemente.

Ao mesmo tempo que percebo Conceição Evaristo como intelectual negra insubmissa, que rompe com o padrão da academia, e sua inserção na intelectualidade brasileira, busco estabelecer um diálogo entre o pensamento da autora com os estudos decoloniais, feminismo negro, interseccionalidade e relações étnico-raciais, que possuem estreitas aproximações tanto com a trajetória da autora como com a pretensão assumida em suas obras. Assim, por meio das noções conceituais levantadas pelos referenciais teóricos que investigam o tema, pude identificar que a autora utiliza as representações da infância, e como elas, circundam a narrativa de Conceição Evaristo. Ao partir da hipótese de que a infância é o elemento norteador da narrativa, e que junto dela estão envoltos os desejos de futuro sem desvincular-se do passado, percebo que a infância novamente é conduzida como forma de elo e reconhecimento entre si e os seus. Essa reflexão permitiu levantar observações para verificar como as configurações sociais narradas pela autora estão permeadas de simbolismos, de pedras e lapidações que movimentam a vida adulta. Diante disso, as análises contidas nesta dissertação investigam as narrativas que conduzem a perceber as experiências da vida adulta diante dos enfrentamentos da vida, de forma a abrir caminhos para expandir a reflexão sobre as infâncias e juventudes na pesquisa de doutorado.

Na tentativa de explorar o pensamento social de Conceição Evaristo, neste capítulo, busco em um primeiro momento, destacar os referenciais teóricos que conduzem a análise das obras. Em seguida, com a intenção de discutir sobre a

literatura e a inserção-afirmação de Conceição Evaristo no campo literário, junto a noção conceitual de diáspora, levanto considerações sobre a autora e suas produções como uma escrita de (re)existência e insubmissão.

Assim, como forma de melhor compreender as obras e apresentar a análise exposta, durante as leituras foi realizado o levantamento das diferentes personagens que permeiam as narrativas e dão a dinâmica das escrevivências de Conceição Evaristo. O Quadro 03: Personagens de Conceição Evaristo, apresenta o levantamento realizado.

Quadro 03: Personagens de Conceição Evaristo

<b>Ponciá Vicêncio</b>		
Ponciá Vicêncio	Maria Vicêncio (mãe)	Pai (Vicêncio)
Luandi José Vicêncio (irmão)	Vô Vicêncio	Marido
Nêgua Kainda	Biliza	Soldado Nestor
Soldado branco	Negro Climério	Sá Ita
Durvalina	Zé Moreira	Maria-Pia
Patroa	Maria da Luz (parteira)	Raimundo
Senhorzinho	Missionários	Delegado
<b>Becos da Memória</b>		
Vó Rita	Velha Lia	Cidinha-Cidoca
Cema	Maria Nova	Filó- Gazogênia
Bondade	Mariinha	Terezinha das Oscarlinda
Tião Puxa-Faca	Dona Padin	Tonho sentado
Velha Isolina	Maria-Velha	Luizão da Serra
D. Anália	Catita	Avô de Maria Velha
Tio Totó – Antônio João da Silva	Miquilina	Iya
Pedro Cândido	Tio Tatão	Ayaba
Sô Noronha	Outra	Maria
D. Maria	Cumpadre Colô	Tatão
Anibal	Palhoça	Natividade
Catarino	Ilídia	Joana
Nazinha	Fornecedor da fábrica	Tetê do Mané
Negro Alírio	Mãe Joana	Sô Ladislau
Cabo Armindo	Nega Tuína	Zé Noronha
Coronel Jovelino	Zé Meleca	Pedro da Zica
Bisavó de Negro Alírio	Sinho-moço	Tratorista
João da Esmeralda	Zé da Binha	Neca Palito
Tonho da Cuíca	Fuinha	Brandinho
Custódia	Dona Santina	Tonho
Dora	Titão	Ditinha
Dona Laura	Beto	Zé
Nico	Toninha	Maria Cosme
Celita	Jorge Balalaika	Rute Balalaika
Joel	Balbina	Mundica
Lica	Tita	Zuim
Maria Domingas (tia)	Toinho	Tutuca
Jorge da Marta	Zé das Mercês	Maria Esmeralda
Ana do Jacinto	“filhinhos de papai”	Zé da Guarda
Brandino	Marieta	Maria-Minhoca
Dona Geralda	motorista	Assistente social

Geraldão	Maria Luz	Magricela
<b>Olhos D'Água</b>		
Mãe	Filha	Ana Davenga
Davenga	Isolina	Maria Agonia
Duzu	Pai de Duzu	Mão (Duzu)
Zé Nogueira	Angélico	Tático
Querença	Vó Alafaia	Vô Kiliã
Tia Bambene	D. Esmeraldina	Maria
Filho (de Maria)	Homem (ex de Maria)	Natalina
Bilico	Sá Praxedes	Tonho
Tozinho	Patroa (de Natalina)	Pai (de Natalina)
Homem (estuprador)	Salinda	Tia Vande
Filha (de Salinda)	Luamanda	Velha Domingas
Cida	Mãe (de Cida)	Tia (de Cida)
Naíta	Zaíta	Benícia
Dona Fiinha	Di Lixão	Lumbiá
Pedro	Irmão mais novo (de Kimbá)	Vizinha
Beba	Gunga	Beta
Kimbá	Vó Lidumira	Raimundo
Beth	Gustavo	Ardoca
Dorvi	Bica	Dona Esterlina
Idago	Baependi	Neo
Cripim	Antônia	Cleuza
Bernadete	Lidinha	Biunda
Neide	Adão	Ayoluwa
Vô Moyo	Ti Masud	Abede
Amina	Sele	Asantewaa
Malika	Mandisa	Kizzi
Zola	Nyame	Lutalo
Bwerani	Bamidele	Omolara

Fonte: Olhos D'Água, Ponciá Vicêncio, Becos da Memória (Org. PAULA, Elenice, 2023).

### 1.1 – Literatura e pesquisa: Delineamentos teórico-metodológicos

A leitura das obras se faz de um modo lento, exige atenção, para que a poesia narrada da vida se faça compreendida. Entretanto, a autora parece ditar o tempo da leitura, conduzir seus/as leitores/as no ritmo da vida, desejos ou até mesmo em expectativas de futuro frustradas ou realimentadas, quando se tem pressa para comer, até mesmo de crescer. Pressa para chegar ao fim, não do livro ou da vida, mas de romper com as amarguras da vida. É nesse vai e vem, de altos e baixos, que um personagem só pode ser compreendido junto do outro. Das relações familiares, amigadas, das relações de apoio, dos muitos filhos e filhas e de tios e tias que habitam o pequeno espaço de se morar, de muitos pais sem nome. Do campo à vida urbana, da fuga da senzala ao cativo aberto que a autora insiste em chamar de favela. É na complexidade dessas relações que Conceição Evaristo nos apresenta um mundo dado a ler. Escrita denúncia que conclama por justiça social, por direitos, por paz. Compreendo que a produção acadêmica, muitas vezes, exige a necessidade de

afastar-se do objeto de estudo para melhor compreender o que está sendo observado. Aqui, desvinculo-me dessa norma, pois acredito que Conceição Evaristo só pode ser compreendida por sua escrevivência. Assim, sem o interesse de afastar a autora das histórias, busco, por meio desta pesquisa, além de investigar a lapidação da vida narrada nas três obras analisadas, com um olhar interdisciplinar, permitir a construção de sensibilidades, e quando possível, demonstrar ao/a leitor/a como a literatura de Conceição Evaristo se faz como expoente do pensamento social brasileiro.

Como aporte teórico-metodológico, as evidências das observações contidas nesta dissertação apoiam-se nos estudos decoloniais, feminismo negro e no estudo das relações étnico-raciais, que se constituem em alicerces fundamentais para analisar a narrativa existente nas obras, da trajetória das personagens, da escrevivência atravessada pelas memórias da autora, dos múltiplos dialetos expressos em meio a seus significados, do protagonismo das personagens marcados pela construção identitária de pertencimento e valorização da história, cultura, ancestralidade, religiosidade e uma estética corpórea negra.

Como fio condutor da análise aqui exposta, as reflexões de Aníbal Quijano (2005), sociólogo peruano, sobre a colonialidade do poder fundamentam a observação de que a narrativa de Conceição Evaristo exercita o pensamento social a partir da crítica às configurações dominantes de poder. Para Quijano, o avançar da modernidade agiu intensamente na implementação de um modelo capitalista colonial/moderno eurocentrado. Para o autor, com o avançar da modernidade, a utilização da raça agiu como meio de classificação e contribuiu para distinguir e distanciar os grupos sociais daqueles que não correspondiam aos referenciais estéticos, corpóreos e supostamente de conhecimento como os colonizadores. Nesse sentido, como destaca Quijano, a ideia de raça serviu como “[...] uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que, desde então, permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (QUIJANO, 2005, p. 117).

Desse modo, com base nos apontamentos de Quijano, a colonialidade do poder foi sustentada a partir de percepções desiguais de um grupo sobre outros e, em conjunto com a classificação raça, foi legitimando as dominações, apropriações e genocídio de populações que se distinguiam do modelo europeu. A escravidão da população africana esteve justificada por esse processo, pois além do domínio do ser e, como um projeto colonizador, ao longo do tempo foram se estreitando as

possibilidades de trabalho, arte, cultura e liberdade dos grupos que foram considerados subalternos. Assim, como destaca Quijano, tal efeito desse processo pode ser encontrado na exploração salarial, no acesso à terra e condições de moradia, na subalternidade da vida nas quais muitos foram submetidos ao eurocentrismo. Uma arquitetura da exclusão que diminuiu grupos inteiros a partir da desvalorização da produção de conhecimento. Como destaca Quijano, “[...] como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p. 121).

Por eurocentrismo, Quijano define como

[...] a elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 126).

Por conseguinte, a hegemonia permeada por um padrão branco europeu legitimou referenciais que valorizassem e reforçassem o modelo colonizador que dominou território, corpo e pensamento dos grupos. Portanto, adentrar no pensamento de Conceição Evaristo é provocar um processo de descolonização e partir para a análise de referenciais, construídos pela autora, de corpo, de trabalho, tempo, saber e conhecimento.

Em diálogo com Quijano, o semiólogo argentino, Walter D. Mignolo (2008; 2020) afirma que as reflexões de Quijano visam provocar uma desobediência epistêmica nas narrativas e pesquisas que intencionam compreender as relações sociais pelo viés dos grupos colonizados. Para Mignolo, “[...] sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados” (MIGNOLO, 2008, p. 288).

Conforme o autor, na América Latina,

[...] o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes

européus, alimentaram uma mudança na geo-e na política de Estado de conhecimento (MIGNOLO, 2008, p. 291).

Presos entre a herança colonial, os saberes desses grupos foram marginalizados sob a égide de uma perspectiva eurocentrada que serviu para deslegitimar tanto o pensamento como o corpo e o ser desses sujeitos. Ao longo do tempo, novas formas de conduzir e/ou reforçar a relação superioridade/inferioridade imposta sob o modelo capitalista colonizador conduziram essas pessoas a diferentes formas de experienciar a vida de forma subalterna. Entretanto, em meio a essas imposições, mesmo que em desvantagem, mentes e corpos resistiram (e resistem) ao projeto de colonização.

A título de exemplo, em *“Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar”*, Mignolo levanta provocações sobre como o projeto colonizador agiu em uma perspectiva global, colonizando corpos, mentes e saberes que foram subalternizados. Resultou também em uma colonização epistemológica, grupos inteiros perderam seus referenciais identitários por meio de uma determinação imposta pela língua e saberes eurocentrados. Contudo, em meio a essa subalternização, o autor defende a ideia de que pequenos grupos, ou histórias locais, promovem um rompimento analítico com os referenciais eurocêntricos. Nesse ponto, Mignolo insiste em afirmar que deve existir uma redistribuição dos saberes locais para projetos globais. Ou seja, como um exercício de transportar os saberes subjugados, o autor intenciona conceber,

[...] os saberes subjugados em pé de igualdade com o ocidentalismo como o imaginário dominante do sistema mundial colonial/moderno o ocidentalismo é a face visível do edifício do mundo moderno, ao passo que os saberes subalternos são seu lado sombrio, o lado colonial da modernidade (MIGNOLO, 2020, p. 45).

Por meio dessa transição da subalternidade para formas legítimas de se produzir conhecimento, como destaca o autor, são “[...] histórias locais e projetos globais, tão cruciais para a compreensão do pensamento liminar no ponto de interseção” (MIGNOLO, 2020, p. 65). Ou seja, como um confronto entre os saberes subalternos e a colonialidade, o pensamento liminar emerge como um processo de descolonização dos saberes. Um rompimento epistemológico que, ao mesmo tempo em que exige, possibilita novas formas de ver e narrar o mundo a partir de experiências e saberes antes subalternizados.

No conjunto dessas implicações, como um processo de reconstrução epistemológica os debates e conceitos sobre experiência e descolonização cognitiva, propostos por Boaventura de Souza Santos (2021), as discussões sobre o pensamento diaspórico de Stuart Hall (2013), e as discussões promovidas sobre os discursos colonialistas e a construção identitária de Homi Bhabha (2013) são basilares para compreender o processo de escrita de Conceição Evaristo, a inserção e afirmação das narrativas da autora e sua interlocução com a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira. São observações que exigem a construção de novas epistemologias que permitam diferentes formas de perceber e contribuam para provocar distintas maneiras de narrar e experienciar o mundo.

Em diálogo com os autores destacados, os estudos do feminismo negro compartilham as provocações teóricas sobre a desconstrução epistemológica no campo acadêmico, principalmente as críticas à perpetuação do projeto colonizador ainda em forte evidência. Para isso, as noções teóricas a partir da interseccionalidade como categoria analítica contribuem para toda a investigação proposta neste trabalho.

A interseccionalidade é uma noção conceitual, ou, uma epistemologia analítica, que foi aprimorada ao longo do século XX. Sojourner Truth<sup>26</sup>, mulher negra ex-escravizada na América do Norte e ativista pelo direito das mulheres, ficou ainda mais conhecida quando, em Ohio, Estados Unidos, em 1851, em seu discurso proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres, lançou o seguinte questionamento: “*Ain’t a Woman?*” (“Eu não sou uma mulher?”). A percepção de que sendo mulher e negra a colocava ainda mais em situação de desvantagem levou-a, durante a conferência, a afirmar:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? (TRUTH *apud* GELEDÉS, 2014, s/p.).

---

<sup>26</sup> Recentemente a editora Principis lançou a coleção Vozes da Liberdade, coletânea que reúne quatro histórias de ativistas pelos direitos da população negra norte-americana. As obras possuem escritos produzidos pelos próprios/as ativistas, ou, como no caso de Sojourner Truth, apresenta um estudo biográfico de sua história. Sobre Truth, ver: GILBERT, Olive. **A história de Sojourner Truth, a escrava do Norte**. Jandira, SP: Principis, 2020.

Como destacado, o uso analítico/conceitual foi aprimorado ao longo do século XX. Contudo, o pronunciamento de Truth, em 1851, apresenta um forte sustento do que trata a interseccionalidade, pois consiste em perceber distintas marcações que agem na configuração social, em que um grupo possui maior ou menor privilégio em comparação a outro. No caso de Truth, em busca dos direitos das mulheres, sua fala serviu como uma crítica de que, dentro da desigualdade das mulheres comparada aos homens, as mulheres negras estavam em maiores desvantagens, ao ponto de que de tão inviabilizadas não tinham nem o braço estendido para descer da carruagem e escapar à poça d'água. Uma situação metafórica que serve para expor tanto as desigualdades entre homens e mulheres e, principalmente, mulheres negras comparadas com as brancas, uma desigualdade dentro da desigualdade que evidencia a manutenção e os privilégios da branquitude.

*“Mulheres, raça e classe”*, de Angela Davis, publicado pela primeira vez em 1981, está entre os primeiros trabalhos que demarcam o aprimoramento teórico-analítico da interseccionalidade. Como uso conceitual, a autora percebe a intersecção das distinções entre homens e mulheres em conjunto com as categorias raça e classe, e como, seguindo uma herança escravocrata, elas atuam de forma intensa no afastamento das mulheres dos direitos civis e políticos, nas relações de trabalho, na exploração salarial, no acesso ao ensino dentre outras exclusões que ainda perpetuam. Conforme Davis, “[...] embora as mulheres negras desfrutassem de alguns duvidosos benefícios da ideologia da feminilidade, não raro presume-se que a típica escrava era uma trabalhadora doméstica – cozinheira, arrumadeira ou mammy na ‘casa-grande’” (DAVIS, 2016, p. 18). Nesse sentido, as distinções de classe, raça e as desigualdades entre homens e mulheres, mesmo que estruturantes<sup>27</sup>, devem ser pensadas e investigadas a partir das intersecções entre as distintas marcações que operacionalizam as configurações sociais. Na literatura de Conceição Evaristo, as histórias das personagens são travadas a partir dessas marcações que sinalizam diferentes experiências a partir de vantagens ou desvantagens sobre elas.

---

<sup>27</sup> Compreende-se por racismo estrutural toda a configuração social sustentada pela desigualdade em torno da compreensão de raça, fator esse que interfere na organização e execução das instituições, na distribuição de renda, sistema prisional, relações de trabalhos, dentre outros, em que o racismo atua de forma a estruturar a composição da sociedade. Silvio Almeida, com ênfase na discussão teórica, indica que o racismo, “como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racionalmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2018, p. 37).

Pode-se afirmar que a obra de Davis abriu um leque crítico e analítico. Com o avançar (mesmo que lento) de mulheres negras na academia, as discussões levaram à percepção de outras marcações sociais, como em relação à escolarização e à produção do pensamento acadêmico promovido por mulheres negras, como já destacado em hooks (2020<sup>a</sup>; 2020b; 2017), e também em “*bell hooks e eu não sou uma mulher negra? Mulheres negras e feminismo*”, ao problematizar que, mesmo com alguns avanços e conquistas de direitos, as mulheres negras ainda continuam em situação de desvantagem em comparação a homens negros e mulheres brancas, por exemplo.

A jurista norte-americana Kimberle Crenshaw (2004), diante de suas experiências na participação do grêmio da instituição na qual estudava, percebeu que, por ser mulher, ficava em situação de desvantagem na agremiação, o que levava a ter que entrar pela porta de trás. Com o aperfeiçoamento teórico, Crenshaw destaca que, “[...] nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2004, p. 10), ponto que pode ser ainda mais compreendido com base na análise da ação movida contra a General Motors, em 1976, por exemplo. Com base na desenvoltura do caso, afirmava-se que não havia desigualdade de gênero, pois se contratava mulheres, mas brancas e nas atividades de escritório; e, supostamente não havia racismo, pois a empresa contratava homens negros, mas na produção. Para o melhor entendimento, a autora destaca que para a compreensão sobre como a interseccionalidade age, basta imaginarmos uma avenida que é sustentada por diferentes eixos de discriminação como condutores das rotas. Segundo a autora, “[...] o tráfego, os carros que trafegam na intersecção, representa a discriminação ativa, as políticas contemporâneas que excluem indivíduos em função de sua raça e de seu gênero” (CRENSHAW, 2004, p. 11).

No conjunto dessas discussões, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) amplificam a observação e, por meio de discussões teóricas e distintos estudos de caso demonstram o potencial teórico-metodológico do uso da interseccionalidade como ferramenta analítica. Para as autoras,

A saber, que, em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações

interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16).

Desse modo, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica contribui para perceber como são constituídas as configurações sociais, sejam elas de exclusão ou inclusão. Nesse conjunto de marcações, determinadas intersecções são contribuintes para a formação de identidades positivas de pertencimentos, como em comparação ao uso dos termos “nós”, ao se referir às mulheres de cor. Como destacam as autoras, “o “nós” mais abrangente da política identitária coletiva “[...] não é uma subjetividade homogênea, mas um espaço coletivo que explica as particularidades da localização” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 97). Nesse sentido, o termo analítico contribui para perceber os modos operantes da opressão e da resistência que permeiam a análise crítica de Conceição Evaristo e sua interpretação do tecido social que tanto move como é formado pelos distintos sujeitos que perpassam suas histórias.

No Brasil, Carla Akotirene (2018) indica que a interseccionalidade “[...] é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens brancos” (AKOTIRENE, 2018, p. 13). Crítica à reprodução do racismo estrutural, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>28</sup>, Akotirene destaca que a interseccionalidade consiste em uma produção intelectual de mulheres, em especial a de mulheres negras, que tiveram suas vidas atravessadas por distintas formas de opressão. Com uma escrita e análise que reivindica por direitos sociais e contribui para a luta antirracista, a autora destaca que, “[...] a interseccionalidade é sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isto é tão difícil engolir os seus fluxos feitos mundo afora” (AKOTIRENE, 2018, p. 109).

Nesse sentido, como já destacado por Figueiredo (2020), o uso conceitual da interseccionalidade foi constituído por um longo processo de aperfeiçoamento teórico resultante da conquista do acesso das mulheres negras à academia. Um estreito diálogo promovido entre o movimento negro e movimento feminista negro, pois as reivindicações e problematizações tanto exigiam (como ainda exigem) a atenção a

---

<sup>28</sup> Akotirene compreende por cisheteropatriarcado toda a configuração social reproduzida que sustenta a relação de opressão e de privilégio de homens, principalmente brancos, em relação às mulheres.

diferentes marcações que se coadunam para a manutenção de relações sociais ainda mais excludentes para as mulheres negras.

Os debates sobre o uso conceitual de gênero também integram essa análise. Uma extensa discussão que auxilia a reflexão sobre o movimento de mulheres, movimento feminista e as aproximações com o movimento gay na década de 1970, os estudos de gênero tiveram suas primeiras publicações em fins da década de 1980 e começo de 1990<sup>29</sup>. Os estudos da historiadora norte-americana Joan Wallach Scott, principalmente do artigo “*Gênero: uma categoria útil para análise histórica*”, e da filósofa estadunidense Judith Butler, no livro *Problemas de gênero*, trouxeram importantes contribuições para a compreensão dos estudos que visam problematizar as relações de gênero, principalmente o uso conceitual do tema para análise nas pesquisas<sup>30</sup>. Entretanto, a experiência e perspectiva das autoras marcam uma posição de privilégio, em que as questões que atravessam raça e classe, por exemplo, pouco foram levadas em consideração. É nesse processo analítico que os estudos promovidos pelo feminismo negro, como a interseccionalidade, tornam ainda mais evidente a importância de um olhar sensível, como destaca Akotirene (2018), ou, de perceber a diferença dentro da diferença, como indica Crenshaw (2004), pois, como destaca Figueiredo (2020), são rupturas epistemológicas que tanto marcam a produção de intelectuais negras como servem de orientação teórica para perceber as distintas configurações expressas no tecido social forjado por relações de poder.

---

<sup>29</sup> Para a historiadora Joana Maria Pedro, a história do movimento feminista pode ser compreendida a partir do que é chamado de ondas, tanto no Brasil, como Europa e Estados Unidos. Em um primeiro momento, a busca pelo direito ao voto mobilizou muitas mulheres. Posteriormente, a luta para ter acesso ao trabalho fora de casa e, em um terceiro momento, a reivindicação sobre o direito ao corpo, a reprodutividade por opção, dentre outras pautas que contribuíram para a crítica às desigualdades de gênero naturalizadas ao longo da história. Na década de 1970, com a ampliação dos movimentos identitários, o movimento gay, por exemplo, teve algumas aproximações com o feminismo. Questões essas que atravessaram também a teorização que esteve presente nos estudos de gênero (PEDRO, 2005). Importante destacar que, nesse percurso, o movimento negro e movimento de mulheres negras também teve forte atuação. Entretanto, por vezes, tiveram suas pautas inviabilizadas.

<sup>30</sup> Importante destacar que as autoras têm aproximações e distanciamentos no uso conceitual e compreensão sobre gênero. Para Scott, gênero pode ser compreendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 7). Com recusa à determinação biológica, o uso conceitual visa perceber como as sociedades em diversas épocas se organizam a partir das diferenças e desigualdades impostas em torno dos corpos sexuados que são atravessados por relações de poder. Para Butler, sua principal discussão é baseada na compreensão de gênero como ato performático, em que as performances de gênero, ao mesmo tempo que marcam, constroem identidades, que não são fixas, mas transitam conforme as experiências e identificações de gênero, em que o corpo, categoria primeira, construída discursivamente, apresenta, “presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero (BUTLER, 2018, p. 183).

No conjunto dessas discussões, as reflexões de Achille Mbembe (2018), a partir do que o autor denomina como necropolítica, auxiliam para perceber elementos da narrativa de Conceição Evaristo em que são expostas violações de direitos. Mbembe parte sua análise sobre o uso conceitual de biopoder, desenvolvido por Michel de Foucault, e instiga a refletir sobre o poder sobre a vida e morte, sendo que, na configuração política contemporânea, o Estado é visto-percebido-tido como autorizado a regular a vida e a morte. Contudo, a análise crítica ao projeto colonial leva o autor a considerar que a raça interfere fortemente na condução do poder sobre a vida e a morte. Sendo o racismo ainda não desvinculado no presente, como uma herança reconfigurada do passado escravocrata, Mbembe indica que, “[...] na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2018, p. 18). Ou seja, a constituição de relações sociais excludentes alimenta a desigualdade de poder sobre a vida, essa que assume uma utilidade, podendo ser destituída, descartável. Com um poder regulatório sobre a vida e corpo das pessoas, sendo necropolítica a política da morte, tendo o Estado como soberano nas decisões, Mbembe nos diz que, “[...] a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2018, p. 41).

Segundo essa lógica, a população negra é a mais vulnerável. A soberania permeia a base do sistema excludente em que suas vidas e corpos são definidos por outrem. Como uma extensão do projeto colonizador, redefine os lugares em que a população negra, ou, os corpos negros ocupam, quais corpos importam e quando eles importam, quando dizem respeito às políticas sociais, ao enfrentamento das desigualdades ou até mesmo no reforço do pacto da branquitude. Nesse sentido, o pensamento social de Conceição Evaristo, por meio do brutalismo poético<sup>31</sup>, exhibe as ações do Estado, quando por meio do uso da violência legitimada da polícia, por exemplo, para a seleção da vida que importa e o descarte da que não é mais útil, mas que, ao mesmo tempo como uma poesia, assume a (re)existência de personagens que percorrem distintos caminhos para (re)existir em vidas e corpos que possam ser

---

<sup>31</sup> O termo brutalismo poético foi desenvolvido a partir da percepção de narrativas que observam a violência. Aperfeiçoado por Eduardo de Assis Duarte, ao pesquisar sobre as narrativas literárias de autores/as negros/as, o autor observa que a violência no campo da literatura é algo narrado de longa data. Segundo ele, Alfredo Bosi, por exemplo, investigador do assunto, já havia sinalizado sobre o tema dentro da literatura. Entretanto, Duarte vai além da violência enquanto objeto, e exhibe, por meio de suas análises, como a narrativa expõe e intensifica a percepção da violência não como mero espetáculo, mas seus efeitos entrelaçados às distintas violações, tal como o racismo (DUARTE, 2016).

vividos. Um diálogo literário que reivindica a reparação histórica,<sup>32</sup> que deve ser oportunizada sob distintos âmbitos e, ao mesmo tempo, demonstra os caminhos percorridos para a lapidação da vida tomada por suas personagens, uma fuga das pedras e exclusões que atravessaram (e ainda atravessam) a história de muitos sujeitos.

Em relação aos estudos das relações étnico-raciais, o Parecer 003/2004<sup>33</sup>, que visa aprofundar e estabelecer regulamentações para o atendimento à Lei 10.639/2003, com grande interesse em promover uma política de reparação histórica e de valorização à história e cultura africana e afro-brasileira, o documento destaca que,

Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2004, p. 02).

Com base no documento, a educação para as relações étnico-raciais envolve toda uma tentativa para a construção de uma sociedade antirracista. Engloba o ensino escolar desde a infância e atua por uma política de valorização identitária e de reconhecimento da história, arte, cultura e produção intelectual da população negra. No entanto, passados 20 anos da obrigatoriedade imposta pela legislação, constantemente são identificadas ações que visam desqualificar e impedir ações regulamentadas e previstas pela legislação. Dessa maneira, as amarras do racismo e

---

<sup>32</sup> Sobre as reivindicações por reparação histórica exigidas pelo Movimento Negro, ver artigo de Petrônio Domingues intitulado “Agenciar raça, reinventar a nação: o Movimento Pelas Reparações no Brasil”. Domingues parte de um estudo de caso, quando 12 pessoas negras foram almoçar no Maksoud Plaza, em 1993, em um dos restaurantes mais caros de São Paulo. A data escolhida, 19 de novembro, instiga ainda mais a intencionalidade da ação. Quando a conta chegou, com os mais de U\$ 700 sendo cobrados, levantaram-se e exigiram que valor fosse pago como parte da reparação dos anos em que a população negra fora mantida como escrava. Dada toda a intensidade da tentativa de prender os manifestantes, os jornais estamparam no dia seguinte a manchete “Pendura” de protesto. Para Domingues, aquele ato simbólico contribuiu para desencadear uma série de ações contra o racismo e que exigiam políticas públicas de reparação histórica, fator esse que reverberou em distintas discussões e ações para preparar o terreno das políticas públicas em vigor (DOMINGUES, 2018).

<sup>33</sup>O documento foi produzido por: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez.

do pacto da branquitude permeiam tanto ações discriminatórias como aquelas que visam romper o silêncio imposto pelo pacto, quando não se fala dos benefícios que a população branca obteve com a escravidão, como indica Bento (2022). Nesse sentido, as obras de Conceição Evaristo assumem posição de destaque para as relações étnico-raciais. E, como uma escrita denúncia, sinaliza as mazelas que ainda resistem no presente (da obra escrita e do nosso presente) que precisam ser rompidas. Entretanto, diante da estrutura social sustentada pelo pacto da branquitude, o mesmo caminho lento percorrido para o reconhecimento de Conceição Evaristo como intelectual negra ainda domina o acesso e distribuição de suas obras ao ensino. Poucas escolas e universidades inseriram seus textos para serem discutidos e até mesmo como leitura obrigatória para vestibulares.

Essa leitura vai ao encontro dos apontamentos de Nilma Lino Gomes (2020), ao se referir sobre o movimento negro, intelectualidade negra e a descolonização dos currículos. Para a autora,

Não basta apenas o reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento. Essa descolonização tem de ser acompanhada por uma ruptura epistemológica, política e social que se realiza também pela presença negra nos espaços de poder e decisão; nas estruturas acadêmicas; na cultura, na gestão da educação, da saúde e da justiça: ou seja, a descolonização, para ser concretizada, precisa alcançar não somente o campo da produção do conhecimento, como também as estruturas sociais e de poder (GOMES, 2020, p. 226).

Assim, a inserção e reconhecimento de Conceição Evaristo como intelectual negra age na configuração de uma sociedade que conseguiu avanços na legislação para romper com o racismo, mesmo que este ainda seja pouco discutido no grande grupo. As obras contribuem, ainda, para que sejam expostas novas reflexões para tomadas de decisões e intervenções a fim de romper com as relações raciais ainda excludentes, uma vez que o processo de escrita da autora é marcado pela reafirmação de uma construção identitária de valorização da estética corpórea e de identificação como mulher negra, e suas personagens assumem posição não apenas de protagonistas, mas de pessoas negras. Contudo, é importante destacar que o ato de ler as obras de Conceição Evaristo, seja sozinho/a ou compartilhado por grande grupo, como em escolas ou universidades, por exemplo, exige que o letramento racial crítico conduza a análise da obra e das relações com o presente. Ou seja, a

compreensão da história não deve ficar isolada em uma espécie de nuvem de fumaça, em que uma empatia momentânea toma conta da análise, mas perde espessura com o tempo. Ao contrário disso, ler Conceição Evaristo exige escutar as vozes que gritam em meio aos livros e entender que os problemas narrados devem ser rompidos. Assim, longe de observações ligeiras, a compreensão das obras auxilia a autorreflexão, a rever as práticas, atitudes e privilégios diante de uma sociedade principalmente racista e excludente, que corrobora a manutenção do pacto da branquitude.

Ainda conforme Gomes (2005), esse processo de reconhecimento e identificação é fundamental para a educação das relações étnico-raciais. Conforme a autora, “[...] construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)” (GOMES, 2005, p. 43). Nesse sentido, narrativas que partem de uma escrita de pertencimento, ao mesmo tempo em que reivindicam sua posição, afirmam o que Zilá Berndt (1988) chama de o eu anunciador, em que o/a autor/a e personagens precisam serem vistos/as e percebidos/as como negros/as.

Essa discussão se coaduna ainda com os debates sobre o letramento racial. O termo endossou as reflexões dos estudos das relações étnico-raciais com as contribuições de Ana Lúcia Silva Souza (2011), a partir da publicação do livro *“Letramentos de Reexistência. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop”*. Souza não criou o termo em si, mas, por meio da análise de diferentes produções artísticas que emergem de cenários sociais de exclusão, grupos minorizados constroem sua arte e atuam na configuração de novos mundos possíveis. São as expressões artísticas por meio de poesia, grafite, música e dança (hip-hop), que grupos subalternizados reivindicam seus lugares de enunciação, (re)existem às exclusões e afirmam-se em espaços que por vezes lhes fora, (e muitas vezes ainda são) negados.

A partir das discussões promovidas por Souza, o aperfeiçoamento teórico promovido por Aparecida de Jesus Ferreira (2015), denominado letramento racial crítico, auxilia a reflexão sobre inserção de Conceição Evaristo na literatura brasileira, sobre as produções e circulação de obras produzidas por escritores/as negros/as, sobre as histórias e trajetórias das personagens narrados/as. Por letramento racial crítico, Ferreira (2015, p. 138) compreende:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impactado em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais.

Desse modo, o letramento racial crítico pode ser compreendido como instrumento analítico no campo de estudos das relações étnico-raciais, bem como um processo de reeducação das relações sociais já constituídas, por meio da desnaturalização do social, principalmente quando a raça é o elemento circundante em configurações excludentes. Assim, tal como destaca Ferreira, por perceber que o letramento racial crítico, na prática pedagógica, “[...] é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade” (FERREIRA, 2015, p. 138). Ou seja, é necessário rever as configurações sociais sustentadas pela exclusão. Conforme os dados do último censo desenvolvido pelo IBGE, o Brasil possui 56% de pessoas que se autodeclaram negras, número significativo e expressivo para refletirmos: onde está a população negra no Brasil? Sendo maioria<sup>34</sup>, qual a justificativa para o uso do termo minorias quando, na verdade, foram minorizados? Com isso, reitero os argumentos da autora para afirmar as possibilidades de contribuições das obras de Conceição Evaristo para a promoção do letramento racial e a condução para as distintas formas de promover uma educação antirracista.

## **1.2 Literatura e pesquisa: memórias e narrativas diaspóricas**

Para Antonio Candido (2006), a literatura resulta de um processo de construção discursiva sobre as histórias narradas. Contudo, como efeito de sua realidade, não deve ser desvinculada das condições de sua criação, do contexto, das regras, dos costumes e saberes que transitam por meio da linguagem e se constituem como texto. Nesse sentido, o ato de narrar histórias exige uma coerência com o real, um laço que fortaleça a aliança entre escritor/a e leitor/a, mesmo que jamais se conheçam.

No caminhar dessas discussões, parte-se da compreensão da obra literária como fonte histórica, tal como sugere o historiador Jacques Le Goff (2003), para quem

---

<sup>34</sup> Sobre o aumento do número de pessoas que se declaram como negras nos censos demográficos, ver: CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

o documento é resultado de uma montagem consciente ou inconsciente de quem o produziu. Seja constituído individual ou coletivamente, possui as marcações temporais de sua época de produção, da posição de quem o forjou bem como das expectativas direcionadas a ele e sua continuidade no tempo. Com base nos apontamentos elaborados pelo autor sobre o uso de documentos nas pesquisas históricas, Le Goff destaca que,

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 2003, p. 538).

Logo, as narrativas de Conceição Evaristo apresentam a complexidade da vida atravessada por suas experiências, memórias e análises do presente. Assim, o contexto e condições de sua produção exibem reflexões de parte da realidade que servem de sustento para a compreensão da autora e de suas narrativas como resultado e produto de um contexto social. O pensamento social delineado em linhas instiga a compreender essa realidade forjada na narrativa e que se impõe com um desejo de futuro, tal como anuncia em suas personagens. Contudo, como adverte Le Goff, não devemos cair na tentação de reprodução do real tal como foi. Para o autor, nós, quando utilizamos as produções como documentos, devemos, “[...] desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 2003, p. 538).

Diante da compreensão de que Conceição Evaristo narra suas histórias a partir de suas experiências, às quais chama de *escrevivência*, os estudos do pensador malinês Amadou Hampâté Bâ são oportunos para refletirmos sobre a experiência e a escrita. Hampâté Bâ discorre sobre a oralidade, um processo que se manifesta antes da escrita de tal forma que permite com que a tradição se mantenha viva e, ao mesmo tempo, nos apresenta a densidade histórica. O autor, ao estabelecer sua observação sobre as culturas africanas, discorre sobre o poder e importância das memórias, em especial da manutenção da verdade, assim como de reforçar o elo entre o passado e o presente. Tal como nos chama atenção, “[...]na África, cada ancião que morre é uma

biblioteca que queima”, ou seja, os saberes e experiências dos mais velhos servem como guia para a vida dos mais jovens até a velhice.

Entretanto, as observações do autor não se restringem à concepção de reprodução e transmissão do passado. Para Hampâté Bâ, as culturas africanas possuem a oralidade como base de sua organização, em que, os tradicionalistas, na figura dos *griots*, assumem a responsabilidade por manter viva a memória e também exigem com que ela seja responsável pela intervenção. Ou seja, a transmissão da oralidade só faz sentido em seu poder de transformação. Não basta apenas transmitir conhecimento, eles servem como base para a construção de novos saberes em que o passado e presente se configuram no poder de intervenção. Como indica Hampâté Bâ, “[...] trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 187). Ou seja, a oralidade age no grupo em que vive, seja no fortalecimento e construção identitária daqueles que convivem, seja na observação dos acontecimentos no tempo para serem tomados como objetivo de intervenção na tentativa de reter aquilo que não deve ser continuado. Por isso a exigência de a oralidade manter-se fiel aos acontecimentos e dispensar a mentira.

Para Hampâté Bâ, essa transmissão possui poder e valor de verdade, como destaca,

O que encontra por trás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 182).

A partir das observações do autor, compreendo que Conceição Evaristo assume esse compromisso com a verdade, em transmitir suas experiências por meio da literatura, que evoca um poder de intervenção, de reter as mazelas da vida, e, por meio da lapidação das pedras encontradas por ela, permitir vidas possíveis de serem vividas. Desse modo, as obras de Conceição Evaristo resultam de um conjunto de experiências traçadas pela trajetória da autora e da observação do caminho que seguiu, das pessoas que fizeram parte desse percurso, daquelas que foram encontradas, perdidas ou tiradas da vida, daquelas que seguiram (e ainda seguem) o percurso junto com ela. Assim, repletas de memórias e de busca por intervenção no

real, as obras transbordam informações sobre o tempo, passado e presente, que nos servem como documentação para investigar o pensamento social da autora e representação de suas personagens em meio ao mundo em que vivem.

Kathryn Woodward (2014) nos indica que a representação é uma forma de fortalecer os processos de reconhecimento e fortalecimento das identidades. Tomaz Tadeu Silva (2000), ao apoiar-se nos estudos do multiculturalismo, já havia demonstrado como a identidade e a diferença são conectadas por quem tem o poder de representar, de unir traços distintos por meio da linguagem, por exemplo. Woodward amplifica essas observações de tal modo que podem ser estabelecidos comparativos com a escrevivência de Conceição Evaristo e do potencial da literatura. Para a autora,

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseiam fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p, 18).

Não distante dessa observação, a literatura parte de um lugar de produção em que o/a escritor/a transita em meio à sociedade. Assim, a narrativa que supostamente seria apenas imaginada está vinculada tanto pelas condições do texto como de pessoas e acontecimentos que atuam na configuração da narrativa. De tal forma, as produções literárias nos exibem pinceladas de realidade que nos orientam para observarmos o mundo em nossa volta. Para quem o produziu, auxilia, ainda, na construção da representação individual e coletiva do grupo ao qual pertence, ao reconhecimento de si e dos/as demais leitores/as que verão as trajetórias como semelhantes. No campo educacional, para além da compreensão das obras, permitem que sejam percebidas as vinculações analíticas de quem narra. Ou seja, do pensamento social manifestado por meio de prosa, poesia, romance, dentre os mais variados gêneros que não devem ser reduzidos à mera ficção.

Dessa maneira, Conceição Evaristo produz sua escrevivência como uma narrativa de intervenção, de oportunizar histórias que não foram contadas, pois passaram pela marginalização e exclusão. Tal como destaca a autora, são narrativas que, “[...]com(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência”

(EVARISTO, 2017, p. 09). Ou seja, as memórias da autora nos servem como documento que nos permitem adentrar os becos, os olhos cheios d'água de sujeitos que tiveram suas vidas atravessadas por distintas exclusões sociais na vida e na história. Tal como lembra Hampâté Bâ, permitir que a verdade circule e tenha utilidade. É materializar histórias contadas e memórias da autora e torná-las públicas. Ler mais e compreender o pensamento de Conceição Evaristo é um dos caminhos possíveis para percorrer vidas/avenidas/rios que trafegam pelas histórias e auxiliar na tentativa de tornar vidas possíveis de serem vividas.

### **1.2.1 Literatura: produção, função e pensamento social**

Antonio Cardoso Filho (2011), ao afirmar que é impossível desvincular o/a autor/a do contexto de sua produção, salienta a existência da estreita relação entre a literatura e a realidade social a sua volta. Entretanto, essa aproximação não consiste apenas no vínculo estabelecido entre escritor/a e contexto, pois, por ser um produto literário, ao qual é dado a ler, entrelaçam-se as relações por meio de trocas interpretativas junto aos/às leitores/as, pois, segundo Filho, existe, “[...] um movimento circular: a sociedade remetendo à literatura e a literatura retornando à sociedade” (FILHO, 2011, p. 45). De tal maneira, para o autor, “[...] faz através de uma representação da sociedade passada pelo crivo da subjetividade do escritor ou do poeta” (FILHO, 2011, p. 45). Assim, a produção literária está imersa no desejo de vincular a ficção à verossimilhança do real em um processo de troca entre escritor/a e leitor/a que cruzam informações do real e sua transposição analítica manifestada por meio da escrita.

Candido (2006), ao propor contribuições da sociologia para a análise das produções literárias, indica que a percepção da literatura como expressão de uma sociedade e da exposição de problemas de seu contexto não é algo tão novo assim. Entretanto, o autor destaca que essa observação foi sendo constituída no tempo, o qual permitiu legitimar as contribuições do campo literário para análises históricas, bem como para perceber as influências e usos literários (sejam políticos e educacionais) em diferentes contextos. Para o autor, a produção literária está entrelaçada a fatores do meio que condicionam a sua produção, que, mesmo sem limitá-la a eles, provoca ainda outros efeitos, pois, “[...] produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2006, p. 30). Por conseguinte, a

produção literária estabelece uma ligação entre autor/a e leitor/a que tanto fortalece o tecido social já constituído como serve para observar a configuração do presente em movimento, pois a literatura, sendo um produto da leitura social feita pelo/a escritor/a, no formato livro, não chega de imediato nas mãos dos/as leitores/as, o que provoca a interpretação do tempo em diferentes escalas temporais. Ou seja, como a trama da história, percebe-se o real que ainda move o tecido social que constitui o tempo do/a leitor/a, visto que a produção literária é realizada sobre o movimento contínuo da sociedade, seja pela observação do(s) contexto(s) de sua produção orientada por novos eventos ou os efeitos de fatos já ocorridos, seja pelo aprimoramento por exigência dos/as leitores/as.

No que se refere à produção e circulação das obras literárias, Candido destaca também a posição individual do/a escritor/a que orienta a produção da obra. Para o autor,

As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas (CANDIDO, 2006, p. 34).

Nesse caso, as produções literárias são constituídas pela orientação do/a autor/a com base em suas experiências individuais sobre o conjunto social que o/a cerca. Suas particularidades estão imersas na posição analítica sobre o tecido social, reconfigurado por meio da ficção. Ela parte de interpretações de um presente dado a ler em histórias de personagens que possuem problemas, incômodos, deslizos e desejos comuns ao contexto social delimitam as linhas condutoras dos limites da produção. Entretanto, sem desvincular de quem a produziu, a narrativa movimenta-se para um efeito social desejado, em que a posição do/a autor/a sobre a trama, problemas, desejos ou contexto(s) visam despertar um sentimento no/a leitor/a. Seria essa então a função da literatura?

Sob a proposição de levantar considerações sobre as funções da literatura, Umberto Eco (2011) indica que as narrativas literárias assumem algumas funções individuais e sociais que perpassam desde a transmissão da língua, por ser um patrimônio coletivo, como auxiliam a construção de identidades e comunidades. Para

o autor, pelas obras literárias serem abertas<sup>35</sup>, também permitem a liberdade de interpretações, sendo possível, ainda, estender essa observação para a movimentação das personagens em outros meios artísticos, como o cinema por exemplo, o qual projetou novas formas de ver e narrar as histórias a tal ponto de aproximar leitores/as e/ou telespectadores/as das histórias ou até mesmo confundir-se com as nossas. De certa maneira, observar a dinâmica social, que ao mesmo tempo move e é movida pela literatura, conforme o autor, a literatura nos auxilia na construção de novos sentimentos (ECO, 2011). Ao mencionar os problemas sociais, como uma situação de violência, Eco indica que eles não se manifestam pela fixação de jovens aos jogos eletrônicos, por exemplo, por serem constantemente utilizados como motivo de justificação para a violência, “[...] mas porque restam excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros (ECO, 2011, p, 12). Ou seja, a leitura e o acesso a ela movimentam todo um conjunto social e transformam os diferentes contextos que cercam os/as leitores/as.

Assim sendo, a disseminação da literatura e uma educação voltada para a literatura agem de forma ativa na construção dos sujeitos, aspecto fundamental para percebermos as aproximações da literatura com o real não apenas pela projeção de mundo ou pelo desfecho das histórias narradas, mas como um movimento contínuo, a literatura provoca tanto novos sentimentos quanto exige a aproximação (e prática) do público com os livros. Ela serve ainda, como Candido (2011) nos chama a atenção, como uma forma de constituir, reforçar e/ou propiciar a humanização, pois, conforme o autor, “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Essa perspectiva ainda envolve possibilidades de interpretações e incômodos sobre o que foi lido. Como destaca Candido,

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra (CANDIDO, 2006, p. 48).

---

<sup>35</sup> Sobre o conceito ver: ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Diante das reflexões apoiadas nos autores mencionados e do interesse em investigar as produções de Conceição Evaristo, cabe afirmar que a autora se destaca como uma pensadora social brasileira por conduzir, em sua narrativa, uma reflexão social que tanto observa um mundo em movimento como evoca em suas tramas os problemas sociais que atingem suas personagens. Como um conjunto dialético entre o real, imaginário e o experienciado, os/as leitores/as são conduzidos a interpretações de um ficcional e real expostos a entrelugares que parecem difíceis de serem desvinculados. Como visto, a partir da análise da escrevivência, as narrativas vinculam-se com as memórias. Nesse aspecto, nas obras de Conceição Evaristo, as experiências da autora servem como fio condutor da análise social e, aliadas à narrativa, expõem um mundo que é dado a ler, a ser significado e conduzido para novas sensibilidades.

Ressalta-se que Conceição Evaristo teve um processo tardio de reconhecimento enquanto intelectual. Parte dessa demora está fortemente arraigada à concepção de literatura que possui forte relação de favorecimento dos cânones literários<sup>36</sup>, em que as narrativas são, em sua maioria, constituídas pela produção de homens brancos, e dizem respeito a histórias sobre homens, ponto esse que interfere na aceitação e reconhecimento da autora por se distanciar dos padrões provocando uma insubmissão literária. Ação, tal como indicada por Figueiredo (2020), que visa romper com narrativas que priorizam o olhar eurocêntrico por meio da exposição literária escrita por pessoas negras, em que o protagonismo das personagens (que também são negras) conduzem os/as leitores para novas sensibilidades. Ou, como preferimos, a partir das observações de Mignolo, provocar a construção de um pensamento liminar, pois, os cânones devem ser compreendidos a partir de seu contexto de produção comumente associado aos privilégios de seus/as escritores, seja pela posição social ou pela aceitação de suas obras em escolas, por exemplo.

Desse modo, a construção narrativa de Conceição Evaristo e seu processo de reconhecimento, movimenta os padrões da escrita como uma forma de insubmissão, e só foi possível pelo contexto social brasileiro. Hoje, por exemplo,

---

<sup>36</sup> Sobre o termo e a construção dos cânones literários no Brasil ver: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

ampliou-se o número de pessoas que se identificam como negras<sup>37</sup>, cresceu o número de pessoas negras que chegam a cursos de graduação e os concluem<sup>38</sup>, e essas pessoas apresentam uma forte movimentação de mercado. Importante frisar que as produções de Conceição Evaristo não devem ser vistas como prioridade ou destinadas às pessoas negras, mas o procedimento de seu reconhecimento possui estreita relação com o processo de construção identitária desses grupos. Para a população branca, a disseminação das obras da autora tende a agir como contribuinte para a formação de uma educação que promova as relações étnico-raciais, um movimento oportuno para a luta antirracista, aos modos do que Grada Kilomba sugere, pois, ao invés da pergunta moral: “Eu sou racista?”, como indica Kilomba, “[...] e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: ‘Como eu posso desmantelar meu próprio racismo?’ Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo” (KILOMBA, 2019, p. 46).

Nesse aspecto, a circulação de obras produzidas por escritores/as negros/as e que tratem de forma valorativa da história e cultura africana e afro-brasileira são fundamentais para a formação do letramento racial.

### **1.3 Literatura e sujeitos negros: a necessidade de uma afirmação**

A colonialidade do saber foi responsável por toda a estruturação do campo acadêmico. Como pensamento privilegiado, agiu de forma intensa na constituição dos cânones literários e de sua aceitação, tendo em vista que, nesse processo, a valorização de um modelo eurocentrado serviu para embasar a negação ao pensamento de grupos minorizados, tais como a população negra e indígena. Assim, ao tratar do campo literário, mesmo que distintas produções partissem de narrativas construídas por pessoas negras ou que proporcionassem visualizar o protagonismo de pessoas negras na história, o ideal eurocêntrico serviu como uma espécie de padrão universal.

---

<sup>37</sup> Com base no resultado prévio do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2022, tínhamos no Brasil 207.750.291 habitantes, ainda não estão disponíveis dados com maiores detalhes. Contudo, com base na pesquisa de amostra realizada em 2019, 56,2% da população brasileira se autodeclarava negra. Fontes: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

<sup>38</sup> Parte desse resultado corresponde às políticas públicas de acesso e permanência ao ensino superior, entre elas, a Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas para o Ensino Superior, que garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades e institutos federais. Esse exemplo pode ser percebido a partir do que Boaventura de Souza Santos (2022) nos leva a refletir sobre as tentativas de curar as feridas provocadas pelo colonialismo.

Para Lizandro Carlos Calegari (2013), diante de um longo processo histórico existiu uma revisão epistêmica que proporcionou a valorização de grupos que haviam sido marginalizados, tanto na história quanto na literatura. Para o autor, por um longo período tivemos a exclusão de grupos, “[...] (não brancos, mulheres, homossexuais, pobres), devido a necessidade de atender aos interesses dos grupos dominantes, agora, com a virada metodológica, não desancorada de condicionamentos sociais e históricos, passou a abrigar vozes dissonantes” (CALEGARI, 2013, p. 12). Entretanto, devemos lembrar que essa mudança não se consistiu apenas nas narrativas sobre os grupos minorizados, mas por meio de abertura de possibilidades, valorizando produções que partem de narrativas oriundas desses grupos. As produções da população negra integram esses trabalhos e ganham destaque não apenas por partirem de suas criações, mas pela centralidade das personagens e sua construção discursiva em que o protagonismo emerge como um efeito de mudança, até mesmo na cor das personagens, que exala pertencimento.

Eduardo de Assis Duarte (2014), ao se autoquestionar se literatura tem cor, indica que sim, pois, conforme suas análises,

Porque cor remete a identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes (DUARTE, 2014, p. 09).

Com isso, a literatura promove um processo de afirmação de um eu que se anuncia como pessoa negra como uma crítica ao processo de exclusão, mas ao mesmo tempo, como um rompimento epistemológico, exige corpos negros que se autoidentificam com sua cor, história, cultura e ancestralidade. esse fator influencia fortemente em seus/as leitores/as, pois como uma afirmação do que antes fora negado, como indica Duarte, “[...] subverte imagens e sentidos cristalizados”, age na formação de um eu anunciador negro, em que a autoria é constituída por um sujeito negro e que move leitores/as que irão identificar-se como. Ou, como indica Berndt, “[...] a proposta do eu lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio” (BERNDT, 1988, p. 77).

Ainda em relação às considerações de Duarte, ao promover uma análise sobre o uso dos termos negro, literatura negra, afrodescendentes e literatura afrodescendente, o autor discute como, nas narrativas produzidas por e que versam sobre a população negra, foram sendo incorporadas tais palavras como formas de expressar o termo em seu uso político, de anúncio e afirmação como sujeito negro, e mais recentemente, em especial ao termo literatura afrodescendente, como forma de englobar outros aspectos sociais que envolvem a história, cultura e reconhecimento desses grupos. Duarte adverte ainda que muitas obras literárias, ao utilizarem o uso do termo negro, proporcionaram o reforço da concepção pautada no exotismo. Desse modo, como indica o autor,

[...] vejo o conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo ‘negro ou mulato, como queiram’, de Lima Barreto – quando o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Souza, Patrício, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isso mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária (DUARTE, 2014, p. 20).

Ao destacar alguns dos/as escritores/as que construíram personagens negras, Duarte sugere o uso conceitual de literatura afro-brasileira como forma de transitar pelas distintas personagens e de perceber como suas histórias são constituídas. Desse modo, as narrativas expõem, por meio da literatura, as relações sociais que atravessam as construções identitárias. Um esforço que não instiga apenas a análise das narrativas literárias, mas confere como a realidade social dos/as escritores/as atua na configuração da trama e sua condução para a leitura do real/ficcional e sua interpretação e uso social desejados.

Diferente do que sugere Duarte, compreendo as contribuições de ambas as discussões, tanto do uso do negro como afirmação política, como das possibilidades analíticas em torno do uso conceitual do termo literatura afro-brasileira. Contudo, parto do uso conceitual do termo literatura afrodiaspórica, por acreditar que, por meio dela, posso perceber o movimentar-se de Conceição Evaristo em diferentes escalas temporais, transitar na ancestralidade, no passado, tanto marcado pelas mazelas como nos momentos de união, pertencimento e reconhecimento do grupo de origem,

de um passado em movimento que age na escrevivência da autora, na constituição do ficcional sustentada por sua leitura social do passado e suas permanências no presente.

Petrônio Domingues (2021), em "*Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da história e literatura*", assinala que diáspora significa dispersão, comunidade local espalhada, e diz respeito ao local de origem, seja ele deixado por opção ou obrigado. Esse ponto faz remeter à perda e busca das origens. Marcado por tensões entre Estado-Nação, o termo nos remete às questões transnacionais, em que distintos sujeitos circulam o globo por variados motivos, sejam eles políticos, sociais ou econômicos, por exemplo. Movimentação que faz as pessoas viverem em um translugar, onde o lugar em que vivem no presente não rompe com o passado das origens, dos laços estabelecidos. Um viver que se faz na encruzilhada, nas fraturas de diferentes tempos e espaços. Domingues, quando se refere ao termo diáspora negra, comenta que,

[...] este é baseado na dispersão global (de maneira voluntária ou não) dos africanos durante toda a história, o que passa pela experiência do tráfico transatlântico, da escravidão, do pós-emancipação, da migração, como também das consequências destes processos de desterritorializações, deslocamentos e mobilidades na vida dos africanos (e afrodescendentes) que engendraram uma identidade cultural no exterior baseada tanto na origem e condição social, quanto na volta (física ou imaginária) para a terra natal. Desse ponto de vista, a diáspora negra assume a feição de um fenômeno dinâmico, fluido, movediço e complexo que abarca tempo, geografia, classe e gênero e corpo (DOMINGUES, 2021, p.12).

Essa descrição nos instiga a partir de uma análise diaspórica, na tentativa de construir novas alternativas analíticas, ou, como sugere Mignolo, promover um pensamento liminar. O rompimento epistêmico com as narrativas sustentadas pelo eurocentrismo, por meio da literatura afrodiaspórica, torna possível, de outras formas, perceber e interpretar as motivações, comoções, identificações culturais arraigadas à ancestralidade em um espaço e tempo movediços, em que se misturam as transmissões culturais, as experiências imaginadas ou até mesmo desejadas. Nesse sentido, as análises que partem da literatura diaspórica auxiliam na interpretação do pensamento transatlântico que se faz como resistência aos projetos coloniais, como exhibe saberes que se movem. Para Domingues,

O que perpassa a literatura afrodiaspórica é, amiúde, uma alusão à memória do cativo e da liberdade, memória que se inicia na África com a perda, atravessa a ruptura e fragmentação e continua no processo transatlântico de reconstrução; um movimento sem fim de estruturas de sentimento, produção e comunicação de formas culturais estereofônicas e bifocais, cuja origem é enraizada de maneira flutuante e sua natureza é rizomática (DOMINGUES, 2021, p. 13).

Não por acaso a literatura afrodiaspórica evoca esses entrelugares, no tempo e no espaço. Ao partir das lembranças, ou efeitos da escravidão, ela assume o compromisso de reforçar os vínculos com o passado, não o escravista, mas aquele de sua origem, da cultura e ancestralidade africana. Quando, sob os efeitos de uma memória traumática movida pela escravidão, seja ela experienciada ou manifestada nas configurações sociais do presente, atua como uma exigência de políticas de reparação histórica. De tal maneira, a literatura afrodiaspórica assume o compromisso de construção e reforço das identidades sob o interesse de que os problemas do passado e sua extensão no tempo sejam encarados para a busca de uma justiça de responsabilidade. Como destaca Domingues, a literatura é o meio,

[...] apropriado para a sedimentação da memória em consciência coletiva – têm como objetivo revelar nas e mediante as ruínas do passado as possibilidades de transformação e reparação do eu-enunciador afrodescendente no presente, em vista da (re)conquista da humanidade usurpada (DOMINGUES, 2021, p. 13).

Nesse ensejo, Conceição Evaristo toma posição como autora que reivindica seu lugar de intelectual e escritora por anos negligenciado, e a importância de sua escrita não apenas para integrar a literatura brasileira, mas como uma forma de lutar pelo direito dos seus, daquelas pessoas oprimidas no passado e no presente (da escrita), como uma forma de não deixar impunes as injustiças que atingiram a população negra. Para a autora,

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como 'cabeça' da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus

poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (EVARISTO, 2007, p. 20).

Conceição Evaristo, em sua escrevivência, com seu brutalismo poético, expõe problemas sociais que atingiram o passado da população negra, em especial as várias referências feitas ao tempo do cativo, ao passado escravista, ao abolicionismo e ao desenrolar de novas formas ou manutenção da escravidão. É nessa literatura diaspórica que a autora cria ou simplesmente observa o mundo a sua volta, de personagens envolvidos em uma complexidade social, um translugar entre real e ficcional materializado por meio de suas narrativas críticas e imersas em novas expectativas. Assim, sem reduzir a condição de escravidão, Conceição Evaristo promove a leveza em encontrar-se com os seus, identificar-se com os seus em meio ao corpo, cultura e história das personagens protagonistas. Uma escrita de existência e resistência, em que o mundo dado a ler institui significados, sentidos e formas por meio da representação narrativa.

Ainda segundo a autora, por meio de sua escrevivência da qual fazem parte suas memórias/experiências, que instiga a reforçar os laços com a ancestralidade africana, Conceição Evaristo destaca que,

[...] o contínuo de uma africanidade na diáspora vai ser possibilitado pela força da memória coletiva, que, mesmo rasurada, permite ao africano e a seus descendentes a manutenção de um patrimônio simbólico herdado do continente africano. É pela força da memória que o sujeito afrodiaspórico pode se reconectar com o território, seu ponto de origem (EVARISTO, 2021, p. 26).

Desse modo, a narrativa da autora não representa um eu sozinho. Sua escrevivência permeia distintas histórias que nos são contadas como resultado de um constructo social coletivo, seja de seu avançar em meio ao campo intelectual e acadêmico, seja pelo exercício de escrita para oportunizar que as distintas histórias se façam por e para o coletivo, para estabelecer ou reforçar o vínculo com os seus e as origens. Sendo uma pensadora social brasileira, Conceição Evaristo, com uma análise social, assume posição e forma como meio de direcionar as observações em um mundo que é dado a ler, a ser interpretado. Por meio de suas escrevivências, sob a posição de narradora, espera que o conjunto social seja constituído por meio de sua posição racionalizada com o interesse em intervir no real. Ou seja, a capacidade de

intervenção social. Nesse sentido, Conceição Evaristo assume sua postura crítica ao real com a possibilidade de intervenção.

Nesse ponto, tal como nos indica Conceição Evaristo, a escrevivência contribui para romper com as narrativas e histórias de grupos que foram minorizados. Como indica a autora,

Sendo o discurso literário uma criação autônoma – uma vez que não é nem um discurso religioso, nem histórico, tampouco um discurso educacional ou outro qualquer -, justamente por sua autonomia, por não ter bordas demarcadas, definidas, a literatura pode dialogar, conter em si, confrontar todos os outros discursos. Pode confrontar a história oficial criando outra versão para um fato ocorrido. Pode inaugurar acontecimentos novos vividos somente no universo da ficção e, com isso, alimentar a dignidade do povo (EVARISTO, 2021, p. 36).

Desse modo, Conceição Evaristo toma um espaço que é seu por direito e, ao mesmo tempo que provoca uma insubmissão à ordem historicamente construída, reivindica tanto seu espaço como a abertura de novas histórias possíveis aos sujeitos/personagens narrados em suas histórias.

Como já comentado, tivemos ao longo da história narrativas que movimentaram o mercado editorial brasileiro que por anos esteve atrelado ao modelo eurocentrado, com produções de homens brancos, constituíram o imaginário social. Assim, o mundo dado a ler foi construído por meio da exclusão, da seleção de uma história e povos em detrimento de outros, da formulação de um conjunto de elementos que sustentaram toda a constituição de uma representação racializada movida pelo pacto da branquitude. Sendo assim, pelo interesse em promover uma análise afrodiaspórica, destaco o pensamento de Conceição Evaristo tanto por sua valorização e reconhecimento, como pelas rupturas epistêmicas provocadas pela autora, que contribuem para a formação de um pensamento liminar, em que os sujeitos narrados possuem uma representação positiva sobre sua negritude.

Por representação racializada, Luciano Magela Roza e Isis Silva Roza, ao investigarem a intelectualidade de Lélia Gonzalez, exploram o termo como um conjunto analítico proporcionado pelas análises de Gonzalez sobre a situação e representação das mulheres no Brasil. Ao levantarem o termo como proposta analítica, Roza e Roza, compreendem por representação racializada,

As formas de perceber, ler e interpretar elementos objetivos e subjetivos relacionados à indivíduos e à coletividades nas quais elementos de ordem étnico-raciais são colocados em evidência para a construção de representações, sendo que, tais elementos podem ser organizados discursivamente tanto com objetivo de estereotipar os sujeitos da representação, como para a criação de contra narrativas à tais estereótipos, evidenciando que a produção e reprodução de representações trata-se de um campo de disputa simbólica acerca de como imaginamos e damos sentido à vida social e seus agentes em diferentes temporalidades (ROZA; ROZA, 2021, p. 276).

Como apontado, na literatura essa racialização pode ser percebida como a representação sobre a população negra marcada pelo processo colonialista de dominação, que envolve desde a destituição da terra, dos saberes e do reconhecimento de si. Portanto, romper essa ordem nos leva a refletir sobre alternativas de representar o/a sujeito negro, tal como faz Conceição Evaristo. Um letramento racial que visa promover uma leitura diaspórica da história, cultura e corpo dos sujeitos negros e auxiliar no processo de (re)construção identitária.

De tal maneira, como nos indicam os estudos de Gonzalez (2020), Carneiro (2011) e Bento (2022), as narrativas históricas contribuíram de diferentes maneiras para reforçar a posição da suposta superioridade da população branca como uma forma de marcar, qualificar e classificar a população negra a partir da raça. Por meio de distintos dados e estudos, as autoras destacam os efeitos negativos desse processo, uma configuração social que agiu de forma intensa no processo de exclusão das pessoas negras e serviu para desumanizá-las, como indica Gonzales (2020), com marcações corpóreas marcadas pela exclusão imposta em conjunto pela imposição de padrões de beleza. Ou, como destaca Bento (2022), pela ação negativa na formação de sujeitos que não se percebem como negros. Ou, ainda, pela desigualdade salarial e de qualificação profissional como indicado por Carneiro (2011), em que as pessoas negras, em especial as mulheres, estão mais à margem das condições econômicas.

Diferentemente da narrativa colonizadora, nas escritas valorativas da negritude, assim como em Conceição Evaristo, temos a afirmação positiva por meio de um/a eu narrador/a negro/a. Não como sujeito subalterno e que jamais poderá sair dessa subalternidade, mas de um eu enunciador imposto em suas personagens que provoca a representação da população negra como protagonista nas histórias, que provoca os questionamentos apontados por Woodward (2014), como mencionado anteriormente (Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?). Nesse

processo, a representação e a percepção dos sujeitos, por meio da literatura de Conceição Evaristo, assumem uma estética corpórea de reconhecimento para construção valorativa da identidade de seus/as leitores/as e tornam-se instrumentos fundamentais como um processo político de reparação histórica por todo o processo de exclusão social e da/na literatura.

Com base nessa posição, Conceição Evaristo destaca-se também pela conquista de um processo valorativo que tanto age como caminha para reconhecimento do eu narrador que quer ser visto como negro, e de personagens que, como um processo de letramento racial, estimulam o/a leitor/a a imaginar outros corpos possíveis que não sejam aqueles estigmatizados pela posição negativa da escravidão e do racismo. Desse modo, a desconstrução do/a leitor/a age em torno de sujeitos negros e não negros, por meio do questionamento e desnaturalização daquilo que está posto como normal na sociedade, seja ela real ou ficcional. Assim, como um processo educativo, a representação da negritude como forma positiva coaduna com a busca de construir outras formas de narrar o/a negro/a, de fazer com que leitores/as desconstruam narrativas homogeneizantes que por anos foram lidas, mas não se percebia como elas havia sido constituídas de forma racializada, em que o ser negro oscilava entre a forma pejorativa ou reduzido à exploração.

Nesse sentido, a partir da observação da literatura diaspórica, é possível perceber como o pensamento social de Conceição Evaristo circula entre a crítica social, o encontro com a ancestralidade e a reivindicação de novas experiências e narrativas de si e sobre os seus. Assim, a memória da autora que perpassa a narrativa e constrói a vida de suas personagens assume um papel político de imposição, afirmação e reconhecimento, em que as lembranças do passado, vivido ou herdado, assombram a escrita da autora como uma forma de libertar a si e os outros. Vejamos no próximo capítulo as narrativas da autora.

## CAPÍTULO 2

### **As escrevivências da Memória, História e narrativas: entrelugares narrados e experienciados em um passado em movimento**

Objetiva-se neste capítulo discutir como as produções de Conceição Evaristo, a partir das obras selecionadas, apresentam o mundo dado a ler repleto de sentidos e significados que conduzem os/as leitores/as a perceber tanto as inquietações da autora mergulhadas em suas escrevivências, como indicam caminhos para compreendermos outras formas de olhar e perceber o mundo. Assim, neste primeiro momento, investigo a construção literária de Conceição Evaristo a partir da noção conceitual de diáspora. Em seguida, analiso as obras com o objetivo de compreender como a ancestralidade serve de fio condutor para mover a narrativa da autora e conduzir as histórias narradas/espelhadas/recordadas e/ou memorizadas.

#### **2.1 Das memórias às histórias: entrelugares de disputas afirmativas**

Grada Kilomba (2019), em *“Memórias de plantação”*, inicia seu livro com a reflexão do poema de Jacob Sam-La Rose, no qual o escritor se autoquestiona sobre os motivos de escrever. Como um reconhecimento do poder da escrita, a afirmação do poema de que, “Por que minha voz em todos os dialetos, têm sido calada por muito tempo”, serve de inspiração para a autora refletir sobre sua trajetória e a semelhança com a história de tantas outras pessoas que foram silenciadas. Para Kilomba, os versos dizem sobre “[...] uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes” (KILOMBA, 2019, p. 27). Assim, o ato de escrever e poder contar sua própria história age como forma de tornar-se em especial negro, em que o eu narrador/a e o/a leitor/a que se identificará com a história sairá da condição de objeto e se tornará sujeito. Uma imposição ao silenciamento e todo o projeto colonialista que perpassa a dominação do outro em meio a instituição do ser, saber e de sua existência aos corpos colonizados. Desse modo, a escrita marca um processo de ruptura, conhecimento e reconhecimento que auxilia a reparação histórica.

Por reparação histórica por meio das narrativas, Kilomba indica que,

Reparação, então, significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Nesse sentido, esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios (KILOMBA, 2019, p. 46).

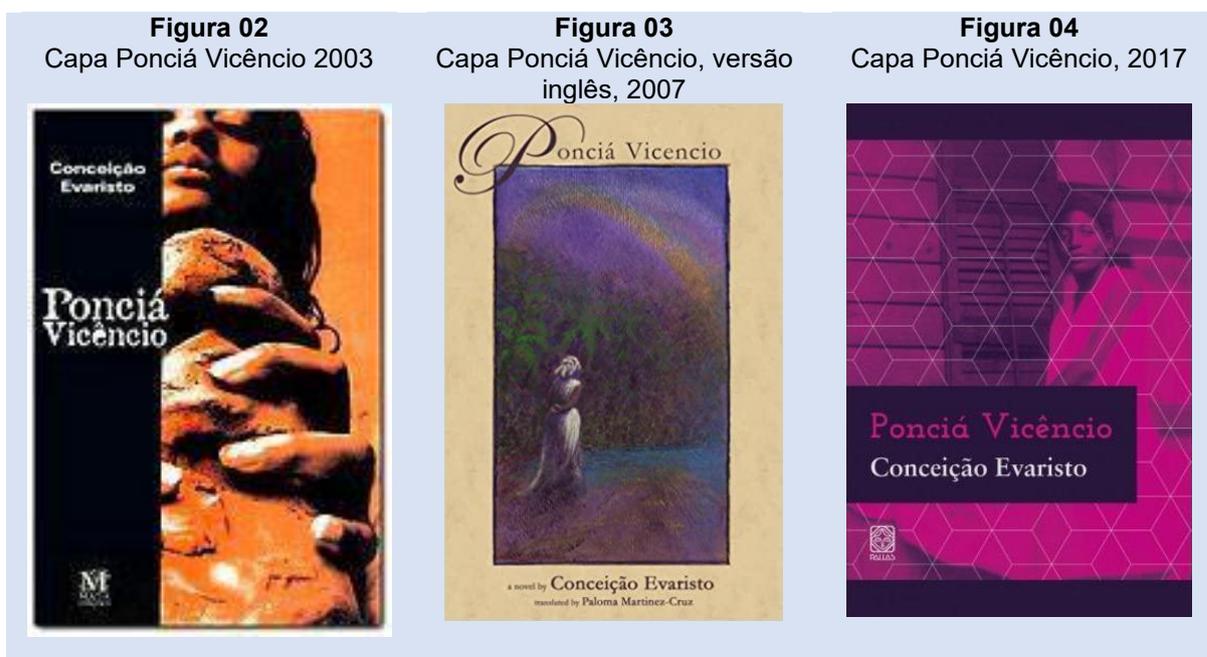
Nesse caso, negociar significa afirmar-se em espaços que antes foram proibidos de serem circulados, narrados ou experienciados. Como um ato de rebeldia, a escrita de autores/as negros/as em que as personagens são protagonistas negros/as serve como uma imposição ao modelo colonialista e uma afirmação de um pensamento afrodiaspórico, em que os sujeitos negros possam se reconhecer e exigir o reconhecimento de novas formas de interpretar o mundo, pois, como negros/as, não possuem as mesmas experiências que brancos. Como destaca Kilomba, “[...] devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente” (KILOMBA, 2019, p. 54).

Estudos como o de Gomes (2006), sobre o corpo e cabelo como símbolos da identidade negra e de Luiz Felipe de Alencastro (2014), sobre as políticas de cotas no ensino superior, exploradas também por Bento (2022) e Domingues (2018), por exemplo, sendo guiados/as a partir de distintos problemas que atravessam a população negra, demonstram diferentes interfaces de reflexos das políticas de reparação histórica. Caminhos que são abertos para oportunizar o avanço da população negra em espaços que por anos lhes foram negados, do acesso e manutenção no ensino superior, em distintas profissões, nas tomadas de decisão, na valorização de uma estética corporal e reconhecimento e identificação positiva de uma identidade negra. Contudo, como destaca Bento (2022), tais avanços não impedem a existência do racismo.

Conceição Evaristo, como intelectual negra, movimenta-se em meio à reparação histórica. Suas narrativas promovem um olhar crítico sobre a sociedade com a intenção de intervenção. Sua escrevivência investe na análise social que parte de suas experiências e interferem na configuração social a partir das relações de classe, gênero, raça e de outras marcações sociais que transitam entre o eu e as origens. Ou seja, a autora promove uma literatura diaspórica em que as outras formas de narrar a vida e experiências de personagens agem na construção de um

pensamento liminar, reconfigurando histórias, narrativas e abrindo novas possibilidades de viver e existir como sujeito negro.

Por meio da análise das obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'Água*, selecionadas para esta pesquisa, é possível perceber e compreender como a autora promove a literatura diaspórica, do processo de conhecimento, reconhecimento e valorização da história, cultura e diálogo com as origens. Junto a essa negociação que visa romper com todo o processo colonialista, a leitura e disseminação das obras de Conceição Evaristo contribuem, ainda, para a construção do letramento racial, desde o reconhecimento (e conhecimento sobre) a autora, personagens e associação delas com o cotidiano, conexão essa iniciada desde o contato visual com as obras, como pode ser observado a seguir.



Como apontado na introdução deste trabalho, o livro *Ponciá Vicêncio* teve sua primeira edição em 2003, publicado pela editora Mazza, como pode ser observado na Figura 02, “Capa Ponciá Vicêncio 2003”. Com o reconhecimento internacional, suas obras foram traduzidas e publicadas no cenário internacional. Trago como exemplo na Figura 03, “Capa Ponciá Vicêncio, versão inglês” tendo sido publicada em 2007, nos Estados Unidos, pela Editora Host Pubns. Por fim, a quarta figura corresponde à segunda edição brasileira, publicada pela editora Pallas, em 2017, e que serve para análise neste trabalho. Mesmo que a atenção desta análise priorize a última edição, trago as três capas do livro de *Ponciá Vicêncio* como forma de demonstrar, a partir

delas, como é promovido um letramento racial, em que, por meio das imagens, uma pedagogia visual é acionada, sendo ampliada junto à leitura da obra.

Temos na primeira edição a imagem de uma mulher trabalhando com o barro, uma forma de representar a atividade desenvolvida por Ponciá enquanto morava com sua família. Ponciá, desde a infância, aprendeu a desenvolver objetos feitos com barro. Como mulher negra e artesã, foi a forma encontrada de contribuir no sustento da família, já que o pai e o irmão, mais novo que ela, trabalhavam na roça do coronel Vicêncio, e “[...] a mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam” (EVARISTO, 2017, p. 70). A imagem tem um caráter ilustrativo, com forte conotação simbólica pela valorização de Ponciá, por ser uma mulher ativa, uma vez que, mesmo diante das mazelas da escravidão e do racismo que circundam sua vida, o protagonismo da personagem é constantemente destacado pela busca de melhores condições, tanto quando morava no campo, como posteriormente à morte do pai, quando aos 19 anos busca a vida na cidade para melhorar a sua condição, da mãe e do irmão.

Na segunda capa, referente à edição em inglês, temos uma imagem que é fácil de ser confundida com um quadro. A centralidade da imagem está na travessia, no vazio e extenso caminho que a mulher tem a seguir. Ponciá, representada na capa, é uma mulher negra, pele mais escura que a da capa da primeira versão, seu vestido e lenço amarrado na cabeça estabelecem um estreito diálogo com as origens<sup>39</sup>. Um simbolismo que se expressa a travessia de Ponciá, na imagem que apresenta a mulher com as mãos nas costas, que sai da vida no campo e busca arriscar na vida urbana, na tentativa de juntar dinheiro e buscar os seus. Um jeito de andar que gerou um susto na família, já que, desde criança, Ponciá andava como o avô que havia ficado cotôco. Assim, Ponciá atravessa a vida de forma semelhante ao avô, desde

---

<sup>39</sup> A indumentária da população negra está atravessada pela imposição desigual como forma de reforçar a distinção social entre brancos e não brancos. Ao longo do tempo, junto às roupas geralmente brancas destinadas à população negra, foram sendo implementadas cores, fitas e demais adereços, comuns à cultura portuguesa, assim como o uso de cores variadas, tradicionalmente utilizadas nos países de origem africana. Sobre o assunto ver: CARMO, Sura Souza; VIEIRA, Flávia Cristina Costa. **Intersecções entre gênero, raça e trabalho**: o vestir-se das negras de ganho no século XIX. *Veredas da História*, v. 13, n. 2, p. 100-125, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47435> Acesso em 01 de março de 2023. SUGUIMATSU, Isabela Cristina. **Atrás dos panos**: vestuário, ornamentos e identidades escravas: Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

sua infância até os devaneios de adulta, manifestando o laço estabelecido com seu ancestral.

A solidão expressa na imagem, seguindo sozinha e/ou desconsolada, leva o/a leitor/a ainda a pensar na possibilidade de a capa retratar o momento quando volta ao campo para saber notícias da mãe e do irmão, já que anos se passaram e, mesmo sem condições de ajudar a família, retornou para a casa de origem, onde encontrou apenas as memórias de um passado que, por mais difícil que fosse, parecia ser menos sofrido, mais confortável que a vida no presente. Ali se faziam as memórias da infância. Alusão ainda pode ser estabelecida ao arco-íris ao fundo, do qual tinha medo, pois, “[...] diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino”. Assim, à espera do arco-íris sumir, ficava horas e horas no rio. Depois disso, “[...] juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda” (EVARISTO, 2017, p. 13). Desse modo, por meio da imagem da capa, é expressa a passagem de Ponciá por um caminho incerto, por um horizonte em que tanto o percurso e o ponto de chegada são difíceis. Quem dera chegar.

Ao observar a capa referente a edição de 2017, produzida por Túlio Oliveira, a imagem permite traçar o entendimento que explora o imaginário de uma vida na cidade. A mulher, uma negra retinta, observa o/a fotógrafo/a com um olhar triste e disperso. Repousam sobre a imagem os sentimentos de tristeza, angústia, solidão e perda de esperanças pela longa trajetória de desumanização à qual foi submetida. Da difícil vida no campo, principalmente da extensão da escravidão que a prendia, “[...]na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio”, ao qual seus avós haviam sido escravizados. Da amargura em viver na cidade, quando, aos dezenove anos, depois de horas no trem, apenas com uma trouxa de roupas e um pedaço de broa, do café minguado e da rapadura para lamber, teve mendigos como companhia na porta da igreja a qual havia lhe fechado as portas. Quando conseguiu trabalho, a solidão se fez presente, não tinha companhia. Contudo, quando teve a oportunidade de conseguir comprar um barraco, a surpresa: a vida havia lhe trazido alguém que lhe batia, fez sangrar e perdeu a vontade de ler. Já sem esperanças, nesse tempo, como narra Conceição Evaristo,

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre o seu rosto, outras vezes

eram tão doces, tão amenas as recordações, que de seus lábios surgiam sorrisos e risos (EVARISTO, 2017, p. 79).

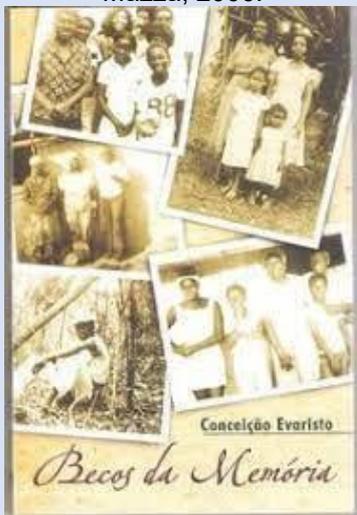
A partir da imagem estampada na capa, é essa a condição de Ponciá a ser imaginada. Uma representação que é explorada no decorrer da obra, em que o protagonismo da personagem é permeado pela tentativa em viver uma vida mais justa, de escapar das mazelas da escravidão que ainda a assombram, seja pela origem de seu nome ou pelas amarras do racismo que a tornam invisível quando precisa de apoio e suporte, mas são facilmente visíveis quando é para diminuí-la, desumanizá-la. Um indicativo da tonalidade da pele como uma régua delimitadora do que os sujeitos podem percorrer. Alessandra Devulsky (2021) tece críticas sobre os efeitos do colorismo imposto pela miscigenação. Para a autora, dadas as diferentes tonalidades da pele negra, “[...] só a partir do momento em que introjetamos a ideia de que somos percebidos por brancos de maneira diferente, e isso se transforma em um fato, como o código da sociedade, que passamos a nos enxergar como negros” (DEVULSKY, 2021, p. 31).

Estabeleço esse exercício para, por meio das imagens utilizadas nas capas, indicar minha percepção sobre o caminho percorrido por Ponciá. As imagens contribuem para indicar quem é Ponciá Vicêncio, para construir um imaginário sobre a personagem, que, como a própria autora já afirmou, “[...] às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato de escrita” (EVARISTO, 2017, p. 06). Como um emaranhado de vivências, sejam suas ou daquelas/as que a acompanharam em sua trajetória, Ponciá tem sua história narrada desde o momento em que se toma o livro em mãos. Entretanto, ao estabelecer comparativos com as imagens utilizadas nesses três exemplares, pode-se observar que, da mulher negra de pele clara, Ponciá assume uma imagem de mulher negra retinta, processo que provoca o letramento racial e que, ao mesmo tempo, envolve um o reconhecimento da valorização estética corpórea da população negra, como aliás assinala enfaticamente Conceição Evaristo em sua escrita. Assim, passados 20 anos desde a primeira edição de Ponciá, os efeitos do letramento racial, da política de valorização da história e cultura africana e afro-brasileira propostas pela Lei 10.639/2003 estão imersos na produção, circulação e consumo das obras de Conceição Evaristo. As capas nos provocam novas sensibilidades, uma pedagogia visual de reconhecimento.

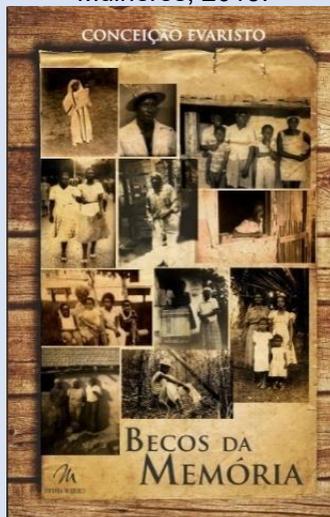
Em relação à obra *Becos da Memória*, temos as seguintes capas:

**Figura 05**

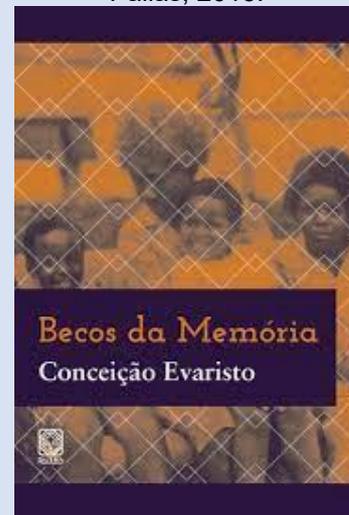
Becos da Memória, Editora: Mazza, 2006.

**Figura 06**

Becos da Memória, Editora Mulheres, 2013.

**Figura 07**

Becos da Memória, Editora Pallas, 2013.



Afeto, solidariedade, alegria, festividades, companheirismo, recomeço, colo da avó, infância, cuidado, carinho, vivências, são essas algumas das palavras despertadas por meio do conjunto de imagens que estampa *Becos da Memória* e conduzem o/a leitor/a para adentrar em meio aos becos experienciados/reconstruídos por Conceição Evaristo. As imagens, que servem como um dispositivo para acionar lembranças, lampejam faíscas de esperança em meio a tantas histórias de dor, sofrimento e demais angústias de quem corre para sobreviver em meio à precarização de viver na favela. Diferentemente das demais obras, as imagens fazem parte do acervo pessoal da autora<sup>40</sup>. É por meio de fotografias de amigos, familiares, conhecidos, ou melhor, dos seus, que a narrativa da obra é despertada, dada a ler e a ser interpretada. São as memórias ativadas na escrevivência da autora que servem como fio condutor de todas as tramas, nas quais as 92 personagens se movimentam e dão vida ao cotidiano da favela. Ao mesmo tempo em que constroem novas experiências, revivem as memórias do passado. Quanto mais distante do campo, mais próximo daquelas lembranças em meio aos becos, que não hesitam em exprimir os desejos e angústias dos sonhos e esperanças muitas vezes frustrados ou interrompidos pela fome, doença, pela precarização da vida.

<sup>40</sup> Em fevereiro de 2023 enviei um e-mail para a escritora na tentativa de obter maiores informações sobre as imagens, mas não obtive resposta.

As três edições possuem o mesmo conjunto de fotografias. Nas duas primeiras, a ênfase da capa enfatiza uma coletividade, momentos variados da vida que, registrados, materializaram-se em diferentes tempos e espaços que, como capa de livro, transitam em diferentes mãos, nem todas possuindo a experiência de ser negro, pobre, morar na favela, passar fome. Ou talvez até mesmo de outros sentimentos, como de viver em coletividade, de famílias extensas, ter irmãos e/ou irmãs, de brincar na rua, de construir seus próprios brinquedos, dentre outras lembranças ou ausências instigadas pelo olhar. Imagens que, em sua maioria são posadas. O momentâneo dificilmente seria gravado, dadas as condições fotográficas da década de 1980, principalmente do uso do filme fotográfico, que muitas vezes exigia que fosse reunido o maior número de pessoas, para que, com a sorte da revelação fílmica, ficassem arquivadas por meio daquele registro. Ou seja, de certo modo as imagens utilizadas nas edições de *Becos da Memória* apresentam pessoas que pausaram o que estavam fazendo para posar para a fotografia. Assim, sem a possibilidade de registrar o movimento, as imagens despertam ainda mais as recordações sobre aquele dia ou o que se fazia no momento da foto. Para os/as leitores, cabe a imaginação, criação, reinvenção, ou a tentativa de descobrir uma suposta relação entre quem estampa as capas e qual personagem seria (ou corresponde) na história.

Diferentemente das duas primeiras, *Becos da Memória*, na edição de 2017, centraliza na capa a imagem de uma senhora rodeada por crianças. Uma delas, talvez a mais nova do grupo, está sorridente no colo de quem aparentemente representa ser sua avó. Afirmção que fica ainda mais instigante quando, logo na primeira linha da obra, é informado que “Vó Rita dormia emolada com ela”. Em continuidade, Maria Nova, a menina de 13 anos que adentra os becos, passa a narrar as memórias, a cruzar suas experiências com os/as demais moradores/as, intensificando ainda mais a aproximação entre as mulheres, como Vó Rita e Maria Velha. Avó nem sempre é significado de parentesco de sangue, sendo recorrente que as mulheres mais velhas, aquelas que não saíam mais para trabalhar fora, cuidassem das crianças das demais que se ocupavam, principalmente, como empregadas domésticas, ponto esse que será discutido mais detalhadamente no capítulo quatro.

Ainda em relação às imagens, além da capa de frente, no verso e contracapa é exposto o conjunto de 22 fotografias, sendo elas:

Figura 08

Capa Becos da Memória verso

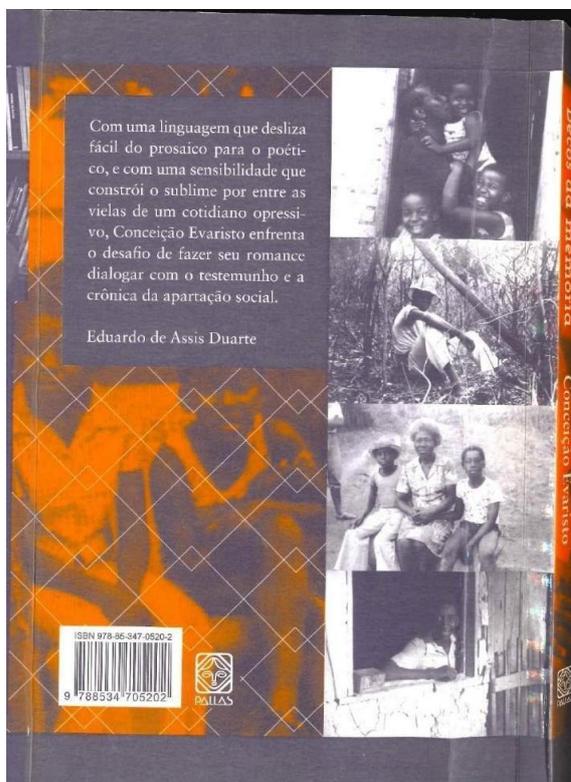


Figura 09

Contracapa Becos da Memória frente

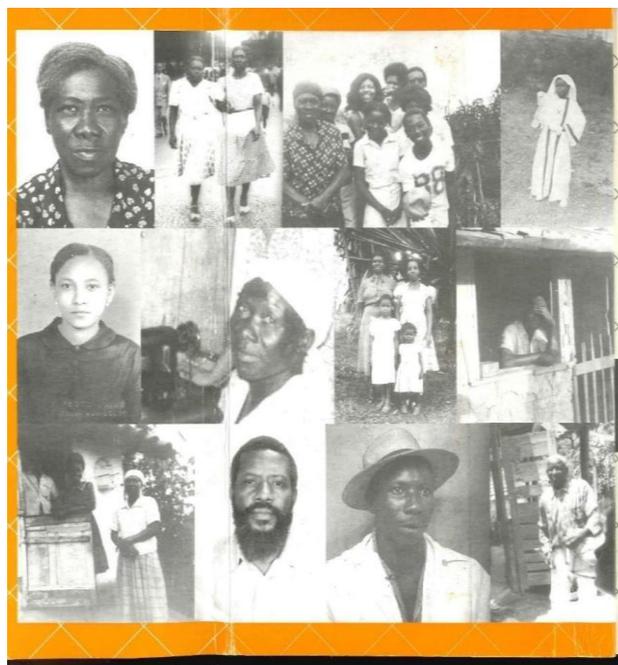


Figura 10

Contracapa Becos da Memória verso



Ao serem disponibilizadas as imagens do acervo pessoal da autora para a confecção das capas, além do caráter interpretativo, ilustrativo ou como representação da história, essas fotografias amplificam o poder de sua escrevivência, da construção analítica entre a ficção e o real. Por meio de linhas que não são tão imaginárias assim, Conceição Evaristo expressa o mal-estar de uma situação humana e de um passado que atravessa o tempo. Nesse sentido, as imagens servem como um convite para ouvir memórias compartilhadas pelo brutalismo poético que atravessa a obra. Entretanto, no fazer-se do mundo marcado por problemas, confrontos e dores, as imagens amargas do passado, vividas ou contadas pelos que vieram antes, são ressignificadas pelo coletivismo, solidariedade e relações afetivas que constroem o viver na favela. Ou seja, as pedras são lapidadas como maneira de tornar a vida mais justa. Assim, na edição de 2017, como uma metáfora visual, o colo da avó e a alegria das crianças, centralizadas na capa, servem como um convite para visitar as memórias que atravessam os becos da vida.

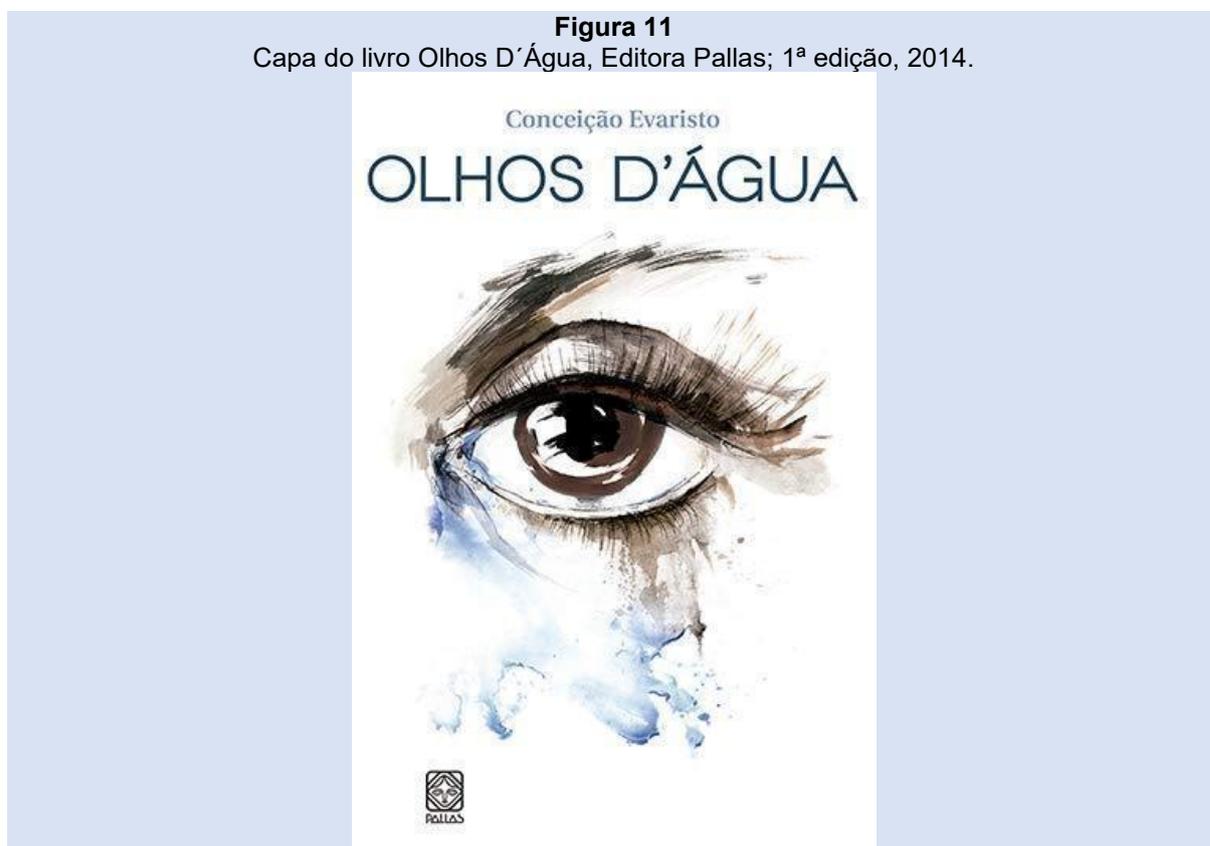
Importante destacar que a disponibilização dessas imagens para a produção visual das capas também auxilia no processo de letramento racial, conforme dito anteriormente, tanto para o reconhecimento da história pessoal de leitores/as negros/as, como para não negros/as, da servindo como forma de conduzir uma interpretação/análise sobre a vida da população negra. Ainda, em relação ao uso dessas imagens, historicamente, temos no Brasil a configuração familiar inter-racial bastante acentuada. Mesmo brancos/as, por exemplo, têm bisavós/as, avós/as, pais, irmãos/as negros. Como já destacado, o último censo demográfico realizado pelo IBGE indica que 55,8% da população brasileira se declara negra<sup>41</sup>, o que, além da urgência da efetivação do letramento racial, temos, por meio do índice populacional, um indicativo de que a literatura e os referenciais estéticos exigem a visibilidade de grupos que por anos foram minorizados. Ou seja, mesmo em maioria, tiveram suas histórias arrancadas, excluídas e negligenciadas, em um processo que interfere na aceitação de si e de reconhecimento populacional, seja para negros como para não negros pois, sendo a população em sua maioria negra, e historicamente foi se

---

<sup>41</sup> Importante destacar que esse percentual não representa a sua totalidade, tendo em vista que, ainda, muitas pessoas negras não se afirmam como negras. Entretanto, historicamente, os dados do IBGE têm apresentado crescimento no número de pessoas que se autodeclaram negras, ponto que está fortemente associado a políticas públicas para valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, da atuação do Movimento Negro e da atuação de feministas negras, que, na constante luta antirracista, atuam ativamente no processo de reconhecimento identitário (FIGUEIREDO, 2020).

constituindo o branqueamento de referenciais sociais e estéticos considerados aceitos, cabe refletirmos: Como são nossas relações sociais? Possuímos vínculos de amizade com pessoas negras? Temos e/ou tivemos professores/as negros/as? Ou, onde estão os retratos de nossos familiares negros/as? Engavetados, nas paredes ou nem mesmo registrados? Assim, desde a capa de *Becos da Memória*, temos a formação de novas sensibilidades por meio de um letramento racial visual.

Em *Olhos D'Água*, na primeira edição lançada em 2014, por meio da ilustração, a capa explora outras sensibilidades, como pode ser observado na Figura 11, a seguir,



O olhar, profundo, vazio e banhado em águas convida os/as leitores/as da obra *Olhos D'Água* a mergulharem nas profundas histórias de tristezas e alegrias que fazem saltar lágrimas dos olhos. Junto ao título, que possui o nome do conto que abre a obra, por meio da imagem ilustrativa utilizada na capa<sup>42</sup>, a escritora Conceição Evaristo explora a sensibilidade do/a leitor/a para refletir sobre as tantas histórias que enchem os olhos d'água, como para a tomada das lágrimas nos olhos

<sup>42</sup> A capa foi produzida por Aron Balmas, coordenador editorial e gráfico da Pallas Editora.

do/a próprio/a leitor/a. Com contos reunidos escritos em diferentes anos<sup>43</sup>, de forma geral, *Olhos D'Água* chama a atenção para a complexa vida na cidade, e o campo, quando narrado, serve como elemento de partida para a busca de oportunidades, do desvincular de grupos de origem, pois na cidade as relações se dão de outra forma.

O campo ainda é rememorado quando trata daquelas lembranças do tempo do cativo ou pós-abolição relacionadas ao trabalho escravo e como a vida vai se configurando em meio às favelas que predominam na narrativa da obra. Nesse aspecto, *Olhos D'Água* nos aponta uma leitura de passado, presente e futuro, como se o futuro tivesse chegado e, com um presente dado a ler e a ser interpretado, Conceição Evaristo expõe sua leitura social com um sentimento das consequências da vida no tempo.

Sobre o tempo como uma forma de conduzir o/a leitor a decifrar a vida repleta por olhos cheios d'água, Conceição Evaristo percorre a vida de suas personagens como se estivesse dividida em três momentos, sendo eles o passado escravista, o movimentar-se contra a escravidão e as mazelas do presente, em que, com olhos cheios d'água, nos apresenta essa configuração. Por meio de contos, *Olhos D'Água* expõe reflexões sobre os bisnetos e tataranetos daqueles que foram escravizados, sobre a tentativa em distrair a fome, como indica no conto de abertura e leva o mesmo nome da obra. A autora, ao narrar a história de uma família composta por mãe e filha e as lembranças dela com sua mãe, reconhece que as brincadeiras servem como um desvio da dor, de lapidação das pedras que pesam a fome, pois, como indicado no conto, “[...] desde aquela época, que a mãe inventava esses e outros jogos para distrair a nossa fome. E a fome se distraia” (EVARISTO, 2016, p. 17). E ainda, em meio às águas, o reencontro entre mãe e filha, e posteriormente com a própria filha, quando a mãe escuta, “Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2017, p. 19). Olhos repletos de água pela vida difícil, mas também movidos pelas esperanças de felicidade, pelo encontro com as origens e com a ancestralidade.

Os olhos se enchem constantemente d'água com as histórias que utilizam a escrita para denunciar a violência policial, tal como na história de Ana Davenga, já marcada pelo mundo do crime através de seu companheiro, sendo ele líder da

---

<sup>43</sup> Em levantamento realizado por Omar da Silva Lima, foi observado que os contos foram escritos em diferentes anos, identificados os anos de escrita de parte deles até 2009. Lima indica que: Di Lixão, Maria foram escritos em 1991; Duzu-Querença, Ana Davenga, em 1993; Quantos filhos Natalina teve? em 1999; Beijo na face, em 2003; Olhos d'água, Ayoluwa, a alegria do nosso povo, em 2005, e Zaita esqueceu de guardar os brinquedos, em 2007 (LIMA, 2009).

organização que tinha o controle do tráfico na região. Contudo, quando se é pobre e vive na favela, a agressão policial não é contida e bate na porta com gentileza, pedindo para entrar. Como expõe Conceição Evaristo, quando o casal é baleado, “[...] na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga (EVARISTO, 2016, p. 30). O olhar crítico e cheio d’água cai ainda nos contos “A gente combinamos de morrer”, em que, mesmo sabendo das armadilhas – ou nem sempre – do mundo do crime, meninos e meninas entram nele como forma de sobreviver. Balas e mais balas atravessam essas vidas, um/a a um/a vai tendo sua vida arrancada. Em uma mistura de personagem e escrevivência, Conceição Evaristo narra, “[...] eu sei que não morrer, nem sempre, é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas” (EVARISTO, 2016, p. 109). Assim, a autora dita o ritmo e o som da vida de como é viver na favela. Mundo acelerado pela pressa de escapar da fome, frio, violências dentre tantas outras coisas que perseguem quem vive lá. Do vazio da perda, da ausência daqueles que não estão mais ali, dos olhos lacrimejados por aqueles que foram e, ao mesmo tempo, pelos que estão, do som do coração pulsante de medo, das balas que ditam o ritmo da noite que sangra em meio a lembranças, como narra Conceição Evaristo, “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. ‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (EVARISTO, 2016, p. 109).

No conjunto desse sangrar e tendo os olhos tomados pelas lágrimas, o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” explora outras consequências do crime e da violência policial. Como indica a autora,

[...] o barulho seco das balas se mistura à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (EVARISTO, 2016, p. 76).

As balas perdidas, que não parecem ser tão perdidas assim, atravessam a favela, assim como a vida de muitas crianças como Zaíta que ao sair desesperadamente procurando sua irmã, acreditando que ela estava com sua figurinha favorita, acabou sendo encontrada pela bala que retirou sua vida e a deixou sangrando no chão. Encontrada pela irmã, “Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre, a dor, o

espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!" (EVARISTO, 2016, p. 76).

Maria Aparecida Rita Moreira (2014), em sua tese de doutoramento em letras, ao analisar o conto mencionado, indica que ele é permeado por uma poética sensível, ponto central que reflete sobre as formas de lapidar a vida em meio às violações de direitos ou a ausência deles, sendo esse um processo de desumanização. Em meio a dores, sofrimentos e a busca por momentos de alegria, Moreira destaca que a narrativa do conto de Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos emerge como um dos problemas do pós-abolição. Conforme a autora,

Neste conto, percebe-se o indivíduo negro como protagonista. Os laços familiares estão perpassados pela realidade que marcou a história dos sujeitos negros no Brasil no pós-abolição. Não existiu nenhuma política que lhes garantisse direitos à moradia, emprego, educação. Os que migraram para as cidades habitaram os cortiços, ou seja, o ambiente de favela foi e continua sendo o espaço de habitação da maioria dos negros brasileiros (MOREIRA, 2014, p. 142).

São provocações tomadas por Conceição Evaristo e também analisadas por Moreira que se assemelham a outras experiências narradas no restante da obra, de distintos processos que atravessam e reforçam a desumanização dos sujeitos narrados, que vivem seu protagonismo literário entre a vida e a busca por (sobre)viver. Tal situação podemos explorar no conto Di Lixão, que vive em meio às ruas se alimentando do imaginário que poderia existir dentro das latas vazias, mas que morre na sarjeta, onde facilmente poderia ser confundido com os sacos de lixo. Ou então no conto Ardoça, em que cansado de sua vida, antes de pegar o trem, Ardoça toma veneno e, mesmo na sua condição de morte, nem ali é respeitado, tendo seus pertences roubados. Ou então, no conto Maria, em que a desumanização da vida da personagem ocorre com o abandono do marido, coma condição de trabalho, quase que pago com os restos de comida e frutas, com a dor do corte na mão, pois, "[...] faça a laser corta até a vida! (EVARISTO, 2016, p. 40). Ela teve arrancada a chance de ver a reação de seu filho ao comer melão pela primeira vez, pois foi linchada até a morte no ônibus em que voltava para casa. No trajeto, o pai do filho que tivera estava na mesma condução, porém, ele assaltou os passageiros. O rápido recado para mandar um abraço ao filho e por não ter sido assaltada levou os demais a se sentirem no direito de xingá-la bater até arrancar sua vida.

Conceição Evaristo explora de forma incansável as violências cometidas contra meninas e mulheres. A intersecção gênero, raça e classe aflora na escrivência da autora, de Duzu-Querença que vai para a cidade sob a promessa de poder estudar, mas é trancafiada na zona onde tem seu primeiro emprego como arrumadeira, ainda menina. “No entrar entrando as portas” onde corria a prostituição, entre uma carícia (abuso) de um homem ou outro, descobre sua sexualidade e que poderia ganhar dinheiro com aquilo. Contudo, Duzu transitou de uma zona a outra, teve filhos, netos e, no fim, a vida lhe deixou como o vento que passa e não pode ser visto.

A sexualidade é outra marcação que permeia as narrativas. Em *Beijo na Face*, por exemplo, a autora apresenta um olhar crítico sobre a violência sofrida por Salinda, principalmente psicológica, pois “[...] precisava embrutecer o corpo, os olhos e voz” (EVARISTO, 2016, p. 52), uma vez que seu companheiro a vigia e também interroga as crianças para saber o que fez quando ele não estava presente. Conceição Evaristo expõe uma personagem ativa, que descobre sua sexualidade e vive uma paixão às escondidas, com a ajuda de Tia Vandu, que a ajuda a encontrar sua amada. Quando distante, bastava olhar-se no espelho, como descreve a autora,

[...] do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros de pele e da memória (EVARISTO, 2016, p. 57).

Dessa maneira, ao movimentar-se da vida, da fuga das dores e das violências, a lapidação das pedras ocorre em meio ao encontro de si, das descobertas e formas de promover e conduzir as alegrias para momentos e memórias positivas. Tal como Luamanda, em conto de seu próprio nome, a personagem desfruta de uma liberdade, em que, ao experienciar diferentes corpos e idades, aos cinquenta anos mantém-se sexualmente ativa, é narrada por Conceição Evaristo como “[...] avó mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina tempo” (EVARISTO, 2016, p. 63).

A descoberta da sexualidade ocorre também com os homens. No conto “Os amores de Kimbá”, nome/apelido dado à Zezinho pelo amigo Gustavo, em lembrança

a outro amigo, um africano, Kimbá é apresentado à Beth, que tinha um relacionamento com Gustavo e, aos poucos passaram a compor um triângulo amoroso. Na narrativa a negritude é ativada como o reconhecimento e pertencimento de uma identidade corporal positiva. Entretanto, a distinção social entre Kimbá, morador da favela, e seus amantes, que viviam em melhores condições em um apartamento, o deixava muito inquieto. Ele recebeu um convite para ir morar com os dois, sair da favela e deixar tudo, inclusive as crenças que se misturavam às condições econômicas. Contudo, uma certa vez, Kimbá preparou o drink, o último, pois havia colocado veneno, e como narra a autora, “[...] sorveu de uma única vez a sua porção e se deitou ali no meio, para esperar com eles também” (EVARISTO, 2016, p. 94). Ou seja, em Kimbá os olhos se enchem d'água com a descoberta, com o interesse de mudar de vida, mas com as dores de não poder se afastar dos seus. Do sonho de sair da pobreza que movimenta suas aventuras, mas por outro lado da decisão que toma para romper com a sua vida e de seus amantes.

A sexualidade também é explorada em conjunto com a cobrança da maternidade. Em quantos filhos Natalina teve?, Conceição Evaristo expõe a difícil tarefa de ser mãe, negra e pobre. Além disso, junto ao olhar crítico das condições de ser uma mulher negra, a autora levanta observações sobre a cobrança da maternidade. Para Natalina, o primeiro filho foi motivo de susto, não queria a criança, descobriu como se fazia filhos com o namoradinho, mas não queria que aquilo servisse para prendê-la. Por outro lado, também serviu de barriga de aluguel para a patroa, que era cobrada para ter um filho. Foi ali que Natalina teve a experiência de uma maternidade com cuidado, desejada e com toda a assistência. Engravidou do patrão, teve cuidados médicos e até uma empregada para cuidar dela enquanto esperava a criança para a outra. Assim se sucedeu até decidir ficar com um dos filhos que teve. Ela teve seu corpo violado por um estupro, matou o estuprador e, por saber que jamais o veria, decidiu ficar com a criança, sem recorrer ao aborto ou doá-la. Assim, a autora questiona as fragilidades da gravidez na adolescência, mas também exhibe as cobranças direcionadas às mulheres para serem mães e não poderem decidir sobre seu próprio corpo, principalmente no que diz respeito à maternidade. E assim os olhos vão se enchendo d'água. Como correntezas que levam a vida de Natalina, em meio às dores, pedras e mais pedras, a vida foi sendo lapidada por suas escolhas, seus momentos de decisão.

É do umedecer de olhos a encharcá-los d'água que o conjunto de contos do livro *Olhos D'Água* provoca. A obra possibilita um exercício de distintas formas de observar as múltiplas vidas atravessadas principalmente pelas experiências de ser mulher, negra e pobre. São lentes analíticas instigadas pelo pensamento social de Conceição Evaristo que, ao mesmo tempo em que exhibe as mazelas da vida, explora e exige outras possibilidades de viver. Sem resumir a dor, o encontro com os seus serve como motivo para narrar. Vejamos a seguir.

## **2.2 Ancestralidades, crenças e religiosidade em Conceição Evaristo: um reencontro com o passado e presente**

Partir da compreensão das narrativas de Conceição Evaristo como literatura diaspórica exige o exercício de perceber como, por meio de suas histórias, o pensamento da autora reivindica outras formas de explicar o mundo. Ou, como sugere Boaventura de Sousa Santos, a (re)construção de novas pedagogias cognitivas, pois, como um processo de valorização da diversidade cognitiva, expõe como o pensamento social exige um exercício não eurocentrado, que vai “[...] procurando construir procedimentos capazes de promover o interconhecimento e a interinteligibilidade” (SANTOS, 2021, p. 177). Assim, com diferentes formas de interpretar e explicar a realidade social observada, a literatura da autora promove uma revisão epistêmica, ou o pensamento liminar, que se expande a novos sentidos expressos em narrativas de (re)existência.

Nesse aspecto, Conceição Evaristo assume a posição de um eu anunciador que deseja ser visto/a e compreendido/a como sujeito negro. Em conjunto com as personagens, que também são negras, ao serem narradas com protagonismo rompem com um passado místico na literatura (e também em toda a produção acadêmica e outros espaços) em que eram vistos, narrados e interpretados como objeto, como o elemento marginal e periférico.

Como demonstram Debus (2017), Jesus (2019), Kilomba (2019) e hooks (2020), a escrita narrada a partir de sujeitos negros, especialmente de mulheres, parte de e provoca outras sensibilidades, em que o fato de narrar assume o compromisso com a valorização, do íntimo ao coletivo, da identificação e pertencimento com a cultura afro-brasileira, sem desvincular-se da ancestralidade africana. Ou seja, a vinculação do passado com o presente por meio de distintas experiências que são transmitidas e significadas por meio das relações coletivas.

Compreendo por ancestralidade, tal como indica Eduardo David de Oliveira (2005), um processo de conectividade entre o reconhecimento de um passado e o conjunto de práticas explicativas permeadas por significados que dão sustento no tempo e no espaço. Como uma multiplicidade de estampas, configura o tecido social que é constituído por elas. Assim, para o autor,

A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais (OLIVEIRA, 2005, p. 258).

Como uma encruzilhada em confronto com o antigo e o novo, com o movimentar-se no tempo e espaço, a ancestralidade, ao mesmo tempo em que serve de orientação para explicações sobre o mundo, a realidade social, serve como um processo de afirmação e reconhecimento identitário com seus pares. Como diz Oliveira, uma arma política, pois firma-se em confronto com explicações, interpretações e significados ocidentais, eurocêntricos, que atingem diferentes grupos. Dessa maneira, perceber a configuração social e sua interpretação literária por meio da ancestralidade é estabelecer um exercício de conectividade entre os pares, de reconhecimento, (re)existência e alternativas para a equidade, tendo em vista que o pensamento ancestral visa oportunizar o encontro, não a separação, distinção ou exclusão. Pois, como destaca Oliveira, “[...] a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: significados, materiais, linguísticas etc” (OLIVEIRA, 2005, p. 258).

A partir da noção de literatura diaspórica, percebo que a ancestralidade é movida e movimentada nas narrativas analisadas, entrelaça saberes e experiências do passado e presente como um exercício de afirmação e reparação histórica. Estabelece novos signos, sentidos e significados para os sujeitos narrados por meio de cosmovisões ancestrais e vinculadas ao presente. Um letramento racial em que, segundo Oliveira, “[...] educar o olhar é Educação’. No caso da cosmovisão africana, educa-se para a sabedoria, para a filosofia da terra, para a ética do encantamento. Educar é conhecer a partir das referências culturais que estão no horizonte de minha história (ancestralidade)” (OLIVEIRA, 2005, p. 260). Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo permite essa conexão, tanto em sua narrativa permeada pelo

diálogo ou pela própria ancestralidade como uma educação do olhar, da sensibilidade de seus/as leitores/as, um encantamento do mundo em que a ancestralidade é percebida/aderida ao tempo em movimento.

Como pontua Oliveira,

O encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista, manutenção e ampliação da liberdade de todos e de cada um. Assim, é uma ética. Uma atitude que faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados. Confrontamento que faz sentido se atualizado na contemporaneidade (OLIVEIRA, 2012, p. 42).

Nesse sentido, Conceição Evaristo, imersa nesse olhar sensível, por meio da ancestralidade estabelece uma conexão com o passado, não simplesmente como algo contínuo no tempo, mas, ao promover o pensamento social, ao interpretar o seu presente, por meio da narrativa literária nos expõe como a ancestralidade é como um fio condutor para interpretar o presente. Ou seja, em meio às construções identitárias, as disputas que também circundam o tempo em movimento são confrontadas com outros modelos explicativos.

A ancestralidade é como um movimentar-se no tempo. Compreendê-la e explicar as transformações e permanências no mundo servem de abertura para a obra de Ponciá Vicêncio. Quando, ainda menina, sobre a presença do angorô o arco-íris ou cobra celeste, como é mencionado, Conceição Evaristo expõe seus referenciais religiosos, como Oxumarê. Tal como indica Ana Ximenes Gomes de Oliveira (2015), “[...] angorô significa uma qualidade de Oxumaré (orixá que representa movimento, transformação e renascimento) (OLIVEIRA, 2015, p. 88). Nesse sentido, Conceição Evaristo anuncia que a menina, ao se deparar com o arco-íris, passará por mudanças, assim como a instiga a pensar se está preparada para elas. Como indica Oliveira, “[...] o arco-íris também é referido pela voz narrativa como ‘cobra celeste’, sendo esta referência da ‘cobra’ uma das também remetidas à Oxumaré. O símbolo da cobra que come o próprio rabo, o Ouroboros, remete ao renascimento cíclico das coisas e de tudo que é vivo” (Oliveira, 2015, p. 88). Outra associação também remete à cobra, como o empréstimo das cores do arco-íris para as cobras. Em Ponciá Vicêncio a figura da cobra aparece três vezes: quando Ponciá retorna para a casa em busca da família, quando o irmão Luandi também faz o mesmo depois de um tempo na cidade e encontra a casca da cobra em meio às cinzas, e quando a mãe de ambos encontra a cobra no mato próximo de casa, momento em que decide partir em busca dos filhos.

Roberta de Araujo Lantyer Duarte, ao investigar o romance Ponciá, afirma que, “[...] a cobra aqui é um sinal de renascimento, e do ciclo da vida” (DUARTE, 2021, p. 143). Nesse sentido, a cobra aparece em momentos que conduzem à tomada de decisão. Como um renascer das cinzas, em que tudo parecia acabado, a figura da cobra conduz a mudanças que permitirão a ligação com o passado.

Assim, nesse conjunto de sentidos e significados, Conceição Evaristo apresenta a protagonista da história, um movimentar-se da menina que se faz mulher, das inquietações com o nome, da conexão com o passado ancestral familiar e dos sentidos e significados atribuídos àquilo que a liga ao seu grupo, como a água e o barro. Isso é constantemente lembrado, como quando decide seguir em viagem para a cidade, “[...] se preparava para se afastar do lugar em que havia nascido’. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado” (EVARISTO, 2017, p. 90). Dessa maneira, a conexão com a terra se fazia logo após o nascimento. Prática ainda recorrente<sup>44</sup>, enterrar o umbigo de Ponciá nas terras do povoado onde vive representa o entrelaçamento de si com as origens, a ligação com os seus e a natureza com a expectativa de um futuro promissor para a menina<sup>45</sup>.

Ponciá Vicêncio é uma menina que cresce em meio às águas e ao barro. Artesã, saber transmitido por sua mãe, domina a arte de manusear o barro e construir

---

<sup>44</sup> Conforme estudo de Luana Carla Martins Campos e Kenia Caroline Vieira da Silva, a prática de enterrar o umbigo se insere na transmissão de saberes tradicionais sobre os cuidados a serem tomados com a criança após o nascimento. Segundo as autoras, ao investigarem sobre as práticas relacionadas à prevenção de doenças dos recém-nascidos em Minas Gerais, como o mal-dos-sete-dias ou mal-do-umbigo, “cuja prevenção popular é tradicionalmente filiada à fomentação, uma espécie de banho de cheiro associado a um conjunto de práticas de resguardo no sétimo dia de vida do recém-nascido” (CAMPOS; SILVA, 2011, p. 01) as pesquisadoras identificaram um conjunto de elementos simbólicos que guiam as práticas de prevenção e cura das doenças dos recém-nascidos. Em meio a saberes tradicionais, que ora contribuem para a cura ou prevenção, ora utilizam substâncias não recomendadas pela medicina moderna por risco de contaminação, como o chifre de vaca, por exemplo, Campos e Silva perceberam que enterrar o umbigo do/a recém-nascido/a está associado à expectativas diferentes de futuro. Mesmo que ambas visam serem promissoras, supostamente as características seriam diferentes, pois, como puderam observar, “no mesmo dia em que o ocorre o parto, o umbigo da criança é enrolado em um pano e enterrado próximo ao moirão da porteira (poste de madeira onde a porteira se fecha) ou em um quarto específico, a exemplo do quarto da fomentação existente em algumas residências. Ainda, se a mãe não quiser que o umbigo da criança seja enterrado aos pés da porteira, ele pode ser sepultado à beira do fogão à lenha. Segundo a tradição, consta que aquela criança que tem o seu umbigo enterrado no pé da porteira se torna andador, enquanto aquele cujo umbigo foi sepultado no pé do fogão à lenha se transforma em uma pessoa caseira” (CAMPOS; SILVA, 2011, p. 06).

<sup>45</sup> Em *Becos da Memória* novamente é explorada essa crença. Quando Tio Totó questiona sua realidade, em meio às frustrações da vida, reflete, “se a gente sai por aí, por esse mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!...” (EVARISTO, 2017, p. 18).

objetos. Com grande aproximação com o rio e as águas, elemento simbólico de condução, Ponciá estabelece sua conectividade com suas origens, com a natureza e a ligação desta com seu antepassado. É nesse constituir-se em meio ao fluxo das águas e a arte de dominar o barro que Ponciá evoca a figura do avô. Mesmo sem tê-lo conhecido profundamente, por ter morrido quando a menina tinha apenas três anos de idade, ela o constituiu como objeto, fazendo uma cópia tal como o real, com os detalhes sobre o corpo, principalmente do “braço cotoco”, pela tentativa em vão de suicídio após ter matado a esposa em meio aos devaneios sofridos pelo passado escravista. A estatueta gerou incômodo aos demais, pois Ponciá quase nem havia visto o avô, como lembrar das características do homem? Tais fatores levam a narradora a apontar as crenças, os possíveis diálogos entre os vivos e os mortos.

É nesse conjunto de elementos entre água, terra e o avô que a ancestralidade fortalece Ponciá, a faz seguir por distintas águas, dominar a terra por onde ela passa, ser ativa, reivindicar os problemas que provocam as mazelas da vida. Principalmente o incômodo de ser uma Vicêncio, não pelos seus, mas pela extensão do domínio do Coronel Vicêncio, de marcar as pessoas que mantinha sob o regime da escravidão, e a continuidade em meio aos descendentes. O protagonismo é constantemente revitalizado quando recordava do avô, não só pela estatueta, mas pela suposta herança que atravessa toda a trama da obra. Assim, quando sai do quilombo e vai para a cidade, ao se afastar dos seus, Ponciá fica cada vez mais fraca, frágil e à mercê dos problemas que parecem carregá-la. Cada lembrança do avô move-se como força, principalmente quando encontra a estátua do homenzinho no fundo do baú, momento em que retorna da cidade em busca de notícias da mãe do irmão.

Nesse aspecto, a ancestralidade permanece como um fio condutor da história, um elemento que marca múltiplos aspectos, a conectividade do passado e o imaginário do que e como poderia ter sido. Tal como indica Teresa Manjate (2023), “[...] como passado, a ancestralidade está ligada às origens e práticas e valores que de certa forma, apelam para a reconstrução de um ideal, à procura de um mundo perdido (como era, como sempre foi, inscrevendo uma história” (MANJATE, 2023, p. 16). Desse modo, tanto a vida real como a ancestralidade, ou a própria construção literária de Conceição Evaristo servem como uma orientação para a religação, para que sejam (re)estabelecidos laços, que sejam imaginadas vidas possíveis, como foram ou como poderiam ser, aspecto sobre o qual Manjate destaca que

[...] essa visão concorre para associar a ancestralidade a uma categoria que explica os modos de pensar e de fazer como princípio básico na organização dos ritos que regem e legitimam a vida imaterial, para além das relações sociais dos membros de comunidades em espaços internos e externos (MANJATE, 2023, p. 16).

Por isso é impossível desassociar Ponciá do seu elo entre passado e presente, da identidade dela com os seus. Na história, segundo os familiares de Ponciá, antes de morrer, seu avô havia comentado que deixaria uma herança para a neta. Sem saber exatamente o que seria, muitas vezes ao longo da história dá a entender que seja a posse das terras onde moravam, que haviam recebido do coronel, porém essa herança nunca foi descoberta. Entretanto, como uma simbologia de ligação entre Ponciá e o avô, a herança é a ancestralidade. É nessa ligação entre passado e presente, como força para Ponciá seguir que se faz a herança, continuidade que a conecta a suas origens, aquilo que a torna integrante de sua comunidade, mas ao mesmo tempo, como o presente é constituído por essa extensão ancestral, como elemento favorável na menina que se constitui mulher e reconhece suas origens, identifica-se com os seus e partilha as mesmas lembranças de passado e os mesmos interesses de futuro. Uma recordação que entrelaça um passado ora lembrado como positivo, mas também que desperta crítica às imposições opressoras das relações sociais que insistem no presente.

Nesse sentido, a narrativa da autora expõe o encontro com os dois mundos marcado pela ancestralidade, pelas crenças, pela sabedoria e explicações de mundo que integram a coletividade, o pertencimento de si com o grupo, com a natureza e a espiritualidade. Entretanto, Ponciá menina que percebe o cruzamento entre dois mundos, aquele ao qual já está habituada em confronto/transformação com aquele que exige outros saberes e interpretações, faz com que ela tenha o interesse de estudar, não simplesmente dominar a leitura e a escrita em si, mas devido aos sentidos e significados que a educação assume quando a ancestralidade, a oralidade e as crenças são pouco ou quase nada valorizadas. Assim, Ponciá pede a benção da mãe para ter acesso à escola que os missionários haviam construído. A permissão da mãe instiga uma possível mudança, pois, como afirma, “[...] quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler” (EVARISTO, p. 25, 2017). São mundos paralelos, explicações e formas de viver a vida bem distintas

entre o povoado e a cidade, como é constantemente referenciada, sem um nome. Por isso, como narra Conceição Evaristo,

Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e da colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mal da pele, do estômago, do intestino e para a excelência das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça é diferente em tudo o da cidade (EVARISTO, p. 25, 2017).

Os saberes do campo misturavam a ancestralidade, a oralidade comum àqueles que não dominam a escrita. Assim se fazia o saber, na experiência e na transmissão familiar, por meio dos mais velhos. Como na figura de Nêngua Kainda, a mulher velha que vive no vilarejo, que sabe das coisas sem alguém ter contado pra ela, representa a sabedoria, o acúmulo de saberes ao longo da vida, com crenças e magias que faz crianças nascerem, cura as pessoas com as magias para o corpo e alma, representando a figura da anciã, e também a orixá Nanã “[...] guardiã do saber ancestral” (PRANDI, 2001, p. 21), seus ensinamentos conduzem a vida do povo em conjunto com a religiosidade e crença aos orixás<sup>46</sup>.

De tal maneira, Conceição Evaristo nos apresenta o cenário social que Ponciá vive, das crenças e saberes tradicionais que são praticados para resolver os males do corpo e da alma, de saber se orientar no tempo pelas fases da lua e de ler o clima, pois é dessa forma que garantiria sucesso na colheita. Corpo e alma alimentavam-se desses saberes, faziam-se necessários e eram eles que conduziam a continuidade do grupo. Contudo, como afirma a mãe de Ponciá, “[...] *era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra*”. Assim, quando cresceu e saiu do povoado, “[...] o inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem, que durou três dias e três noites” (EVARISTO, 2017, p. 32). Na cidade, foi como adentrar outro mundo, em que os códigos e sinais eram distintos do campo. Para o irmão talvez tenha sido ainda mais difícil, pois foi a menina Ponciá que se aventurou no mundo das letras.

---

<sup>46</sup> Sobre a representatividade do ancião nas culturas africanas e o reflexo na construção das religiões de matriz africana no Brasil ver: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Ao chegar na cidade e perambular pelas ruas, ao parar as mulheres que saíam da missa após passar a noite na escadaria da igreja os saberes se confrontaram, os mundos distintos ficaram ainda mais explícitos, pois como a moça afirmava, “[...] não tinha experiência de cuidar das casas de ricos, porém sabia lidar bem com o barro” (EVARISTO, 2017, p. 38). Contudo, esse saber não se fazia necessário, era preciso dominar outras técnicas exigidas pela cidade. Práticas que agiam simbolicamente como tentativas de afastar Ponciá de seu povoado e também para marcar as distinções, não só entre campo e cidade, mas as sentidas na pele, pela extensão dessas marcações nos espaços e atividades que fazia. Cada vez mais sozinha, calada, como indica Conceição Evaristo,

[...] acostumada a poucas coisas, Ponciá Vicêncio ia trabalhando e juntando dinheiro para comprar um barraco. Escrevia muito para a mãe e para o irmão. Como eles não sabiam escrever e nem o carteiro passava lá pelas terras dos negros, ela nunca soube se eles recebiam notícias suas (EVARISTO, 2017, p. 40).

Assim, com a solidão que assolava sua vida, distante de tudo o que amava e a fazia viver, depois de ter se envolvido com o filho da patroa e ter seu dinheiro roubado, ficou ainda mais difícil comprar sua casa e ajudar sua família. Com o marido que a agredia e a maternidade que apenas a ameaçou por sete vezes, sem nenhuma ter vingado, havia em Ponciá um vazio, um desejo de voltar para o vilarejo em busca de notícias dos seus. Aproximar-se de sua terra, da água, de suas origens, encontrar a estátua do avô que havia feito a fizeram fortalecer, remendar os pedaços de vida que ainda sobravam com aqueles dos quais sentia falta. Como narra Conceição Evaristo, quando Ponciá, sem ter encontrado a mãe e o irmão, ao perambular pelas casas que ofertavam estadia e comida, ouvia as histórias, “[...] bebia os detalhes do passado remendando cuidadosamente o tecido roto do passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (EVARISTO, 2017, p. 55). Ou seja, a ancestralidade de Ponciá precisava ser revitalizada, lembrada para não a deixar perdida, sozinha. Nesse aproximar-se dos seus, mesmo que apenas com o contato com a estátua do velho, ao retornar para a cidade, no outro dia já manifestava uma energia que lhe ativou a pele. Com as mãos coçando, inicialmente estranhou, pois, “[...] ela nunca tivera nada na pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido de sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mal nesse sentido” (EVARISTO, 2017, p. 64).

É por meio das lembranças que vão se aguçando em Ponciá que Conceição Evaristo explora o conjunto de elementos que configuram a ancestralidade da menina/moça/mulher. Do contato com a terra, com o povoado, com a estátua do avô como se fosse diretamente com os seus, a memória ativada sobre o banho de sangue de tatu como elemento de proteção a faria recordar que estaria protegida dos males da vida, era preciso seguir<sup>47</sup>. Assim, materializada por meio da escrita sobre as personagens, a autora mergulha seus/as leitores/as em meio à tradição, aos costumes comuns de um povo, às crenças e formas de conduzir a vida marcada pelo encontro com os seus e um sentimento de pertencimento e união. Desse modo, lembrar e narrar configuram-se como um não esquecer, uma história movida pelas lembranças de quem viveu e ainda vive por meio delas, em lembrar que está protegida para a vida.

A vida de Ponciá, mesmo com as lembranças ativadas, parecia estar perdida, sem rumo, desconstruída dos seus, pois, como indica a autora, Ponciá, "[...] perdera o elo com os vivos e os mortos seus". Quando tudo parecia estar perdido, o reencontro com a mãe e o irmão não foi apenas físico, mas um mergulho nas águas ancestrais do passado e como elas deveriam continuar seguindo a vida de Ponciá. Assim, a compreensão sobre a vida, o passado e o presente só existiriam a partir da conectividade com os seus. Como narra Conceição Evaristo, foi então que

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era uma mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que vieram a ser (EVARISTO, 2017. p. 110).

---

<sup>47</sup> O banho de sangue de tatu é algo praticado há bastante tempo. Conforme Alceu Maynard Araújo (1979), desde a idade média, muçulmanos utilizavam o banho de sangue de tatu como forma de proteção contra sarna. Na história do Brasil, sendo o tráfico de pessoas para o trabalho escravo um dos grandes influenciadores de trocas culturais, a vinda de africanos trouxe elementos de sua cultura, seja para fins medicinais ou práticas religiosas. No candomblé, o banho de sangue, no qual também pode ser utilizado o sangue de tatu, representa a aproximação de objetos e seres humanos com os orixás. Nesse sentido, o banho de sangue de tatu marca o primeiro contato com os orixás e a proteção ao longo da vida guiada por eles. Sobre o assunto ver: BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001; GAMA, Lígia Barros. **Kosi ejé Kosi orixá: simbolismo e representações do sangue no candomblé**. 125 f Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2009.

“*Era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás*”. Talvez esse seja o maior desafio/desejo de Ponciá, ou até mesmo de Conceição Evaristo, de perceber e compreender a conectividade ancestral no tempo. Para Ponciá seguir e existir precisou se aproximar dos seus, ancestralidade que marca a busca pelas origens, por um passado que deve sempre ser lembrado, pela coletividade, em que o ser (Ponciá) só se faz diante dos seus, de referenciais que a instituem como mulher. A força de Ponciá se faz por esse encontro com o passado, não acabado, mas fortalecido. São novas interpretações do mundo que se abrem, os sentidos sobre o tempo, os fatos e como eles, ao mesmo tempo que interferem na formação de si, servem como orientação explicativa para compreender a dimensão da vida, não linear, mas multifacetada. Conjunto simbólico e explicativo que serve de elemento para o que Santos (2021) chama dimensão epistemológica. Como indica o autor, “[...] comparar ou contrastar o conhecimento científico e o conhecimento artesanal, a fim de imaginar as diferentes preocupações que cada um deles transmite e os diferentes interesses a que cada um deles serve ou pode servir” (SANTOS, 2021, p. 189). Assim, o pensamento social de Conceição de Evaristo, por meio da literatura, exibe um exercício de novos modelos explicativos sobre as configurações do tempo e a movimentação dos sujeitos imersos em distintos espaços sociais.

Em *Becos da Memória*, de maneira ainda mais intensa, Conceição Evaristo nos apresenta o mal estar de uma situação humana, de um passado que não passa, daquele, em que, “[...] *a vida passou e passou trazendo dores*”, uma reflexão/ficção que aparecem manifestações do real em que se torna possível levantar dados da sociedade, das insistências de dor e sofrimento, mas também daquelas que conduzem a vida para a esperança.

Aos olhos de Conceição Evaristo, a escravidão, o abolicionismo e o pós-abolição servem como linha para costurar o tecido social forjado a partir de relações socialmente excludentes. A crítica ao racismo conduz a narrativa da autora que instiga seus/as leitores a refletirem sobre os dilemas do tráfico de pessoas da África para o trabalho escravo, das vidas deixadas do outro lado do Atlântico, da extensão de novas formas de viver e sobreviver em novas terras, marcadas por dor, sofrimento, disputas e invenções de como conduzir a vida.

Assim, como um jogo distribuído em três tempos, do passado do cativo, do abolicionismo e dos movimentos de resistência, e já quando a escravidão não era

legítima, Maria-Nova conta e escuta as histórias de si e da vida de distintas personagens que são filhos/as, netos/as ou bisnetos/as de pessoas escravizadas. Desse modo, *Becos da Memória* se inscreve como uma forma de transmissão das oralidades, primeiro por sua narrativa insistir nas histórias, memórias e escrevivências que partem do conjunto de valores, desejos ou anseios de um grupo; segundo, pela própria composição da obra, em que as personagens são inundadas por lembranças, por memórias e visões da realidade que são materializadas na escrita em nome de Marias, Cidinhas, Titas, Tonhos, Zés, tios, tias, irmãos, irmãs dentre tantas as personagens que só podem ser compreendidas pela coletividade, pela complexidade da vida atravessada por problemas mas em meio ao fazer-se da cultura, como a transmissão de valores, de ideias, do comunicar-se por meio das oralidades. Tal como destaca Manjate (2023), pois,

Oralidades, no plural, porque envolve muitos aspectos – da voz, veículo de excelência da sua materialização, aos valores a ela adstritos: a visão do mundo e os mecanismos de representação. Igualmente no plural, a palavra ‘escritas’ convoca a escrita literária e não literária em suas múltiplas feições. Literárias ou não, as oralidades fornecem muitos sinais sobre a sociedade em que vivem e circulam, por meio dos mecanismos de representação ou da construção do simbolismo que lhes são inerentes – e, conseqüentemente, da construção do imaginário coletivo (MANJARE, 2023, p. 17).

Desse modo, é por meio das narrativas das personagens, materializadas na escrita de Conceição Evaristo, que as histórias são evocadas para mediar a vida entre o passado e o presente, das lembranças ou marcas da escravidão, algo nada difícil de identificar, quando todo o morro em que vive é formado por elas. Um exercício crítico que aponta o passado e a reconfiguração de seus efeitos no presente, com a extensão do aprisionamento de pessoas, agora de diferentes formas, como a vida difícil no morro, as ausências de direitos, o trabalho árduo das lavadeiras e empregadas domésticas exploradas sem direitos trabalhistas, a corrida contra a fome, a sede por água e pela vontade de viver de forma humanizada. As precariedades da vida fazem Maria-Nova questionar aquela realidade, pois, “[...] sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentram a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre favela e a senzala, mas mais se entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia pouco amor e muito ódio” (EVARISTO, 2017, p. 137). Nesse sentido, o pensamento social de Conceição Evaristo é

configurado em meio às linhas que tecem a crítica da personagem. Um fazer literário sustentado pela escrevivência que apresenta os amargos sabores da vida com o desejo e alternativas para se experimentar sabores mais doces.

Do mesmo modo que na obra *Ponciá Vicêncio*, em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo enfatiza as águas que auxiliam na travessia da vida. Aquelas que separam continentes e, ao mesmo tempo que distanciam as pessoas, servem para unir territórios e manter uma conexão entre os grupos, que, do outro lado, se reconstróem com novas manifestações culturais como dança, língua e religião. Transformações marcadas por (re)existências em meio ao projeto colonizador, como pode ser percebido quando Maria-Nova fala do avô de Maria-Velha no momento em que questiona seu filho Luizão. Do medo de perder misturado ao sentimento de perda dos filhos/as que, em sua maioria, haviam sido vendidos, não só pelo confronto direto de não aceitar a escravidão, mas pelas manifestações culturais que marcam a identidade do grupo. Como narrado em *Becos da Memória*,

Quando venderam a sua irmã por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai uma surpresa. **Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita!** No outro dia Luís sumiu. O avô de Maria chegou até a pensar que os sinhôs tinham vendido o rapaz também. Eles já tinham vendido a sua mulher e os outros filhos. Será que tinham matado o menino? (EVARISTO, 2017, p. 34) (sem grifos no original).

O desfecho dessa história, a longo prazo, mesmo que assim como as demais que acabam no morro, sinaliza para diferentes formas de resistências, tanto do poder da literatura em auxiliar o processo de reconhecimento e identificação de si, como da reivindicação por personagens negras como protagonistas, tanto na história literária como pela negação à escravidão. Soma-se ainda a marcas de (re)existência a delicadeza de Conceição Evaristo em demonstrar a extensão dos laços ancestrais por meio da linguagem. Sendo a África constituída por uma grande variedade linguística<sup>48</sup>, a autora sinaliza que a língua que Luizão dominava era diferente da dos brancos, daquela utilizada como dominação no modelo colonizador. No presente, são

---

<sup>48</sup> Conforme Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez (2005), a África é constituída por mais de 600 tropos linguísticos originários daquele continente (HERNANDEZ, 2005).

manifestações individuais que acima de tudo perpassam/formam o coletivo, tal como indica Manjere, pois, segundo a autora, como ancestralidade, “[...] inscreve uma continuidade, configurando a ideia de aceitação e reiteração de práticas e valores sociais e culturais herdados do passado e que ainda permanecem vivos, recuperados e/ou recuperáveis no seio das comunidades” (MANJERE, 2023, p. 16). Desse modo, o domínio da língua de origem aponta para o saber ancestral, perceber os vínculos instituídos por meio da língua, e, principalmente, a não aceitação da dominação, o fazer-se enquanto sujeito negro que (re)existe e insiste em desvincular-se das relações de opressão. Sobre esse ponto, pode ser observado ainda na condução da história, quando Luizão retorna e Conceição Evaristo apresenta que,

Um dia, sem quê nem pra quê, apareceu o menino, voltou já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com aquele olhar distante.

- Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri tantas coisas... **Há muito que o branco não é dono de negro. Nem vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã, podiam.** Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi (EVARISTO, 2017, p. 34) (sem grifos no original).

Temos aqui a crítica de Conceição Evaristo ao sistema escravocrata, no qual, mesmo tendo sido proibido por lei desde 13 de maio de 1888, foram mantidas distintas formas de exploração às pessoas escravizadas. Houve até mesmo a continuidade do próprio regime escravista, uma vez que a informação sobre a Lei Áurea insistia em não chegar, “[...] *há muito que o branco não é dono de negro*”. Assim, Luizão, como várias outras personagens, representa o ativismo, o protagonismo de sujeitos que foram contrários ao sistema escravocrata e representa o rompimento da ideia de passividade escrava<sup>49</sup>, assim como um letramento racial, que expõe as formas de

---

<sup>49</sup> Para as historiadoras Hebe Mattos e Ana Maria Lugão Rios, desde a década de 1950, a historiografia que se dedica à discussão referente ao trabalho escravo no Brasil vem passando por constante revisão, principalmente para romper narrativas que coisificavam as pessoas escravizadas. Nessa releitura, o ativismo passou a predominar nas pesquisas. Com base nas autoras, “[...] de fato, procura-se recuperar a historicidade dos diferentes processos de desestruturação da ordem escravista e seus desdobramentos, seja no que se refere às relações de trabalho, às condições de acesso aos novos direitos civis e políticos para as populações libertas, bem como às formas de racionalização das novas relações econômicas, políticas ou sociais. Ou seja, procura-se desnaturalizar a noção de raça, percebendo as categorias e identidades raciais como construções sociais, historicamente determinadas” (RIOS, MATTOS, 2005, p. 29).

reinventar a vida, de fazer-se enquanto sujeito e do reconhecimento e identificação de si e com os seus.

Marcas de reconhecimento constantemente reiteradas por Conceição Evaristo, como quando Maria-Nova, atentamente, escutava as histórias de Negro Alírio, como um fazer-se por meio da oralidade, da escuta dos mais velhos, Conceição Evaristo destaca, que, a menina, “[...] gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2017, p. 95). Temos aqui, novamente, um duplo processo de reconhecimento intensificado pelo letramento racial. Primeiro, a imagem positiva do negro sendo narrada, como precursor da história, como sujeito ativo em sua imagem corpórea positiva. Segundo, do poder literário de apresentar essa narrativa e ampliar seu poder de impacto, tanto para leitores/as negros/as em seu processo de autorreconhecimento valorativo, como para não negros, como parte de um processo de uma educação para as relações étnico-raciais, do fortalecimento da luta antirracista, em que esses/as leitores/as construirão novas formas de pensar-olhar-narrar as pessoas negras e questionar o seu papel em uma sociedade racista.

Ainda em relação à história de Luizão, são enfatizados diferentes nomes que exploram a ancestralidade, algo recorrente nos três livros analisados. Esse diálogo com os ancestrais remete à aproximação da própria autora, que investe em suas personagens o autorreconhecimento e identificação com suas origens, e na continuidade da história, quando o pai de Luizão recorda da filha que já não estava mais entre eles. Conforme a recordação narrada por Conceição Evaristo,

Naqueles momentos tinha impressão de ver a vida se repetindo. Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolherá um nome bonito. Os sinhôs naquele dia estavam de bom humor ou de bom coração talvez e permitiram que ele, o pai, escolhesse o nome. **Filha que ele pôde chamar de Ayaba que na linguagem dele e de seu povo significava Rainha** (EVARISTO, 2017, p. 35) (sem grifos no original).

O brutalismo poético de Conceição Evaristo, ao mesmo tempo que expõe as dificuldades em se viver e manter laços familiares durante a escravidão, utiliza a associação mencionada na história como um elemento de (re)existência e aproximação com os seus. Maria-Nova, personagem sempre atenta às histórias,

decifra os vestígios do tempo no incômodo de que as histórias pareciam se repetir, mesmo com alguns pontos diferentes, pareciam ser tudo do mesmo. Como narrado pela menina/autora, “[...] um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (EVARISTO, 2017, p. 63). Contudo, mesmo na condição de escravizado/a, sob a vigilância e controle dos senhores e nas tentativas de desvincular dos arranjos familiares, a estreita fresta que se abriu fez com que o nome atribuído a Ayaba servisse como o elo entre o passado e sua vivência no presente, somado ainda à valorização das mulheres como protagonistas da história, essa que está envolvida no significado das Ayabas. Para Mãe Stella de Azevedo Santos (2010), “Áyaba é um termo honorífico dado às divindades femininas de cultura Yorubá” (SANTOS, 2010, p. 167). Rosamaria Barbara (2002) indica que as Ayabas, “[...] são os orixás femininos: Oxum, Obá, Oiá, Iemanjá, Euá e Nanã. A designação também se aplica aos filhos e filhas desses orixás” (BARBARA, 2002, p. 29). Sobre os arranjos familiares, no quarto capítulo proponho discorrer sobre esse assunto como forma de perceber as configurações familiares a partir dos cenários sociais indicados por Conceição Evaristo.

Ainda em relação à atribuição dos nomes dos/as personagens, Laryssa Oliveira Sales (2020), ao discorrer sobre o significado do nome Ayaba, em projeto desenvolvido para o curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília – UNB, indica que, “Ayaba, labá ou Aiabá significa ‘Rainha Mãe’ e, no Candomblé, é o termo usado para designar as Orixás mulheres” (SALES, 2020, p. 13). Nesse sentido, Conceição Evaristo explora a forte associação entre ancestralidades, religiosidade e o protagonismo das mulheres, narrativa que apresenta um eu enunciador que se reconhece como mulher negra, com a religiosidade e ancestralidade. Ao atribuir nomes que indicam essa conectividade, explora as transmissões de conhecimento, como indica Sales, “[...] sempre que as Ayabas se fazem presentes neles, são mulheres fortes e imprevisíveis, guerreiras e inteligentes, sempre prontas para defender os reinos que governam” (SALES, 2020, p. 13).

Com base na análise das obras, o saber das mulheres e o protagonismo delas é uma constante. Entretanto, cabe destacar que Conceição Evaristo se utiliza de distintos detalhes que expandem a associação e valorização da ancestralidade, em especial das mulheres. Além da estética corpórea, do protagonismo e da associação

com divindades, a forma como escreve os nomes apresenta indícios de uma literatura diaspórica que exige outras formas explicativas do mundo, entre eles o uso de letras maiúsculas para nomenclatura de determinadas personagens mulheres, como quando avó não é apenas uma relação consanguínea, em que a Avó, em maiúscula, firma-se por sua sabedoria, ancestralidade e legitimidade dentro de um grupo, ponto esse que pode ainda ser explorado a partir de outros nomes ou da ausência deles, como em Ponciá Vicêncio, em que seu marido não tem nome, forma simbólica de romper hegemonias e denunciar as distintas violências. Observações semelhantes também foram realizadas a partir da obra *Olhos D'Água*, que será discutida em breve.

Manjare, ao analisar produções literárias moçambicanas, identificou que a relação do uso do termo Avó em maiúsculo indica a valorização dos saberes ancestrais, da legitimidade atribuída às experiências ao longo da vida e de seus usos para com seu grupo. Conforme a autora,

A Avó, sempre com letra maiúscula, inscreve a força institucional que lhe é inerente. É ela que aparece como guardiã da ordem da ligação de dois universos: o material, dos vivos, e o imaterial, onde habitam os mortos, os espíritos protetores da família; ela apazigua os espíritos dos ancestrais, louvando-os e pedindo proteção para os vivos. Simultaneamente, transmite um legado para os presentes que observam, esperando que, no futuro, possam realizar os mesmos rituais com sabedoria e precisão – em um processo de entrega de instrumentos que visa garantir a continuidade (MANJARE, 2023, p. 19).

Temos então características que expressam as formas de transmissão da memória, de estreitar o elo entre o passado e presente em que são constituídos os valores ancestrais, em especial as mulheres. Como mencionado, é recorrente nas obras de Conceição Evaristo a valorização do protagonismo das mulheres, uma das formas de oportunizar outras narrativas e explicações de mundo diante de vozes que foram silenciadas, seja na história das mulheres e, ainda mais, as mulheres negras como visto por meio de Kilomba, hooks, Jesus, dentre outras, da própria narrativa literária produzida por mulheres negras, como das violências às mulheres constantemente praticadas ou ainda reproduzidas. *Becos da Memória* explora esse conjunto discursivo em que mulheres são ativas desde a capa, como visto, na qual as crianças estão no colo da Avó como conselheira e ancestral que tende a ensinar, a anciã que transmite conhecimento e leveza para vida. Como Vó Rita, responsável por parir “[...] muito marmanjão e marmanjona haviam sido nenéns nas mãos de Vó Rita”,

em que a sabedoria e o respeito ao conhecimento ancestral se conversam, pois, como intenciona Conceição Evaristo em sua personagem anciã,

[...] quantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contentor tomava o seu rumo. Não era preciso ela dizer nada. Era só ouvir a voz de Vó Rita que o valentão ou valentona se desarmava todo. O amor de Vó Rita desarmava qualquer um (EVARISTO, 2017, p. 86).

Desse modo, *Becos da Memória* explora incansavelmente o poder ancestral, da sabedoria, das relações afetivas em torno da anciã como guardiã da vida de todos/as. A narrativa evoca os sentimentos construídos com base naqueles/as que viveram com elas, que trazem em suas memórias, ou talvez, na escrevivência de Conceição Evaristo, a valorização de mulheres como Vó Rita, colocada como primeira palavra que abre a obra, em maiúsculo, e ao longo de suas páginas são decifrados os vestígios do tempo de modo a afirmar na sua última linha que, “[...] do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira” (EVARISTO, 2017, p. 184). Ou seja, a ancestralidade é tida como elemento fundamental, um guia, base consolidada para a construção e condução do mundo e das memórias dos que virão depois.

Assim, a ancestralidade marca a condução da vida dos seus, da harmonia entre o grupo, da transmissão de saberes e das práticas de cura, das garrafadas, daquelas que pretendiam curar ou daquelas que buscam evitar que novas vidas viessem a encarar a fome. Na ancestralidade as práticas de cura se misturam a novos saberes e experiências, novos problemas e maneiras de encarar a vida. Como indica Celina Gontijo Cunha e Clézio Roberto Gonçalves (2018), a prática de benzimento originou-se da tentativa de sanar os males. Bem vistas pelas comunidades, as benzedeadas são procuradas com respeito e como legítimas mediadoras entre os problemas e a solução. Para os autores, “[...] por mais que as benzedeadas tenham absorvido os conhecimentos das ervas e plantas medicinais de uma forma empírica, no que diz respeito às propriedades curativas das plantas e ervas medicinais, não se difere do conhecimento erudito que se tem sobre elas” (CUNHA; GONÇALVES, 2018, p. 34).

Assim, com forte valorização à ancestralidade, Conceição Evaristo explora ainda o infinito universo do sincretismo religioso<sup>50</sup>, das transformações culturais e explicações de mundo expostas por meio da religiosidade em que os/as mais velhos/as alicerçaram as narrativas em torno das esperanças, desejos e anseios. Desse modo, Conceição Evaristo explora alguns elementos que conduzem a compreensão das múltiplas religiões praticadas no morro, das que contemplam os orixás, mas também, daquelas que evocam os santos, como no dia de Nossa Senhora da Aparecida, em que a oralidade marcava o ritual e a transmissão de conhecimento, pois, “[...] havia determinadas pessoas na favela que eram conhecidas como *‘tiradeiras de terço’*”<sup>51</sup>, que visitavam os barracos nos dias considerados santos, rosários e terços marcavam os festejos como forma de comemorar a vida, em que se desejava melhorias diante das incertezas do viver.

Com devotos/as que recolham aqueles/as que peregrinavam pelos becos em meio as rezas, “[...] cada área da favela tinha seus tiradores oficiais de terços. Poucos sabiam ler. A maioria sabia de cor as rezas e muitas vezes em latim” (EVARISTO, 2017, p. 44). Mas no alvoreço das rezas e esperanças, o compartilhamento da vida, expectativas e do pouco que tinham são narrados pela autora como uma forma de demonstrar o laço entre os seus, muitas vezes com um café e um pedaço de pão, outras, como quando no dia de Nossa Senhora, “[...] neste dia, rezava-se o terço e a ladainha de Nossa Senhora. Depois sempre tinha uma mesa farta de doces e

---

<sup>50</sup> Noção conceitual levantada por Waldemar Valente para explicar as manifestações religiosas de matriz africana no Brasil. Conforme o autor, “[...] as sobrevivências africanas no Brasil não se mostram em estado de pureza. Aliás, desde os primeiros tempos da escravidão, as culturas negras se apresentam misturadas. Misturadas e deformadas pela influência da condição de escravo” (VALENTE, 1955, p. 36). Desse modo, como formas de sobreviver em meio à imposição do regime escravocrata e da dominação religiosa marcada pelo viés católico, as religiões africanas foram ressignificadas, o que levou à incorporação de santidades religiosas do cristianismo, resultando no chamado sincretismo religioso e na configuração de novas religiões, como a Umbanda. Mais sobre o assunto pode ser encontrado em: BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**: as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Edusp, 1974. BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: umbanda e sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>51</sup> Nesse diálogo que expõe o sincretismo religioso, Conceição Evaristo nos exhibe as religiões de matriz africana como marcas valorativas da ancestralidade e cultura negra. Análises de afirmação e reconhecimento, que visam a intervenção no presente, ou seja, oportunizar aos/as leitores/as o entendimento dessas religiões com vistas a romper com a intolerância religiosa tão presente no Brasil. Recentemente, como exemplo de manifestações/materializações dessa intolerância, junto de tantas depredações a terreiros religiosos e de denúncias de intolerância, tivemos no dia 19 de agosto de 2023 o assassinato de Mãe Bernadete, também líder quilombola, no Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, na Região metropolitana de Salvador. Em relação às discussões sobre intolerância religiosa: Ver: NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

biscoitos. Todo mundo comia. Muitos nem gostavam de rezar, mas iam pelo lanche” (EVARISTO, 2017, p. 44). Assim, a autora expõe como a religião permeia momentos de crença, devoção, de busca por renovar as esperanças. Mas também indica aqueles momentos em que os santos eram aclamados para livrar do sufoco da vida, como quando durante as várias tempestades a personagem Joana, por exemplo, “[...] bastava um clarão e um grito maior no céu, ela agarrava os filhos, subia para a cama e punha-se a rezar. Queimar ramos bentos, rezava a Salve Rainha, e pedia à Santa Bárbara que tivesse clemência, abrandasse a chuva e ventos” (EVARISTO, 2017, p. 139), em que as preces direcionadas à Santa Bárbara<sup>52</sup> não eram apenas para segurar o barraco, impedir que chuva levasse o pouco que tinham, mas também por, “[...] com a persistência da chuva, era pior. Tudo ia ficando úmido, tudo mofo, tudo barro, tudo lama e frio. Os agasalhos eram poucos, muito poucos. As roupas das patroas não secavam. O trabalho custava tanto e pouco rendia (EVARISTO, 2017, p. 139).

O brutalismo poético de Conceição Evaristo explora como as águas influenciam/conduzem o percurso da vida. Seja em meio às alegrias, como as torneiras públicas que serviam o morro e que transbordavam não apenas água, mas que ampliavam as possibilidades de viver, tomar banho depois do sacolejo de carregar os baldes com água para dentro do barroco, de ganhar algum dinheiro lavando roupa, de reforçar os vínculos entre os seus, sendo em meio do lavar roupa nas torneiras que se contava da vida. Mas também as águas eram vistas nos momentos de pranto, pelo medo de que ela levasse a vida e os seu morro abaixo. Ou então, naqueles momentos de perda, de desvincular o contato com os seus, principalmente quando o rio conduz ou é utilizado para ceifar a vida, como quando Conceição Evaristo narra a história de Totó, quando fugia com sua família da fazenda,

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras paus, barrancos, casas, bichos, **gente e gente e gente...**

O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só **o rio vinha bebendo, engolindo tudo** (EVARISTO, 2017, p. 28) (sem grifos no original).

---

<sup>52</sup> Santa Bárbara é considerada a protetora contra raios, trovões, tempestades e mortes repentinas.

As águas do rio aqui, como correntezas, conduzem para a brutalidade da vida. Na narrativa, o personagem Totó perdeu sua primeira esposa e filhas para as águas que não permitiram que todos escapassem juntos da escravidão. A sede do rio que ia “[...] *bebendo tudo que encontrava pelo caminho*” serve de trocadilho na narrativa para explorar os desastres não como problemas ambientais, mas como irregularidades da vida provocadas pelas desigualdades sociais, intensificadas ainda com as disputas de terras, como quando expõe, que, “[...] as águas do Rios das Mortes calavam um segredo que era delas, do Coronel e de seus capangas” (EVARISTO, 2017, p. 58). As águas do rio expunham os corpos daqueles que foram assassinados arremessados no rio pelos capangas do Coronel Jovelino, que, davam aos familiares dos Zica a notícia de que mais um integrante da família não havia resistido e entrou nas águas para se afogar. Pacto de silêncio selado entre as águas, coronel e os capangas, até que a morte de Pedro Zica foi vista por um menino. As terras quilombolas sempre foram motivo de disputas, seja para o reconhecimento e encontro com os seus, ou pelas mortes e desaparecimentos motivados por ela, quando coronéis e fazendeiros usavam do que fosse preciso para tomá-las. Ou seja, são as formas utilizadas para concretizar as alianças e distinções impostas pelo pacto da branquitude.

Mesmo que a discussão sobre a terra já tenha sido conduzida pela análise em *Ponciá Vicêncio*, trago novamente essa questão para mediar a reflexão das três obras analisadas. Em Ponciá, a terra, inclusive a relação entre enterrar o umbigo nela, é intensificada à medida que a menina domina o barro, e, quando adulta, o contato com a terra a faz reviver. Junto a isso, Conceição Evaristo narra um cenário em que o vilarejo de Ponciá é um quilombo, onde compartilham saberes, alimentos e estadia, mas que constantemente vive sob as ameaças do coronel, que recolheu da maioria o documento que concedia as terras quilombolas, com a desculpa de cuidar para que o papel não fosse extraviado, mas que nunca mais voltou às mãos de seus donos. Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo utiliza as lembranças das personagens, daquelas por elas vividas ou das contadas pelos seus, para demonstrar as relações entre a terra e a ancestralidade, principalmente marcada pela convivência nos quilombos, constantemente ameaçada. Assim, quando traz para reflexão a posse de terras, indica que as personagens percorreram distintos caminhos, aquelas que experienciaram a escravidão e fugiram para os quilombos, e aquelas que tiveram acesso a terras por meio do reconhecimento tardio, como terras quilombolas, mas, dado o avançar da especulação atribuído ao plantio de grandes fazendeiros, muitas

vezes vender ou fugir para os grandes centros e viver sobre o morro foi a melhor maneira encontrada para tardar a morte. Essa característica é encontrada em *Ponciá Vicêncio* e conduz toda a narrativa de *Becos da Memória*, em que aqueles/as que buscaram alternativas passaram a viver sob a ameaça da desapropriação do morro conduzida pela especulação imobiliária, de secar as torneiras que abasteciam a vida e o movimento da favela. O protagonismo das personagens demonstra o conhecimento sobre a Lei de usucapião<sup>53</sup>, e que mesmo há anos naquelas terras, não foi suficiente para conter a existência do vazio deixado pelas máquinas em que os becos só ficaram na memória.

Em *Olhos D'Água*, as memórias sobre o passado, as relações com o quilombo, as dificuldades em viver na favela, ou até mesmo na rua, como a personagem Di Lixão, do conto de mesmo nome, evocam reflexões sobre as dificuldades da população negra de acesso à terra e sua manutenção no Brasil, como nas disputas por terras entre quilombolas e fazendeiros, na burocracia envolta e no valor atribuído, em que as condições de ser negro no Brasil tornam ainda mais difícil e atuam de forma conjunta para dificultar o acesso à terra e ampliar as formas de desumanização vivenciadas pela falta dela.

Sobre a relação de terras, Cida Bento (2022), indica que essa é uma questão que marca uma herança histórica que desfavorece a população negra e contribuiu para “[...] forjar um sistema meritocrático”, desde a Lei Eusébio de Queirós<sup>54</sup>. A autora indica ainda que,

Podemos observar essa questão em outra normativa, a Lei de Terras, que influenciou fortemente a propriedade fundiária e o povoamento do país, pois fez com que a obtenção de lotes passasse a ser feita por meio de compra e venda e não mais por posse, dificultando o acesso à pequena propriedade rural, e, ao mesmo tempo, estimulando a expansão dos latifúndios em todo o país, impedindo a democratização do solo. A monocultura para exportação e a escravidão, articulada com a forma de ocupação das terras brasileiras, pelos portugueses, definiram as raízes da desigualdade social que teve seu início no século XVI e perdura até os dias atuais.

---

<sup>53</sup> Instituída por meio do Código Civil de 1916. Seu artigo 550, indicava que, “[...] aquele que, por trinta anos, sem interrupção, nem oposição, possuir como seu imóvel, adquirir-lhe-á o domínio, independentemente de título de boa fé, que, em tal caso, se presume; podendo requerer ao juiz que assim o declare por sentença, a qual lhe servirá de título para a transcrição no registro de imóveis” (BRASIL, 1916).

<sup>54</sup> Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850, conhecida como Lei Eusébio de Queirós, estabeleceu medidas para a repressão do tráfico de africanos e punição para quem descumprisse.

Não por coincidência, o Brasil exibe ainda hoje a maior concentração de terras do mundo e onde se encontram os maiores latifúndios: o último censo agropecuário do país revela que apenas 1% dos proprietários de terras controlam quase 50% da área rural. No entanto, os estabelecimentos com áreas menores a dez hectares representam metade das propriedades rurais, controlando apenas 2% da área total. Dados dessa natureza demonstram como a construção das desigualdades é um processo de estruturação institucional que vai atravessando a história do país.

A colonização europeia das Américas inaugurou um sistema mundial capitalista que ligou raça, terra e divisão do trabalho, conferindo substância a relação de dominação que se constituiu (BENTO, 2022, p. 35-36).

Instituída desde 1850, como indica Bento, a Lei de Terras serviu como uma das primeiras bases para reforçar a desigualdade social brasileira. Por meio do pacto relativo à raça e divisão do trabalho, resultou na intensificação da exploração latifundiária para a exclusão da população negra, principais alvos daquele projeto que dificultou o acesso à terra. Quando instituída a abolição, em 1888, jogada à própria sorte, a população negra que fora escravizada encontrava-se sem condições de competir por igual nas relações de trabalho, quem dera estudar, ter salário justo e votar. Reflexos da soberania e poder sobre a vida, agora não mais útil para aquele sistema de trabalho. Um projeto de nação que se consolidou, ganhou diferentes interfaces e reforços que só foi rompido lentamente mediante a luta da população negra para a conquista de alguns direitos.

Conceição Evaristo envolve sua narrativa em meio à terra, usada como fio condutor para percorrer os caminhos entre *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'Água*. Como já sinalizado, as três obras possuem semelhanças. Contudo, o imaginário social provocativo da autora, em *Olhos D'Água*, por meio dos contos, de forma mais incisiva, nos conduz a refletir sobre as dificuldades de se viver na cidade quando se é negro/a, pobre, mulher, criança, analfabeto, dentre outras marcações sociais que agem na configuração do tecido social, múltiplo e costurado a fios de aço. Mas suas bordas e contornos são revestidos pela esperança, uma linha tênue que recria o viver e promove uma vida/pensamento liminar.

Se nas obras anteriores existe a mediação entre campo-quilombo-rural e cidade, em *Olhos D'Água*, os fios de aço que costuram a vida são constituídos pela vida urbana, pelo o difícil acesso à terra, pelas diferentes formas encontradas de se viver no meio urbano, pelos perigos que percorrem rios/avenidas, que também levam vidas, seja por acidentes, por balas perdidas que não aparentam tão perdidas assim,

pelo frio, fome e pelo o vazio do viver. Diferentemente das demais obras, *Olhos D'água* dá maior atenção às mulheres, das mais variadas formas, idades, tamanho e sexualidades. Da condição de vida daquelas que trabalham como lavadeiras, das mães de muitos filhos, daquelas que cozinham “e da panela levanta cheiro algum”, das que não querem ser mães, das encaminhadas para a prostituição, das mulheres estupradas, linchadas, e até mesmo daquelas que, comparadas a tantas histórias, possuem uma vida menos amarga. Como no *Cooper de Cida*, conto que demonstra a vida de uma mulher que vive em um apartamento em frente ao mar, que corre contra o tempo, quando o tempo tenta dominá-la. Assim, mais uma vez Conceição Evaristo, com seu pensamento social, leva a decifrar os vestígios do tempo por meio de distintas histórias que atravessam o passado e o presente, de sua escrevivência e de possíveis confusões com o tempo dos/as leitores/as que se desmancham em novas formas de construir o conhecimento, em pensar em si, nos outros e para os outros.

De certo modo, a ancestralidade que permeia a obra consiste em reforçar os laços estabelecidos entre mulheres. São narrativas que valorizam o feminino, da infância à vida adulta. Infância essa que conduz o tempo e, simultaneamente, serve de abrigo, como forma de barrar as amarguras da vida, ponto esse que pretendo analisar em pesquisas futuras. Em meio a uma história e outra, as personagens parecem correr contra o tempo em busca do viver que, na verdade, já parece ter passado. Como no primeiro conto que leva o mesmo nome da obra, a filha que não consegue recordar da cor dos olhos de sua mãe busca lembrar do passado, daquele vivido e até mesmo do transmitido, pois, com constantes contações de histórias, recorda que, “[...] às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (EVARISTO, 2016, p. 16). Lembranças que não são doces, mas que evocam a fome em meio às condições de miséria, da panela vazia, da boneca quebrada, dos dias de chuva com a mãe, que, “[...] em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas de Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (EVARISTO, 2016, p. 17). E assim se compreende a mensagem exposta desde o título do livro e reforçada pela capa. *Olhos D'Água* é uma crítica às mazelas da vida que atravessam as histórias de muitas mulheres, crianças e homens de diferentes idades, sexualidades e religiosidades. Contudo, em meio às incertezas, a ancestralidade reforça os laços e faz com que os olhos cheios d'água também sejam

banhados pelo reencontro, afetos e sentimentos que geram o conforto em si e junto aos seus.

Um pensar sobre si e sobre as relações com os seus são narrados pela autora como uma forma de constituir outras visões de mundo que rompam com o reducionismo do sofrimento. Assim, o brutalismo poético envolve a dor, mas não é movido por ela. A análise crítica da autora exposta em formato literário reivindica novas formas de narrar a vida, histórias e corpos daqueles que foram minorizados, que tiveram suas histórias arrancadas e constituídas pelo viés do colonizar. Dessa forma, o fio discursivo que costura a obra permeia os espaços e momentos difíceis de se viver, mas os utiliza como forma de curar a dor, tal como indica Santos (2022),

A ferida colonial impediu que as populações oprimidas pelas tríplice dominação considerassem o seu passado como fechado e, pelo contrário, o concebesssem como uma tarefa ou missão por cumprir. Foi assim, que o futuro foi sendo constituído em promessa da cura da ferida colonial e da violência que ela constitua. No entanto, em face do ciclo vicioso entre expectativa e frustração, o futuro próximo foi se tornando distante, até chegarmos ao nosso tempo paradoxal, simultaneamente vertiginoso e estagnado, em que a cura da ferida colonial parece destinada a ser uma miragem (SANTOS, 2022, p. 101).

Nesse sentido, a inserção de Conceição Evaristo na literatura brasileira e seu reconhecimento, em especial na produção de uma escrita diaspórica, tanto serve para romper com o passado excludente, como alimenta as tentativas de curar as feridas provocadas no passado mas que ainda, muitas vezes, permanecem no presente. Assim, sua escrita provoca o diálogo entre o tempo, para desvendar os vestígios deixados por ele e que, de alguma maneira, possam ser (re)construídas novas formas de viver e narrar a vida. Assim é que, ainda no mesmo conto, a autora expõe as relações entre as mulheres, entre um passado que continua pelo presente, como pode ser percebido quando,

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu fora de minha cidade natal. **Saira de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecerá a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas das minhas tias e de todas as mulheres de minha família.** E também, já naquela época, eu entoava **cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue.** Não, eu

não esqueço **essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias**. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que eu nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo **um ritual, em que a oferenda aos Orixás** deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

**Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz.** Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, **águas correntezas**. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. **A cor dos olhos de minha mãe era a cor dos olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum!**

**Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.**

**Sim, águas de Mamãe Oxum.**

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. **Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.**

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como se estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

**- Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?** (EVARISTO, 2016, p. 18-19) (sem grifos no original).

Mais uma vez, a ancestralidade feminina serve de força para seguir e voltar, quando for preciso. É na confiança, no encontro com os seus que se estabelecem as compreensões do mundo e a busca por revitalizar as forças para a continuidade dos caminhos. Mulheres que cuidam de mulheres, mulheres que necessitam de outras mulheres são as redes de apoio imersas nas ancestrais que fortificam a difícil jornada a seguir. São as sábias que convergem à religiosidade, que alimentam a conexão entre distintas mulheres de cujos olhos escorrem lágrimas como as de Oxum. Assim, mais uma vez a relação com as águas correntes se faz como condução da vida permeada pela religiosidade e as relações entre o saber/poder das mulheres. Como destaca Duarte (2021), “na figura de Oxum, o rio é a fertilidade feminina, criação – devir-mulher” (DUARTE, 2021, p. 152). O fazer-se mulher no mundo se constitui por

meio da aprendizagem, do entrelaçamento da vida do presente com o passado, das escolhas e reconstruções do ser no tempo, sem afastar-se dos seus. Como no conto *Olhos D'Água*, avó, mãe e filha se entrecruzam, as suas histórias que parecem se confundir não consistem apenas nas dores que fazem saltar lágrimas pelos olhos, mas na afetividade, no contato umas com as outras, na vontade de viver. Os olhos se tornam tão úmidos por saber mediar a vida com aqueles momentos que fazem viver, ou, como prefere Conceição Evaristo, tornar os olhos como “[...] *rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície*” (EVARISTO, 2016, p. 19).

Ancestralidade como sabedoria que converge à vida é a forma de Conceição Evaristo narrar as histórias. Ao mesmo tempo em que contempla o contato com os seus, reforça os laços de crenças, explicações e alternativas de mundo. A crença nos Orixás, na Mamãe Oxum, nas “*Senhoras, nossas Yabás*”, instiga a refletir sobre a conexão entre as mulheres, as alternativas construídas para seguir a vida de modo a perceber como os ensinamentos transmitidos servem de orientação para o presente. Ou seja, Conceição Evaristo, ao partir do presente da escrita, por meio de sua escrevivência, observa o seu tempo, parte de uma realidade em meio a experiências, e, num conjunto ficcional demonstra o movimentar-se do tempo, os vestígios do passado que ainda transitam, e, sem o desejo de romper os laços ancestrais, revigoram a vida, servem de (re)existência e de alternativas para viver.

Com tantos laços estabelecidos entre mulheres, avós, mães, tias, irmãs, vizinhas, *Olhos D'Água* exhibe mulheres em sua pluralidade, que rompem a feminilidade socialmente desejada, como ser mãe, visto no conto “*Quantos filhos Natalina teve?*” que conta a história da adolescente de 14 anos que usou chás como métodos para escapar da gravidez. daquelas que nem sempre se reconhecem por não estarem dentro dos padrões socialmente desejados pelo projeto colonizador, mas ao mesmo tempo daquelas que são como são, reconhecem seus corpos, sua identidade e exibem performances corpóreas negras. Nesse viver ritualístico entre enfrentar as amarguras da vida e reconhecer-se a si junto aos outros, as mulheres conduzem mulheres. Além daquelas próximas à família, as sábias são representadas por meio das curandeiras, daquelas que afastam os males da vida, mas também evitam vidas inoportunas, como Sá Praxedes, temida no morro que permeia a história de Natalina. Sobre a personagem, Conceição Evaristo utiliza a relação entre

sabedoria e ancestralidade, pois, como narra a autora, quando a mãe de Natalina percebe que os chás não estão fazendo efeito,

la tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina para Sá Praxedes. **A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo.** Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! **Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mão vazias.** Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. **Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles** (EVARISTO, 2016, p. 45) (sem grifos no original).

Temos aqui uma reflexão precisa sobre as alianças entre as mulheres, sobre a sabedoria daquelas que dominam os chás para evitar a gestação, sobre as anciãs Praxedes, que significa agir/praticar, que são parteiras, que tanto servem para ampliar a vida como reduzi-las, e disso, usar para colocar o medo nos pequenos. O que parece ser apenas uma história serve para refletir sobre parte de uma realidade que nos é dada a ler. Natalina representa a menina que vai crescendo e descobre a sexualidade, os prazeres do corpo e a busca pela autonomia dele, de decidir quando e como quer ser mãe. Por outro lado, Conceição Evaristo nos leva à reflexão sobre a gravidez na adolescência, sendo o Brasil o sétimo no *ranking* latino-americano<sup>55</sup>. Ao longo do conto podem ser observadas críticas ao abandono paterno, em que muitas crianças nascem/crescem sem saber o nome do pai<sup>56</sup>, sobre as mães solas por ausência do companheiro ou por opção. Entretanto, sem reduzir a narrativa a problemas pessoais, Conceição Evaristo nos permite adentrar o cotidiano de muitas pessoas que vivem sob

---

<sup>55</sup> Conforme levantamento realizado pela Pesquisa das Nações Unidas sobre Juventudes da América Latina e do Caribe (UNFPA), o Brasil ocupa a sétima posição na América Latina. O levantamento indica que, em 2017, em média 65 adolescentes a cada 1 mil meninas de 15 a 19 anos estavam grávidas (UNFPA, 2017). Importante destacar que esse índice é movimentado não apenas pela gravidez indesejada. Um número significativo é constituído em decorrência de estupro. Durante a pandemia existiu o crescimento de casos como esse, tal como demonstram Dayanne Ribeiro de Sá et al, ao analisarem a gravidez na adolescência no período pandêmico (SÁ et al, 2022).

<sup>56</sup> Com base em levantamento realizado pelo Laboratório de Estudos da Família, Relação de Gênero e Sexualidade (LEFAM), da Universidade de São Paulo – USP, Belinda Mandelbaum, professora de psicologia, indica que, “Aproximadamente 5,5 milhões de brasileiros não possuem registro paterno na certidão de nascimento e quase 12 milhões de famílias são formadas por mães solo” (INSTITUTO DE PSICOLOGIA, 2019). Em estudo realizado pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, com base nos dados da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), foi possível constatar que, “[...] em 2020, 6,31% das 1.280.514 que nasceram crianças foram registradas apenas com o nome das mães nas certidões de nascimento” (UFMA, 2022).

a ameaça do aborto como crime, na ausência de políticas públicas para métodos contraceptivos, de uma educação preventiva<sup>57</sup>, das fragilidades do Sistema Único de Saúde (SUS) para atender pessoas que estão distantes da saúde como direito. Configurações que forjam o presente e exibem suas conexões com o passado. Assim, junto à narrativa sobre Natalina, outros contos, e até mesmo os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* nos permitem mergulhar no mundo das ausências e (re)existências em busca de humanizar-se, de curar as feridas e construir novos futuros.

É nesse transitar da vida, do passado ao presente, que os quinze contos de *Olhos D'Água* exibem os reflexos de um passado escravista e de formas de (re)existir em meio às sequelas do racismo. Nesse diálogo temporal, Conceição Evaristo abre o livro com os *Olhos D'Água* e percorre diferentes vidas, histórias e memórias que atravessam uma mistura de ficção/realidade fácil de confundir com a vida comum, daqueles que estão nas ruas, da criança que abandonou a escola, dos estupros, dos abortos, assassinatos, das violências domésticas, das empregadas domésticas, dentre tantas outras associações que nos apresentam o(s) mundo(s) dados a ler repleto de desigualdades, de feridas que devem ser expostas e encaradas como necessárias de serem curadas. Entretanto, sem reduzir às dores da vida, se a obra se abre com os olhos cheio d'água com o sentimento de afeto e reencontro com os seus, Conceição Evaristo percorre as avenidas tortuosas da vida para, no último conto do livro, expor “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”. Parto do pressuposto de que a narrativa diaspórica apresentada no decorrer da obra não limita seu olhar para as dores e sofrimentos, elas devem ser encaradas (sem romantização) para a superação, e no jogo ancestral, sem desvincular o passado do presente, Ayoluwa representa o recomeço, o início de novos tempos e futuros possíveis mediante a alegria movida pela criança. Ou seja, Conceição Evaristo, por meio desse conto, ao mesmo tempo que lembra, demonstra que a alegria nasce da esperança. Ayoluwa é essa alegria que só existiu por (re)existirem, por terem mantidas vivas as esperanças de futuro.

O conto que narra a vida em um vilarejo onde a colheita não vinga, nem mesmo o sol aparecia, “[...] um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela desfeita. Ora gotejava uma chuva de

---

<sup>57</sup>Sobre esses temas ver: AREND, Sílvia Maria Fávero; ASSIS, Gláucia de Oliveira; MOTTA, Flávia de Mattos. (Org.) **Aborto e contracepção**: histórias que ninguém conta. Florianópolis: Insular, 2012. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. (Org.) **Aborto e Democracia**. São Paulo: alameda, 2016.

pinguitos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos” (EVARISTO, 2016, p. 111), a tristeza insiste em ficar, e a incerteza da vida passou a habitar o povoado, a ponto de os próprios ancestrais perderem suas forças. Como narra a autora,

Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram (EVARISTO, 2016, p. 112)

O último conto da obra expõe o dilema a ser enfrentado, as agonias da vida que parece não ter saída, a fragilidade de se viver alcança até mesmo aqueles mais sábios. Assim, depois de transitar pelas avenidas da cidade, Conceição Evaristo utiliza um conto sobre a vida no vilarejo. Com forte representação do viver nas comunidades africanas, da crença nas divindades, dos nomes comuns no continente e seus significados cheios de poder e simbologia, o conto, a partir da análise aqui exposta, insere-se como recomeço, como conexão com a ancestralidade. Não apenas pela trama, nomes, rituais e simbologias referentes à África, mas como retorno às origens, para lembrar como são constituídos os seus, que o tecido social costurado a fios de aço pode ser mais leve, onde as feridas podem ser curadas. Como indica Conceição Evaristo, quando anuncia que a personagem Bamidele estava grávida,

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macumbúzia fala, de um estado tal de banzo como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho (EVARISTO, 2016, p. 113).

O sentimento de ausência daqueles que já se foram permeia a narrativa. Seja passado ou presente, seja campo ou cidade, Conceição Evaristo exhibe como as fragilidades da vida atingem a todos, e, sem perder as origens, o nascimento da criança representa a conexão entre o grupo, a alimentação e a esperança de viver. Logo, Ayoluwa, nome que representa “[...] *aquele que veio para trazer alegria para o nosso povo*” estabelece uma reconexão com a vida, um alimentar-se das (re)existências ancestrais, o reconhecimento de si, com os seus e as tentativas de

curar as feridas. Entretanto, conforme a autora, Ayoluwa serve de energia, não de salvação, pois,

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução (EVARISTO, 2016, p. 114).

Desse modo, Bamidele e Ayoluwa simbolizam o poder do renascimento, das transformações da vida e da coragem em viver. Mesmo diante da luta, da esperança, quando pareciam perder as forças, Ayoluwa se faz presente, a alegria toma conta e reitera as relações ancestrais. Um diálogo entre passado e presente, entre a ancestralidade e o novo que, conforme a mensagem exposta por Conceição Evaristo, deve servir de alimento para seguir a vida, romper as mazelas que provocam dores e poder experimentar a vida mais doce. É sobre afirmar-se no tempo, reconhecer os que vieram antes e os/as que estão por vir, é não abaixar a cabeça, é seguir para cicatrizar as feridas. Ou seja, o conto de Ayoluwa não é um fechamento, mas a abertura para novos possíveis, novas vidas para serem vividas, para a esperança que jamais poderá ser vencida.

Dessa forma, as reflexões contidas neste capítulo objetivam expor a inserção de Conceição Evaristo no campo literário e, com a intenção de discutir características de suas obras, em especial os laços estabelecidos com a ancestralidade e como eles conduzem a narrativa de suas obras, as contribuições do pensamento diaspórico permitem afirmar que as obras analisadas estabelecem uma conexão entre o real e o imaginário, em que o pensamento social da autora, ao exhibir o mundo dado a ler, exige novas formas de olhar e interpretar o(s) mundo(s), de descolonizar o pensamento e as explicações sociais que nem sempre aceitam as distintas realidades que tecem o tecido social da realidade.

Com a intenção de ampliar essas discussões, no terceiro capítulo pretendo refletir sobre o olhar social de Conceição Evaristo em relação a viver no morro e as relações familiares. Junto a isso, busco perceber como o imaginário social da autora exhibe distintas mulheres, homens e crianças, relações de trabalho, modos de viver, tramas e expectativas sobre si e o mundo.

### CAPÍTULO 3

#### **Entre morros, becos, lágrimas e insubmissão: as formas de (re)existir em Conceição Evaristo**

Parto do pressuposto de que Conceição Evaristo, em sua escrevivência, estabelece um olhar sobre a configuração social da vida no campo e na cidade como forma de compreender os processos de inclusão e/ou exclusão social. Essa observação pressupõe que, por meio dos textos da autora, é possível compreender seu olhar sobre o cotidiano como uma experiência dos sujeitos, mas que reflete o contexto social e histórico de que parte a narrativa. Nisso, os problemas sociais e as alternativas construídas para encarar a vida e (re)existir em meio a distintas exclusões integram a narrativa que se materializa na história de suas personagens.

Assim, a partir da noção de quilombo, exploro a escrevivência da autora como forma de perceber e analisar as exclusões e resistências construídas na trajetória das personagens que se confundem com as histórias reais. Por quilombo, compreendo tal como Bento (2022), quando afirma que,

A população negra também se organiza em coletivos de natureza diferente, e, assim, a semente dos quilombos não para de crescer. Nesse sentido, esses diversos tipos de grupos de jovens, professores, intelectuais e artistas trabalham com o conceito de quilombo como território de memória, de resistência, de fortalecimento cultural e precisam ser apoiados por políticas públicas e programas de diversidade e equidade por organizações (BENTO, 2022, p. 40).

Desse modo, a escrevivência de Conceição Evaristo se faz como quilombo, de sua escrita de resistência, da propagação de suas ideias e olhar social sobre o mundo, das mazelas da vida e das alternativas para reconstruir aquilo que se tenta arrancar da população negra, de reconduzir a vida e criar novas possibilidades.

Pretendia-se inicialmente neste capítulo percorrer os indicativos da autora sobre a complexidade da vida nas cidades em comparativo com a vida no campo, por buscar perceber as lapidações da vida em meio às redes de afeto e sociabilidades, mesmo que imersas em relações de trabalho excludentes. Diante da amplitude que exige tal interesse, essa observação foi dividida em duas partes: na primeira, apresento neste capítulo como Conceição Evaristo, por meio de suas personagens,

transita da vida no campo à cidade e nos permite observar o tempo que passa em meio à vida das distintas sujeitos-personagens que têm suas vidas atingidas pelo contexto e local em que vivem. Finalizo a observação no quarto capítulo, sendo ele uma continuidade da vida que se passa em meio ao campo e aos morros da cidade.

### **3.1 As configurações da vida: cenários sociais diversos entre quilombos e morros**

A escrevivência de Conceição Evaristo em suas lembranças, andanças e experiências, percorre os becos, avenidas, rios e plantações inteiras e nos conduz a perceber processos da formação, manutenção e modificações das relações sociais em distintos contextos, principalmente por meio dos espaços percorridos pelas personagens que se confundem com as histórias da autora, de amigos, conhecidos e seus parentes. Nesse percurso, o transitar entre campo, quilombo, ou viver de forma aquilombada como ela menciona, ou ir para a cidade provocam distintas situações e configurações que servem de sustento para a análise exposta no pensamento social de Conceição Evaristo. Vejamos como ela nos apresenta esses cenários sociais.

#### **3.1.1 Ponciá Vicêncio: do vilarejo à cidade**

Em *Ponciá Vicêncio*, a narrativa inicia por meio das lembranças da personagem ainda menina, quando vivia no povoado onde nasceu. No romance, a autora explora as relações sociais em meio ao campo, à vida na roça, ponto esse que se desdobra em distintos assuntos, em especial na tentativa do Coronel Vicêncio de usurpar as terras prometidas aos que foram escravizados, fator que impulsiona a condição de pobreza. Por outro lado, a autora também explora os vínculos estabelecidos com a terra e com a manutenção de si e da vida com base nela.

Apresento essa discussão por perceber que Conceição Evaristo, de forma minuciosa, descreve as configurações da vida nos espaços rurais, principalmente em quilombos rurais, nos quais, mesmo que atravessados por problemas, intenta investir em uma espécie de lembrança mais doce do passado, tal como quando expressa a experiência da infância de Ponciá. Conforme a narrativa, “[...] naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal” (EVARISTO, 2017, p. 13). Tempo esse em que ela também ficava na beira do rio, observando as águas, “[...]”

como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava muitas tristezas no peito” (EVARISTO, 2017, p. 19).

É nesse brincar de menina durante a infância em meio à vida no vilarejo que Conceição Evaristo nos indica experiências que talvez tenham sido mais livres, se comparadas à brutalidade da vida nas cidades. Mesmo sob vigia e ameaça pela disputa de terras travada contra o coronel, a lembrança doce da vida não versa apenas sobre a menina que cresce. No trecho em destaque são apresentados indícios da vida, o que se fazia para passar o tempo, as atividades de trabalho, a cultura alimentar e o gosto de viver. Quando se era menina, a vida na roça se fazia mais leve, principalmente por não ter que sair para trabalhar na terra dos brancos, pois essas eram as atividades destinadas aos meninos. Junto a isso, a narrativa de Conceição Evaristo leva a perceber que plantar milho não era apenas a busca por renda, mas diz sobre os costumes, sobre práticas culinárias que eram mantidas e construídas a partir dele, mas também sobre a possibilidade de passar o tempo em meio a eles.

No cenário rural narrado pela autora somavam-se ainda as palmeiras de cocotarro, planta que ocorre em todo território nacional<sup>58</sup>. Além disso, a questão regional e a paisagem mineira são exploradas também pela culinária e uso do pequi, típico na região serrana, especialmente em Montes Claros (MG). Assim, a autora insiste em apresentar como se davam as relações sociais permeadas por um outro ritmo da vida, tempo e por significados e sentidos atribuídos ao mundo. Como já dito, ali o saber era outro, de tal modo que a mãe de Ponciá, com o grande vínculo estabelecido com a filha, ao mesmo tempo em que percebeu a necessidade de novos saberes, construía sonhos, pois, “[...] era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra” (EVARISTO, 2017, p. 25), sendo essa a deixa para a menina aprender a ler junto aos missionários que passavam por ali.

Entretanto, aquele sonho de futuro teve outros rumos. Quando o pai de Ponciá morreu, seu olhar sobre o mundo se amplia, faz-se inquieta a coisas que até então passavam despercebidas naquela vida doce que levava. Aos 19 anos, sua decisão de sair do povoado esteve repleta por um incômodo que lhe apertava o peito, “cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2017, p. 30).

---

<sup>58</sup> Conhecida no sul do Brasil como coqueiro de Jericó.

Contudo, a passagem pela vida trouxe percursos não desejados, em que as pedras pareciam cada vez mais fechar-se para um estreito caminho que parecia não ter saída. Temos aqui um processo de amadurecimento de Ponciá atrelado à visão crítica de Conceição Evaristo sobre as mazelas que atravessam a vida no campo.

O mundo no qual Ponciá adentra, e ao mesmo tempo faz parte dele, por sustentar a estrutura social excludente, serve constantemente de crítica às exclusões sociais narradas por Conceição Evaristo. Aquilo que parecem ser detalhes do cotidiano, do olhar de Ponciá, são interpretações da autora sobre um mundo que não serve mais. Nesse transitar, como quando Ponciá entra na igreja logo que chega de viagem, vê que na cidade até os santos das igrejas se mostravam com opulência. Assustada com tamanha discrepância entre os de sua origem, a autora exhibe a distinção social manifestada pela fé e ao interpelar por meio de Ponciá, compara que “[...] eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo em que ela havia nascido. Os de lá eram minguinhas e mal vestidos como todo mundo” (EVARISTO, 2017, p. 31). Por estar ali, em meio aos santos robustos, teria sua prece atendida? Se faria em maior velocidade?

Conceição Evaristo, por meio da história de Ponciá Vicêncio, perpassa a trajetória de muitas mulheres, em especial mulheres negras, que buscaram (e ainda buscam) melhores oportunidades na cidade. Como destaca Lélia Gonzalez (2018), um reflexo social que ao mesmo tempo insere-se nas condições às quais estão submetidas. Para a autora, “[...] um dos legados concretos da escravidão diz respeito à distribuição geográfica da população negra, isto é, à sua localização periférica em relação às regiões e setores hegemônicos” (GONZALEZ, 2020, p. 35). Nesse sentido, a busca por melhores oportunidades faz com que as pessoas migrem, tendo em vista melhores empregos e, por consequência, melhores salários. Pois, como embasa Gonzalez, “[...] a maior concentração da população negra ocorre exatamente no chamado Brasil subdesenvolvido, nas regiões em que predominam as formas pré-capitalistas de produção com sua autonomia relativa” (GONZALEZ, 2020, p.35), fator esse que está vinculado ao processo colonialista de uso da mão de obra barata para atender ao desenvolvimento industrial, tal como indica Gonzalez, “[...] uma vez que a discriminação não passa de um instrumento manipulado pelo capitalista que visa, mediante a exploração das minorias raciais, dividir o operariado (GONZALEZ, 2020, p. 32). Ou seja, os investimentos públicos para atender às demandas sociais, quando não levado em consideração o fator raça, agem de forma intensa na população negra

que utilizará a migração (e imigração como vemos constantemente) como tentativa para poder (sobre)viver em melhores condições.

Entretanto, como adverte a autora, se observarmos principalmente a intersecção gênero, raça e classe, é possível perceber a existência de uma reconfiguração das desigualdades sociais, em que as atividades profissionais e os salários extremamente baixos estão alicerçados a toda a estrutura racista que movimenta o sistema econômico. Tal como indica Gonzalez, ao observar o desenvolvimento econômico brasileiro em fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, para ela, “[...] o chamado ‘milagre brasileiro’ beneficiou apenas uma minoria da população interna e, sobretudo, as multinacionais” (GONZALEZ, 2020, p. 47). Ou seja, a população negra ficou à margem da possibilidade de usufruir desse modelo e foi conduzida à exploração e manutenção das exclusões sociais refletidas em trabalho, emprego, salário e demais condições de vida. Insisto nessas observações de Gonzalez por compreender que essa dinâmica e contexto analisados perpassam as configurações tomadas na narrativa de Conceição Evaristo. Assim, as situações nas quais suas personagens estão partem de uma realidade social observada.

Ponciá representa essa menina/mulher na travessia, na busca por melhores condições. Contudo, ser mulher, negra, pobre e com pouco estudo sustentou sua trajetória, seu processo de desumanização, da posse dos Vicêncio sobre seu nome, da primeira noite de frio e fome na cidade e das sucessivas pedras que inibiram sua possibilidade de sonhar. No vilarejo, por mais difícil que fosse, ali se permitia sonhar. Viver na cidade, afastar-se dos seus, provocou um vazio em Ponciá e o não reconhecimento de si, quando já estava casada, como demonstra Conceição Evaristo, “[...] uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia” (EVARISTO, 2017, p. 19). Seu marido, pela manhã, assustado com a situação a interrogou, então, Ponciá, “[...] pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 19). Sem saber como chamá-la e ao interroga-la, “[...] olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamar de nada” (EVARISTO, 2017, p. 19).

Sua identidade havia sido destruída, a distância não era apenas geográfica. Somado ao tempo que não via sua família, perdeu o contato com os seus, os vivos e os mortos cuja presença podia sentir no vilarejo em que morava e de seus referenciais, perdeu o reconhecimento de si. Esse afastar-se do seu grupo, da terra, do barro, evoca um sentimento de pertença que, no decorrer da obra, serve de incômodo para

Conceição Evaristo. A autora busca, por meio da trama, uma alternativa para lapidar as pedras tão pesadas e agressivas na vida da personagem que parece refletir a história de muitas outras mulheres que saem por aí em busca de sonhos, mas que dificilmente duram muito tempo.

A desumanização de Ponciá Vicêncio percorre sua vida íntima. A noite acordada na escadaria da igreja não foi a última. Ali talvez tenha passado despercebida por estar entre os seus, os mendigos. Não se via neles, mas era tal como os demais. Depois, as condições de trabalho na casa da patroa, e a vida no morro junto ao seu marido esteve permeada por distintas ações que serviam para arrancar as últimas esperanças da mulher. Nessa relação Conceição Evaristo demonstra o que restou de Ponciá. Nesse narrar, a autora nos permite adentrar o cotidiano daquela realidade, observar o tempo que passa vagorosamente, doído e arrastado, quando não se tem forças para sonhar. São detalhes que permitem perceber a vida na favela, a oportunidade limitada e as distinções sociais impostas e reforçadas por meio das ausências. Como narra a autora,

O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. **Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio.** Remexeu o feijão. O fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo. Apesar da ida e vinda dela no tempo, em poucos instantes a janta ficou pronta. **Foi até a prateleira, pegou uma lata de goiabada vazia e começou a servir a comida para ele. Da panela subia cheiro algum. Teve dúvidas se comeria ou não. Pegou um punhado de torresmo com as pontas dos dedos, levou à boca e ficou mordiscando um. O homem comia sentado na cama, com a lata na mão.** O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra. **Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água.** O homem bebeu o líquido de um gole só. **Abandonou a lata com um resto de comida no chão. Arrancou a camisa, a calça e, de calção, que cheirava a sujo, afundou o rosto no travesseiro cheio de molambos, e em pouco tempo dormiu.**

Ponciá Vicêncio correu vagorosamente os olhos pelo cômodo em que moravam. **O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam as prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas.** Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. Fechou os olhos, lembrou da casinha de chão barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. **Panelas, canecas, enfeites e**

**até uma colher com que a mãe servia feijão.** [...] Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio (EVARISTO, 2016, p. 22-24) (sem grifos no original).

A desumanização vivida por Ponciá percorre seu cotidiano. Junto às violências físicas do marido, o servir a ele se faz uma constante em boa parte da obra. Como pode ser visto no trecho acima, Ponciá é quem prepara o alimento, serve e, quando sente o infortúnio da comida seca não descer, sem ser solicitada, está disposta a servir água ao marido. Esses pontos permitem compreender a relação de subalternidade das mulheres em comparação aos homens, assunto já discutido no início desta dissertação que embasa as críticas do movimento feminista e das análises teóricas levantadas sobre o tema.

Presas em uma relação de dominação, Ponciá vive, ainda, a condição desumana de habitação. Os detalhes narrados por Conceição Evaristo buscam recriar a experiência de vida de muitas pessoas que, por meio da escrita, materializam o olhar social sobre as condições de vida na favela. Junto à roupa suja que estava ali, não só pelo desgosto da vida, mas pelas condições de acesso à água, exibe a fragilidade da vida imposta a muitas pessoas. As condições habitacionais que estão longe de oportunizar o íntimo como privado, a invasão de ratos e baratas que toma conta da casa e alastram-se pelos utensílios domésticos, com sobras de alimento reaproveitados. A lata de goiabada representa a ausência da condição humana imposta à Ponciá, em que ela não pode nem desfrutar o sabor do alimento em um prato de comida digno, quem dera uma mesa para sentar.

Junto a isso, o deitar-se sem banho tanto reforça as desigualdades sociais investidas na cultura dos sujeitos, como, por meio dessa observação, Conceição Evaristo nos condiciona a pensar sobre as exclusões de acesso à água, e, no que se refere ao banho, o não buscar exibe a sujeição à qual o casal está submetido. Não existem motivos para se lavar, o autocuidado foi arrancado. A autora sinaliza isso quando chega a vez da personagem ir dormir. “Ponciá Vicêncio deitou na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados. Seria isto vida, meu Deus?” (EVARISTO, 2017, p. 29). Assim, nesse observar vazio de Ponciá, a autora nos leva a interrogar se essa seria uma condição de vida para se viver? Ponciá seria uma mulher?

O processo de desumanização a persegue à medida que avança pela cidade. No deitar-se, quando percorre em suas lembranças a casa em que morava no vilarejo, a recordação de tudo feito pelo barro não se dava apenas pelas condições, mas o reconhecimento de si com a casa e o vilarejo, o domínio daquilo que a alimentava. Conceição Evaristo explora esse sentimento de pertença e ausência, principalmente na riqueza dos detalhes narrados. Quando Ponciá retorna ao vilarejo para ter notícias da mãe e do irmão, o observar de Ponciá das coisas no lugar, das canecas de café, do jirau em que dormiam, das coisinhas cada uma no seu canto, são indícios dos costumes e de como se vive no campo. Quando adentra a casa de pau a pique, sentada na cama, por meio de Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo nos fala da experiência de morar no vilarejo:

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau a pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus, que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era às vezes cheiroso, dado o alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. **Os grandes vasilhames de barro ou ferro e os tachos, em que as mulheres faziam doces, permitiam imaginar farturas.** As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura” (EVARISTO, 2017, p. 52) (sem grifos no original)

Robert Wayne Slenes em “Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX” (2011), levanta profundas observações sobre as experiências de pessoas escravizadas ao longo do século XIX. Ao investigar sobre as narrativas de viajantes, consegue adentrar a moradia daqueles que haviam constituído uma flor em meio às dores da escravidão. O incômodo do autor de compreender as constituições familiares de pessoas escravizadas serviu para romper narrativas anteriores, que serviram como forma de reforço e manutenção da escravidão, para a percepção da constituição de laços familiares por escolha e interesses afetivos. Nesse percurso, junto à composição familiar como uma forma de resistência ao sistema escravocrata, Slenes destaca que no conjunto arquitetônico das casas ou das senzalas-barracão, como são mencionadas, está envolvido todo um simbolismo de pertencimento à origem africana. Para o autor, “[...] na verdade, o ‘lar’ e a roça constituíam-se como uma encruzilhada da identidade, onde se encontravam

tradições africanas de diversas origens: o âmago do processo de criação de uma classe ou, talvez, de uma nação” (SLENES, 2011, p. 214).

Assim, nos momentos em que Conceição Evaristo descreve os lares, o convívio e as relações familiares no vilarejo de Ponciá, exhibe parte dessa realidade, do encontro e diálogo com as origens africanas. Por meio do romance, os detalhes da moradia conduzem às lembranças sobre as práticas cotidianas naqueles espaços, que, longe de simples objetos, reforçam as relações sociais estabelecidas por meio do simbolismo existente entre a arte de fazer, conviver e estabelecer os vínculos, já que na cidade, como também observa Conceição Evaristo, servia apenas como representação da arte popular em exibição na amostra visitada pelo irmão de Ponciá, já que lá os saberes necessários eram outros.

Entre um afazer e outro, nos laços estabelecidos para o manuseio do barro, no uso do fogo para eles e no preparo dos alimentos, no guardar o fogo em meio às cinzas e depois acendê-lo, constantemente mencionados por Ponciá e sua mãe ao longo da obra, Slenes auxilia ainda a refletir sobre os significados atribuídos ao fogo dentro de casa. Conforme o autor,

No Brasil, o fogo doméstico dos escravos, além de esquentar, secar e iluminar o interior de suas ‘moradias’, afastar insetos e estender a vida útil de suas coberturas de colmo, também lhes servia como arma na formação de uma identidade compartilhada. Ao ligar o lar aos ‘lares’ ancestrais, contribuía para ordenar a comunidade — a senzala — dos vivos e dos mortos (SLENES, 2011, p. 256).

Portanto, quando Conceição Evaristo narra o cotidiano de Ponciá, sua transição do vilarejo à cidade, busca observar as práticas e simbolismos existentes em meio ao cotidiano. O fogo sempre a espera para ser remexido, quando no campo, estabelece esse vínculo entre o grupo, entre os vivos e os mortos. A chama se mantém acesa e lentamente vai se apagando quando Ponciá se afasta na cidade obriga sua volta em busca dos seus. Assim, o fogo narrado por Conceição Evaristo é investido com um elo entre si e o grupo, os seus usos para a alimentação, aquecimento, preparo dos utensílios de barro, mas também como ligação e conversa com aqueles que já se foram. Como quando Maria Vicêncio decide ir para a cidade em busca dos/as filhos/as,

Maria Vicêncio revolveu as cinzas no fogão mais de uma vez para se certificar se as cinco brasas estavam acesas. Lá estavam, e uma

maior, grande carvão incandescente, brilhava feito estrela. Havia uns três dias que a mãe de Ponciá tinha retornado à casa. Desde que os filhos partiram, estava sempre ali, porém nunca para ficar. Voltava para visitar a casa, espantar o vazio e sentir a presença dos mortos (EVARISTO, 2017, p. 98).

O fogo é uma forma de demonstrar o elo entre os seus e manter viva a esperança de futuro, como quando Ponciá, atormentada pela vida e o olhar invasivo do marido, pela manhã, “[...] revirou as cinzas do fogão buscando a brasa que ali havia guardado na noite anterior. Ela, como nos tempos da roça ainda, mesmo com a facilidade do fósforo, preferia guardar o fogo sob as cinzas, para recomeçar o novo dia” (EVARISTO, 2017, 46).

Mas a vida no campo, narrada em Ponciá Vicêncio, nem sempre expunha perspectivas positivas. O conflito de terras e a manutenção das relações escravas, principalmente pela lentidão da notícia sobre a proibição da escravidão chegar até aquelas pessoas, mantidas pelo regime escravocrata nas terras que supostamente pertenciam ao Coronel Vicêncio, conduzem as críticas feitas por Conceição Evaristo como parte de todo o processo de desumanização, das costuras do pacto da branquitude para coibir e fragilizar a população negra. Um exemplo é quando o pai de Ponciá, ainda criança, após ter sido humilhado pelo filho do coronel, o sinhô-moço do qual era pajem e com quem tinha a obrigação de brincar, como narra a autora, “[...] era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que lhe abrisse a boca, pois queria mijar dentro” (EVARISTO, 2017, p. 17). Feito o ato, Conceição Evaristo exhibe parte das formas de dominação e controle relacionadas à humilhação. Em meio às lágrimas, o menino, como indica a autora, “[...] naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares de trabalho?” (EVARISTO, 2017, p. 17). Ou seja, o incômodo de Conceição Evaristo tanto levanta a crítica sobre a manutenção das relações escravas, como observa e demonstra de que maneira o processo foi sustentado pela opressão contra as pessoas escravizadas, as formas encontradas para manter as relações hierárquicas e de poder, pontos esses que também são perceptíveis nas demais obras.

### 3.2 Pelos becos, as memórias

A escrevivência de Conceição Evaristo permite percorrer os becos que ficaram apenas na memória daqueles que viveram e foram atingidos pela desfavelização da favela do Pindura Saia, na região central de Belo Horizonte. O eu narrador da autora, como discutido no primeiro capítulo, assume todo o rompimento epistemológico e sua inserção no campo literário. Contudo, em *Becos da Memória*, a narrativa empregada pela autora vai além de assumir uma posição de intelectual. Na obra, Conceição Evaristo utiliza suas personagens para percorrer as distintas memórias e experiências tidas em meio aos becos. Assim, a autora percorre os becos e explora as particularidades de distintas histórias que tornam possível observar a dimensão do tecido social formado por elas. São histórias que se cruzam, se amarram em meio às aproximações e reconhecimento entre personagens/pessoas reais que ganham a centralidade da obra.

Maria-Nova, a menina que percorre os becos, é apresentada pela autora como quase que a responsável em transitar pela favela e guardar todas aquelas histórias. Como destaca Conceição Evaristo,

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. **Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente.** Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e histórias que ouvia. [...] Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias com gosto de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia. Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali havia de repetir ainda (EVARISTO, 2017, p. 31-32) (sem grifos no original).

Como visto por Hampaté Bâ (2010), a manutenção da tradição oral na África, transmitida pela boca e ouvido, faz com que, como indica o autor, “essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória vida da África” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 181). Assim, Conceição Evaristo ao afirmar-se como intelectual negra e disposta a manter viva a ancestralidade africana através de Maria-Nova reforça os laços e a transmissão dos saberes e experiências recorrendo à oralidade da menina materializada por meio

de sua escrita. A personagem, que ora é fácil de se confundir com a autora, assume esse compromisso de escuta, de ouvir os seus. No encontro das pessoas que circulavam pelos becos, “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (EVARISTO, 2017, p. 37). Assim, como uma obrigação assumida de transmitir as narrativas e, de quando possível, “[...] contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente” (EVARISTO, 2017, p. 31). É esse ouvir e contar as histórias que são materializadas na escrita da autora. São narrativas que se cruzam, que dão densidade à vida na favela, que provocam o pensamento liminar sobre si, a vida, a favela e o mundo, que assim como Maria-Nova, que transita entre histórias tristes e alegres, dada a escolha da menina, “[...] ela pediu a história triste, a mais verdadeira” (EVARISTO, 2017, p. 37), utiliza-se delas para reconstruir outras vidas possíveis.

Assim, diante da escrevivência, a autora percorre as memórias, aquelas que passaram pelas senzalas e foram contadas pelas próprias pessoas que foram escravizadas, ou pela transmissão dessas experiências por meio da oralidade. Nesse percurso que se assemelha à busca de ter uma vida possível de ser vivida, Conceição Evaristo nos apresenta características da favela, descreve detalhadamente o cenário forjado em meio aos processos de exclusão social da população negra. Como indica Bento (2022), a dificuldade do acesso à terra e da exclusão intensificada nas cidades contribuiu para a formação das favelas. Nessa escrevivência, a escrita memória de Conceição Evaristo apresenta que “[...] a favela era grande e toda recortada por becos. Alguns becos tinham saída em outros becos, outros não tinham saída nunca. Eram como ruas estreitas que se cruzavam, que bifurcavam. Notícia de morte corria longe, e de casamento também” (EVARISTO, 2017, p. 120). Pois, com a impossibilidade de manter relações privadas, a proximidade entre as casas e os estreitos espaços para percorrer fariam com que qualquer notícia se alastrasse rapidamente.

No transitar das personagens e no exercício de escuta de Maria-Nova, a aproximação entre as moradias serve de comparativo com a vida no campo, lembrada por Tio Totó. Em busca de experiências melhores, o homem juntou um dinheiro na roça que daria para comprar um barraco. Recordando ainda do impacto da cidade ser cheia de carros, Tio Totó sabia onde iria trabalhar e morar, “[...] iria aprender uma profissão. Aprenderia a fazer casas de tijolos. Na roça sabia fazer casa de pau a pique”

(EVARISTO, 2017, p. 89). Nesse comparativo de passado e presente, destaca que, “[...] aqui na capital carece da gente aprender tudo, da gente aprender um modo novo de viver... Na roça, as casas são distantes uma das outras; aqui, a gente é vizinho um do outro, mesmo sem querer ser” (EVARISTO, 2017, p. 89). Assim, a autora conduz a perceber tanto a configuração das moradias como da vida que se tornava pública, pois era compartilhada em meio às paredes e suas brechas que apertavam uns aos outros. Ainda sinaliza para a lembrança de Tio Totó, sendo ele um dos moradores mais antigos da favela: “[...] quando cheguei na favela, ainda tinha muito lugar vazio. Essa minha casa era só um quartinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos” (EVARISTO, 2017, p. 89).

Junto à aproximação das moradias e da vida que se fazia pública, Conceição Evaristo narra os interiores dos barracos. A personagem Ditinha, por exemplo, empregada doméstica vê a patroa, Dona Laura, como símbolo de beleza e dona de todo um luxo a ser desfrutado. Após deixar a casa da patroa toda lustrada, casa repleta de cômodos, utensílios, móveis, roupas, comida, tudo muito organizado, com os restos de comida que servem como um complemento de renda, toma o rumo da casa. Nesse percurso, Conceição Evaristo nos apresenta por meio de Ditinha, parte de como eram (e ainda são) muitas das moradias:

Não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos. Ditinha, em poucos minutos, estaria em casa e isto a contrariou. Resolveu dar uma volta pelo quarteirão antes de tomar o rumo da favela. E assim fez. **Adiou um pouco o seu encontro com a miséria.** No barraco de Ditinha, moravam ela, seus três filhos, sua irmã e o pai paralítico. Dois cômodos, a cozinha e o quarto-sala onde dormiam todos. Lá fora, ficava a privada, a fossa (EVARISTO, 2017, p. 101) (sem grifos no original).

É nesse adiar constantemente a miséria que Conceição Evaristo adentra as residências. Memórias que se fazem apertadas pela vida difícil por compartilhar o cotidiano com muitas pessoas em um pequeno espaço. Assim, a distinção social observada serve como maneira para conduzir a vida da personagem Ditinha e, de uma maneira intensa, chegar até a porta dos barracos e conseguir ter a visão do todo e de todos, pois a ausência de cômodos, ao mesmo tempo em que demonstra o amontado que a vida havia tomado, permite perceber a impossibilidade de se ter privacidade, de condições básicas de moradia e saúde, de traçar novos caminhos.

Ainda, através de Ditinha, Conceição Evaristo nos apresenta a vida frágil em meio aos barracos, na maioria das vezes mais frágil que eles. Quando a mulher chega no barraco,

Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas. Esperou as crianças um pouco mais. Não chegaram. Tirou o pai da cadeira de rodas e o colocou na cama. O pai fedia a sujeira e a cachaça. Lembrou da patroa tão limpa e tão linda como as joias. Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas pro ar depois da festa. Seriam tantas louças! Na certa sobriariam doces e bolos. A patroa haveria de dividir com ela, com a cozinheira e com a babá. Traria para a casa e seria a vez de os olhos dos filhos brilharem mais que qualquer joia, Ela seria um pouquinho feliz (EVARISTO, 2017, p. 104)

Com o contraste de sua vida e a da patroa, o olhar de Ditinha sobre a vida Na favela exala o cheiro da miséria da vida, de como o viver nos barracos foi a única alternativa encontrada em meio ao atravessamento de tantas exclusões sociais sofridas pela população negra. Como os marcadores sociais da diferença adensam a vida de ser uma mulher negra, pobre, mãe, empregada doméstica, com pouquíssimas condições, com uma vida precária. Essa se torna ainda mais difícil quando Ditinha rouba a joia da patroa. Escondida em meio aos seios, ao demonstrar a tentativa de Ditinha esconder o que havia furtado e ao mesmo tempo aliviar o peito machucado pelo objeto, Conceição Evaristo, exhibe como a noite tornava a vida na favela ainda mais complicada. Quando a personagem, “[...] foi até o quartinho com a lamparina e o fósforo na mão. Dentro do quartinho, o cheiro de bosta e mijo. Que merda! Que vida! Estava tudo difícil e ela complicou-se mais ainda pegando o broche de Dona Laura” (EVARISTO, 2017, p. 122). Assim, a atenção da autora de demonstrar o problema gerado pelo roubo da pedra, enfatiza as distâncias sociais que levam Ditinha a ver na pedra uma possibilidade de tornar a vida mais humana, já que isso pertencia apenas à patroa, e a trama da personagem é uma forma de percebermos a fragilidade da vida dos/as moradores/as da favela. Sem energia elétrica nem energia para encarar a vida, ambas serviam para iluminar novos caminhos, mas isso é ainda mais difícil quando as possibilidades são limitadas.

Entre as memórias das personagens, quando Maria-Nova, Ditinha, Bondade e outros observam Filó Gazogênica em seu quase leito de morte, em meio às dores da mulher causadas pela doença e pela vida, Conceição Evaristo faz uma tentativa de

Filó Gazogênica levar para si algo de bom que tenha vivido, experienciado ou lhe dado algum conforto enquanto viveu. Nisso, a autora utiliza a situação para demonstrar o interior da vida e da casa, essa que se assemelha a de tantos outros. Inquieta com o fim que se aproxima em meio à solidão da personagem, Conceição Evaristo narra que,

O sangue escorria pela boca de Filó Gazogênica e o peito arfava... **Deus meu, eu não quero ir assim, tão sozinha!** Como estariam a filha e neta? Filó Gazogênica ameaçou abrir os olhos. pensou, entretanto, **que seria melhor continuar com eles fechados. Abrir os olhos para quê? Ela já conhecia de cor o seu barraco. Duas camas: a dela e a da filha, que dormia junto com a neta. No cantinho, o fogão a lenha e a prateleira de madeira onde estavam as latas de mantimentos vazias, as louças velhas, as canequinhas de lata, e as duas panelas, uma de ferro e outra de barro** (EVARISTO, 2017, p 108). (sem grifos no original).

A solidão de Filó Gazogênica expressa o percurso de muitos que viveram (e ainda vivem) nos morros. Mesmo tendo vivido em meio ao aperto do tamanho das moradias e da quantidade de pessoas geralmente bem maior do que o espaço poderia suportar, muitas se encaminham para a solidão. Filó Gazogênica estava sozinha em casa, filha e neta estavam internadas com a mesma doença, a tuberculose que fora manifestada pela dificuldade em manter o isolamento do enfermo dos demais familiares, de cuidados médicos adequados e de forma rápida, já que o distanciamento social aqui serviu para intensificar aquilo que já existia, a exclusão social. Nisso, quase com um narrar a própria morte, Conceição Evaristo, por meio da personagem, observa alguém que está desgostosa com a vida, com as pedras carregadas nela e, “[...] ameaçou abrir os olhos. pensou, entretanto, que seria melhor continuar com eles fechados. Abrir os olhos para quê? (EVARISTO, 2017, p 108). O que adiantaria ali? Não seria melhor seguir logo a travessia para a morte e escapar logo da fome que estava empilhada sobre as prateleiras vazias? Talvez, com a morte, o futuro tivesse mais de duas panelas para poder variar o cardápio.

Em meio aos becos, o ritmo da vida era movido pela lentidão de escapar das dores, das pedras que pareciam cair sobre os corpos cada vez que os tratores avançavam na desfavelização, mas ao mesmo tempo ditava um ritmo rápido de querer sair daquela condição, de chegar a um futuro, mesmo que difícil de ser construído, tal como, através de Tio Totó, é exposto que, “[...] os sonhos dão para o almoço, para o jantar, nunca” (EVARISTO, 2017, p. 50). Todo dia, ao amanhecer, era necessário

alimentar a esperança quase sempre sem saber com o quê, a ponto de confundir o velho assim como outros, pois, conforme a inquietação de Conceição Evaristo por intermédio de Tio Totó, afirma, “[...] pensou que a vida e a morte fossem diferentes. Não, a vida e a morte são tudo a mesma coisa. É tudo rápido e lento, é tudo meio sem jeito” (EVARISTO, 2017, p. 129).

Quase como um jogo entre a vida e a morte, Conceição Evaristo, de uma forma simbólica, percorre os becos demonstrando como a vida das pessoas que viviam neles eram movidas pela água. Sem água encanada, as torneiras espalhadas pelo morro agiram para desenhar a favela, a vida e as relações sociais e de trabalho constituídas por ela e em torno dela. Logo no início da obra, a autora, ao utilizar as memórias de Maria-Nova, aponta que,

Em frente a casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A ‘torneira de cima’, pois no extremo da favela havia a ‘torneira de baixo’. Tinha, ainda, o ‘torneirão’ e outras torneiras em pontos diversos. **A ‘torneira de cima’, em relação a ‘torneira de baixo’, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar lavar roupa quase todo dia. Era possível fazer ali o serviço rápido.**

**Quando eu estava para a brincadeira, preferia a ‘torneira de baixo’.** Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criançada amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces. **Quando eu estava para sofrer, para o mistério, buscava a ‘torneira de cima’** (EVARISTO, 2017, p. 16) (sem grifos no original).

Ter acesso à água era uma forma de continuar a vida, de constituir relações sociais em volta das torneiras, de saber da vida dos outros, de sustentar a própria vida com o dinheiro ganho com a roupa lavada para fora. Assim, as torneiras públicas não forneciam apenas água, ela vinha como gotas de esperança. Ainda junto à atenção sobre o impacto da água na vida das pessoas, Conceição Evaristo perpassa as características da favela e sua distribuição da água como uma forma de conduzir quem frequentaria os espaços. Ao firmar as distinções entre a “torneira de cima” e a “torneira de baixo”, mostra a diferença dentro da diferença em se viver na favela. Quanto mais se sobe o morro, mais se sabe de problemas, mais difícil a vida fica. Assim, a torneira de cima era a mais procurada, não só pela quantidade de água, mas pelo fluxo de pessoas que a buscavam para seu uso e/ou sobrevivência de tal forma que mais pessoas pudessem compartilhar a vida, suas histórias e, por consequência, histórias tristes.

Ainda em relação à água, as torneiras, e a distinção social, Conceição Evaristo, por meio de Maria-Nova, nos fala que,

Na favela havia uma família que tinha um grande comércio. O negócio deles não era botequim nem bitaquinha. Era armazém mesmo. Havia outros armazéns na favela. Dois ou três mais, entretanto aquele era da preferência de todos. Vendiam tudo, até banho. O dono do armazém mandara construir alguns quartinhos de homens, eram sempre homens, compravam ficha e iam lá banhar. Devia ser bom, era banho de chuveiro, como se fosse pequena chuva caindo no corpo da gente.

O armazém de Sô Ladislau ficava perto da torneira de cima. Era uma área da favela para a qual a Prefeitura soltava água em abundância. Sô Ladislau mandou instalar uma torneira do lado de fora da casa, ali perto dos quartinhos de chuveiro. Quem quisesse pegar água ou lavar roupa ali, pagava para ele certa quantia (EVARISTO, 2017, p. 41- 42).

Os banhos de chuveiro eram destinados aos homens. Não se sabe se possuíam água quente, mas usufruir do espaço já provocaria outra distinção em meio ao grupo. Sô Ladislau, proprietário do armazém, negociava seu ganho e o destino dos outros, daqueles que poderiam se banhar no chuveiro e sentirem-se mais humanos ou aqueles/as que comprariam ali, muitas vezes fiado. junto a cigarros e bebidas, mantimentos para estender a vida.

Conceição Evaristo demonstra ainda as maneiras utilizadas para lutar contra a fome. Nas recordações de Maria-Nova, do aperto pela falta de alimento, “[...] o bom era que Tio Totó, Maria-Velha e Mãe Joana eram previdentes. No pedacinho de terra que havia em volta do barraco, plantavam mandioca, milho e verduras. Havia pé de manga, banana e mamão” (EVARISTO, 2017, p. 160). Ou seja, uma mistura dos saberes e experiências da vida na roça, do privilégio de poder morar na região da “torneira de baixo”. Entretanto, ao destacar a dedicação ao trabalho exaustivo em busca da sobrevivência, compara que ladrões, malandros e preguiçosos também existiam, “[...] entre todos pouca diferença havia. A condição de vida era única, a indigência em grau maior ou menor existia para todos” (EVARISTO, 2017, p. 160). Assim, a autora utiliza o acesso ao alimento e outras condições de vida, como a água, por exemplo, para apresentar a configuração da vida da favela, que, mesmo com leves diferenças, a vida de todos/as ali acabava arrancando a dignidade dos que viviam naquele lugar, como se fossem indigentes, tal como Cidinha-Cidoca, que nem enterro digno teve após sua morte.

Junto à fome e demais problemas da vida e da favela, o avançar da desfavelização veio cada vez mais arrancando o pouco de vida que tinha. Na medida que avançava a negociação para a retirada dos moradores e os tratores destruíam o que sobrou, arrancavam-se as torneiras que permitiam estender a vida. Assim, Conceição Evaristo, em Ponciá, utiliza a água para demonstrar como ela auxilia o percurso da vida. Em *Becos da Memória* a vida se mantém até a existência dela, pois era difícil competir com as máquinas que avançavam. Como destaca a autora,

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada (EVARISTO, 2017, p. 71).

Assim, com essa observação, Conceição Evaristo indica como a especulação imobiliária que se expandia tratava os moradores que habitavam um local que era objeto de lucro. Contudo, enquanto as vidas que estavam ali não importavam, sua (sobre)vivência, limitava-se ainda mais. Os tratores não apenas aravam a terra com a retirada dos barracos e das torneiras, mas dificultavam ainda mais a vida, o que sobrava dela e que era arrancada cada vez mais. Nisso, a negociação da vida estava entre poucas tábuas para seguir caminho, ir para outro lugar, ou então, com um mísero valor com o qual podiam apenas distrair a fome por um curto tempo, gastando o dinheiro recebido por ali mesmo. Nesse negociar, aqueles que haviam aceitado a venda ou recebimento dos itens deveriam sair. Conceição Evaristo explora a retirada das famílias como uma insistência por exibir a distinção social impregnada em meio ao pouco que tinham e desumanização acelerada com a partilha. Conforme a autora, na retirada das famílias,

**A mudança, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão** (também oferecido pela firma construtora). **Os vizinhos próximos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. O caminhão**

**levantava poeira. Bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse** (EVARISTO, 2017, p. 81) (sem grifos no original).

Ainda em relação à mudança, quando a autora narra a partida da família de Ditinha, apresenta que,

Quando chegou ao beco onde morava Ditinha, as mudanças dela e dos outros vizinhos estavam sendo colocadas nos caminhões. Quem não estava mudando ajudava também. **Às vezes, era confuso. As mudanças eram iguais, parecidas. Os mesmos trastes, as mesmas velharias, os colchões rasgados, as trouxas encardidas. As latas de planta, os penicos, as tinas e bacias.** E, quando as coisas eram colocadas trocadas nos caminhões, os donos gritavam avisando: 'Ei, Bondade, esta é minha!' Bondade pegava, destrocava e todos, **disfarçando a tristeza, riam e riam** (EVARISTO, 2017, p. 170) (sem grifos no original).

Sem outra alternativa, mudar dali se fazia uma obrigação. Com tentativas falhas em ficar, Conceição Evaristo demonstra com suas personagens que, sem muita expectativa sobre a partida, “[...] se era para ir, se não havia outro jeito mesmo, era melhor ir logo, melhor abreviar a dor. Mudaram apenas de lugar, a vida seria a mesma ou até pior (EVARISTO, 2017, p. 148). Sair daquela favela era ter em mente que os problemas continuariam ou até mesmo seriam intensificados com novas barreiras impostas pela travessia incerta, tanto de destino como da vida. Na mudança, os objetos exibiam a pobreza, as ausências de tudo e as formas encontradas para sobreviver, dos utensílios básicos àqueles utilizados para tentar tirar algum sustento, como as tinas usadas pelas lavadeiras, talvez todas as mulheres. Com as mesmas velharias jogadas sobre o caminhão, a dor da partida se distraía com rápidos momentos de risos, mas que eram cobertos pela poeira levantada pelo caminhão. E assim, a autora vai adentrando os becos que vão ficando apenas nas memórias, os barracos vazios que vão ficando grandes com as ausências daqueles que se foram, tanto pela morte como daqueles que tiveram a vida negociada para viver em outro lugar.

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (2022), ao investigar as políticas urbanas para as favelas desenvolvidas pela prefeitura de Belo Horizonte entre as décadas de 1940-1950, identificou que o processo de crescimento e urbanização associado à reprodução das desigualdades de classe e raça na favela da capital mineira impulsionaram sucessivos prefeitos a buscarem estratégias para a retirada dos

moradores. Segundo o autor, “[...] definindo uma política de desfavelamento que se estabeleceu em diálogo com o debate nacional sobre a “solução” para o “problema das favelas” (OLIVEIRA, 2022, p. 250). Sobre os discursos de melhoria da condição de vida dos moradores, o autor aponta que,

[...] o desfavelamento também significava retirar os moradores das condições ‘sub-humanas’ e a disseminação dos bens de consumo civilizados. Os apartamentos eram constituídos em estilo moderno e providos de fogão a gás, luz e outros itens de consumo valorizados como parte do padrão de vida urbano-industrial (OLIVEIRA, 2022, p. 247).

Com base na observação do autor, a recondução da condição humana dos moradores da favela seria devolvida com a inserção deles no mercado, consumindo produtos da época e usufruindo de bens considerados dignos para a vida humana. Nesse processo, como destaca o autor, os moradores seriam conduzidos para bairros estratégicos, que em sua maioria constituem bairros operários (OLIVEIRA, 2023). Ou seja, buscava-se, por meio da desfavelização, uma espécie de humanização, mas forjada através do consumo e do encaminhamento dos corpos daquelas pessoas para a movimentação do capital, tornando-se operários/as úteis ao sistema.

Com a ênfase utilizada para descrever a vida na favela, Conceição Evaristo percorre em suas lembranças consequências de um projeto habitacional que não contribuiria para muitas esperanças, pois mudar não significaria romper as dores. Com a desumanização em evidência para descrever o cotidiano e a configuração da favela, a autora destaca ainda como a chuva, ao mesmo tempo em que gerava novos, contribuía para reforçar antigos problemas sociais. Como apresenta a autora,

**Tempo triste era o tempo de chuva na favela. A chuva dentro e fora dos barracos**, as goteiras que deixavam uma mancha amarelada nas roupas. Era o sujo da telha. **Todos tinham de ficar dentro de casa**. Sol, pelo menos os meninos iam lá para fora. **Chuva, ficava todo mundo amontoado que nem bicho varejeiro**. As crianças cansavam de inventar brincadeiras. Fazia frio, muito frio! Um cutuca para lá, outro cutuca para cá. E grita e berra. **Não havia paciência que não explodisse, mesmo em peito de muito amor**. [...]  
**A chuva persistente acabava por amolecer as paredes do barraco que, entretanto, iam resistindo por teimosia até o momento em que não aguentavam mais. Às vezes, rachavam primeiro, denunciando fraqueza, outras vezes não, caíam rápido e de repente. E quando ouvíamos um barulho, surdo, seco, apuramos os ouvidos esperando gritos de dores humanas. Alguns ficavam soterrados, principalmente velhos e crianças. Os vizinhos**

**corriam rápidos, em meio à chuva, com pás, paus, o que tivessem, e retiravam as pessoas. Não era tarefa muito difícil. Os barracos eram de adobe, latas, papelões e folha de zinco.** Raramente haviam mortos, vez por outra algum ferimento mais grave e, na maioria das vezes, só escoriações. O pior era o desespero de não ter para onde ir, não ter mais o barraco para morar. A insegurança e o desconforto, que antes já existiam, com o barraco abaixo se tornavam maiores ainda (EVARISTO, 2017, p. 138-140) (sem grifos no original).

Se a água potável faltava gradativamente com a desfavelização, transbordava quando chovia, tal qual o desespero de se continuar a ter onde (sobre)viver. Com a chuva, não havia garantia de que as moradias frágeis ficassem em pé. Tensão ainda dobrada quando envolve o pequeno espaço compartilhado com os demais, assim como as poucas oportunidades de distrair-se por longos dias isolados em casa. As péssimas condições afetariam ainda mais as possibilidades de renda, já que muitas lavadeiras dependiam do tempo de sol para poder lavar as roupas, como também dificultava o acesso à água potável.

Em relação à dificuldade de acesso à água, esse problema cada vez mais toma conta da rotina. Conceição Evaristo demonstra parte desse incômodo, pois, com o ampliar da desfavelização e retirada das torneiras, dada a proximidade das obras dos edifícios que substituiriam a vida da favela, a autora destaca que, “[...] em algumas construções do bairro vizinho, à noite, o rondante dava aos favelados algumas latas d'água. Era um exercício cansativo. Andávamos, muitas vezes, quase uma hora com as latas na cabeça e outra dependurada nas mãos (EVARISTO, 2017, p. 156). Desse modo, a água que percorre os *Becos da Memória* assume dois extremos. Um representado pelo exagero durante as chuvas, as quais dificultavam a vida. No segundo, sua existência servia como uma forma de irrigar a vida, de permitir que os moradores pudessem ter, talvez, o mínimo do mínimo para sobreviver. Com a retirada das torneiras, na voz de Maria-nova, Conceição Evaristo percorre becos secos sem forças para viver. Como destaca, “[...] a água caía pouco, lenta, preguiçosa, como se fosse um favor. Havia má vontade em tudo. Havia uma má vontade no viver” (EVARISTO, 2017, p. 163). E assim se fez. Todas as famílias retiradas dali tomaram rumos distintos, outras favelas e as mesmas dores, enquanto, como destaca a autora “[...] houve pessoas que assumiram oficialmente a mendicância e foram morar na rua” (EVARISTO, 2017, p. 174).

Diante disso, nesse transitar pela vida Conceição Evaristo levanta críticas sobre a manutenção das exclusões sociais às quais a população negra estava submetida. Mesmo com mudanças no tempo, parecia ter existido a continuidade da senzala, reconfigurada em novas formas de prender, qualificar e conduzir a vida daquelas pessoas, em atribuir valor ou desqualificá-la, em torná-la útil à manutenção das desigualdades sociais.

Em relação à senzala, constantemente, Conceição Evaristo utiliza os comparativos de Maria-Nova, sejam as histórias ouvidas ou aquelas narradas pela menina, como formas de criticar a quase nada libertação das pessoas do sistema escravocrata. Como afirma a menina, “[...] percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais se entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio” (EVARISTO, 2017, p. 137). Este que era movido pela fragilidade da vida na favela, pelas violências contra crianças e mulheres, pela busca pelo álcool como forma de distrair a dor, perdas e ausências provocadas pela limitação da vida. Como salienta a autora nas memórias da menina, como quando sente a vontade de fazer o comparativo na aula, já que o assunto tratava sobre esse problema.

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. **Tinha para contar sobre a senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida** (EVARISTO, 2017, p. 150) (sem grifos no original).

Ainda em relação à senzala, em distintos momentos a autora perpassa as memórias dos mais velhos, daqueles que tiveram seus pais escravizados, como Tio Totó, que quando se “[...] entendeu por gente”, já morava em outro lugar. “Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam na luta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na ‘Lei do Ventre Livre’” (EVARISTO, 2017, p. 18). Com pouca diferença entre ter nascido livre ou não, ponto já explorado a partir de Cida Bento, que nos indica como a Lei do Ventre Livre auxiliou para o trabalho escravizado infantil, Conceição Evaristo utiliza as memórias compartilhadas sobre a escravidão para transitar entre os mundos da senzala e da favela que possuíam muitas semelhanças, principalmente em relação à ausência de condição de vida, tal como indicada pela fala de Maria-Nova.

Na escrituragem de Conceição Evaristo, junto das memórias de Tio Totó, assim como em Ponciá Vicêncio, a autora critica pontos semelhantes. Junto à condição do trabalho escravizado infantil, a autora explora outras ameaças e injustiças vividas durante a escravidão. A venda dos filhos está entre elas.

Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece.  
- Não matem 'mãe preta', não matem 'mamãe preta'!  
Os sinhôs resolveram então vender a escrava e nunca mais se soube dela (EVARISTO, 2017, p. 31).

A resistência provocada pela filha de Tio Totó serviu como forma de punição coletiva, desvincular a família para servir de exemplo e evitar novas reivindicações, dada a não aceitação do trabalho escravizado. Entretanto, nesse momento, a escravidão já havia sido proibida e violações como essa não inibiam novas reivindicações contrárias à escravidão. Assim, a crítica da autora explora tanto a continuidade do trabalho escravo como demonstra o ativismo das pessoas escravizadas contrárias ao sistema. Não sendo essa a única forma de resistência, ainda em relação à Tio Totó, a autora percorre a memória do homem para investir na configuração da vida no campo. Quando o homem deixa a senzala, a autora indica que,

Totó juntou a mulher, filha e alguns trapos. Nem ele, nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer também as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato. **Lembraram histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. Lembrava-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores padres.** Nessa hora vinha a dor fina como um espinho rasgando o peito (EVARISTO, 2017, p. 20) (sem grifos no original).

A travessia de Tio Totó e sua família exprime o protagonismo e resistência da população negra. São ações que visavam tanto ao rompimento do sistema, como alternativas construídas por meio da diáspora que permeia o encontro de si com os seus, a percepção de outras formas de viver, as buscas na mata para escapar da escravidão, e, ao mesmo tempo, a constituição de quilombos, não apenas como lugar de fuga, mas de ressignificação de toda a ancestralidade e cultura que movimenta a

vida em torno dele, tal como a relação com a religiosidade. Sem ter sentido a imposição da referência católica como religião, Tio Totó faz referência ao passado ancestral africano, às crenças religiosas praticadas pelo seu povo, que possuem outros sentidos e referenciais. Como destaca Conceição Evaristo, “[...] nessa hora vinha a dor fina como um espinho rasgando o peito”, pois ali se misturavam lembranças boas, talvez não vividas, mas ouvidas, que serviam como um acalanto para diminuir as dores do corpo e das ausências.

Conceição Evaristo, através de suas personagens, insiste em demonstrar como a oralidade se faz presente nos espaços urbanos e rurais e fortalece os laços entre o grupo. Junto a isso, percebo que a autora investe na oralidade como um fator político, tanto para o processo de identificação de si com o grupo (da autora e de suas personagens), como também pela alternativa percebida para humanizar personagens e leitores/as, a fim de auxiliar o processo de percepção da realidade social e possibilitar a luta por direitos e sua conquista, processo esse que atinge fortemente a formação dos sujeitos, impossibilitando a continuidade de novas relações excludentes e/ou exploração desses sujeitos. Tal como indica Bento (2002), “[...] o primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados” (BENTO, 2002, p. 05). Ou seja, a autora perpassa os caminhos de suas personagens para, por meio de sua escrevivência, apresentar as alternativas construídas para se viver em meio às exclusões sociais, que, de maneira ativa, a população negra utilizou como formas de resistências na escravidão, pós-abolição e no presente. A oralidade, como forma política, perpassa a educação de novos sujeitos para darem continuidade à crítica e/ou rompimento de exclusões ainda presentes.

Sobre essa educação como defesa política em relação ao campo, Conceição Evaristo percorre as terras conquistadas pela população negra, assim como em Ponciá Vicêncio, em que o Coronel Vicêncio usava todas as alternativas possíveis para ter posse das terras conquistadas pela população negra. Em *Becos da Memória*, a disputa pela terra não está apenas na tentativa de manter-se no mínimo para conseguir (sobre)viver na cidade. Ao tratar do campo, a autora também insiste em demonstrar a disputa travada entre quilombolas e o Coronel Jovelino. Ao tratar desse assunto, a oralidade e a ancestralidade servem como condutores de uma educação para que as pessoas negras conheçam sua história, direitos e a formação do

pertencimento ao grupo. Desse modo, ao percorrer a disputa de terras, da dominação imposta pelo Coronel Jovelino, junto das recordações de Bondade, indica que, “[...] sabíamos também que os capangas dele eram gente nossa. Tínhamos comprovado que todos eles, antes de serem capangas do Coronel, eram nossos irmãos” (EVARISTO, 2017, p. 55). Assim, a autora se refere tanto às críticas às continuidades da exploração da população negra, como usa a narrativa como um dever de memória.

Sobre o dever de memória e seu uso político, Bento (2022), nos aponta:

De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também revisão da narrativa sobre o passado ‘vitorioso’ de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram - os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer (BENTO, 2022, p. 39).

Dessa maneira, a narrativa de Conceição Evaristo possui poder de (re)existência ao sistema excludente, às ações anti-humanitárias provocadas no passado escravista, reivindica políticas de reparação e age ainda como forma de romper a visão colonizadora sobre a escravidão e o pós-abolição. Com o Coronel Jovelino, a autora o usa como forma de demonstrar as mazelas provocadas pela escravidão, as alternativas construídas para desvincular os grupos quilombolas e tomar suas terras, os assassinatos cometidos por elas. Como indica a autora, “[...] as águas do Rio das Mortes calavam um segredo que era delas, do Coronel e de seus capangas” (EVARISTO, 2017, p. 58). Com isso, Conceição Evaristo utiliza as águas do rio para demonstrar como elas silenciavam os assassinatos cometidos em nome do coronel, e, com o temor de novas mortes, não se falava sobre o assunto, fortalecendo o pacto da branquitude, a manutenção dos privilégios e injustiças sociais cometidas a seu favor.

### **3.3 E na cidade os olhos se enchem d'água**

Conceição Evaristo nos provoca a refletir sobre os distintos problemas que atravessaram (e atravessam) a vida da população negra. Posso destacar a obra *Ponciá Vicêncio* como uma transição na história de muitas pessoas, em especial as mulheres que sonham em constituir distintas oportunidades e sair do campo e ir para a cidade faz parte desse processo. Já, a partir de *Becos da Memória*, compreendo a

restrição da vida e oportunidades, como a favela se tornou a única opção de vivência quando não são debatidas políticas públicas inclusivas, principalmente voltadas ao combate ao racismo e à fome. Por sua vez, vejo *Olhos D'Água* como uma descrença com as pessoas no mundo que, além disso, permite perceber o transitar, sair do morro em busca de outras formas de sobreviver, e, ao mesmo tempo, a exposição da desumanização dos sujeitos, seja daqueles que sofrem com os problemas ou daqueles que se beneficiam deles.

Dos quinze contos que compõem a obra, apenas “Olhos D'água” e “Ayoluwa, a alegria do nosso” expressam maior atenção para a vida no campo, áreas rurais ou vilarejos. No caso do segundo, deixo para investir nas observações no próximo capítulo, sendo ele envolto pela ancestralidade e afetividade. Assim, tendo os textos, em sua maioria, olhares sobre a vida na cidade, Conceição Evaristo caminha entre os becos da favela, desce o morro e por meio de suas personagens estabelece o pensamento social sobre as configurações da vida urbana, como distintas marcações sociais tornam relações ainda mais excludentes como quando, por exemplo, ser mulher, negra, analfabeta realça exclusões sociais.

No primeiro conto, que leva o mesmo nome da obra, a história da mãe que brinca com sua filha e insiste em tentar lembrar de que cor eram os olhos de sua mãe apresenta uma narrativa de superação. Da vida difícil no interior de Minas Gerais à ida até a cidade, há uma trajetória de luta e sofrimento, de uma infância curta, pois se cresce rápido ou se torna adulto logo quando se precisa trabalhar. Assim, quando narrado que a mulher, ao acordar à noite, “[...] atordoada, custei a reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chego até ali” (EVARISTO, 2016, p. 15), corresponde ao resultado de uma longa trajetória, de sair do campo para melhores alternativas, do investimento no ensino como forma de ter outras oportunidades. O conto, que facilmente se confunde com a história de vida da autora, perpassa as memórias da mãe que sinalizam que a vida no campo não era tão fácil. A vida no barraco que balançava em dias de chuva, da panela que cozinhava e saía cheiro algum, que, “[...] era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento (EVARISTO, 2016, p. 16), tal como na história narrada por sua mãe, demonstra as dificuldades da vida, histórias que se repetem, tal como a infância da mãe e filha. Sendo uma narrativa de superação, o desfecho mostra o encontro de mãe e filha, e o desejo de que a menina que cresce (filha-neta) possa

ter novas oportunidades, que os olhos se enchem d'água por emoções compartilhadas entre elas.

Comparativos entre a cidade e a vida em regiões interioranas são indicados ainda no conto “Beijo na face”, quando Salinda busca a casa de Tia Vandu, no interior de Minas Gerais, como um refúgio às violências psicológicas perpetradas por seu companheiro e, ao mesmo tempo, como local de encontro com sua amiga/amada. Um lapidar da vida em meio ao reconhecimento de uma sexualidade lésbica, mas atravessada por outros problemas sociais, como a violência doméstica sofrida em seu casamento.

Em “Os amores de Kimbá”, as distinções sociais embasam a análise crítica da autora sobre os contrastes entre viver na favela e fora dela. Sendo as casas no morro construídas em decorrência das reformas urbanas classistas e racializadas, assim como em *Becos da Memória*, o conto nos dá indícios sobre a vida árdua de se viver na favela, de depender de relações de trabalho exploratórias e excludentes, sendo elas mais uma alternativa para não morrer de fome do que para melhorar de vida. Nessa vida exaustiva, por meio de Kimbá, Conceição Evaristo reflete:

Kimbá desceu um por um os degraus da escadaria da ladeira. Cá embaixo, sentiu a dor e alívio. Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os dias pensava que não conseguiria. Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa, exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Ludumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs [...]  
Quando Kimbá empurrou a porta do barraco em que morava, já era madrugada alta, quase manhã. Pôde escutar o ressonar da avó, da mãe, das tias e das irmãs. Seu irmão, Raimundo, roncava alto. Da boca aberta exalava um hálito de cachaça. Virou o irmão com cuidado, o ronco diminuiu. Sentiu em seu próprio corpo o cheiro da mulher. Vestiu o calção e foi lá fora no tanque. Pegou um pedaço de sabão de coco, ligou a borracha e começou a se ensaboar. Tinha se acostumado com o sabão de coco. Não gostava de fragrância de sabonete próprio. Depois veio para a cama. Segunda-feira, o dia já rompia. Kimbá não conseguiu dormir. Nas horas seguintes, não se levantou. Não desceu o morro. Não foi ao supermercado trabalhar (EVARISTO, 2016. p. 88-91).

Similar aos detalhes apresentados a respeito dos interiores das moradias de *Ponciá Vicêncio* e dos barracos de *Becos Da Memória*, o conto sobre a vida da personagem Kimbá é o que mais adentra os detalhes do espaço privado, ou não tão

privado assim, já que a ausência de cômodos não fornecia tal luxo, fazendo-o dividir até mesmo a cama com os demais da família, assim como a proximidade das casas apertadas entre as vielas e escadarias que contornavam as moradias, deixando a vida ainda mais pública. Nos trechos acima, o detalhe do interior da moradia contribui para as ausências e distinções sociais que atravessam a vida no morro. Dos aproveitos, tal como “[...] o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó” que servem para substituir louças, sendo elas de difícil acesso, ou o desejo de um banheiro para poder lavar o rosto ou não precisar se banhar com a borracha. No caso de Kimbá, no trecho narrado, o banho durante a madrugada com sabão de coco exhibe a internalização das distinções socialmente construídas. Ele não quer o cheiro do perfume de sua namorada/amante, tal como veremos no próximo capítulo. Kimbá está cansado da vida, da pobreza, do ritmo imposto por uma vida entre subir e descer o morro para o trabalho.

No conto “O cooper de Cida”, apresenta indicativos da percepção da autora sobre o ritmo de vida imposto pela cidade, que praticamente impede que as pessoas possam desfrutar da vida sem que estejam atreladas ao trabalho. Cida representa a mulher agitada, que não para. Em um brincar entre as corridas matinais pela praia e a vida de Cida, a autora observa que, “[...] corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguido tempo de viver. Era preciso buscar sempre. O que tinha ficado para trás, o agora e o que estava por vir” (EVARISTO, 2016, p. 65). Tendo em vista a autonomia, o sucesso pessoal e profissional que obteve como forma de driblar os problemas que teve na infância e adolescência, depende dessa busca incansável por não se saber talvez, como dominar o tempo. Cida possui um diferencial, é uma mulher que está em meio aos negócios, não depende de companheiro, mora em um apartamento próximo à praia de Copacabana. Mesmo assim, “[...] corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar sempre e sempre” (EVARISTO, 2016, p. 66).

A autora utiliza a personagem para indicar o sentimento de urgência de muitas pessoas, desde a infância. Cida aprendeu os negócios com a mãe, visitou o Rio de Janeiro quando ainda criança, e nas avenidas movimentadas observou outras formas de viver. Tal como indica a autora,

Aos onze anos, Cida foi pela primeira vez ao Rio com a mãe, em viagens de negócios. A mãe reclamava da velocidade dos carros, do

amontoado e da correria das pessoas, do vai e vem de todos. Cida bebeu enlouquecida o zigue-zague dos carros, das pessoas, dos pés quase voantes dos pedestres desafiando, vencendo e encontrando a morte. Descobriu no turbilhão da cidade um jogo caleidoscópico formado por peças, gente-máquinas se cruzando, encontrando braços, rodas, cabeças, buzinas, motos, pernas, pés e corpos aromatizados pela essência da gasolina. Cida descobriu outras pessoas também portadoras da urgência de vida que ela trazia em si. E naquele momento optou por retornar um dia para ficar ali. Tinham razão, a cidade era maravilhosa (EVARISTO, 2016, p. 66-67).

Por conta disso, por meio do olhar da menina entusiasmada com a cidade grande, Conceição Evaristo nos apresenta elementos de seu pensamento social a respeito da vida na cidade. Materializadas por seu brutalismo poético, as relações na cidade se fazem de outras maneiras, exalam principalmente o cheiro de gasolina, são movidas de forma acelerada, tal como os carros. Nessa observação, por meio de Cida, a autora comenta que, “descobriu outras pessoas também portadoras da urgência de vida que ela trazia em si”. Assim, as marcações sociais excludentes, principalmente por ser uma mulher negra, exigiam que Cida não parasse, que não pudesse desfrutar outros momentos da vida que não fosse o trabalho. Contudo, como destaca a autora, “[...] a corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora” (EVARISTO, 2016, p. 68). Esse ponto a autora destaca entre a vida de Cida e o tempo, como forma de nos conduzirmos a refletir sobre a fragilidade da vida das pessoas negras em que mesmo uma condição melhor que a maioria não significa a ausência de problemas ou estabilidade. Nesse percurso, Conceição Evaristo ainda nos leva a pensar sobre a solidão das mulheres, tal como Cida, que corria contra o tempo, mas nunca tinha tempo para si, pois estava envolvida no ritmo imposto e cobrado pela cidade.

O conto “Ei, Ardoça” versa sobre a história de um homem desiludido com a vida, que busca o suicídio como forma de escapar dos problemas que o atravessavam. Conceição Evaristo demonstra, coma história da personagem, outros elementos que embasam seu olhar sobre a vida na cidade. Como narra a autora,

O barulhar seco e cortante do trem irritava os ouvidos de Ardoça. O atrito da máquina nos trilhos ecoava constantemente no fundo de seus tímpanos. Aos domingos, dentro de casa, no silêncio da mulher, nas vozes e brincadeiras dos filhos, ele ouvia o grito arranhado do aço espichado sobre o solo. Grito lancinante e cortante debaixo do comboio pesadão que parecia massacrar a linha férrea inerte. Ardoça nascera quase dentro daquela máquina. Sua mãe, moradora do

subúrbio, fazia a viagem diária rumo ao trabalho. Ela grávida, ele estufando na barriga materna respondia aos solavancos do trem com chutes internos. Depois, cá fora, no mundo, no colo da mãe, acordava e chorava durante todo o tempo da viagem. Cresceu em meio aos solavancos, ao empurra-empurra, aos gritos dos camelôs, às rezas dos crentes, às vozes dos bêbados, aos lamentos e cochilos dos trabalhadores e trabalhadoras cansados. Assistiu inúmeras vezes, como testemunha cega e muda, a assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões superlotados. A cada viagem, Ardoça mais estranhava e desacostumava à vida do trem. Queria viajar com o mesmo descuido de alguns que jogavam porrinha ou dormiam durante o percurso, mas permanecia sempre desesperadamente acordado. Estava sempre atento, tenso, como se o trem, a qualquer momento, pudesse autocolidir, se autoembarafunhar, fazendo com que o último vagão se fechasse em círculo sobre o primeiro e soltasse tudo pelos ares (EVARISTO, 2016, p. 95-96).

Daniel Santini, Paíque Duques Santarém e Rafaela Albergaria (2021), ao discutirem a mobilidade urbana por uma perspectiva antirracista, instigam a refletir sobre como o transporte urbano se configura de forma racializada e classista, em que seus usuários possuem uma espécie de liberdade regulada por uma interdição de quem pode utilizar, quando utilizar e as condições que lhes são apresentadas. Conforme os autores,

Nosso sistema de transportes no Brasil é racista, desigual, segregador e excludente, e as catracas são o principal símbolo do controle dos deslocamentos e da limitação forçada da circulação impostos aos setores mais empobrecidos, que dependem centralmente das estruturas de transporte público para ir e vir. Nem todo mundo que vive em uma cidade pode usufruir do que ela oferece. Vale-transporte, quando tem, é só para ir e voltar do trabalho. O preço das passagens e a oferta de transporte disponibilizada em territórios majoritariamente negros, periféricos e de favela deixam trabalhadoras e trabalhadores sem a opção de ir para outro bairro, conhecer museus, visitar parques e espaços abertos. Os espaços culturais e de lazer também são edificados a partir de uma dimensão marcada por desigualdades raciais, observando-se a concentração de oportunidades nas áreas mais elitizadas e o sistemático esvaziamento de políticas públicas culturais nos territórios de periferia e favelas. A maioria, formada de negros e negras, é confinada em espaços limitados para morar, para trabalhar. Saúde e educação são serviços públicos, mas ainda é preciso pagar para chegar até um posto, hospital ou escola. Circular não é uma opção para muita gente (SANTINI; SANTARÉM; ALBERGARIA, 2021, p. 9-10).

Conceição Evaristo, com sua escrevivência no conto de Ardoça, levanta essas questões a partir da análise social da vida da personagem. Há um percurso geracional difícil de ser rompido, uma vez que a mãe de Ardoça já usufruía do trem, sob as

mesmas condições que as dele. Seja pela rotina desgastante da casa para o trabalho, de dedicar tempo (e muito tempo) no transporte público (e precário) para ir e voltar fechando a vida para as alternativas, principalmente o lazer. Este que, limitado pela distribuição das alternativas de transporte público, seja ônibus<sup>59</sup> ou trem, por exemplo, faz com que os sujeitos sejam limitados àquilo que lhes é disponibilizado. Como observado pelos autores, atividades culturais, por exemplo, são interditas. Vale assim a segregação dos sujeitos, aqueles que valem mais ou menos, aqueles corpos que são explorados pelo sistema enquanto mão de obra barata, autorizando sua passagem, mesmo que em péssimas condições, de circular para a rentabilidade do sistema. Ardoça, cansado da vida, comete suicídio. Toma veneno antes do último embarque de trem. Entre um cambalear e outro sob os efeitos do que bebeu, recebe olhares de rejeição com a acusação de bêbado. Quando sai do trem, ainda na estação, em seu último respirar, ainda é assaltado. Estando bêbado ou passando mal, foi esse o ato de esquecimento da humanidade.

Ainda nessa observação, a partir do conto de Ei, Ardoça, Conceição Evaristo nos apresenta a dimensão das áreas urbanas. Junto ao corre-corre da busca por sobrevivência, de dedicar muito tempo de vida para o trabalho, ao discorrer sobre os vagões superlotados, nos apresenta outros indicativos da realidade, como as alternativas construídas para (sobre)viver, como a venda de distintos produtos fazendo com que o vagão parecesse um camelô. E, em meio à superlotação, a criminalidade também se faz presente, seja pelo tráfico que se manifesta ali dentro, ou pela vulnerabilidade dos corpos dos/as trabalhadores/as expostos à criminalidade, como assaltos, recorrentes no transporte público.

Em conjunto com essas observações, no conto “Ana-Davenga”, Conceição Evaristo utiliza a personagem Ana, como protagonista ativa de sua história de vida, para percorrer distintas questões que atravessam os becos, tal como as relações familiares, de amizade, festividades, dentre outras alternativas para se lapidar a vida difícil de viver na favela, como será explorado a seguir. No que compete ao olhar sobre a vida no morro, a autora observa a criminalidade, em que Davenga, companheiro de Ana, envolvido com diferentes crimes, demonstra como as limitações impostas para

---

<sup>59</sup> Podemos explorar aqui o quadro de horário dos ônibus, inclusive em Florianópolis. Sendo uma cidade turística, as linhas de ônibus para as praias são reduzidas nos finais de semana. Superlotadas e com ida e volta de difícil acesso, se estabelece uma interdição dos sujeitos que estão autorizados ou não a desfrutar do lazer. Soma-se a essa observação a exploração imobiliária de algumas regiões, em que o fator raça e classe conduzem para a elitização de algumas praias.

quem é negro e vive na favela abrem espaço para o envolvimento com a criminalidade quando não se possui alternativas. Percebo que a história de Ana-Davenga abre muitos espaços para discutir a construção de masculinidades, ponto em que pretendo seguir em pesquisas futuras.

Diante do interesse de perceber como a autora apresenta seu olhar sobre a vida na cidade, em especial na favela, a partir da história narrada, Conceição Evaristo estabelece uma crítica sobre o sistema de justiça e as desigualdades sociais. Quando Conceição Evaristo narra o assalto feito por Davenga há um político, apontando que,

- Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira. – Doutor, eu votei no senhor. – Era mentira também. – E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também estou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem-vestido, como o senhor (EVARISTO, 2016, p. 24).

Davenga, ao realizar o assalto, estabelece um olhar a partir de sua condição de pobre, morador da favela, em comparativo com a posição do político responsável por levantar propostas para melhorar a vida dos moradores da favela. Contudo, não é bem o que acontecia, conforme reflexão do personagem. Com base na narrativa, a autora não está normalizando a realização do ato criminoso, mas expondo como esse distanciamento social é um dos contribuintes para movimentar as condições e abertura do crime. Essa distinção entre os grupos sociais é ainda mais intensificada no final do conto, quando Conceição Evaristo comenta que, durante a noite do primeiro aniversário de Ana-Davenga, sendo festejado aos vinte e sete anos,

Já estavam para explodir um no outro, **quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho.** Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, **porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro da casa, bem na direção da cama, na mira Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.** Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. **E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca!** A arma estava ali, debaixo da camisa que ele poderia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. **Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse a guerra, quem sabe teria outro destino?**

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros.

**Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choraram a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga** (EVARISTO, 2016, p. 30) (sem grifos no original).

A partir do conto, principalmente do trecho acima, Conceição Evaristo nos instiga a refletir sobre as distinções sociais e como o sistema de justiça e segurança pública ainda se manifesta de diferentes formas conforme os grupos sociais, muitas vezes tendo sido cometido o mesmo crime. No caso, Davenga é acusado de tráfico, procurado por assassinato, pela organização criminosa que mantinha. Contudo, a chegada dos policiais até a casa do casal, principalmente a entrada, não se fazia de modo tranquilo, mas agressiva, “[...] quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho”. Assim são tratados os corpos negros, com base na violência e intolerância ao crime, quando comparado como são tratadas as pessoas brancas. O final de Ana e Davenga é trágico, com o assassinato de pessoas muitas vezes nem envolvidas com o crime, como infelizmente ainda acontece e nem sempre é noticiado. Tal como destaca Conceição Evaristo, as notícias enfatizaram a morte do policial. Sem desmerecer a vida dele nem insinuando que a vida dele tenha menos valor que as demais (e muitas vezes o policial é negro), a observação da autora demonstra a não análise midiática dos problemas sociais, da violência policial legitimada pelo Estado. No caso de Davenga, ele não queria a prisão, pois essa não seria uma garantia de sobrevivência nem atendimento ao problema social.

Juliana Borges (2018), ao analisar o encarceramento em massa e sua intersecção entre raça, gênero e classe, ao discorrer sobre o aprisionamento, indica que,

**O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo**, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por essa estrutura de opressão, **mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial**. Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a **negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades**. Tanto o cárcere quanto o pós- encarceramento **significam a morte social desses indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la**. Essa é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a

população negra em curso no país (BORGES, 2018, p. 21) (sem grifos no original).

Nesse sentido, a construção discursiva de Conceição Evaristo trata do pensamento social da autora sobre o sistema prisional brasileiro e a vulnerabilidade social na qual as pessoas, em sua maioria negras, estão imersas. Com um sistema de justiça falho, como visto por meio de Borges, encarcerar o corpo negro é colocá-lo em uma situação na qual seus direitos não estão garantidos, e por ser uma sociedade sustentada pelo racismo estrutural, a negação de Davenga ao cárcere expõe sua morte social, a marcação de um corpo negro como criminoso que dificilmente conseguirá restituir sua cidadania.

A discussão sobre o sistema prisional brasileiro exige um grande investimento público e mais estudos que possam auxiliar a sua compreensão, como indica Angela Davis (2018), ao refletir sobre o sistema prisional norte-americano e as tentativas de construir alternativas abolicionistas. No que compete a esta pesquisa, trago a discussão por compreender que o cenário social apresentado por Conceição Evaristo é indispensável para perceber como se desenham as configurações sociais nas favelas, a desumanização da vida dos que residem nela, e até mesmo daqueles que utilizam d força em nome da ordem. Assim, com base no pensamento da autora, não se pretende uma visão romantizada do problema, mas perceber os motivadores que levam à sua formação e como são tratados de forma distintas a partir da intersecção de raça, classe e gênero.

Ainda em relação ao crime e violência, como já exposto no início desta dissertação, o conto, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” versa sobre o tráfico e vulnerabilidade social das crianças em meio a ele. A carência da vida das pessoas, como do irmão de Zaíta, “[...] queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia” (EVARISTO, 2016, p. 73), é um fator que serve de uma porta de entrada para as investidas das organizações criminosas para recrutarem crianças e adolescentes. E assim foi com o irmão de Zaíta,

**Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir a diante. Desde pequeno, ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho.** Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, **som**

**indicativo de que os homens estavam chegando** (EVARISTO, 2016, p. 74) (sem grifos no original).

Com base na narrativa da autora, é possível perceber o interesse de demonstrar parte dos motivadores para a entrada no crime. Adentrar esse meio significa dominar o medo, correr perigo. O irmão de Zaíta sabia disso, mas essa foi a alternativa encontrada para desviar a miséria. Sem juízo de valor, a autora contribui para levantar reflexões sobre o uso da infância pelo tráfico, sobre a exposição das crianças, já vulneráveis, e a ampliação dos riscos que corriam, somados àquilo que já estavam expostas, como as “balas perdidas” seja de policiais ou de grupos rivais, como comenta a autora ao falar sobre uma das primeiras atividades do menino, pois o “[...] som indicativo de que os homens estavam chegando” contribui para distanciar o aprisionamento dos traficantes.

Ainda em relação ao menino, Conceição Evaristo utiliza sua história e de Zaíta para percebermos e analisarmos as violências às quais estavam submetidos. Conforme o conto,

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (EVARISTO, 2016, p. 76).

Estudo realizado pelo Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas (UNICEF), em um comparativo entre os anos de 2016-2020, indica que, no Brasil, cerca de 35 mil crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos foram mortos por algum tipo de violência. Com publicações específicas a partir de recortes regionais e de tipo de crime, no Rio de Janeiro, por exemplo, o estudo aponta que no ano de 2017, “[...] 23 morreram em decorrência de perfurações de armas de fogo”, sendo “[...] em 14 casos, as vítimas foram atingidas pelo menos uma vez pelas costas”, e na maioria dos casos foram executados com mais de um tiro, o estudo indica, “[...] uma

parte significativa dessas mortes por armas de fogo se caracteriza pela grande contundência e até crueldade” (RODRIGUES, 2021, p. 22)<sup>60</sup>.

Assim, a autora faz sua observação sobre o tráfico para expor parte dos fatores que motivam a entrada nele e, ao mesmo tempo, exhibe a quase impossibilidade de sair dele. Primeiro, devido à violência constante junto a trocas de tiros e outras ameaças que partem de grupos rivais, ou, assim como em Ana-Davenga, à violência policial que age de forma intensa sob o discurso de combater o crime. Segundo, à medida em que entrou no crime, o irmão de Zaíta tomou outras posições, foi sendo cada vez mais ligado ao tráfico, a ponto de se tornar um dos líderes do grupo. Ou seja, distanciar-se do tráfico, quando não combatido de forma eficaz, se torna algo impossível.

Desse modo, como nos casos levantados pelo Unicef, o conto de Conceição Evaristo perpassa esse mundo real. Mesmo escrito em 2007, ainda vivemos o incômodo no presente por muitas mortes tendo sido ocasionadas em decorrência do crime, por falta de segurança pública, por violência policial. No conto, como já indicado, Zaíta representa o fim que muitas crianças e adolescentes têm com as violências, principalmente sob a falsa pretensão de que o crime está sendo combatido. A menina que morreu, mas, “[...] esqueceu de guardar os brinquedos”, simboliza ainda os problemas gerados pelo tráfico e como ele atinge as famílias, até mesmo de seus líderes. Primeiro, na condição de mãe, sendo a personagem apresentada pelo incômodo de ter o filho envolvido com o crime, com medo de perdê-lo. Segundo, pelo assassinato de muitas crianças. Por fim, na condição de irmão, o menino foi atingido pela perda da irmã, algo que parecia distante, mas que foi impossível de dominar.

Ainda em relação ao acesso ao crime por crianças e adolescentes, em “A gente combinamos de não morrer”, penúltimo conto da obra, Conceição Evaristo exhibe o pacto de um grupo de irmãos, amigos e parentes que estabelecem o combinado de não morrer. Mas cumprir esse acordo se torna difícil mediante as condições de vida e

---

<sup>60</sup> O levantamento de dados e análises apresentadas são: AGUIAR, Rui; HOLANDA, Thiago. **Trajatórias interrompidas**: homicídios na adolescência em Fortaleza e em seis municípios do Ceará, Brasília: UNICEF, 2017. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/1261/file/Trajatorias\\_interrompidas.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1261/file/Trajatorias_interrompidas.pdf) Fundo das Nações Unidas para a Infância. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: UNICEF; 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf> RODRIGUES, André. **Vidas adolescentes interrompidas**: um estudo sobre mortes violentas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14811/file/vidas-adolescentes-interrompidas.pdf>

o envolvimento com drogas, armas e as violências exercidas ou manifestadas pela criminalidade na qual estavam imersos, como a abertura do conto, “[...] a morte brinca com as balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritando sob o pipocar dos tiros: - A gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2016, p. 99).

Victor Hugo Neves Oliveira (2020), ao analisar o conto, indica que o nome atribuído ao texto expressa um sentimento e práticas de resistência. Para o autor,

[...] representa um gesto de resistência em favor da vida, uma política que se dá na própria existência, apesar do recrudescimento das desigualdades, das injustiças e das opressões sociais, do desmonte de políticas públicas direcionadas para as populações mais vulneráveis e marginalizadas (OLIVEIRA, 2020, p. 02).

Nesse acordo em não morrer, no conto, a narrativa é contada pelas vozes de Bica, namorada de Dorvi e irmão de Idago, e pela mãe de Bica. Partindo da tristeza de Dorvi, ao lembrar do assassinato de Idago, a história demonstra a fragilidade da vida envolvida no crime, o tráfico de drogas que entra na vida de muitas pessoas desde muito cedo, a partir da infância, como indicado pela autora. Com a morte do irmão, por meio de Bica a autora comenta, “[...] minha mãe recebeu a notícia que ela já esperava. Foi lá, acendeu uma vela perto do corpo. Uma fumacinha-menina dançava ao pé de Idago. Só ela, a fumacinha, a mãe e eu ali velamos o corpo de meu irmão” (EVARISTO, 2016, p. 101). Com a perda do filho, a vida que já se fazia vazia se manifesta ainda mais solitária. O velar do corpo morto se faz apenas por mãe e filha, que passam a viver aquele luto doído, sem direito à justiça. Sem ter sido Idago o último, junto de Bica continuam

[...] escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo a noite. Mais um corpo tombou. Penso em Dorvi. Apalpo o meu. Peito, barriga, pernas... Estou de pé. Meu neném dorme. Ainda me resto e arrasto aquilo que sou (EVARISTO, 2016, p. 101).

Com “[...] saraivadas de balas, de instantes e instantes, retumbam no interior da casa, ameaçando a diversão da mãe de Bica e Idago” (EVARISTO, 2016, p. 101), que usa a novela para distrair a dor. Com base na narrativa, Conceição Evaristo denuncia a vida difícil de ser vivida em meio ao morro tomado pela criminalidade. Contudo, o combinado de não morrer, mesmo que seja uma estratégia de

sobrevivência, está ameaçado pela necropolítica que adentra os morros, configura e dita quais corpos importam e quais não importam, que vidas valem mais ou menos, que vidas merecem serem vividas. Assim, Bica vive a angústia de que, além de possivelmente perder o seu companheiro e pai da criança que espera, pode ser a próxima, pois está vulnerável àquela condição que parece ser sem saída.

A crítica ao crime e à violência (seja ela de traficantes ou policiais) que matam cada vez mais crianças e adolescentes no Brasil é direcionada ainda quando a autora narra:

A casa de Neo caiu. Aprontou dançou! Mais um, que não será o último, outros virão. Ele, Dorvi, Idago, Crispim, Antônia, Cleuza, Bernadete, Lidinha, Biunda, Neide, Adão e eu temos ou tínhamos (alguns já se foram) a mesma idade. Um ano e às vezes só meses variavam o tempo entre a data de nascimento de um e de outro. Alguns morreram também em datas bem próximas. Apalpo o meu corpo, aqui estou eu. [...] Os meninos não sei que juras fizeram. Ah, sei! Dorvi repetia sempre que entre eles havia o pacto de não morrer. Entretanto Dorvi sumiu e Neo também. De Neo já temos notícias. Dançou ao som da música da escopeta de Dorvi. E Dorvi? Nem a mãe dele sabe, nem eu que sou sua mulher, só adivinho só. O que dizer para o nosso filho á medida que ele for crescendo. Quero outro futuro para ele. Será que ainda há dor por vir? E Dorvi? (EVARISTO, 2016, p. 107).

E assim, a continuidade da violência perpassa a vida de muitos jovens, mães que perdem seus filhos, mulheres/meninas que perdem seus companheiros e vão se constituindo os órfãos da ausência de proteção, de saúde pública, de condições de vidas possíveis de serem vividas, de alternativas para viver. Tal como a autora insiste/deseja, por meio da personagem Bica, “[...] deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel” (EVARISTO, 2016, p. 108). E assim, como uma tentativa de entrelaçar o pacto de não morrer, de proporcionar justiça para os que foram e interromper novas partidas, por meio de Bica, não custa repetir, Conceição Evaristo afirma que, “[...] eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (EVARISTO, 2016, p. 109).

Perpassando a pobreza e a desumanização da vida, o conto “Di Lixão”, publicado pela primeira vez em *Cadernos Negros*, em 1991, nos exhibe uma reflexão da autora sobre os corpos que atravessam as ruas, que a têm como o único lugar disponível para moradia. Assunto esse em que, se comparado ao processo de desfavelização discutido em *Becos da Memória*, podemos perceber a dispersão

provocada com a desfavelização. Sair da favela, ao mesmo tempo que é romper os vínculos, é dispersar os corpos que vivem ali. Em meio à falta de condição de acesso à terra e moradia, a rua, as marquises se tornam o abrigo indesejado, mas que, mesmo sujeita a outras violações e violências, ali se faz a vida, a tal ponto de o sujeito ser confundido com os sacos de lixo.

No conto, “Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia. Apalpou um lado do rosto, sentindo a diferença, mesmo sem tocar o outro. O dente latejou a língua no canto na gengiva. Sentiu que a bola de pus estava inteira” (EVARISTO, 2016, p. 77). Nesse falso viver, a personagem vive em meio aos restos de alimento, às latas vazias cheias de comidas imaginárias, à desumanização da vida de um corpo frágil, doído, sem expectativas, sem ser útil, produtivo e valorizado. Di Lixão é o exemplo da vida desumana, das dores e doenças que atravessam o descaso público com aqueles que (sobre)vivem em meio às ruas. Das violências e dos “convites para sair”, tal como Di Lixão, ainda dormente, “[...] numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas” (EVARISTO, 2016, p. 77). E assim, tanto ele como seu agressor se completam, Di Lixão por estar na condição já desumana, o agressor, por perder sua humanidade e fazer a vida do menino com menor valor do que a sua.

No momento da pancada, Di Lixão rememora sua vida, se é que poderia chamar assim. O convívio com a mãe em meio às zonas em que ela trabalhava, a tal ponto de desmerecer a mulher, as brigas constantes e a indiferença pelo assassinato dela. “Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho” (EVARISTO, 2016, p. 78). A autora perpassa os distintos processos que fora desumanizado na vida, o ponto de não se incomodar com o assassinato. “Na polícia negou que estivesse por perto, que suspeitasse de alguém. Depois de três ou quatro idas à delegacia, os policiais acabaram por deixá-lo em paz. Ele sabia quem. Pouco importava. Que deixassem o homem solto. Não gostava mesmo da mãe” (EVARISTO, 2016, p. 78).

Nessa vida vazia e sem sentido, em meio às latas de lixo, depois do chute recebido em sua genitália para acordar e as breves lembranças de sua vida,

Tinha um pouco de fome. Havia umas duas semanas que aquele tumorzinho na boca, junto ao dente, doía que ele não podia comer quase nada.

Fez um esforço. Sentou. Pegou a bimbina dolorida e fez xixi. Assustou-se. Estava urinando sangue. Passou a língua no canto da boca. O carocinho latejou. Num gesto coragem-desespero levou o dedo em cima da bola de pus e apertou-a contra a gengiva. Cuspiu pus e sangue. Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida... Deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas, o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido! (EVARISTO, 2016, p. 80).

Temos aqui a forma encontrada por Conceição Evaristo para materializar o seu pensamento social, sua crítica de mundo aos distintos processos que agem na desumanização na vida dos sujeitos, na seleção daqueles que importam, dos que não importam e do que leva essas vidas a serem descartadas, tal como Di Lixão. O conto se passa em um cenário e contexto repletos de exclusões. Tal como apontam Arend e Araújo (2014), no início da década de 1990, a fome e crianças mendigando em meio às ruas se fizeram muito presentes (ARENDE; ARAÚJO, 2014). Di Lixão foi escrito durante esse período, momento em que o país iniciava uma nova campanha para erradicação da fome na infância e da expectativa de que o Estatuto da Criança e do Adolescente, publicado em 13 de junho de 1990, trouxesse contribuições para a vida da população infanto-juvenil.

Conceição Evaristo apresenta seu olhar social sobre o problema, e a partir de uma percepção interseccional em que raça e classe conduzem para a ampliação das violações de direitos ou a ausência deles, a autora, por meio do conto de Di Lixão percorre esse caminho analítico e, ao mesmo tempo, conduz sua escrita para percebermos os processos de desumanização enfrentados por muitas pessoas que vivem nas ruas, aquelas que agridem ou apresentam indiferença à situação, ou até mesmo, de ações que sustentam a exclusão imediata ou contínua, como por meio de um arquitetura da exclusão em que marquises, árvores (retiradas) ou quaisquer áreas mantenham o distanciamento dos sujeitos que estão em situação de viver na rua.

Portanto, a leitura do conjunto das três obras de Conceição Evaristo selecionadas para esta análise, com a intenção de percorrer os cenários sociais apresentados pela autora, permite afirmar que a narrativa empregada nas obras estabelece um exercício analítico sobre as distintas condições de se viver no campo e na cidade. Com as particularidades de distintos contextos, a autora sinaliza as

experiências no campo, sem a romantização dos problemas sociais existentes, seja no passado escravista, no pós-abolição e em questões que atravessam até o nosso presente. É possível afirmar que a vida na cidade narrada por Conceição Evaristo impõe maiores desafios para as pessoas negras. O acesso à terra perpassa todo o olhar da autora, pois, se temos em *Ponciá Vicêncio* a travessia na vida para cidade, mesmo que repleta de problemas e enfrentamentos com o Coronel Vicêncio, a vida na roça se fazia menos amarga, uma vez que ter acesso à terra era uma forma de amenizar a fome ou até mesmo, competir no mercado, produzir, consumir e vender. Em *Becos da Memória*, a terra que se tem não pode ser desfrutada por completo, nem mesmo é garantia de que se viva lá, pois a desfavelização age apenas na seleção dos sujeitos, no descarte das vidas que importam, na retirada do mínimo que se havia conseguido. Já em *Olhos D'Água*, a autora percorre os efeitos da desfavelização, a impossibilidade de se ter acesso à comida pela própria terra, de depender de uma estrutura urbana racista e classista e dos problemas da vida que irão se intensificar em decorrência dela. Assim, Conceição Evaristo exhibe a dor, a fome, a desumanização em meio às latas de lixo. Contudo, alternativas de lapidar a vida como (re)existências se fazem presentes, como será visto no próximo capítulo.

## Capítulo 4

### **Sociabilidades em meio aos becos: entre poeiras, lágrimas, famílias e redes de afeto como (re)existência**

A 'família' é importante para a transmissão e reinterpretação da cultura e da experiência entre as gerações. O grupo subalterno que tem instituições familiares arraigadas no tempo e redes de parentesco real e fictício não está desprovido de 'formas de união e de solidariedade', muito menos de uma memória histórica própria; portanto, suas interpretações da experiência imediata nunca serão idênticas às do grupo dominante, nem poderão ser previstas a partir de um raciocínio funcionalista (SLENES, 2011, p. 124).

A solidariedade exposta por Slenes corresponde à toda a relação de parentesco que envolve a formação familiar das pessoas ainda no regime da escravidão. Conceição Evaristo vai além dessa percepção, percorre os interiores das casas e circula entre os grupos que integram o vilarejo, durante e depois da escravidão. Assim, a autora expõe a compreensão de família, aquela parental constituída por meio do sangue e reforçada pela afetividade, mas também daquela que estava relacionada à ancestralidade, ao reconhecimento de si com os demais e dos vínculos estabelecidos por laços de solidariedade. É em meio à sua escrevivência que busco explorar essa dimensão sobre as relações de parentesco apresentadas pela autora.

#### **4.1.1 N(a) vida de Ponciá, uma flor**

Em Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo explora de forma incansável as relações familiares relacionadas à ancestralidade, principalmente enquanto se vive no vilarejo, mas também demonstra como elas se esfacelam quando se vai para a cidade, quando se insiste em sonhar fora dali.

Como uma flor que desabrocha para lapidar a vida, Conceição Evaristo reforça os laços entre mãe e filha, investe na história das duas para demonstrar toda a relação afetiva entre ambas não como algo isolado, mas como toda a rede que constituía a aproximação entre mulheres e a ancestralidade, uma cuidar da outra, uma pertencer à outra. Quando começa a andar, “[...] a mãe, com elas nos braços, estava de pé junto ao fogão a lenha, olhando a dança do fogo sob a panela fervente, quando a descida

pelo colo da mãe e, pondo-se de pé, começou as andanças” (EVARISTO, 2017, p. 16). Quando se distanciam é como se a flor começasse a murchar para ambas as vidas, como indica a autora, “[...] quando a filha se foi, ela se sentiu meio aleijada. Foi como se tivesse perdido uma parte de seu corpo. A menina era sua filha mulher. Falavam, trabalhavam e cantavam juntas” (EVARISTO, 2017, p. 66). Um vínculo que fora construído também devido às questões de gênero, sendo o pai quase ausente por ter que trabalhar nas terras dos brancos, junto ao irmão, como indica Conceição Evaristo, “[...] fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (EVARISTO, 2017, p. 20). Sobre as ausências e lembranças do pai, ponto que será aprofundado em pesquisa futura, em Ponciá Vicêncio Conceição Evaristo indica que,

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Viria constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (EVARISTO, 2017, p. 16).

Semelhante a esse distanciamento, quando Ponciá lembra do irmão, Conceição Evaristo utiliza a narrativa para ampliar a crítica à escravidão e a seus impactos nas relações familiares. Conforme a autora, Ponciá

Vivera pouco com ele na infância, muito pouco, mas as raras vezes que se encontravam, gostavam tanto. Eram secos de carinhos explícitos; entretanto, mesmo sem se tocarem, nem se abraçarem sequer, se amavam muito. Sabia que ele também saíra varando o mundo (EVARISTO, 2017, p. 24).

A ancestralidade move a relação familiar de Ponciá, não pela identificação de quantos são ou foram na casa, mas pelo vínculo estabelecido entre os seus. Juntamente ao afeto pelo irmão, vemos o grande apego pelo avô, por seu reconhecimento entre os seus e os que vieram antes. Tal ponto reforça a dificuldade em aceitar o sobrenome Vicêncio para se ver nele e para o grupo. Quando já na cidade, momento em que parecia tudo estar perdido, se é que em algum momento algo foi encontrado, Ponciá observa o nada e o tempo, ao mesmo momento, recorda o passado, gastando “[...] todo o seu tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava

nada para o futuro” (EVARISTO, 2017, p. 18). Nesse lembrar, Conceição Evaristo destaca o incômodo da personagem com o nome, mostrando que, no passado, inventava outros nomes, como Pandá, Malenga, Queiti, todos com significados relacionados à ancestralidade africana, pois esses fariam sentido a quem era Ponciá e a quem ela queria ser, uma forma de lapidar sua história. Contudo, na cidade, sem as forças para sonhar, “[...] a cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos” (EVARISTO, 2017, p. 18).

Em Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo percorre a ancestralidade, os costumes e saberes, a oralidade que serve como guia de orientação ao mundo, ponto recordado por Ponciá/Evaristo, quando mulher e volta ao vilarejo. Depois da ida até sua antiga casa, a autora reforça o vínculo familiar e ancestral estabelecido:

Restavam-lhe, porém, os outros membros da família, por todo o povoado. Todos eram parentes por ali. Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, desde lá de onde tinham saído. Ela decidiu, então, que iria rever os outros, aqueles que também eram os seus (EVARISTO, 2017, p. 51).

Conceição Evaristo reforça esse vínculo, a rede de afeto e ancestralidade em outros momentos. Além da visita de Ponciá ao povoado em busca de notícias da mãe e do irmão, a autora percorre as andanças de Maria, Ponciá e Luandi pelo povoado. Um circular pelo espaço que demonstra as formas de viver, de relacionar-se com os seus e de conduzirem a vida pela partilha. Conforme a autora, quando o irmão de Ponciá visita o vilarejo,

Estava com fome e não tinha nada para comer. Tinha algum dinheiro, **mas na terra dos negros, o alimento não era vendido. Quem tivesse fome era só chegar em casa de alguém e pedir o que comer. Aquele que tivesse repartia o pão e não aceitava nada em troca. Havia um enorme prazer em oferecer, em dividir o alimento com o outro.** Dormia-se também em qualquer casa, **o abrigo era uma dádiva para todos**, contando que o acolhido não se importasse com a pobreza de seu acolhedor (EVARISTO, 2017, p. 80) (sem grifos no original).

Na cidade, a vida e vínculo familiar de Ponciá se dava pelas ausências, pelo distanciamento de si e dos demais, pela perda de sua identidade, ponto principal que a impulsionou para saber notícias da mãe e do irmão. Após esse retorno, quando ainda morava na casa da patroa, tendo sentido apenas a presença dos mortos e não

dos vivos, já que o juntar dinheiro para buscar os seus não se concretizou, busca formar sua família, pois, como narra Conceição Evaristo, Ponciá há tempo namorava alguém, ambos trocavam olhares.

Desde o início, a tentativa de constituir família se fez falha, seja pela situação de distanciamento entre o casal como pela perda dos sete filhos que não resistiram. Sendo a mortalidade infantil uma constante quando se é pobre, por meio da personagem, Conceição Evaristo faz críticas a esse problema ainda recorrente, pois, “Valeria por pôr outra criança no mundo?”. Incomodada com a situação, por meio de Ponciá, a autora argumenta, “[...] os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se faltar de miséria, e com o coração a sobrar esperança” (EVARISTO, 2017, p. 70).

Nessa vida que se amargava ainda mais na cidade, a flor parecia não existir, quem dera desabrochar. Ser uma mulher negra, pobre, com pouquíssimo estudo, acentuou sua condição. Quando passa a viver junto com o marido, a pouca aproximação que tinham foi tomada pelo silêncio entre ambos, rompido algumas vezes por situações tensas. “Houve a época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... Às vezes ela levantava e ia arrumar a comida, outras vezes não” (EVARISTO, 2017, p. 82). Contudo, como uma forma de humanizar a situação de ambos, principalmente a de Ponciá, Conceição Evaristo faz surgir uma flor em meio àquela situação, quando a autora narra que

Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer sangrar-lhe a boca, depois, condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele agrediu-a, **e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas, também, o dele. Descobriu como eram sós. Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. Sentiu que apesar de estarem vivendo juntos anos e anos, como eram estranhos um para o outro. [...]** Desde então, **ao perceber a solidão da companheira e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma ternura intensa por ela.** Conseguiu, então, entender as falas dela. A saudade que ela dizia sentir do pai e do avô mortos, da mãe e do irmão desaparecidos. Ela às vezes dizia também que tinha saudade do barro e, de tempo em tempo, apresentava um incômodo entre os dedos que coçava até sangrar. **O homem de Ponciá Vicêncio, se não alcançava a vida outra da mulher, aceitava o que não entendia** (EVARISTO, 2017, p. 93) (sem grifos no original).

Conceição Evaristo utiliza a história de Ponciá Vicêncio para expressar o que muitas mulheres ainda sofrem. Entretanto, o pensamento social da autora vai além da relação exposta por meio da violência doméstica. Como pode ser observado no trecho, o marido de Ponciá a agride até o momento em que a percebe como igual que, mesmo na situação de desvantagem que sua companheira se encontra, ambos são iguais, vivem esse afastamento devido aos efeitos do racismo, como ele permeia os lares, o íntimo, em um processo de não reconhecimento, de fuga da realidade, em que a agressão, por exemplo, pode ser percebida como a forma de exalar uma possível superioridade e marcar a posição de dominação. Nesse encontro, por mais que tardio, a autora sinaliza o pertencimento, já que ambos estão perdidos, vivem as consequências do pacto da branquitude, em que o branco é visto e tido como superior e, para população negra, provoca a perda de seus vínculos e afastamento de suas origens. Como destaca Devulsky, ao se referir ao colorismo, “[...] a primeira forma pela qual o colorismo afeta os negros claros é criando essas barreiras ideológicas no interesse natural que todo ser humano tem por compreender suas origens” (DEVULSKY, 2021, p. 27).

E assim, por meio de Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo vai demonstrando as configurações da vida em meio aos espaços que ora estão relacionados à ancestralidade, ora às exclusões sociais que atravessam a vida e adentram o mais íntimo das pessoas. Em *Becos da Memória*, perdas, ausências, (re)encontros e resistências também se fazem presente. Vejamos algumas delas.

#### **4.1.2 Famílias, afetos, distrações e incômodos em meio aos becos: e assim (sobre)viver**

Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo utiliza a água para sustentar a vida nos becos. Junto às necessidades de seu uso nas torneiras públicas, até o momento em que elas deixam de existir dada a desfavelização, a autora traça o caminho da vida, das relações afetivas, das sociabilidades constituídas em torno da água. Assim, a água não alimentava apenas a vida e a sobrevivência, mas se constitui como forma de fortalecer o vínculo entre os seus, de proporcionar trocas de saberes e imaginar novas vidas possíveis. Como anunciado por Maria-Nova, a torneira de baixo lhe permitia brincar; a de cima, em ouvir histórias tristes. Nesse sonho de menina, compartilhava histórias com as crianças, das brincadeiras nas torneiras para os becos em que ecoavam gritos de alegria ou desespero. Vivia-se ali a ausência de um espaço

livre para brincar, era no improviso e no perigo, tal como aponta a autora, ao tratar dos meninos brincando em meio aos tratores. Logo depois do barro formado pela chuva, quando seco, “[...] as crianças por não terem brinquedos prontos, acabavam sendo muito criativas. Com isso arrumavam tábuas, empoleiravam-se em cima, e vinham pelo morro abaixo. Era uma brincadeira perigosa, mas, moleques como eram, só viviam em perigo” (EVARISTO, 2017, p. 80). E assim se fez, utilizando o acidente de Brandino como uma denúncia de ausências impostas às infâncias da favela, por não ter com o que e onde brincar, por não ter o direito de brincar.

Mas não era só de tristeza que se fazia a vida. Conceição Evaristo percorre os becos e narra distintas formas de viver a vida, a constituição de relações afetivas, amizades constituídas pelo reconhecimento entre os seus, ou devido à realidade compartilhada por todos. Como um jogo para distrair a vida, a fome e as dores, ou, como uma flor de esperança em meio às incertezas, a autora expõe manifestações de alegria constituídas por redes de solidariedade e sociabilidade entre os moradores. Nessa percepção, campeonato de futebol, festas e casamentos serviam para conduzir uma vida melhor. Como indica a autora,

**Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias.** Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Durava meses, durante os sábados e domingos. **O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo.**

**No campo, a terra solta, durante os jogos, a cada chute dado, levantava um redemoinho de pó, os jogadores caíam e rolavam na poeira. Em dias de chuva, caía-se na lama, às vezes até se machucava, mas a disputa continuava. Juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais em hora de gozo e prazer** (EVARISTO, 2017, p. 23) (sem grifos no original).

No jogo, caía-se e se levantava tal como acontecia na vida. O momento narrado por Conceição Evaristo expõe as formas encontradas para amenizar as dores, e, ao mesmo tempo, demonstra a organização social da favela. Sendo o campo livre, todos ali poderiam transitar, jogar, se distrair da vida e, ao mesmo tempo, circular por ali era um direito, sem interdição, pois, “[...] juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais” (EVARISTO, 2017, p. 23), sendo os jogadores vigiados, aplaudidos e/ou ovacionados por toda a favela que parava para assistir àquela atração principal. Assim, sem esquecer os problemas sociais, como as condições do campo para praticar o esporte, e a distinção do bairro rico, “[...] bem rico e bem próximo”

(EVARISTO, 2017, p. 23), a autora perpassa e apresenta desejos, sonhos e distrações que serviam como alimento para viver.

Ainda em relação às formas de lapidar as pedras da vida, como indica Conceição Evaristo, por intermédio de Maria-Nova,

Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas. Numa casa ou noutra, se acendia uma fogueira. Colhia-se dinheiro de quem pudesse dar, comprava-se canjica e seus ingredientes, e estava tudo pronto para um encontro, para uma festa. **Se viesse alguém que não tivesse participado com dinheiro, nunca lhe seria negado um prato.** Entretanto, havia uma festa junina que se tornara oficial na favela. A festa do Cabo Armindo (EVARISTO, 2017, p. 44) (sem grifos no original).

Tal como em Ponciá Vicêncio se compartilhava a comida que tinha, como uma irmandade, *Becos da Memória* apresenta as festas juninas como um exemplo de solidariedade entre os seus, nas alternativas para compartilhar tanto o alimento, mas também as alegrias, já que essas quase não existiam pelos becos. De tal modo, a narrativa da autora investe em outras formas de narrar a vida, em não reduzir o cotidiano da favela à visão de dor e sofrimento. Ou seja, oportunizar outras leituras sobre os moradores da favela, sem esconder ou romantizar os problemas sociais que atravessam suas vidas, mas, diante da configuração social excludente, o brincar e festejar revelam relações afetivas e de resistência para se viver.

Nesse percurso, entre tropeços e levantes da vida, Conceição Evaristo percorre as rodas de samba em meio aos becos. Como formas de distrair a vida, de fazer esquecer do avanço dos tratores em meio à favela, junto de Maria-Nova, a autora escreve:

**O dia acabava e os que voltavam do trabalho tentavam esquecer o cansaço, parando junto daqueles que levavam um vadio viver.** Quem era o mais sábio? O malandro ou o trabalhador? **Fora o perigo da polícia, a vida de ambos era igual. As privações eram as mesmas. Alguma coisa, pelo menos, estava provada: o trabalho não enriquece ninguém.** A malandragem barata de morro também não.

**O samba, o som, a alegria voaram alto. Era preciso cantar!** Abriam a boca tão escancaradamente que se viam as falhas de dentes e os já apodrecidos. O hálito de cachaça vinha quente de dentro de alguns. **Havia risos e sorrisos bonitos ali. Não eram dentaduras alvas, certas e limpas que enfeitavam o riso. O sorriso-riso era bonito porque vinha de lá de dentro, vinha da inocência, da ilusão de**

**estar sendo feliz. Todos acreditavam que estavam sendo felizes**  
(EVARISTO, 2017, p. 72) (sem grifos no original).

Entre bebidas e samba, Conceição Evaristo apresenta as fragilidades da vida de quem vive no morro. Quase como uma forma de ter que se explicar os motivos de beber, de se distrair, como se, por ser pobre, negro e morador da favela, eles tivessem que pedir permissão para praticar algo que é tão comum no cotidiano das pessoas. Por outro lado, em meio às pedras, a autora utiliza tais atos para lapidar a vida, para permitir alegrias verdadeiras, que “[...] vinha da inocência, da ilusão de estar sendo feliz”. A bebida e o samba se fazem presentes em distintos contextos, todos para alegrar a vida, como aponta a autora. No trecho em destaque, a ênfase recai sobre os trabalhadores, geralmente homens que, no fim da tarde, exaustos do trabalho, da vida e da percepção de que ser rico era impossível, utilizam a bebida para distrair a realidade. O samba vinha como companhia, geralmente tocado nas rodas formadas nos bares que ecoavam vida pelos becos, para não deixar a vida silenciada.

Dessa forma, os becos sobreviviam, em meio ao samba, festas, bebidas que surgiam como formas de alegrias e esperanças. Nesse desejo o casamento também servia como forma de criar novas expectativas de futuro. Assim, em uma união e outra, em uma personagem e outra, Conceição Evaristo vai nos apresentando os laços familiares que se constituíam como flores de esperança. Conforme narra a autora, “[...] havia meninas virgens na favela que sonhavam com o príncipe encantado. Havia casamentos, festas, vestidos de noiva e lançamento do buquê para o ar. Havia barracos de madeira e zinco, que o noivo cuidadosamente preparava para a sua eleita” (EVARISTO, 2017, p. 120).

Conceição Evaristo, ao mesmo tempo em que levanta críticas à naturalização do casamento e à construção em volta do príncipe encantado, talvez este constituído para salvar a moça daquela realidade e não apenas pelo viés romantizado das histórias, assinala os prazeres construídos para viver a vida em meio aos becos. O cerimonial era composto por tudo o que se tinha direito. Entretanto, como indica a autora, “[...] havia sonhos que não cabiam em barracos, que não se realizavam jamais. Havia a ilusão para se aguentar a viver” (EVARISTO, 2017, p. 120). Assim, em meio a tantas necessidades a serem resolvidas, os barracos que se erguiam minúsculos diante de tanta expectativa e desejo de mudar aquela realidade, o casamento surgia como forma de abrir novas oportunidades, de construir novos vínculos e fortalecer aquilo que talvez pudesse ser (ou já estivesse) perdido, a humanização da vida.

Ainda em relação às uniões por meio do casamento, a personagem Tio Totó, relembra a história de seus três casamentos. Em todos, as pedras tomaram conta do futuro de suas esposas, como também de alguns dos filhos. A busca por uma parceira trata do olhar de Conceição Evaristo sobre a constituição dos vínculos e afetos, das flores e formas de lapidar as dores em meio à realidade. Quando narra a última união de Tio Totó, a autora aponta que, ainda antes de sua ida até a cidade,

Daí a alguns dias, assim que o Padre João passou no povoado, os dois vestiram a roupa domingueira e, na capela, receberam a bênção do casamento. Nega Tuína só quis uma coisa, apanhou três flores de algodão, amarrou com um pedaço de palha seca, e, este foi o buquê que ela levava na mão. **O coração do moço Totó batia e ele sorria deixando entrar em si as novas promessas, os sonhos, as doces ilusões** (EVARISTO, 2017, p. 53) (sem grifos no original).

Recorrendo às lembranças de Tio Totó, Conceição Evaristo perpassa as doces ilusões de tentar uma vida melhor. Contudo, mesmo que elas pareçam impossíveis, a força empregada na constituição da família, os vínculos estabelecidos e a manifestação da prática cultural por meio do casamento, como em relação à consagração religiosa, expressa a vida que vai existindo, os contornos utilizados cotidianamente para se humanizar e, ao mesmo tempo, ser visto como humano, para não perder aquilo que talvez parecesse pouco, mas ainda restava para Tio Totó, Nega Tuína e tantos outros que buscavam fortalecer os vínculos com os seus.

É junto a essas uniões que se alimentava a vida e ampliação da família. Conceição Evaristo explora as mais variadas personagens e as configurações familiares. A exemplo de Tio Totó, que está no terceiro casamento, que possui filhos de outras uniões, outras personagens adensam as trajetórias familiares de muitos filhos, irmãos, tios/as, avós/ôs, primos/as, de viúvas, viúvos, homens com duas ou três mulheres sob o mesmo teto, de mulheres que se foram e deixaram filhos e companheiros, tal como Rute deixa Jorge Balalaika, que não resiste e atea fogo em casa com ele dentro<sup>61</sup>, dentre outros parentes de sangue ou não que passavam a

---

<sup>61</sup> Acredito que Conceição Evaristo utiliza a história de Jorge Balalaika para explorar discussões sobre a masculinidade, assunto esse que pretendo discutir no doutorado. Na história em questão, Jorge é açougueiro, Rute, sua companheira, o abandonou pelo padeiro. Como destaca a autora, as piadas indagam sobre a troca da carne pelo pão. Mas, para alguns seria melhor ter ficado com os dois, pois teria carne e pão todos os dias. Jorge avança na bebida, deixa as crianças na casa de parente, anuncia o que pretende, bebe e coloca fogo na casa, cometendo suicídio (Ver Evaristo, 2017, p. 112-113). Temos aqui dois pontos que podem movimentar a discussão desse personagem na tese, primeiro o

viver juntos. Ou ainda, quando a realidade imposta pelas chuvas que derrubam as casas, por exemplo, auxilia na ampliação do aperto do barraco, pois, como narra a autora, “[...] uma casa, já pequena, que raramente abrigava menos de cinco pessoas, por longo tempo acolhia duas ou mais famílias. E estas dividiam tudo o que tinham de fome e de miséria. A chuva, indiferente a tudo, redobrava a força, chovia mais ainda” (EVARISTO, 2017, p. 140). Desse modo, a autora sinaliza como os arranjos familiares vão sendo constituídos por meio da solidariedade que se mantinha não restrita à situação precária da vida, mas ao vínculo, ao reconhecimento com os seus e à ancestralidade que sustentava tais ações. Um sentimento semelhante à vivência no vilarejo de Ponciá, pois, se lá ninguém ficava sem comida ou lugar para dormir, a relação de ajuda, proteção e reconhecimento se fazia presente na favela, tanto nos dias de chuvas como com aqueles que transitavam por diferentes lugares, tal como Bondade, “[...] todos já tinham em casa o cantinho para Bondade, assim que ele chegasse. Ali ele forrava sua cama e dormia. Durante o tempo em que ficasse, não era um parasita, estava ajudando sempre” (EVARISTO, 2017, p. 36).

Mesmo com tantas tentativas de lapidar a vida, e ainda que tivesse muito de leve o toque macio das flores, os espinhos sobressaíam por vezes. Conceição Evaristo perpassa os becos e demonstra como as dores da vida e os problemas sociais intervinham na composição e estrutura familiar. Nas mesmas torneiras que serviam de trabalho, de sociabilidade, ali também se manifestava a explosão da insegurança da vida, principalmente quando era alimentada pela bebida dos botequins e armazéns próximos às torneiras. Como destaca a autora,

Ali, na porta do armazém, estavam os homens bêbados, outros vadios e muitos trabalhadores. Entre eles havia os que bebiam o dinheiro todo e, por isso, as mulheres sempre iam lá brigar. Algumas brigavam também com São Ladislau. Esses acontecimentos Maria-Nova não achava graça observar. Ela preferia a torneira pública. Gostava de ver a agressividade das pessoas nos dias em que a água estava pouca (EVARISTO, 2017, p. 42).

Assim, entre flores e dores, Conceição Evaristo nos permite adentrar o cotidiano das famílias. Junto ao desenho das casas, como já comentado, a configuração familiar aperta o pouco espaço que tinham para morar. A relação com o

---

sofrimento e dependência da mulher, segundo, de sua masculinidade estar ferida diante do abandono e das piadas dos demais.

alcoolismo é tratada em distintos momentos da obra, principalmente a ampliação da miséria, tal como na história de Custódia e Tonho, a mulher que estava grávida, nos dias próximos da criança nascer,

Tonho chegara bêbado da rua, porém ela nem ligava mais. Conhecera Tonho bêbado e casara com ele assim mesmo. **Ele ainda era melhor que os outros, trabalhava e só bebia aos sábados e domingos.** Sábado, meio-dia, **quando saía da construção, passava pelo armazém de Seu Ladislau, pagava a conta da semana anterior, e fazia outra. O moleque, seu filho, que sempre estava ali na rua, na bolinha de gude, levava os minguados mantimentos para casa. Tonho bebia o cansaço da semana anterior e o cansaço da semana posterior. Bebia pelo mísero salário. Bebia pelas compras, os quilinhos de arroz quebradinho, o feijão duro que era preciso pôr de molho, o açúcar que era regado durante toda a semana. As crianças viviam pedindo a Custódia para fazer doce. Mas o açúcar era pouco, mal dava para o café ralo e a mamadeira menor.** Os meninos eram inventivos em tudo. **Criavam seus brinquedos. Tinham sonhos lindos! Inventavam doces e picolés.** Pegavam a banana e enfiavam num pedaço de pau. Chupavam picolé de banana. **Tonho bebia também os sonhos dos meninos. Sonhos tão pobres mas que ele não podia realizar. Uma semana ou outra, em vez de beber, eram doces e biscoitos que ele levava para casa. Então ficava de garganta seca, engolindo o ódio que tinha da vida. Eram os piores dias.** Pelo menos bêbado, as coisas não eram tão cruas assim (EVARISTO, 2017, p. 83) (sem grifos no original).

Entre as bebedeiras, Custódia precisou ajudar a carregar o homem que não conseguia ir só. Ao desequilibrar durante o trajeto, caiu e perdeu a criança. No trecho em destaque, Conceição Evaristo insiste em demonstrar a vida do casal atingida pelo álcool, não apenas devido à fuga da realidade, por tentar alegria onde não há. Ao trazer Tonho para o cotidiano dos becos, permite que os/as leitores/as sintam os dramas provocados pela bebida e, ao mesmo tempo, o que leva aquele homem a beber, sua vida injustiçada, amargurada e desiludida, além da sua masculinidade, que também está em jogo. Aqui, cabe destacar que a insatisfação com a vida, os “[...] sonhos tão pobres mas que ele não podia realizar” envolvem a construção da masculinidade que acaba custeando a vida de todos, mesmo na pobreza. Tal situação também era percebida pelas crianças, que “*Tinham sonhos lindos! Inventavam doces e picolés. Pegavam a banana e enfiavam num pedaço de pau. Chupavam picolé de banana*”, pois na condição em que estavam era inviável tornar aquele sonho real, era preciso inventar, distrair os sonhos com o que se tinha.

A atenção ao casal desperta também a discussão sobre a dependência econômica, sendo esse outro ponto importante de ser debatido e que ainda é um grande problema social. Como indica a autora, viver com Tonho era melhor do que com os companheiros anteriores que Custódia teve. Temos aqui uma exposição das alternativas familiares constituídas como um escape para outros problemas: não estava livre de passar fome, mas, em meio àquela condição, se fortalece a relação de dependência, de ter que se submeter a viver daquela forma e com o companheiro alcoólatra, já que outra poderia ser pior.

Ainda em relação à bebida, que ora serve para disfarçar a vida e tentar viver em alegria, quando não controlada, junto à dependência econômica, como no caso de Custódia, também intensificava outros problemas como a violência doméstica que atingia principalmente as mulheres e filhas. Utilizando a história de Fuinha, como crítica, a autora, por meio da narrativa, afirma que, “[...] quem sofria nas mãos dele era sua mulher e filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada” (EVARISTO, 2017, p. 78). Nesse lamento, denunciando a realidade de muitas famílias e da ausência de políticas públicas para as mulheres e a infância, a autora destaca que,

**Fuizinha crescia entre o choro e a pancadaria.** Tinha o rosto todo marcado. E sua mãe era passiva e temerosa. **Eles não recebiam nem faziam visitas.** [...]

**Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta.** Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. **A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também.** Ouvia-se a voz do Fuinha:

- Agora silêncio.

**A mulher silenciou de vez.** Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. **Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isso mesmo.** Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O fuinha era tarado, usava a própria filha (EVARISTO, 2017, p. 79) (sem grifos no original).

A história narrada instiga os/as leitores/as a perceberem as violências sofridas no espaço doméstico. O isolamento social vivenciado pela mãe e filha exhibe parte da realidade brasileira, ainda frequente. São mulheres e meninas violentadas, estupradas, muitas vezes desde a infância. De certo modo, Conceição Evaristo utiliza

a história como um estudo de caso para expor a emergência de atendimento e enfrentamento às violências de gênero, ao feminicídio e garantir direitos para a infância e adolescência, sendo que na década de 1980, momento em que foi escrita a obra, não tínhamos leis específicas que auxiliassem o atendimento, punição ou criminalização dos atos<sup>62</sup>.

De certa maneira, a autora nos permite percorrer a vida em meio aos becos, compreender a dinâmica social da vida, como problemas não resolvidos, como racismo, machismo e desigualdades de classe, por exemplo, acompanham a trajetória de muitas pessoas e, quanto mais a vida era invadida pela desfavelização, esses problemas cada vez mais se intensificaram. Como comenta a autora,

Todos estavam completamente desestruturados. Havia briga por tudo e por nada. As coisas mais corriqueiras serviam como ponto de discórdia. Era a galinha de uma que espalhava cisco do outro. Era a bola de uma criança que caía na área do barraco de alguém. Era uma dívida antiga, alguns trocados que nunca foram cobrados e que, de repente, eram exigidos até com juro. E eram especialmente pedras nos telhados. Havia mão misteriosas de moleque que lançavam pedras e quebravam tudo. E quem era? Não se sabia quem! A culpa cabia ao que fosse apanhado em atitude suspeita. O que seria atitude suspeita? Tudo! Uma mão no bolso. Um andar vadio. Um correr sem quê nem pra quê. Podia ser o Tonho, o Zé ou Nico. O eleito culpado, se não corresse, seria surrado (EVARISTO, 2017, p. 151-152).

Como exposto por meio da narrativa de Conceição Evaristo, a configuração familiar em meio aos becos se fazia de forma intensa, pela quantidade de pessoas e de problemas. A falta de espaço e oportunidades intensificava o fato de que as crianças tivessem os becos como única opção para brincar, o que, na maioria das vezes correspondia a correr riscos. Com a pouca paciência para tudo, com o avançar dos tratores na destruição dos barracos desocupados, como destaca a autora, por tudo ou por nada, era motivo de brigar, uns com os outros, ou ainda, agredir as crianças. Assim, a violência se fazia presente na fome, frio, mas também na ausência de direitos, proteção e oportunidades. Conceição Evaristo perpassa essas histórias

---

<sup>62</sup> Sobre as violências sexuais de meninas e as legislações para punição e atendimento, ver: AREND, Sílvia Maria Fávero. ROMPENDO O "SILÊNCIO": Violências sexuais, infâncias e direitos (1989-2000). **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 205–220, 2020. DOI: 10.18817/ot.v17i29.762. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/762](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/762). Acesso em: 3 julho. 2023.

como forma de mostrar a realidade e as pouquíssimas oportunidades que se podia ter no futuro.

Em todas as famílias, os sonhos eram os mais diversos. A maioria muito simples, mas completamente distante e quase impossível de ser realizado. Há distintas passagens que despertam os/as leitores/as a perceberem ausências e crenças de futuro, como na família de Nazinha, a menina de 13 anos, assim como Maria-Nova, Conceição Evaristo narra,

A menina sonha. Infantis desejos, guardar na palma da mão estrelas e lua. Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar passos largos... A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. Sonha remédios para o filho doente, emprego para o marido revoltado e bêbado. Sonha um futuro menos pobre para a menina. A mãe da menina sonha não ter nenhuma necessidade. Sonha dinheiro, dinheiro, dinheiro... (EVARISTO, 2017, p. 38).

Nazinha não está fora da sua realidade, deseja apenas aquilo que é comum, que outras crianças desfrutam. Contudo, a sua condição social exhibe a dificuldade de conseguir realizar seus sonhos, não bobos e ingênuos. No fundo despertam a curiosidade de talvez descobrir o gosto de uma maçã. A distinção social narrada pela autora leva a mãe a ter que selecionar dentre o que é mais importante, sendo pão e leite emergenciais, por exemplo. O desejo de um futuro com melhores condições poderia ser resolvido com dinheiro, mas parecia mais distante ainda.

Em relação às crianças, como já exposto no início desta dissertação, desde a capa, *Becos da Memória* apresenta a forte conexão entre as crianças e a ancestralidade. Principalmente a relação estabelecida entre as mulheres mais velhas e as crianças, pois elas tomavam conta de muitas ao mesmo tempo: netas/as, filhos/as, sobrinhos/as e dos/as vizinhos/as, principalmente para que as mulheres pudessem trabalhar fora ou lavar as roupas nas torneiras públicas. Com raras exceções, na obra, homens são vistos cuidando das crianças.

Ainda em relação aos/às filhos/as e à realidade social, a questão da maternidade é explorada de distintas maneiras. Tendo a obra todo um viés de valorização da história das mulheres, em especial o protagonismo de mulheres negras, Conceição Evaristo aborda as histórias que atravessam a maternidade para discutir assuntos tão naturalizados, como a necessidade de ser mãe. Dora, por exemplo, é uma dessas mulheres que se afasta da norma social, não quer ser mãe.

Quer sentir prazer, não quer filhos. Contudo, certa vez engravidou do amigo da família na casa da qual trabalhava, mas não quis a criança. Mesmo com o pedido de casamento, a autora destaca que,

Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem a barriga. Dora não queria nada. Deitou aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino ao homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz. Era feliz sempre que podia. Ela sempre podia ser feliz (EVARISTO, 2017, p. 93).

Assim, quando Conceição Evaristo apresenta a história de Dora, não busca estabelecer uma crítica moralista para reforçar a cobrança da maternidade. A autora apresenta outras configurações familiares, mas principalmente a autonomia de Dora, o interesse em viver sua vida sem a dependência ou obrigação com alguém. Em relação à doação de filhos/as, no caso de Dora, a criança fica com o pai, a mulher segue sua vida. Por outro lado, a autora também aborda as doações ocasionadas pela condição social, principalmente como uma tentativa de afastar as crianças daquela realidade e de um futuro vazio. A autora expõe distintas práticas de doação, mas ao mesmo tempo, por meio de suas personagens, como Maria-Velha e Mãe Joana, retrata tanto a relação afetiva como a naturalização da maternidade como obrigação, pois, como destaca com base nas mulheres citadas, “[...] meus filhos não são cachorros para serem dados” (EVARISTO, 2017, p. 144). Fazia-se assim distintas formas de constituir a vida. Dora busca lapidar sua vida com autonomia com e solidão, até que encontrasse um novo amor, sem poder decidir quando e com quem constituiria uma família. Para as demais, a maternidade servia como um acalento, a fim de impulsionar a continuidade da vida. Cada uma inventando e agarrando o que podia para seguir.

Entretanto, a situação violenta e agressiva da condição de vida em meio aos barracos torna a vida cada vez mais vulnerável, principalmente para as crianças. Nesse assunto, Conceição Evaristo percorre avenidas inteiras, além do que já foi apresentado, como a prostituição, que tomava o caminho de muitas crianças, seja por descobertas próprias ou por serem empurradas pela família. Como comenta a autora,

Outro dia, veio aqui o fornecedor da fábrica de cigarros, suprir os botequins da favela. **O homem, diferente de nós, fala grosso com a mão no bolso.** A mãe da menina fica a olhar a mão do moço sempre no bolso. Os dois se olham. **Ela já sabe do vício do moço. O moço**

**sabe das necessidades da mãe da menina. O moço é rápido, direto, franco e cruel. ‘Quanto você quer, mulher?’** A mãe da menina não responde. O moço tira um pacote de notas. A mãe chama a menina: ‘Nanzinha, acompanhe o moço!’ **O homem pega a menina pela mão e segue outros rumos.** Não mais o rumo da fábrica, era preciso fugir, pegara o dinheiro do patrão. **A mãe da menina ajunta os trapos, o filho doente, o marido revoltado e bêbado. Procura outros caminhos, também era preciso fugir.**

Maria-Nova na noite em que ouviu a história de dor da outra menina dormiu e sonhou com amiguinha. **Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida lhe estivesse fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo** (EVARISTO, 2017, p. 38) (sem grifos no original).

A história de Nazinha é o resultado da manutenção da vulnerabilidade social, da falta de apoio, de proteção, da concepção e conquista de direitos, da ausência de políticas de reparação para construir vidas possíveis de serem vividas. A venda da menina para fins de prazer sexual de quem a comprou revela a perversidade da vida, a condição imposta a qual corpo merece viver e qual corpo merece morrer, ou sofrer. A história da menina que serviu como moeda de troca para estender a vida da mãe, filho e marido bêbado exige atenção para não se cair no moralismo acerca da venda da própria filha. Contudo, a escrevivência da autora invade histórias cruéis, de dor, que sangram e continuam a sangrar. É a situação desumana de buscar na venda da filha a tentativa de dar o mínimo de alimento ou remédio para o filho mais novo. Ou, até mesmo, a ingenuidade da mãe, por mais que soubesse que estava fazendo errado, pensar que o homem ficaria com a menina para sempre, que mesmo servindo aos desejos sexuais dele, sua condição pudesse ser outra, talvez dentro de uma casa. Entretanto isso seria impossível, o homem havia roubado o dinheiro e, quando encontrado, seria preso. Nazinha, então, ficaria jogada à própria sorte, isso se um dia ela chegara a existir.

E assim Conceição Evaristo vai exibindo a vida, os lares e as relações que se constituem dentro dos barracos e em meio às ruas. Vidas que se cruzam, vidas indesejadas que poderiam ser resolvidas por um aborto, geralmente mal feito. Vidas que se intensificaram pelos mesmos problemas, que buscavam novas alternativas. Esses problemas, ao mesmo tempo, auxiliam no reconhecimento do grupo pois, com o avançar dos tratores, sair dali era deixar as histórias, as memórias, os laços constituídos, mesmo que se soubesse que eles haviam sido construídos. Podemos perceber essa hipótese quando a autora narra a saída da família de Ditinha, dois

meses depois que volta da penitenciária em que havia ficado presa. Conforme a autora,

A mudança de Ditinha já estava ajeitada em cima do caminhão. A irmã dela aparecera e ajudara muito. **As crianças já tinham subido para a boleia. Davam adeuses e mandavam beijos. O pai vinha sendo carregado por um vizinho.** Estava mais esquelético ainda, devia ter o peso de um passarinho. Foi colocado na frente junto do motorista. Beto voltou e pegou a cadeira dele. Colocou lá atrás junto das mudanças. Olhou aflito na direção da fossa. Falou alguma coisa com o motorista e foi até lá. [...] Bateu com os olhos em Maria-Nova e fez um sinal. **A menina veio e se abraçaram chorando, os grandes disfarçaram a emoção.** Os dois caminharam em direção à fossa. O motorista havia descido. Beto empurrou a porta da casinha. Entraram. Todos continuaram mudos, parados. **A emoção,** a curiosidade haviam deixado todos duros, congelados. Dali a um instante, no minuto seguinte, **saíram os dois puxando pela mão uma mulher que vinha cabisbaixa carregando sobre si toda a vergonha e tristeza do mundo. As vozes e as emoções se liberaram.** Ditinha! Era Ditinha! A mulher havia voltado! Ela cobriu o rosto com as mãos. Parou! **Grandes e crianças que nem estavam acostumados a grandes demonstrações de carinho correram para ela e a pegaram no colo.** Andaram com ela ali em volta feito santo em andor. **Gritando, chorando, rindo.** Que bom, Ditinha havia voltado! Ditinha havia voltado! **Depois solenemente colocaram a mulher no caminhão como se colocassem um santo no altar. Todos choraram. O motorista do caminhão enxugou uma lágrima no canto dos olhos. Ditinha, que se mantivera o tempo todo com o rosto entre as mãos, olhou para todos e sorriu. Era o primeiro sorriso desde aquele dia em que escondera no seio a pedra verde-bonita-suave que até parecia macia** (EVARISTO, 2017, p. 170-171) (sem grifos e marcações no original).

Tendo já delineado no início desta dissertação o interesse, por meio do pensamento social de Conceição Evaristo como forma de perceber e oportunizar um pensamento liminar, trago novamente a história de Ditinha para sinalizar as maneiras de encarar a vida apresentadas na escrivência da autora. Com a ausência de Ditinha, Beto, sendo o irmão mais velho, havia cuidado de tudo e de todos. Da casa, dos irmãos, do avô. Quando a mãe retornou, o menino, que se tornara homem com a ausência dela, demonstrou enorme afetividade e carinho com Ditinha. Continuou com os afazeres domésticos, foi à escola, preparava e lhe servia a comida. A mãe, atravessada pelo julgamento moral, preocupada em não ser vista, teve novamente do filho o carinho, proteção e respeito. Buscou a fossa para se esconder de todos/as durante a mudança, mas não havia como sair sem ser vista.

O encontro entre Beto e Maria-Nova envolve as relações de amizade constituídas desde a infância. Lágrimas e abraços trocados sinalizam a demonstração de afeto que se fazia pública, quase não vista por muitos. Contudo, a autora insiste em apresentar a emoção, aquela segurada por todos/as. Como um reforço de humanização, lágrimas, sorrisos e abraços que estavam presos lapidam a vida, ao menos naquele momento de encontro/despida. A alegria por Ditinha ter voltado simboliza o reconhecimento entre os seus, principalmente por estarem salvos, ao menos da prisão. A mulher envergonhada faz parte dos moradores, compartilha quase os mesmos problemas que todos/as, é uma das moradoras da favela, portanto, todos choraram de alegria por ver Ditinha viva. Emoção que se misturava com a chegada e a partida, a mulher havia voltado, mas agora todos/as iam, não se sabe para onde e nem se um dia se encontrariam. Assim se faz a desfavelização, desmobiliza a vida, dispersa o grupo e insiste em atrasar a lapidação da vida.

#### **4.1.3 Afetos e desafetos que enchem os olhos d'água**

Como já comentado no início desta dissertação, *Olhos D'Água* é composto por um conjunto de contos que fazem derramar as águas dos olhos. Atravessado pelas críticas às mazelas do mundo e como elas atingem a população negra, o brutalismo poético de Conceição Evaristo percorre as dores e as observa em seu interior. Dado o poder da escrevivência, a narrativa da autora provoca um olhar como se fosse possível observar de dentro a vida dos/as sujeitos/personagens e de suas ações/reações construídas para (re)existir no mundo.

De modo bastante significativo, a disposição dos 15 textos que reúnem a obra conduz o/a leitor/a a encher os olhos d'água logo no primeiro conto quando, de uma forma positiva e afetiva, narra a história da mãe/filha que insiste em tentar recordar de que cor eram os olhos de sua mãe. Nos treze contos seguintes, em sua maioria, estão imersas as dores e sofrimentos, mas por meio do brutalismo poético Conceição Evaristo apresenta as lapidações da vida que são construídas e significadas para (re)existir. Por fim, o conto de Ayoluwa se estabelece como uma espécie de fechamento de um ciclo, de reencontro e de abertura para novas possibilidades diante de todas os problemas que perpassam os contos. É como se os olhos se enchessem d'água pelo reconhecimento do passado, encontro com os seus e pela construção de novos futuros possíveis, como será analisado a seguir.

Proponho percorrer os contos com a intenção de levantar as afetividades em meio às relações familiares e sociabilidades apresentadas por Conceição Evaristo, com a intenção de perceber como a autora utiliza a narrativa para reconstruir novas formas de viver. Sem a intenção de seguir a sequência dos contos, destaco algumas observações que considero pertinentes para a percepção do brutalismo poético e das flores em meio às lágrimas.

Como já observado no segundo capítulo, a ancestralidade afrodiaspórica move a escrita da autora. As personagens e as histórias perpassam esse envolvimento de reconhecimento de si e reencontro com as origens. No conto Olhos d'água, a ancestralidade envolve toda a narrativa, que é marcada pelo envolvimento das mulheres da família, pelos laços afetivos de (re)sistência, pela solidariedade entre mulheres e pela educação para a valorização de si, do corpo e das ancestrais. No jogo de lembranças entre o brincar com a filha e, ao mesmo tempo, recordar de quando era criança e brincava com a mãe e irmãs, por meio da personagem a autora percorre uma memória doce sobre o passado, pois,

Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. [...] Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo minguinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse um carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela? (EVARISTO, 2016, p. 16).

Recordando ainda dos momentos que, muitas vezes, “[...] quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum”, a insegurança alimentar não deixa de existir, mas, como uma forma de afastar, mesmo que brevemente, aquele infortúnio, a mãe utiliza as flores para lapidar a vida, como narra a autora,

E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos

flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Estávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorrimos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... (EVARISTO, 2016, p. 17).

Como destaca Gomes (2006), sem perder a raiz, o corpo e cabelo ao mesmo tempo que são, constituem a construção identitária do sujeito negro. Seu reconhecimento e aceitação (dado o processo historicamente construído de forma pejorativa) integram a força motriz para a valorização de si e dos seus. No conto, o toque, cuidado e valorização de uma estética corpórea negra entrelaçam as relações da família composta só por mulheres. Como uma transmissão de saberes por meio do encontro entre mãe, filha e irmãs, do conhecimento do corpo de uma da outra, vão constituindo a lapidação da vida em meio às pedras que muitas vezes estavam vazias. Nesse brincar, conhecer a si e ao outro, a boneca-mãe, ao mesmo tempo em que se faz presente, como Rainha, substitui possíveis brinquedos e servem como um reforço da afetividade. Assim, as lágrimas muitas vezes também podem surgir da alegria.

O encontro de si e entre mulheres também ocorre no sexto conto da obra. “Beijo na face” narra a história de Salinda, que passa por violências psicológicas perpetradas por seu ex-marido. Contudo, a autora não resume a história da personagem às suas dores, mas, como forma de valorizar o protagonismo de mulheres, são as flores da vida que se sobressaem na história. Salinda é uma mulher negra, com *dreads*, casada, com dois filhos, mas que com “carinhos inicialmente experimentados apenas com as pontas dos dedos-desejos. Ela estava aprendendo um novo amor” (EVARISTO, 2016, p. 51). E assim foi se descobrindo lésbica. Nisso, a autora explora diferentes possibilidades de arranjos familiares, tal como de pessoas divorciadas ou da constituição de famílias de duas mulheres e com crianças do primeiro casamento. Entretanto, entre as flores e as pedras, “[...] o amor pedia o direito de amar”, por duas maneiras. A primeira, pelo medo das violências do marido que a persegue. Segundo, como uma crítica à lesbofobia. Nos encontros que se faziam às escondidas, “[...] por repetir constante do eu te amo, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala se expandisse no interior mesmo do próprio declarante” (EVARISTO, 2016, p. 52).

A lapidação desse amor visto como proibido ocorria na casa de Tia Vandu, no interior, cidade fictícia de Chã de Alegria, fazendo jus ao nome e ao que ocorria lá. Como forma de fortalecer o laço e confiança entre as mulheres, a tia era a única pessoa que sabia, organizando assim o encontro das duas. “Tia Vandu era guardiã do novo e secreto amor” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Como um gesto de empoderamento para muitas mulheres, que envolve o reconhecimento de si, do corpo e da sexualidade, depois de um susto dado pelo ex-marido, Conceição Evaristo narra que Salinda,

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, **Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E, no lugar de sua face, viu a outra.** Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a **força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava.** E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória (EVARISTO, 2016, p. 57) (sem grifos no original).

Assim, por meio da narrativa sobre Salinda, Conceição Evaristo ao mesmo tempo em que investe em uma literatura insubmissa, em romper com narrativas que reduzem e marginalizam a história e estética da população negra, produz outras formas de observar a realidade em movimento. Distintas alternativas que promovem o pensamento liminar sobre mulheres negras, seus laços, sororidade e encontro em si e duas iguais. Ou seja, a autora não reduz a narrativa dessas mulheres à dor, medo ou sofrimento, sem ignorar a existência, parte da experiência de suas personagens para abrir possibilidades de futuro, formas constituídas por mulheres que auxiliam a levantar outras mulheres.

Na sequência, “Luamanda”, sétimo conto da obra, também parte do protagonismo de mulheres como elemento fundamental para destacar a autonomia, sexualidade e valorização da estética corpórea de uma personagem que é mulher, negra e está com 50 anos de idade, “[...] é, estava inteirinha, apesar de tantos trambolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada” (EVARISTO, 2016, p. 59). Luamanda reflete a liberdade desejada pela autora para que muitas mulheres possam

descobrir sua sexualidade, desfrutar do prazer sexual e ter autonomia para decidir quando e com quem manter relações. No caso da personagem, essa descoberta se inicia aos 11 anos, com “amor platônico” em troca de olhares, cartas, desenhos, tendo aos 13 anos a sua primeira relação sexual, “[...] a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. Corpo-coração espetado por um falo, também estreante” (EVARISTO, 2016, p. 60).

A liberdade sexual de Luamanda também exhibe sua decisão sobre a gravidez. Tendo a obra um conjunto de contos que explora a busca pelo aborto como decisão sobre o corpo ou as inconveniências de se ter um/a filho/a nas condições expostas. De tal maneira, a narrativa sobre Luamanda apresenta o poder de decisão das mulheres sobre o seu corpo e sobre sentir prazer, mesmo depois da gravidez. No caso de Luamanda, as luas-cúmplices das barrigas-lua vieram para demarcar o tempo grávido da mulher que expulsava, “[...] em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo. O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas?” (EVARISTO, 2016. 61).

Em Luamanda, mulher que se fez mãe, a lapidação da vida da personagem também é movida por novas descobertas, experiências que narram distintas formas de ser mulher, principalmente o desfrutar de sua bissexualidade. Conforme a autora, a mulher, “[...] quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum sentiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra” (EVARISTO, 2016. 61). E assim, com experiências com diferentes corpos/gênero e idades, Conceição Evaristo exhibe uma mulher decidida e, com o conjunto da história, permite abrir espaço para falar sobre corpo, sexo, prazer e envelhecimento, assuntos ainda tabus.

Contudo, entre as flores da vida, cercada de filhos/as e netos/as, “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo”, lutava para lapidar algumas pedras, dentre elas;

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que desce naturalmente de seu útero-alma vinha

misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. [...] Foi um tempo que precisou exercitar a paciência com seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesma, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos caninos. Chorando alisava, bulia, contornava a cicatriz que ficava desenhada em um ponto da pele, onde os pelos se rareiam para sempre. Era um ponto único, minúsculo, um impertinente calombo. Ali, então alisava a dor e seus contornos. Era preciso convencer-se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos? (EVARISTO, 2016, p. 62-63).

Por conta disso, entre flores e dores, Conceição Evaristo interroga e levanta críticas sobre as violências contra as mulheres. No caso em questão, versa sobre o sentimento de posse que viola o corpo de Luamanda, tal como no término de muitos relacionamentos, “[...] que arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida” age como uma afronta à liberdade e autonomia das mulheres. De tal modo, a decisão de Luamanda de romper com o companheiro exhibe não só a história de uma mulher decidida, que buscava traçar sua vida e não depender de nenhum vínculo amoroso como responsável por determinar sua vida, mas perpassa ainda o silêncio, a solidão que por vezes é utilizada como forma de encontro de si sem pressão de viver por ou para alguém. Nisso, tanto o desvincular do relacionamento como o (re)descobrir-se em um corpo que foi violentado e marcado para sempre (e não apenas no corpo) revela, tal como a história de várias mulheres que foram violentadas e como uma transição para novas descobertas, desejos e reencontro com o seu corpo buscam o silêncio (ou são levadas a ele) e o toque para poderem seguir.

Em relação à solidão das mulheres, em “*O cooper de Cida*” já observamos que trata de uma mulher que vive para o trabalho, que talvez a narrativa sobre a personagem perpassa as cobranças impostas às mulheres, em especial mulheres negras, que vivem uma rotina de trabalho árdua para garantir melhores condições, tendo em vistas as desigualdades e opressões que vivem constantemente, já que, Cida, “[...] voava pelas escadas, pois o elevador era lento e no constante *cooper* ganhava a rua. Corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo. Era preciso avançar e avançar sempre e sempre” (EVARISTO, 2016, p. 66).

Com um ritmo de vida agitado que poderia se confundir com o *cooper* praticado na praia, todas as manhãs, “[...] a moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária maratona. Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca”

(EVARISTO, 2016, p. 67). Contudo, Conceição Evaristo utiliza a personagem para assinalar o autoconhecimento e autoavaliação na vida das mulheres. Cida, com um sentimento até então estranho de querer parar, “[...] permitiu uma lentidão aos seus passos, e pela primeira vez viu o mar” (EVARISTO, 2016, p. 66). Nessa redução da velocidade, Cida pode observar o mar, as pessoas, a vida a sua volta, tentou sentir e observar o tempo que passa, e assim, naquele dia decidiu não ir trabalhar, dar um tempo para si. Ou seja, a autora percorre o tempo de Cida como forma de explorar a rotina de muitas mulheres que estão submetidas a prisão de ter que dominar um tempo acelerado. O pausar, observar e compreender o tempo exposto por meio de Cida é a lapidação da vida, a forma encontrada pela autora para sinalizar às mulheres que se faz necessária a autonomia e independência, mas que só será completa se exigir o tempo e dedicação para si. Infelizmente, nem todas conseguem desfrutar desse tempo.

Diante disso, *Olhos D' Água* conduz os/as leitores/as a refletir sobre os diferentes tempos, espaços e marcações sociais que atravessam a vida de muitos sujeitos, que se manifestam e reagem às marcações sociais da diferença de distintas maneiras.

Diferente dos três últimos contos destacados, em “*Os amores de Kimbá*”, que versa sobre a história de um jovem que vive as amarguras da vida na favela, as desigualdades e a precariedade da vida gerida por um mísero salário. Contudo, em meio às dores e à pressa de sair daquela situação, Conceição Evaristo, através da história de Kimbá, apresenta a valorização da identidade corpórea negra, do menino que cresce e se torna homem. “Zezinho cresceu solto pelos becos do morro”, como bom jogador de capoeira,

Jogava capoeira até cansar. Depois entrava no tanque e se banhava. Saía fresco e calmo. Descia o morro e ia encontrar os amigos. Ele não gostava de seus colegas vizinhos, gostava da turma lá de baixo. No meio deles, os lá de baixo, ele Zezinho, era o diferente. Era o que jogava capoeira, que morava no morro, o que contava histórias. Era ouvido sempre. Frequentava a casa de alguns sonhando com o dia em que teria tudo como eles (EVARISTO, 2016, p. 89).

Temos aqui as distinções sociais utilizadas/observadas pela autora como forma de lapidar a vida. Kimbá (nasceu Zezinho), desde criança sentia muito desconforto por ser pobre, logo não gostava da vizinhança, de tudo que lembrasse a vida que

levava. A capoeira serviu para lapidar a vida e ser utilizada a seu favor, para ser aceito e reconhecido no grupo que não era o dele, o dos moradores dos prédios próximos ao morro. Nisso, a autora também reflete sobre a valorização cultural da capoeira como uma das práticas culturais da população afro-brasileira. Enquanto esporte e lazer, as crianças utilizavam a rua para brincar, mas Kimbá brincava em um território que não era seu. Contudo, por dominar a capoeira e ter histórias para contar, talvez tristes e de dor, tinha ouvintes, amigos. Por conta disso, percebeu ainda mais a distância de seu mundo ao dos amigos, cujas casas frequentou, sonhando que pudesse um dia desfrutar de algo semelhante e que fosse seu.

O nome Kimbá surgiu como apelido de um de seus amigos que havia conhecido um africano em suas viagens ao exterior. Trouxe com o novo nome do menino/homem. Como uma fuga de Zezinho, principalmente para distanciar do/da nome/herança que ganhou ao nascer na favela, Conceição Evaristo utiliza o nome como uma valorização da ancestralidade e reconhecimento de si. Assim, a nova nomeação, mesmo que simbolicamente, afastaria a condição de morador da favela, mas, com o brutalismo poético empregado pela autora, fortalece a personagem por meio do pertencimento ancestral. Kimbá gosta do nome, de sua cor, de sua estética corporal. Quando nu, depois dos encontros com Beth e o amigo, admira sua beleza.

Em vista disso, a autora intensifica a lapidação da vida do personagem. Junto com o nome, Kimbá se descobre em meio a uma forma de amar que jamais havia pensado: três pessoas estavam se amando ao mesmo tempo. Gustavo havia apresentado Kimbá para Beth e, em um dos encontros na casa da mulher, quando se viu, estava junto ao casal, despindo a roupa do corpo e sentindo prazer, e assim repetidas vezes. Entretanto, a narrativa sinaliza as dificuldades de prever o futuro, de dominar e acertar os acontecimentos, principalmente os sentimentos. No decorrer da história, Conceição Evaristo apresenta que,

O amigo de Kimbá tinha certeza de que o homem não era seu. Sabia dele com Beth. Kimbá ficava com ele por amizade ou interesse talvez. Sabia que, se ele tivesse de fazer uma escolha, optaria pela mulher. Sentiu um misto de ciúmes e mágoa. Afinal, tinha sido ele que havia apresentado Kimbá para a amiga. Sabia também que não era justo ficar magoado com ela e com Kimbá muito menos. Nenhum dos três tinha previsto sentimentos que pudessem mudar a situação. Jamais havia pensado em se apaixonar por Kimbá e agora estava ali, desinteressado de tudo e de todos, pensando só no homem, tal qual namoradinho envolvido pelo primeiro amor. E agora o que fazer? (EVARISTO, 2016, p. 93).

Do envolvimento entre os três, a autora perpassa distintas maneiras de amar, como uma forma de lapidar a vida sofrida de Kimbá. Contudo, o amigo, Gustavo, se viu apaixonado por Kimbá. Kimbá gostava da relação, mas estava apaixonado por Beth, o que reforçava a distinção social do homem. Rica, utilizava coisas às quais Kimbá não estava acostumado, como bebidas, perfumes com fragrâncias desconhecidas, pois o homem preferia o cheiro do sabão de coco. Um amor que parecia impossível, distante de si e de sua realidade, sendo incômodo seguir, pois, “[...] a mulher tinha pose até para fazer xixi”. Entre a condição social e a incompreensão sobre essa forma de amar ainda nova para Kimbá, sua decisão foi, em um dos encontros, envenenar a bebida e brindar a despedida. Morreriam os três, sem o compromisso de decidir quem ficaria com quem. Conceição Evaristo utiliza o ato como uma forma de selar a eternidade do triângulo amoroso.

Relacionamentos amorosos e uniões familiares estão entre as formas de lapidar a vida. Juntamente com os contos já destacados, que exibem maiores detalhes sobre o assunto, o conto “Ana-Davenga”, já discutido principalmente em relação à criminalidade e à violência policial, trago novamente o olhar de Conceição Evaristo nesse conto como tentativa de compreender as formas encontradas/construídas para ressignificar a vida.

Ana é dona de uma autonomia, alegria e sexualidade não comuns para todas as mulheres. Depois de passar a conviver com Davenga, a cumplicidade do amor se fazia presente, mas no que competia aos assuntos das atividades ilícitas realizadas por seu companheiro, “[...] o barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe” (EVARISTO, 2016, p. 22), e, como indica a autora, “ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles” (EVARISTO, 2016, p. 22), fator esse que levou os comparsas a passarem a aceitar a relação entre os dois.). Assim, compreendo que, como uma lapidação da vida, o encontro dos dois e a união entre o casal são utilizados pela autora como formas de demonstrar o direito de amar, de constituir família. Davenga não é julgado nem romantizado pelo seu envolvimento com o crime, e sim são observados quais os fatores que levam à influência do crime e as violências que perpassam/se manifestam sobre ele. Nisso, a valorização e construção narrativa de um sujeito negro como positiva é novamente reforçada quando observado que, diante do forte laço entre o casal e os constantes prazeres íntimos, “[...] nuzinho, bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada,

lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem” (EVARISTO, 2016, p. 23), a autora investe tanto na valorização da estética corporal negra, no direito das pessoas negras em amar, e na liberdade de Ana-Davenga para decidir quando manter relações com seu companheiro.

Conceição Evaristo também utiliza a afetividade e lapidação da vida para narrar o primeiro encontro entre Ana e Davenga. Na primeira vez que o homem avistou a mulher, esqueceu-se de tudo, principalmente de que não poderia ser visto em público. “Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda” (EVARISTO, 2016, p. 24).

Com uma mistura de encanto e sedução, deixando-se levar pelo risco de estar ali, a autora narra que o homem, “[...] estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana” (EVARISTO, 2016, p. 25). E assim, no ritmo da dança das rodas de samba como espaços de sociabilidade movidos pela ancestralidade africana despertada na lembrança de Davenga, Conceição Evaristo investe nas lembranças do homem do tempo da infância para discorrer sobre o tempo e a realidade que Davenga também sentia em não querer, pois, “[...] com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxe saudade de um tempo de paz, um tempo criança, um tempo Minas” (EVARISTO, 2016, p. 26). Assim, a autora utiliza as memórias, tanto da infância como da vida em Minas Gerais, como comparativos com a realidade, com o afastamento de problemas que se faziam presentes, principalmente a criminalidade.

Visto no capítulo anterior que o desfecho dessa história é atravessado pela violência policial, quando o barraco foi invadido, sendo o casal assassinado juntamente com a criança que a mulher esperava, Conceição Evaristo termina o conto afirmando que, “[...] em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria” (EVARISTO, 2016, p. 30). Assim, tal como Slenes ao afirmar que na senzala havia uma flor, a autora nos mostra quais são as flores construídas para se viver na favela, as dificuldades para mantê-las vivas, mas não por falta de vontade de quem as planta.

Entre sentimentos afetivos e aqueles que arrancam a humanidade, “Duzu-Querença”, terceiro conto da obra, apresenta um cotidiano familiar em que parece

difícil encontrar flores. Com a esperança de vida arrancada desde a infância, Duzu saiu do interior rumo ao objetivo de estudar e obter uma vida melhor no futuro. Com um forte auxílio/investimento para a menina ter oportunidade, a autora narra sua viagem,

Quando Duzu chegou a primeira vez à cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã (EVARISTO, 2016, p. 32).

O cenário interiorano que ficava para trás com o avançar do trem, movido pelo medo da situação, era impulsionado por uma vontade de futuro tanto para acabar a viagem como de expectativa construída para permitir que ela estudasse e assim tivesse um futuro melhor. Mas isso também dependia do acordo firmado com D. Esmeraldina, que lhe auxiliaria para arranjar um trabalho como empregada doméstica e assim ter uma renda. Contudo, “Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas” (EVARISTO, 2016, p. 32). Diante do fato, não teve acesso ao estudo, tendo ainda sua infância interrompida, primeiro pelo trabalho e depois, pelas entradas nos quartos. “E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima de mulheres, Homens acordados em cima de mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres, Homens trocando de lugar com as mulheres” (EVARISTO, 2016, p. 33). A menina estava na zona, tendo sido enganada sobre a possibilidade de estudar e trabalhar e, principalmente, sobre o local onde trabalhava, não sendo nem trabalho, nem local adequados para a menina. Vivendo e trabalhando ali, continuava entrando até ter sido chamada por um dos homens. Na primeira vez o homem foi repreendido pela mulher, sendo diferente na segunda. “Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu sentia gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois” (EVARISTO, 2016, p. 33).

Contudo, essa descoberta desleal, induzida por um abuso, levou Duzu a viver nas zonas. Vida difícil, atravessada por distintas violências. Intensificada quando vieram os filhos,

Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcaram assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido... (EVARISTO, 2016, p. 34).

Em meio às dificuldades, Duzu foi envelhecendo, saiu da zona e foi viver no morro. Contudo, em meio às latas de lixo, o virar comidas imaginárias se tornou uma constante para driblar a fome. Trago a história de Duzu neste momento como uma forma de observar como Conceição Evaristo utiliza a família e a infância como sintomas de esperança, uma flor para lapidar vidas tão inseguras. Como destacado no trecho, a menina/mulher teve nove filhos/as, uma família extensa, mas frágil diante dos problemas que atravessavam a manutenção de sua estrutura, principalmente a possibilidade de viverem juntos ou não terem sido mortos pelas violências, tal como Tático. Dos filhos/as com quem tinha pouco ou quase nada de aproximação, vê nos/as netos/as a possibilidade de esperança, um desejo de futuro melhor que envolve o saber da Duzu como uma ancestral, em idade avançada, busca apresentar conselhos e ensinar os mais novos. Contudo, com o avançar da vida e desejar coisas positivas na infância, ao retornar para o morro depois de transitar em meio às ruas, descobre-se criança. “E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias” (EVARISTO, 2016, p. 35). Duzu estava com o corpo fraco, delírios passavam a tomar conta de si, mesmo assim eles não reduziram a trajetória da mulher, “Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganha asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real” (EVARISTO, 2016, p. 35). Isto é, os devaneios de Duzu serviam como fuga da dor. Naquela altura da vida, sofrer se fazia proibido e isso lhe deu forças para seguir.

Como sintomas de alegria e esperança, Duzu gostava de festejar o carnaval, preparar a sua roupa, inventar sua arte com o vestido costurado com papel de bala em recorte formato estrela. Feito seu vestido de baiana, indagada por um mendigo que disse mais parecer um vestido de fada, Conceição Evaristo explora novamente a lapidação da vida. Depois, quando Duzu afirma, “[...] quem disse que estrela era só para as fadas! A Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bandito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de

florescer e acontecer” (EVARISTO, 2016, p. 36). Assim, por meio da valorização da ancestralidade, permeada pela religiosidade iorubá em que o ayé configura o mundo espiritual, Duzu se faz Querença, Duzu-Querença assim se configura como uma aliança de dois tempos, a velha e a nova, em que os saberes de uma servem para outra, em que ambas se completam. Entre o brincar e o fantasiar, Duzu partiu. “E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas”, e, nesse transitar, “[...] rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kilá, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos” (EVARISTO, 2016, p. 36), foram explorados os laços dos que foram com os que ficaram, mas que sempre estariam fixados. Para a menina Querença ficou a esperança e o ensinamento, desejos para que se cumprissem vivos e reais. Para isso, “[...] era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos” (EVARISTO, 2016, p. 37). Ou seja, o entrelaçar de saberes dos adultos, atravessados por suas experiências de dor, investe na infância novas expectativas em que o ensino escolar é apontado como parte desse processo. Desse modo, manter vivo o desejo de futuro é assegurar a continuidade da lapidação da vida, do irrigar das flores, para não desumanizar.

O desejo de esperança como lapidação da vida também está presente no conto “A gente combinamos de não morrer”, já destacado no capítulo anterior. Entre as dores da vida, o combinado de não morrer expressa parte dos laços estabelecidos para construir novas formas de proteger a vida que se faz frágil no morro. A insegurança alimentar, violências e as condições das casas são expostas em meio às saraivadas de balas, fazem firmar o acordo para viver, para tentar manter o vínculo afetivo entre amigos, parentes, mães e filhos, expondo assim leves descrições sobre a configuração familiar composta por muitos irmãos, por uniões familiares de pessoas jovens, em sua maioria adolescentes, que, diante da gravidez buscam nesse acordo firmar a confiança de que, no futuro, teriam um pai presente e não se tornassem órfãos do tráfico e quaisquer outras violências.

Em meio ao pacto dos jovens, Conceição Evaristo sinaliza para a quase descrença da mãe, que tinha sua vida costurada com fios de aço, de que essa realidade pudesse mudar. Ela, como uma fuga, usava a televisão para distrair a dor, imaginando que a história da novela poderia se manifestar na realidade, com coisas boas, talvez impossíveis para aquela situação. E assim, como um lapidar a vida por meio de desejos/fantasia, a autora investe em sua crítica social. “Assisti outra novela

em que a babá casou com o filho do patrão. Bonito, tudo muito bonito. Chorei de emoção. Quando choro diante da novela, choro também por outras coisas que não gosto nem de pensar” (EVARISTO, 2016, p. 105). Sendo esse o olhar entre dois mundos tão distintos, a novela se manifestava como uma fantasia e uma vontade de viver, talvez como o casamento entre patrão e empregada. O que haveria ali de errado? Essa é uma união impossível ou é imposta como uma forma de reforçar as condições estereotipadas e determinadas sobre a pobreza?

Para a personagem Bica, com crença na religiosidade, pois, “[...] quem sabe os nossos Orixás que são humanos e deuses descrevem para esse escritor outras e outras fomes” (EVARISTO, 2016, p. 108), como maneira de pensar outras possibilidades e desejos, e, em conjunto com a escrita, utiliza como forma de lapidar a vida, pois, “[...] escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde e arde...” (EVARISTO, 2016, p. 108). A cada linha que a fazia sangrar são impostas reflexões de presente e desejos de futuro, e isso sangrava, e muito, tal como (n)as escrevivências da autora.

Entre o sangrar e balas perdidas, a história de Zaíta no conto, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, expõe muitas dores e exhibe a configuração familiar composta por uma mãe solteira, com quatro filhos e um salário que mal dava para comprar comida. “Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco”. Da mãe de Zaíta, um dos filhos seguiu carreira militar, o outro foi abraçado pelo tráfico, as duas meninas mais novas, Naíta e Zaíta, brincavam com o pouco que tinham, mas gostavam mesmo é das figurinhas, mas elas eram de Zaíta, e Naíta movimentava os brinquedos como tentativa de troca. “A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis de cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera (EVARISTO, 2016, p. 72). Tentativas falhas, mas que servem para a autora reforçar a valorização estética da população negra, por meio da boneca, e, ao mesmo tempo, expor as ausências da infância, como brinquedos por completo e diversidade de material escolar, devido ao baixo salário da mãe.

Assim, mesmo com a negociação entre as irmãs para deter a posse da figurinha-flor, há como uma forma leve e sutil de lapidar a vida, em momentos de brincadeira para proporcionar um aroma mais gostoso para as dificuldades impostas pela vida. Contudo, como uma disputa, Naíta pegou a figurinha da irmã. Estava triste, pois, “[...] havia perdido uma coisa de que Zaíta gostava muito. de manhã tinha

apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... (EVARISTO, 2016, p. 75). E, motivada pelo sumiço da figurinha-flor, Zaíta sai em meio aos becos à procura de seu bem mais precioso, um aroma com desejo de futuro. Mas, entre um beco e outro, Zaíta se deparou com um tiroteio, “[...] balas, balas e balas desabrocharam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar” (EVARISTO, 2016, p. 76), impedindo os sonhos, imaginação, o perfume e, principalmente, o futuro. Ou seja, o pensamento social de Conceição Evaristo, ao mesmo tempo em que denuncia a criminalidade, o acesso às armas, tráfico de drogas e o assassinato de crianças decorrentes desses problemas, indica que a vida da favela está repleta de flores, de sonhos desejos de futuro, mas eles vivem constantemente em disputa com as dores, e muitas vezes elas vencem.

Nesse sentido, junto às observações do capítulo anterior, posso destacar que o pensamento social de Conceição Evaristo expõe os problemas da vida dos/as moradores/as da favela que são movidos por reflexos das desigualdades que estruturam a sociedade, tal como racismo, classe e gênero. Entretanto, além da intenção da promoção de uma literatura pensada a partir e para o protagonismo das pessoas negras, em sua escrevivência, a autora perpassa os caminhos das memórias de suas personagens e dita as regras para não deixar desumanizar-se, os acordos, relações e configurações sociais que se entrelaçam pela afetividade e pela condução para um futuro que possa ser vivido, que se inicie, no mínimo, na imaginação. Nesse transitar, a narrativa da autora permite compreender a relação entre favela e restante da cidade, não como um território à parte. É perceptível que existem muitas limitações na vida nos morros, principalmente relacionadas ao atendimento básico de saúde, a postos de trabalho, dentre outras questões que figuram na narrativa da autora. Contudo, favela-morro-becos não são reduzidos aos problemas sociais, de tal forma que o restante da cidade fosse o ideal. Os laços e afetividades construídas pelos/as personagens são essas formas de disputa, de (re)existência, de flores regadas para constituir a vida e a humanidade.

Assim, *Olhos D'Água* perpassa as dores, mas não se reduz a elas. Como dito no início das observações sobre a obra, neste tópico, os 15 contos investem em outras formas de perceber a vida. De lágrimas que enchem os olhos logo no primeiro conto, com um simbolismo afetivo entre as mulheres da família, o último conto também instiga a percorrer a ancestralidade, como já visto no segundo capítulo. É, em um

misto de dores, superação e esperanças, que o nascimento de Ayoluwa representa a esperança das crianças de terem novos futuros possíveis de serem vividos, de que as vozes da ancestralidade os conduzam para não se curvarem diante dos problemas. Mas, como destaca a autora, “Ayoluwa, alegria do nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa de salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se desconsertou” (EVARISTO, 2016, p. 114), pois é a esperança como afetividade, como forma de fortalecer os laços movidos pela ancestralidade que continuam entre o grupo, e, “[...] quando a dor vem encontra-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (EVARISTO, 2016, p. 114).

#### **4.2 Gênero, trabalho e renda: homens e mulheres de Evaristo em busca da (sobre)vivência**

As relações de trabalho em que as personagens estão envoltas são expostas por Conceição Evaristo como uma forma de demonstrar parte da realidade social. A maneira como encaram a vida e quais são as alternativas constituídas em meio à intersecção gênero, raça, classe, dentre outras marcações sociais, tal como a escolaridade, faixa etária, dentre outros elementos que embasam o olhar crítico da autora, são utilizados nesta dissertação como categorias analíticas, com o apoio teórico dos estudos da interseccionalidade. No conjunto dessas marcações, as relações de trabalho são estreitamente definidas pelas distinções de gênero, sendo para as mulheres comuns as atividades que envolvem o cuidado e limpeza. Nas obras, dada a escrevivência, o trabalho doméstico serve como embasamento para conduzir muitas histórias narradas.

Preta-Rara, na obra “Eu empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada” (2019), reúne um conjunto de narrativas postadas nas redes sociais produzidas por muitas mulheres e/ou filhas de empregadas domésticas. Por intermédio das narrativas compiladas na obra, é possível compreender parte do cotidiano das relações de trabalho encaradas por muitas empregadas domésticas. Exploração salarial, rotina de trabalho desgastante, violação de direitos, humilhação, racismo e misoginia muitas vezes reforçadas com uma pseudo-narrativa de “você é quase da família”, permeiam essas histórias que, muitas vezes, parecem se confundir com as narradas por Conceição Evaristo.

Luiz Felipe de Alencastro, em epílogo apresentado na obra *História da Vida Privada* (1997), ao estabelecer uma análise da fotografia da ama de leite com a criança de que toma conta, em Recife, por volta dos anos 1860, e que também estampa a capa da obra, afirma que, “[...] quase todo o Brasil cabe nessa foto” (ALENCASTRO, 1997, p. 440)<sup>63</sup>. A Figura 12, Foto da mulher escravizada, refere-se à fotografia analisada pelo historiador, como pode ser vista a seguir.

**Figura 12: Foto de mulher escravizada**



Fonte: *História da vida privada no Brasil*. Vol. 2. (1997).

<sup>63</sup> O epílogo completo afirma: Eis o trecho da análise de Alencastro: “A fotografia feita no Recife por volta de 1860. Na época era preciso esperar no mínimo um minuto e meio para se fazer uma foto. Assim, preferia-se fotografar as crianças de manhã cedo, quando elas estavam meio sonolentas, menos agitadas. O menino veio com a sua mucama, enfeitada com a roupa chique, o colar e o broche emprestado pelos pais dele. Do outro lado, além do fotógrafo Villela, podiam estar a mãe, o pai e outros parentes do menino. Talvez por sugestão do fotógrafo, talvez porque tivesse ficado cansado na expectativa da foto, o menino inclinou-se e apoiou-se na ama. Segurou-a com as duas mãozinhas. Conhecia bem o cheiro dela, sua pele, seu calor. Fora no vulto da ama, ao lado do berço ou colado a ele nas horas diurnas e noturnas da amamentação, que os seus olhos de bebê haviam se fixado e começado a enxergar o mundo. Por isso ele invadiu o espaço dela: ela era coisa sua, por amor e por direito de propriedade. O olhar do menino voa no devaneio da inocência e das coisas postas em seu devido lugar. Ela, ao contrário, não se moveu. Presa à imagem que os senhores queriam fixar, aos gestos codificados de seu estatuto. Sua mão direita, ao lado do menino, está fechada no centro da foto, na altura do ventre, de onde nascera outra criança, da idade daquela. Manteve o corpo ereto, e do lado esquerdo, onde não se fazia sentir o peso do menino, seu colo, seu pescoço, seu braço escaparam da roupa que não era dela, impuseram à composição da foto a presença incontida de seu corpo, de sua nudez, de seu ser sozinho, da sua liberdade. O mistério dessa foto feita há 130 anos chega até nós. A imagem de uma união paradoxal mas admitida. Uma união fundada no amor presente e na violência pregressa. A violência que fendeu a alma da escrava, abrindo o espaço afetivo que está sendo invadido pelo filho do senhor. Quase todo o Brasil cabe nessa foto (ALENCASTRO, 1997, p. 439-440).

Em relação à mesma imagem, Consuelo Lins, no documentário *Nannies*<sup>64</sup>, de 2010, reitera as observações do historiador para dialogar sobre as relações de trabalho das babás. No caso do historiador, a observação se sobressai para investigar as configurações de trabalho no pós-abolição, principalmente o uso do trabalho das pessoas escravizadas na construção do Brasil e na configuração da vida privada, de que, em ambos os casos, a população branca se beneficiou do trabalho das pessoas escravizadas, discussão essa já aprofundada por Bento (2022). No caso do documentário, a cineasta instiga a refletir sobre o tempo presente, sobre as configurações sociais e a extensão desse passado escravocrata em meio a distintas profissões e suas remunerações, em especial a de babás.

Não é cansativo repetir que Conceição Evaristo, com base nas obras selecionadas para esta dissertação, estabelece críticas a todo o sistema escravocrata e os reflexos dele nas configurações do presente na produção de suas obras. Contudo, no que se refere às relações de trabalho desempenhadas por domésticas e babás, posso afirmar que, como um conjunto de três tempos, a autora vai delimitando seu olhar sobre os efeitos do passado escravista. Primeiro, quando Ponciá sai do povoado e exerce um trabalho exploratório principalmente pelas condições salariais. Segundo, em *Becos da Memória*, com exceção de Ditinha e Dora, que são as personagens que mais percorrem o cenário das casas das patroas, ao tratar do trabalho de mulheres, a obra possui uma centralidade na favela, sobre como as mulheres buscavam sobreviver ali, em meio às atividades de lavagem de roupa. Talvez esse olhar esteja respaldado pelo interesse da obra de explorar suas memórias e fazer a escrevivência, sendo possivelmente os cenários de Dora e Ditinha parte das lembranças de suas experiências enquanto empregada doméstica, das atividades que deveria desempenhar e como se dava no cotidiano.

Em *Olhos D'água*, percebo a busca pelo trabalho doméstico como uma forma de sobreviver em meio às condições impostas, sendo que muitas mulheres desenvolvem essa atividade desde a infância, tal como a autora. Para além do trabalho doméstico, a prostituição é narrada de forma a se perceber os motivadores da prostituição e os problemas enfrentados por muitas mulheres que exercem a atividade.

---

<sup>64</sup> *Nannies*. Brazilian Full Short-Film. EN. 2010. 20min. O documentário pode ser acessado em: [https://www.youtube.com/watch?v=JTIfqGr\\_Y3Q&t=459s](https://www.youtube.com/watch?v=JTIfqGr_Y3Q&t=459s)

Assim, analisarei neste tópico as narrativas que demonstram as configurações de trabalho como forma de verificar o olhar social da autora sobre as atividades desenvolvidas por homens e mulheres. Partindo da hipótese de que as atividades narradas estão permeadas por distinções de gênero, busco destacar as observações da autora sobre o trabalho doméstico desenvolvido por muitas mulheres/personagens. Junto de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* e, no livro de contos *Olhos D'Água*, destaco principalmente os contos Duzu-Querença, Maria e Quantos filhos Natalina teve?, por perceber neles maior possibilidade de discussão, compreensão e de percorrer os interiores das relações de trabalho e residência das trabalhadoras.

#### 4.2.1 Ponciá Vicêncio: relações de trabalho no campo e cidade

No que se refere à vida no vilarejo, como já destacado, Ponciá Vicêncio aprendeu a dominar o artesanato, como indica Conceição Evaristo, “[...] a mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar” (EVARISTO, 2017, p. 20). Aprendeu a fazer tanto que, junto à sua técnica, fez a estatueta de seu avô, semelhante ao ponto de gerar susto nos demais. Já com certa idade, e louco, havia morrido sem a menina poder guardar a imagem dele.

Com distinções de gênero bastante evidentes, ser menina a fez manusear o barro, a ver na mãe a figura de mulheres que atuavam de forma autônoma e tomavam decisões, como quando Conceição Evaristo materializa essa percepção na maneira como Ponciá olha a mãe e projeta o seu futuro. Com base na reflexão,

[...] quando ele chegava, **era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias**. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. **O que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa**. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, **apontava as que eram para vender e estipulava o preço. As que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai às vezes discordava de tudo**. Do que iria fazer naqueles dias de estava em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. **A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão**” (EVARISTO, 2017, p. 25) (sem grifos no original).

Assim, como uma mulher ativa nos negócios e na condução de sua vida, Ponciá Vicêncio vê a mãe como espelho a ser seguido, como a possibilidade de sonhar, de quando crescer tomar as decisões da vida e os homens a obedecerem, não como superioridade, mas porque dariam ouvidos a ela. Contudo, esse imaginário não se fez presente. No percurso de Ponciá, Conceição Evaristo intensifica o olhar sobre as exclusões sociais de muitas mulheres, tal como a personagem, desde sua trajetória ainda no vilarejo, sendo a morte do pai um fator que intervém nas decisões tomadas ao longo de sua vida. Como destaca a autora,

E numa tarde clara, **em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita**, enquanto todos entoavam cantigas ritmadas com o movimento do corpo na função do trabalho, **naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu**. Os companheiros entretidos na lida não perceberam. E só momentos depois, no meio da toada, escutaram um tom, um acento diferente. Eram os soluços do irmão de Ponciá deitado sobre o corpo do pai, que estava de bruço, emborcado no chão. **Dias, quase um mês após, foi que o menino tomou coragem de ir à casa e contar à mãe e à irmã o sucedido**. A mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. **Abraçou o menino e depois lenta e solenemente abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém**. Não perguntou nada. Sabia de tudo. Naqueles dias sonhara várias vezes com o seu homem. Só não conseguia ver o rosto dele. Ora ele estava de costas, ora o chapéu tão afundado na cabeça que chegava a lhe cobrir a face. E numa tarde, em que o tempo estava claro e quente, ela escutou cantigas, choros e lamentos. Nos lamentos reconheceu a voz do filho (EVARISTO, 2017, p.28- 29) (sem grifos no original).

A atenção atribuída às relações de trabalho permite que Conceição Evaristo, através de Ponciá, nos faça perceber os distanciamentos sociais provocados pelo sistema de trabalho. Junto à condição da manutenção das relações escravas, do afastamento do pai e do irmão das mulheres da casa por terem que sair para trabalhar, a morte do pai reflete a perda dos vínculos familiares, a ausência de poder chorar seus mortos e lhes dar uma sepultura digna, em poder se despedir, em estabelecer a conexão com os ancestrais e a espiritualidade que permeia as práticas funerárias nas manifestações culturais sobre a morte. Assim, junto à exploração no trabalho, de sol a sol, do pouco do que se ganhava com ele, do trabalho infantojuvenil dos meninos em meio à roça, outras violações são observadas. Por meio da obra de Ponciá, Conceição Evaristo nos dita como é encarado esse ritmo da vida, que assim como o

pai da personagem, “[...] mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu”, tantos outros tiveram o mesmo destino.

A perda do pai levou Ponciá a encurtar a infância, não a idade, mas seus sonhos, imaginários e brincadeiras foram arrancados, pareciam ter sido sugados junto com a terra que levou o pai, lá se sabe para onde. Quando a personagem decidiu ir para a cidade, Conceição Evaristo utilizou essa pretensão para demonstrar os impactos tanto do sistema escravista ainda em vigor como da perda daqueles que são responsáveis pelo sustento da família. Como um ritmo que implica diretamente os fluxos migratórios, a autora exibe sua insatisfação sobre aquela situação, e por meio de Ponciá anuncia,

[...] estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mão vazias. **De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidada pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores**, e depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis (EVARISTO, 2017, p. 30) (sem grifos no original).

Para Conceição Evaristo, materializada em Ponciá, o trabalho na roça para as meninas se fazia mais leve, mesmo que árduo. As lembranças da menina eram de satisfação por passar o tempo ali. Contudo, com o avançar da idade, principalmente com a crítica àquela situação que fora sustentada pela exploração escravista, a autora denuncia a manutenção da escravidão e seus efeitos, assim como a continuidade da compra e venda de pessoas para alimentar o sistema, mesmo quando leis visavam impedir isso, como nas lembranças ouvidas na família, de que Vô Vicêncio, sua mulher e seus filhos haviam passado por situações discrepantes em relação ao que impunha a lei. Conforme narrado, “[...] três ou quatro dos seus, nascido do ‘Ventre Livre’, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017, p. 44).

Bento (2022) auxilia a observar o pensamento e críticas de Conceição Evaristo à escravidão e os efeitos dela em conjunto com o pacto da branquitude. A autora, ao discorrer sobre a constituição e manutenção dos vínculos que sustentaram (e ainda sustentam) o privilégio branco, destaca as ações que visavam libertar as pessoas escravizadas. Para ela, mesmo que o interesse fosse a liberdade, as legislações beneficiaram (e ainda beneficiam) proprietários de pessoas mantidas pelo sistema escravista. Com o avançar do abolicionismo, não foram as pessoas prejudicadas que

tiveram atendimento do estado e das instituições públicas, mas sim, aqueles que se beneficiaram com a escravidão. Para Bento,

O Brasil se preocupou em prover reparação aos proprietários de escravizados. Em 1871, por exemplo, foi publicada a Lei do Ventre Livre, libertando os filhos das mulheres escravizadas, mas colocando-os sob custódia do senhor, que deveria receber uma indenização do Estado quando a criança completasse oito anos, ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-a a trabalhar até os 21 anos (BENTO, 2022, p. 33-34).

Assim, tal como Bento estabelece sua crítica ao sistema escravocrata e à reparação que buscou ampliar os benefícios de quem usufruiu da escravidão, coma literatura, Conceição Evaristo observa a fragilidade da legislação, ou até mesmo os interesses que trouxeram novas configurações à manutenção das relações raciais e excludentes no Brasil. Junto a isso, ao se referir ao trabalho exercido pela população infantojuvenil, a legislação serve como uma base para a institucionalização do trabalho exploratório exercido por crianças e adolescentes a partir do marcador social de raça, fator que ainda percorre a sociedade brasileira. Como destaca Bento, “[...] essa preocupação de determinados grupos europeus e seus descendentes no Brasil de proteger e fortalecer exclusivamente os interesses dos seus, manifestação do pacto narcísico, se evidencia repetidamente em nossa história (BENTO, 2022, p. 34).

Assim, como resistência a esses vínculos, Conceição Evaristo estabelece críticas e materializa, por meio da narrativa, sua posição sobre os problemas sociais impostos pela escravidão, além de sinalizar para as reivindicações oriundas da população negra. Como efeitos das práticas de memória, da manutenção da oralidade como forma de conhecimento e construção de novos saberes, quando narra sobre o momento em que Ponciá volta ao vilarejo, a autora indica que,

Desde pequena, ouvia dizer, também, **que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros, como presente da libertação, eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele.** Alguns negros, quando o **Coronel lhes doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiam aqueles papéis por algum tempo, até que, um dia, o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação.** Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... **Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras**

**voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos, desde os passados tempos** (EVARISTO, 2017, p. 54) (sem grifos no original).

Na narrativa são expostas as formas encontradas para reforçar as exclusões sociais da população negra, como tomar terras que haviam sido concedidas como uma pincelada de reparação diante de tamanha exclusão e violência sofrida. Contudo, o não reconhecimento de terras quilombolas e, as distintas disputas travadas para tomada delas, tal como usurpar a documentação que atribui posse por parte da população negra, a partir da trajetória de Ponciá Vicêncio foi possível perceber algumas das observações destacadas por Conceição Evaristo. Uma forma de falar sobre o assunto, de abrir as feridas da população negra que ainda vive os efeitos do racismo sustentado pelo sistema escravista. Com indica Bento,

[...] falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (BENTO, 2022, p. 25).

Como uma política de memória, a escrevivência de Conceição Evaristo assume o compromisso de falar de histórias íntimas, familiares e dos seus por meio do romance que materializa seu pensamento. Tal como nos indica Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), no livro *Memórias do cativo*, para as autoras, “[...] de forma paralela, a construção de memórias coletivas se faz, necessariamente, como função de questões políticas e identitárias no tempo presente” (RIOS; MATTOS, 2005, p. 43). De tal maneira, eternizar essas memórias em escrita, sejam suas ou daquelas ouvidas entre os seus, serve para sangrar as feridas, mas, principalmente é um elemento fundamental para oportunizar a reparação histórica.

De tal maneira, como já destacado por Bento (2022), a memória não se faz apenas como ato de recordação, como construção simbólica é responsável pela constituição e reforço de vínculos em que as experiências do passado servem tanto para a manutenção desse vínculo como forma de questionar o passado, principalmente aquele em que o grupo estava excluído. Nesse sentido, a memória serve como uma ligação, mas ao mesmo tempo como questionamento sobre o passado e presente e sobre a pretensão de mudança. Assim, a escrevivência de Conceição Evaristo provoca um rasgo temporal na escrita, na memória e nos efeitos

do racismo e escravidão, nas condições da vida da população negra que transitava em meios rurais e urbanos em busca de melhores oportunidades e expectativas de futuro, em vidas possíveis de serem vividas, mas quase sempre arrancadas.

Tão comum a muitas mulheres negras que migraram, o trabalho exploratório doméstico foi muitas vezes a única alternativa. O medo de seguir para a cidade, devido a “[...] outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada” (EVARISTO, 2017, p. 33), por histórias como a de Maria Pina que, além da jornada de trabalho, é vista como objeto sexual fácil e teve seu dinheiro roubado pelo filho dos patrões. Sobre o caso, a autora demonstra como a voz da mulher negra é silenciada e motivo de suspeita pois, ao tratar sobre a posição da patroa de Maria Pina, “[...] quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse o filho à investida” (EVARISTO, 2017, p. 84), já duvidar de seu filho seria algo imperdoável, mesmo que ele fosse o culpado. Ponciá teve trajetória semelhante, explorada em meio ao cotidiano de trabalho em que também morava, tal como nos indica Preta-Rara, sendo o quarto da empregada a senzala moderna. Juntando dinheiro, Ponciá, “[...] conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade” (EVARISTO, 2017, p. 41), reflexos do sistema de trabalho doméstico de exploração, em que também era pago com, “[...] umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava” (EVARISTO, 2017, p. 70). Esse assunto invade a narrativa de tantas outras histórias nas obras da autora, ao que é somada ainda a análise sobre outro destino de mulheres, a prostituição, o que será aprofundado a seguir.

Para os homens, a trajetória na cidade se fazia diferente, mesmo que não soubessem ler e/ou escrever. Ainda que não escapassem do racismo, Conceição Evaristo nos apresenta, através de suas histórias, as distinções entre homens e mulheres negras, a tal ponto que Ponciá Vicêncio, sua mãe e irmão acreditavam que na cidade todos eram iguais, pois viam o Soldado Nestor, por ser negro, como símbolo de igualdade e autoridade ocupando uma posição de poder. Entretanto, mesmo com a posição do homem, Conceição Evaristo não deixa de observar como o tempo age de forma distinta para aquelas pessoas marcadas pela raça, classe e gênero, principalmente.

Luandi estava na cidade fazia anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para

trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra, ou ainda, estocando alimentos nos armazéns da fazenda. Estava também na moenda da cana, na torrefação do café. Às vezes carreava bois e fazia cercas. Era pau-de-toda-obra. Sabia fazer de tudo. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também (EVARISTO, 2017, p. 59)

A vida de Luandi não teve uma trajetória fácil. Entretanto, principalmente por Soldado Nestor ver Luandi como semelhante, em também ter vindo do campo com uma trajetória muito similar, contribuiu para que o homem fosse empregado e avançasse no emprego iniciado com a limpeza. Assim como a história de Luandi, as profissões assumidas pelos migrantes negros, em sua maioria, sustentavam a construção civil, como o trabalho exercido pelo marido de Ponciá, nada fácil, e que constantemente, como indica a autora, “[...] o homem de Ponciá estava cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, como o seu corpo, porejavam pó” (EVARISTO, 2017, p. 19).

Junto a essas histórias, Conceição Evaristo expõe ainda outras relações exploratórias de trabalho assumidas pela população negra, tal como ao falar sobre Zé Moreira. Conforme a autora,

Zé Moreira que trabalhava na cozinha de um restaurante. Todos os dias ele trazia sobra de comida para casa. Um dia ou outro, trazia um pedaço de carne melhor, uma lata de óleo, um pacote de manteiga. A mulher sabia que ele estava arriscando, mas tudo chegava tão na hora, quando ela não estava precisando, sempre havia algum vizinho. O chefe da cozinha já estava desconfiando e avisou o patrão. Um dia, quando Zé Moreira ia saindo, pediram para ver a sacola dele. Não tinha sobra de comida apenas, tinha também uma lata de óleo e dois pacotes de manteiga. Zé Moreira foi levado à polícia para servir de exemplo para os outros (EVARISTO, 2017, p. 71)

Por outro lado, a narrativa contribui para perceber todo o conjunto que envolve o pensamento social da autora. Não se trata apenas da dualidade de trabalho entre homens e mulheres, da exploração salarial experienciada por ambos e das alternativas para melhorar a renda, como o roubo, por exemplo. A atenção atribuída à história de Zé Moreira exhibe a complexidade da realidade, de mulheres que não podem sair para trabalhar fora por não terem, muitas vezes, com quem deixar os filhos, da falta de políticas públicas assistencialistas, principalmente para ensino, creche, dentre outras ausências de direitos que agem de forma intensa para reforçar aquela situação narrada. Assuntos que servem como fio condutor do pensamento de

Ponciá, que a levam à possibilidade de voltar no tempo e passar por baixo do arco-íris, assim, transformada em homem, a vida poderia ser menos difícil. Uma situação que materializa como o racismo e demais exclusões sociais servem para desqualificar, desumanizar e retirar a construção de possibilidades de futuro das pessoas, como a autora indica sobre as dúvidas geradas por Ponciá em ter aprendido a ler,

O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017, p. 72).

Nesse sentido, ao narrar a história de Ponciá, Conceição Evaristo permite que possamos compreender que os efeitos do racismo e desigualdade de classe, por exemplo, agem de forma violenta na vida de muitas pessoas. Junto à condução para as exclusões sociais enfrentadas, a desumanização das pessoas passa a agir de forma a desacreditarem em si mesmas, a perderem sua identidade, a desvincular seus laços de forma que seja reforçado o modelo excludente em vigor. E assim, tal como materializa seu pensamento na reflexão de Ponciá, “[...] a vida escrava continuava até os dias de hoje”.

#### **4.2.2 Entre lavadeiras, domésticas e operários: memórias de trabalho**

A escrevivência de Conceição Evaristo nos serve como um grande conjunto de informações sobre um passado recente e ainda presente. Em *Becos da Memória*, por exemplo, podemos perceber como as relações de trabalho são constituídas e mantidas, desde a infância. Processo semelhante/igual ao da autora.

Conforme Janice Souza Cerqueira (2022);

Aos sete anos de idade, Conceição foi morar com sua tia Maria Filomena da Silva, irmã mais velha de sua mãe. Ela era casada com Antônio João da Silva, chamado carinhosamente de Tio Totó, e como não tinham filhos, podiam dividir o pouco que possuíam. Isso permitiu que Conceição tivesse mais oportunidade para estudar. Embora tenha desfrutado de melhores condições que seus irmãos, a menina trabalhava para ajudar a família a complementar a renda. Aos oito anos, surgiu seu primeiro emprego como doméstica, tarefa que era alternada com os cuidados com os irmãos e outras crianças da favela (CERQUEIRA, 2022, p. 144).

Assim, por meio de *Becos da Memória*, temos um convite a adentrar tanto em meio aos becos como as memórias e experiências da autora, de familiares, amigos, dos seus. Na obra, um passado que envolve as relações de trabalho no pós-abolição, mas em que nem todo o laço escravista havia sido rompido. Do juntar um pouco de dinheiro na roça e ir para a cidade, mas que, dadas as condições, a faziam perder as esperanças, pois como destaca em Tio Totó e Maria-Velha, “[...] trabalho perdido Totó ter chegado são, salvo e sozinho à outra banda do rio. Trabalho perdido por ela ter saído da roça onde havia nascido com todos os seus irmãos e vir para a cidade buscar melhoria de vida” (EVARISTO, 2017, p. 142). Na cidade, a vida difícil se fazia ainda em torno do trabalho mal pago, seja de homens ou mulheres. Mulheres que se debruçaram em distintas atividades, tal como, “Maria-Velha e Joana encontraram no fogão, no tanque e nas casas das patroas modos de sobrevivência” (EVARISTO, 2017, p. 143), e que, mesmo com a vida difícil na roça, lembravam dela com certo conforto, que era melhor. Com o passar do tempo, o costume da vida na cidade servia como um processo de desumanizar, de marcar os corpos, os lugares, as relações por onde deveriam transitar. “Na cidade, como tudo era diferente! Maria ria para dentro. Joana, nem para dentro ria” (EVARISTO, 2017, p. 143). E assim se constituía a vida imersa no trabalho exploratório que servia para a manutenção da precariedade. Uma vida movida para sobreviver, pois, “Maria-Velha sempre lavava roupa e buscava água em torneira públicas e Mãe Joana, apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos ...” (EVARISTO, 2017, p. 42).

Maria-Nova, tal como Conceição Evaristo, é uma menina que aprendeu cedo a trabalhar, a dividir as tarefas de casa com a mãe, tia, avó, a assumir o trabalho desempenhado pelas outras mulheres. Tal como expressa ao recordar sobre as memórias construídas nas torneiras públicas, essas que não eram apenas para brincadeira, pois, como destaca a autora,

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam no sol. Molambos nossos lavados com sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando (EVARISTO, 2017, p. 16).

A rotina de trabalho era incansável. Junto a ele, as condições impostas pelo valor miserável pago. A preferência em dar conta da roupa das patroas se fazia

primeiro, principalmente por depender dali aquele pouco sustento que vinha, quase como o resto de sabão utilizado para lavar a própria roupa. Na inocência da menina, sem ainda descobrir o corpo, os lençóis menstruados estavam presentes. Enquanto menina, mesmo diante da rotina de trabalho doméstico e cuidado das crianças, era menos pesado quando se tinha férias escolares.

Ultimamente, Maria-Nova não saía da torneira, era tempo de férias. Época de aula, pelo menos uma parte do dia, podia ficar atrás do portão, que as pessoas passavam e raramente lembravam que ela estava ali. Nas férias era um tormento! Maria-Nova ficava durante todo o dia lavando roupa ou buscando água (EVARISTO, 2017, p. 43).

Como indica Arend (2012; 2020), as meninas das classes populares, desde a tenra idade, começaram a trabalhar, a exercer atividades profissionais que estavam sustentadas nas distinções de gênero. Como visto por Cerqueira (2022), e nas memórias e escrevivência de Conceição Evaristo, a autora, desde os oito anos de idade, trabalhou como empregada doméstica, assunto esse que, assim como já discutido em Arend (2012; 2020), perpassa a exploração do trabalho infantojuvenil, a ausência de direitos dentre outras questões sustentadas pela vulnerabilidade dessas pessoas. Maria-Nova, a menina que se assemelha com Conceição Evaristo, possui 13 anos e está em uma transição para a vida adulta. Em ambas as histórias, da autora e da obra, é demonstrado o interesse e investimento nos estudos como forma de melhorar de vida para uma abertura de possibilidades. Com base na narrativa, dois grandes pontos conduzem a perceber o pensamento da autora sobre o trabalho infantil e a escola. Primeiro, da escola como um espaço de direito e proteção. Maria-Nova, quando na escola, mesmo que nem tudo lhe agradasse, estaria protegida, recebia amparo, se afastaria do trabalho doméstico. Segundo, quando estava em período escolar tinha a carga horária de trabalho menor, o que de certo modo demonstra a dificuldade (ou impossibilidade) de ter que se ausentar da atividade. Por outro lado, a visão valorativa sobre o ensino permitia que a menina se utilizasse dele para escapar daquele trabalho, se possível para sempre.

A dinâmica de *Becos da Memória* perpassa a vida das pessoas e a extrema dependência de qualquer atividade de trabalho. Lavadeiras e empregadas domésticas ganham destaque, talvez por esse ter sido o trabalho desempenhado pelas mulheres da vida de Conceição Evaristo, como por ela própria desde os oito anos de idade. Quando não desempregados, operários, soldados, proprietários de pequenos

botequins e armazéns, prostitutas, como Toinha, irmã de Ditinha, servem como exemplo para perceber as formas encontradas para sobreviver, diante da exploração, violências, salários injustos aos quais estavam submetidos dada a configuração social criticada por Conceição Evaristo.

Sobre a vida difícil das empregadas domésticas, foi na história de Dora e de Ditinha que Conceição Evaristo dedicou maior ênfase. Na primeira, a sexualidade e autonomia da personagem ganham destaque. Seja na busca por prazeres desde a adolescência, e mesmo por gostar de alguém, seja o espanhol ou Negro Alírio, a autora utiliza a personagem para demonstrar como a conquista de liberdade permitiria experimentar outros caminhos. Até mesmo que não tivesse para onde ir com a desfavelização, não tinha alguém que a prendesse, principalmente para ela ter que cuidar. Contudo, a história da personagem instiga ainda a estabelecer outras críticas aos problemas sociais, tais como a sexualização do corpo de Dora. No trabalho, o corpo de Dora estava exposto entre sua liberdade e as investidas dos homens que transitavam por ali, a ponto de que o Espanhol, homem com quem passa a ter um relacionamento, cada vez que ele visita a família, serve de embasamento para refletirmos sobre as mais variadas exposições e violações a que muitas empregadas domésticas estão submetidas. Junto a isso, a exploração salarial contribuiria para manter aquela configuração social de dependência, pois garantir o mínimo serve para legitimar a exploração, tendo em vista que a mão de obra é de fácil descarte quando há muitos desempregados.

Essas discussões embasam o pensamento social da autora. O olhar crítico, sociológico e fundamentado por meio dos mais variados exemplos é materializado na história das personagens, que mesmo sujeitas a exploração, todas querem mudanças. Contudo, alguns se destacam com maior criticidade, como Negro Alírio, e foi de tanto ouvir as histórias dele, e a crítica que ele fazia à exploração social do trabalho e da vida das pessoas, que Dora começou a refletir que, “[...] ela, por exemplo, nunca havia pensado que os restos, que muitas vezes ganhava das patroas, eram o excesso dos que tinham muito e que esta sobra era construída justo em cima da falta ou do pouco dos que nada tinham” (EVARISTO, 2017, p. 147). Com isso, temos novamente a oralidade como responsável pela constituição dos saberes, pela troca de experiências e construção das identidades coletivas. No caso em questão, principalmente para uma educação que contribui para resistência e reivindicação por uma vida mais justa.

Ainda em relação às empregadas domésticas, destaco novamente a história de Ditinha. Trago nesse momento a personagem para aprofundar a análise sobre as relações de trabalho. Entre idas e vindas, memórias que se somam a tantas histórias, na primeira vez que Ditinha aparece em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo narra que,

Ditinha olhava as jóias da patroa e seus olhos reluziam mais que as pedras preciosas.

Continuava a arrumação do quarto, varria debaixo da cama, olhava o teto à procura de teias de aranha. Bonita aquela teia de aranha! Bem tecida. Um raio de sol batia nos finos trançados, fazendo-a brilhar que nem as jóias. Ditinha olhava a teia, a aranha e as jóias. Limpou a poeira dos armários, guardou os sapatos na sapateira, esticou cuidadosamente o lençol sobre a cama. Foi à gaveta, buscou o cobrelito amarelo-ouro e acabou de arrumar a cama. Pensou nas jóias. 'Será que eu gostaria de ter umas jóias dessas? Também, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinasse. E se tivesse vestidos e sapatos que combinasse, não saberia como arrumar meus cabelos.' Olhou-se no espelho e sentiu-se feia, mais feia do que normalmente se sentia. 'E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas jóias' (EVARISTO, 2017, p. 99).

[...]

Dona Laura entrou no quarto, pegou as jóias e colocou o colar no pescoço. Enfiava o anel e a pulseira. Experimentava, somente à noite é que seria a festa. Ditinha varreu novamente o chão, os restos da aranha. Queria olhar a patroa, que se admirava e ensaiava poses com as jóias, diante do espelho. Não pôde, a limpeza do quarto estava completa. Abaixou, pegou o lixo, a pá e a vassoura. Saiu, puxou a porta e começou a limpar o corredor.

Terminando o serviço diário, Ditinha tirou o avental, tomou um banho rápido, jantou e procurou o caminho de casa. Antes, a patroa, junto com ela, havia vistoriado toda a casa. Estava tudo um brinco! A casa reluzia! Ela elogiou o trabalho de Ditinha, gostava do trabalho da moça. Ela era esperta, fazia tudo como se mandava (EVARISTO, 2017, p. 100).

[...]

Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas pro ar depois da festa. Seriam tantas louças! Na certa sobriariam doces e bolos. A patroa haveria de dividir com ela, com a cozinheira e com a babá. Traria pra a casa e seria a vez de os olhos dos filhos brilharem mais que qualquer joia. Ela seria um pouquinho feliz (EVARISTO, 2017, p. 104).

O trecho em destaque levanta pontos interessantes que podem ser explorados junto às propostas do capítulo anterior, principalmente para estabelecer um comparativo entre as marcações das distinções sociais objetificadas por meio da casa, roupas, acessórios e cores, que visam conduzir o/a leitor/a perceber os contrastes

entre a vida na favela e a casa das patroas. Detalhes que investem até na luminosidade natural das casas, em que o sol faz brilhar ainda mais o ambiente de trabalho, quem dera o da casa da personagem. Já sabendo do desfecho da história de Ditinha, trago o fragmento em destaque neste momento para observar como a autora apresenta a personagem. Ditinha surge nas memórias da autora narrada como a empregada doméstica, tanto por sua sobrevivência em meio às condições da vida precária na favela e total dedicação ao trabalho exploratório que vive, como pela valorização da personagem, sendo o trabalho digno também uma forma de humanizá-la, em não qualificá-la como inferior devido à sua profissão. O processo de desumanização, da condição de sua vida na favela, da rotina de trabalho mal pago, e da percepção sobre a patroa como padrão de beleza, estão associados à colonização do eu, saber e ser, como visto no primeiro capítulo. Ditinha perde sua identidade, não aceita sua estética corporal e é humilhada constantemente, talvez até sem perceber, pela vigilância da patroa, pela vida que leva e, principalmente, pela baixa remuneração.

Juliana Cristina Teixeira (2021), ao discutir sobre o trabalho doméstico no Brasil e suas relações com o passado escravocrata, destaca que as configurações do trabalho doméstico, quando dissociadas da condição de direito trabalhista, contribuem para impor e reforçar um falso sentimento de pertencimento da família. Conforme a autora, a empregada está autorizada a circular em todos os cômodos da casa, porém, em determinados horários e com devidos fins. Com interações que muitas vezes perpassam relações afetuosas, contribui para reforçar o falso sentimento de pertencimento. Para Teixeira, “[...] o problema dessas contradições é que traduzir relações de trabalho em afetividade mascara relações de poder e desigualdades” (TEIXEIRA, 2021, p. 41). Ditinha, mesmo com incômodo da realidade na favela comparado com a casa da patroa, está nessa situação. Caminhar pelos cômodos, tomar banho no trabalho e jantar.

Assim, ser quase da família tanto reforça sua condição na favela como mantém a posição de ambas as mulheres, uma como dominante e outra como dominada, sendo as sobras de comida uma moeda de troca que alimenta a falsa caridade (ou afetividade) imposta pela exploração do salário mal pago. O trabalho, se melhor remunerado, possibilitaria à personagem/mulheres melhorar de vida, sem ter uma condição precária e, assim, poder comprar o que comer sem depender do círculo que mantém a configuração social sustentada pela exploração salarial. Esse fator também

é vivenciado pelos homens, como Jorge Balalaika, empregado como açougueiro, “[...] os sebos, os nervos, tudo que não se conseguia vender, e as carnes malcheirosas que sobravam, o dono do açougue repartia com os empregados” (EVARISTO, 2017, p. 112), sendo essa a condição imposta, viver das sobras e desumanizar o sujeito cada vez mais.

Em relação à Ditinha, sua posição de subalternidade se amplia ainda mais. Com base na narrativa de Conceição Evaristo, o ato do roubo vinculado à posição social da patroa dá o direito à Dona Laura de ter atendimento policial privativo, autorizado pelo Estado a subir o morro em busca da joia roubada por Ditinha, a humilhá-la e colocá-la mais subalterna do que já estava, mesmo sem haver provas de que o roubo fora cometido por Ditinha.

Conforme os estudos de Teixeira (2021), a culpa sempre recai sobre a empregada doméstica, fator interligado aos discursos constituídos no Brasil sobre o negro e impostos às trabalhadoras domésticas, sendo reforçado principalmente pelos manuais de etiqueta para o trabalho doméstico embasados pela eugenia (TEIXEIRA, 2021). Assim, tanto Ditinha, como quando Ponciá Vicêncio foi roubada pelo filho da patroa, foram elas as primeiras acusadas pelo ato.

Assim como em Ponciá, as relações de trabalho são delineadas a partir das distinções desiguais de gênero, das mulheres que ocupam as atividades da limpeza e do cuidado como empregadas domésticas e lavadeiras, enquanto os homens estão naquelas que envolvem a força ou os negócios, como donos de botequins, portuários, açougueiros, operários e soldados. Junto a isso, com a escrevivência e memória dos seus, Conceição Evaristo sinaliza a movimentação do tempo em distintos contextos e eventos históricos, como a Segunda Guerra Mundial, Guerra da Tríplice Fronteira, Greve Portuária em Santos, década de 1970, do “Milagre Econômico” que não chegou a todos, a organização dos sindicatos, a desfavelização nos grandes centros, na década de 1980.

Em relação aos homens, Negro Alírio é apresentado pela autora como alguém bastante crítico às desigualdades sociais e às violações de direitos a que seu povo estava submetido. Segundo a autora,

Era ele quem os ajudava a decifrar os deveres. Assim foi na construção, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a

realidade, o modo de vida em que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele sempre ganhava novos inimigos (EVARISTO, 2017, p. 96).

Como indica hooks (2017), a leitura, escrita e o ensino como um todo são basilares para provocar a transgressão à norma. Educar os companheiros de trabalho, os amigos, os seus, contribuiria para uma prática libertadora, desde o reconhecimento de si com o mundo até a condução para a construção de uma sociedade transformadora. Como um intelectual de seu grupo, Negro Alírio é esse sujeito ativo, como a autora brinca por meio de Maria-Nova, negro, nunca havia escutado a palavra negro vinda de um negro e que fosse valorativa, bonita. Assim o personagem movimenta-se em meio ao trabalho, aos becos da favela, e à medida do possível, investe na transmissão do conhecimento para libertar seu povo.

Esse é o pensamento social da autora sobre o ensino investido em Negro Alírio, assim como, em outro momento, com o avanço da desfavelização, em que se toma conhecimento a respeito da preocupação da personagem com as crianças conseguirem escola em período quebrado de ano letivo, pois, com base na narrativa, “[...] para ele, a leitura havia concorrido para a compreensão do mundo. Ele acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e o que não estava, dava um passo muito importante para a sua libertação” (EVARISTO, 2017, p. 146). Essa percepção é reforçada quando trata da condição de trabalho dos portuários, por exemplo, quando a autora se refere às reivindicações salariais no trabalho, “[...] os homens, os companheiros de cais, sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres. Eram rudes e sábios. Eram fortes e não recuavam. Tinham consciência de suas forças” (EVARISTO, 2017, p. 96). As mobilizações por meio da greve são uma forma de união para exigir mudanças. Contudo, a autora ainda destaca as consequências que poderiam ocorrer, pois, “[...] conseguiam incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves” (EVARISTO, 2017, p. 96). Entre essas represálias, Negro Alírio, que poderia ter carteira assinada, abriu mão de seu direito por temer perseguições em outros trabalhos, mas seguia firme no investimento em educação de seu povo para a mudança da realidade.

Em um comparativo às relações de trabalho no campo e na cidade, diferente de *Ponciá Vicêncio* que permite uma análise mais aprofundada, em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo observa as tentativas de sobrevivência, como o trabalho

desempenhado na roça, em que homens, mulheres e os meninos ajudavam na produção de alimento que geralmente era utilizado para juntar algum dinheiro e ir até a cidade, na tentativa de mudar de vida. Como uma resistência ao sistema, a autora sinaliza ainda o uso do trabalho doméstico e de babás, exercido em sua maioria por mulheres negras, tal como já apontado a respeito da figura da Mãe Preta.

Por meio desse conjunto de elementos, a autora observa a passagem do tempo até o presente e, por meio da literatura, expõe críticas à manutenção das formas de dominação, da senzala-favela, repetida diversas vezes. É diante desse argumento, junto a investida no trabalho desenvolvido por muitas mulheres negras, como a continuidade da figura da Mãe Preta, que adentro à *Olhos D'água*.

#### **4.2.3 Dos olhos, as águas; do corpo, a (sobre)vivência**

Na obra *Olhos D'água*, o conjunto de contos exibe maior centralidade nas relações urbanas. Como visto em *Ponciá Vicêncio*, muitas vezes o sonho de muitas mulheres de melhorar de vida, indo até a cidade, tiveram suas esperanças presas por relações de trabalho doméstico exploratório, quando não a prostituição, tal como Biliza, namorada de Luandi, que fora assassinada antes de conseguir deixar a prostituição. Em *Becos da Memórias*, a prostituição é mencionada em algumas passagens de personagens que se ausentam dos becos e, muitas vezes, aparecem ali para deixar algum dinheiro ou ajuda, tal como Toinha, irmã de Ditinha. Em *Olhos D'água*, o conto Duzu-Querença, tanto exibe um olhar sobre o cotidiano da prostituição como permite perceber parte dos motivadores das entradas na atividade.

Quando Conceição Evaristo apresenta a travessia do campo para a cidade de Duzu, ainda menina, a autora indica que,

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital (EVARISTO, 2016, p. 32).

Por meio do olhar sobre a expectativa de futuro desejada pela menina Duzu, Conceição Evaristo permite analisar de forma crítica a exploração de trabalho

infantojuvenil, bem como a exploração sexual de crianças e adolescentes. Como demonstra Arend (2020), o trabalho doméstico exercido por meninas envolve uma série de ausência de direitos e ainda abre espaço para muitas violências, dentre elas a sexual (ARENDA, 2020). No caso de Duzu, a menina e sua família foram iludidas. Duzu ficou presa na lavagem e limpeza dos quartos da zona, sem poder estudar. Foi no entrar-entrando que foi abusada, recebeu por isso, e dado o desejo de futuro a prendeu em uma condição exploratória e de violências. Como destaca a autora,

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos de mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 2016, p. 34).

Como um desumanizar da vida, Duzu simboliza aquelas mulheres que tiveram a vida consumida pela prostituição pautada pela a dominação e controle de alguém. Sem garantia de futuro, sem poder livrar-se daquela condição, a menina que cresceu em meio à zona naturalizou a exploração, violências e assassinatos que existem em todas as zonas. Com gravidez indesejada, com muitos pais ausentes, filhos/as e netos/as se dispersaram e, como já destacado anteriormente, entre o fuçar das latas de lixo em busca de comida, quando envelheceu Duzu viu na neta Querença a esperança, o desejo de futuro que não pôde ter.

Ainda em relação aos filhos e ao trabalho, no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, destaco a atenção da autora em demonstrar a autonomia de uma adolescente de 14 anos de idade que busca não se prender a uma relação afetiva. Por conta disso, abandona seus namorados, assim como busca o aborto ou doação dos filhos que não pretende ter. Não quer a dependência, ter alguém que dependa dela, nem alguém que a controle. Contudo, foi na terceira gravidez que as coisas passaram a mudar.

Natalina, já adulta, trabalhava como empregada doméstica, a patroa não conseguia engravidar, não descartando a possibilidade de o marido ser o responsável por não poder ter filhos. A patroa propôs que Natalina engravidasse do patrão, usando a mulher como uma barriga de aluguel a ser paga. Sendo ambas negras, com tons de pele próximas, ninguém perceberia que a criança não haveria nascido da patroa. E assim foi, mas Natalina resolveu não cobrar nada pelo acordo. “Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso” (EVARISTO, 2016, p.

47). E assim, “[...] a patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto da empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer cometido” (EVARISTO, 2016, p. 47). Passado algum tempo, Natalina engravidou, teve toda sua gravidez assistida com acompanhamento médico, alimentação adequada, roupas, descanso, tendo até uma empregada sido contratada para fazer o trabalho que até então era responsabilidade dela.

Esse conto nos permite explorar outras questões que são enfatizadas no tópico anterior, tais como as configurações familiares, a autonomia das mulheres e a decisão sobre si e seu corpo. Contudo, destaco essa história neste momento por compreender que Conceição Evaristo envolve duas questões centrais nela. Primeiro, a condição das mulheres e a desnaturalização da maternidade. Segundo, a exploração das mulheres em meio ao espaço doméstico de trabalho.

No que corresponde à maternidade, a desnaturalização é apresentada como o poder de Natalina decidir sobre si e seu corpo<sup>65</sup>. Contudo, essas não são as únicas questões que atravessam a narrativa. Natalina é filha de empregada doméstica, a mãe tem uma rotina de trabalho desgastante somada ao trabalho mal remunerado, fator esse que auxilia na compreensão das dificuldades da maternidade, principalmente quando se é pobre e negra. Em relação à exploração no trabalho, Natalina, quando adulta, vive na casa da patroa e, mesmo que demonstre o desinteresse de cobrar por ser a barriga de aluguel do casal, está exposta a uma relação de dominação, às investidas do patrão para usar o corpo da mulher. Essa discussão serve como crítica à sexualização da mulher negra, que, desde a escravidão, as mulheres negras tanto da casa grande como das áreas urbanas eram utilizadas para satisfazer sexualmente aos seus senhores, tal como pode ser observado nas análises de Gonzalez, 2020 e de Teixeira, 2021. Assim, Natalina vai ganhando a configuração da figura da Mãe-Preta, uma visão doce do racismo e exploração do trabalho doméstico exercido por muitas mulheres durante a escravidão.

Teixeira (2021), ao refletir sobre a Mãe-Preta, destaca que,

---

<sup>65</sup> Sobre o mito do amor materno ver: BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

A mulher negra que remete à mãe preta é considerada a trabalhadora doméstica ideal nos processos de seleção de trabalhadoras domésticas, além de sofrer mais intensamente com a solidão da mulher negra. Mesmo a ‘mulata tipo exportação’, magra e de corpo com curvas acentuadas, pode também ser alvo da solidão, pois recaem sobre ela construções culturais que a colocam como uma mulher com maior potencial de objetificação do corpo e inadequada para se casar (TEIXEIRA, 2021, p. 61).

Nesse aspecto, a figura da Mãe-Preta já sinalizada em *Becos da Memória*, no momento da revolta da filha de Tio Totó, perpassa as relações de trabalho durante o sistema escravocrata para o pós-abolição, em que as observações da autora, por meio de suas personagens, exibem a continuidade e reconfiguração de relações de dominação em que a Mãe-Preta oscila entre a mulher ativa para o trabalho e a suavidade de cuidar dos filhos dos outros<sup>66</sup>. Sobre a Mãe-Preta, Conceição Evaristo indica que,

A mãe-preta torna-se símbolo de uma abnegação total, dotada de uma bondade fora do comum, uma santa ou quase, que abdicava da função de mãe junto a seus filhos para cuidar dos filhos da casa-grande, como se tudo fosse fruto de uma escolha, e não da condição de pessoas escravizadas (EVARISTO, 2021, p. 35).

Diante da visão adocicada construída sobre a mãe-preta, como forma de manter a relação escravocrata ao longo do tempo, a posição de Conceição Evaristo sobre a mãe-preta reflete a narrativa de muitas personagens trabalhadoras domésticas e mães, que cuidam das atividades do trabalho, dos/as filhos/as dos patrões, mas não possuem tempo para dedicar-se ao cuidado, atenção, ou a quaisquer formas de lazer com os seus filhos. Tal como na foto, a “ama de leite” exposta acima, teve sua maternidade arrancada e substituída para cuidar de alguém que a mantinha sob a condição de escrava.

Assim, entre um misturar da exploração de trabalho precário em que a empregada doméstica figura como a continuidade das relações escravocratas, o

---

<sup>66</sup> Juntamente às observações de Teixeira (2021) sobre a Mãe-Preta, Paulina Aberto (2014), em “A mãe preta entre sentimento, ciência e mito: intelectuais negros e as metáforas cambiantes de inclusão racial, 1920-1980”, permite compreender sobre os distintos discursos que atravessaram a construção social sobre a Mãe-Preta ao longo do século XX. As narrativas sobre a Mãe-Preta também serviram de pauta para o Movimento Negro no Brasil, sendo a construção de estátuas e a dedicação de dias comemorativos à Mãe-Preta pontos de divergências, renegociações e naturalização da exploração de mulheres negras no passado escravocrata e seus reflexos no presente (ALBERTO, 2014).

quarto da empregada se desenha como a senzala para manter aquela forma de dominação. Como destaca Teixeira,

Durante um bom tempo no Brasil foi comum que as trabalhadoras domésticas residissem na casa dos patrões, repetindo o padrão das meninas que, desde cedo, iam morar nas casas em que trabalhavam, embora não fossem reconhecidas como trabalhadoras. Isso amplia as dinâmicas de violência, pois ficavam disponíveis a todo o momento para satisfazer as necessidades dos patrões. Mesmo com o início das relações assalariadas, algumas dinâmicas simbólicas do período escravocrata eram mantidas, como a divisão hierárquica da casa. Embora as empregadas pudessem ter acesso a todos os ambientes para trabalhar, esse acesso era restrito a determinados horários. Em geral, seus quartos, pequenos, se encontravam próximos à cozinha. Quarto e banheiro se conjugavam no que se chamou de dependência de empregada – os famosos quartinhos –, algo ainda muito presente nas plantas de apartamentos e casas pelo Brasil, e nem sempre conformes às próprias normativas legais de salubridade (TEIXEIRA, 2021, p. 40).

Dessa maneira, com base na narrativa de Conceição Evaristo, posso destacar que a escrevivência da autora adentra o cotidiano das relações de trabalho, os espaços constituídos socialmente com base na diferença desigual que atravessa as relações entre patrão e empregada doméstica. Sua observação é investida de um sentido para demonstrar aos/as leitores/as experiências de muitas mulheres e, ao mesmo tempo, exibir reconfigurações de trabalho excludentes que alimentam tantas outras desigualdades sociais que dependem da constituição do trabalho.

Escrito em 1991, Maria, terceiro conto da obra, em suas quatro páginas narra a história de uma trabalhadora doméstica que teve sua mão cortada por uma faca a laser e representa aquela empregada que não vive no quartinho da empregada mas, assim como muitas pessoas, dependem do transporte público para se deslocar até o trabalho, o que demanda tempo, às vezes muito, e dinheiro. Como observa e materializa a autora logo no início do conto,

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço a sacola estava pesada. (EVARISTO, 2016, p. 39).

Com a ausência de auxílio para o transporte público, o deslocamento do trabalho para casa e vice-versa seriam um empecilho para conciliar ainda mais a situação na qual vivia, sendo a única a sustentar a família composta por ela e seus três filhos. Na sacola estavam alguns restos de comida, “[...] o osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (Evaristo, 2016, p. 39), junto de uma gorjeta que ganhara da patroa. Sendo essa a forma de reforçar a relação de Maria como quase da família, a esmola-doação-caridade serve como auxílio para a dominação da patroa com os empregados, para justificar salário mal pago e a ausência do auxílio-transporte. Precariedade do trabalho, com a mão machucada com “[...] faca a laser corta até a vida” (EVARISTO, 2016, p. 40), e sem assistência médica usa o tempo de espera do ônibus para pensar no que fazer com a gorjeta, se compraria remédio para o filho doente e uma lata de Toddy, já que existia a possibilidade de sobrar um troco, e aproveitaria as frutas que estavam em boas condições, incluindo o melão. “Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2016, p. 40). Assim, elementos simbólicos da distinção social são enfatizados na narrativa da autora, tal como o nunca ter experimentado melão, sendo essa uma fruta considerada cara e de difícil acesso quando se tem que escolher o que se pode comprar, diante da emergência alimentar movida pela precariedade.

No ônibus, a mulher tem uma surpresa: “Maria viu, sem olhar, que era o pai do filho” (Evaristo, 2016, p. 40). Sentado no fundo da condução, levantou, pagou a passagem de Maria e se sentou ao lado dela,

Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tô sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros ... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois menores. E veja só, homens, também! Homens também! Com eles tudo haveria de ser diferente (EVARISTO, 2016, p. 40).

Trago o trecho acima para refletir sobre dois pontos levantados pela autora. O primeiro, relacionado a Maria representar a trabalhadora doméstica, assim como

muitas outras mulheres. Segundo, a solidão das mulheres. Ambas as questões possuem aproximação. Maria é uma mulher que tem pouco tempo para si, dedica tempo ao trabalho, transporte, filhos e filhos. Vive só com os meninos e não possui auxílio dos ex-companheiros, sendo os filhos criados como se fossem órfãos de pai, só que vivos. Nisso, mesmo que a personagem tenha sentimentos pelo pai do primeiro filho, é na solidão que sua vida é movida. Solidão de estar só, de não ter um companheiro para trocar sentimentos e também dividir as despesas da casa, o cuidado com os filhos e o trabalho doméstico. Maria é a dupla jornada de trabalho, da casa das patroas à sua.

Na continuidade da história, o homem se levanta, saca uma arma e assalta todas as pessoas, com exceção de Maria. “Se fossem outros assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio no braço” (EVARISTO, 2016, p. 41). Contudo, o alívio pela situação durou pouco, “[...] foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (EVARISTO, 2016, p. 41), como destaca a autora, “Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto (EVARISTO, 2016, p. 41).

Diante da agressão verbal, Conceição Evaristo utiliza a narrativa como forma de levantar críticas às violências que as mulheres sofrem. Utilizando o termo “puta” para xingamento, instiga a refletir sobre a acusação de uma mulher como fácil, que não possui valor moral nenhum, sendo essa a forma primeira de tentar desqualificar a mulher. Segundo, o sentimento de posse e poder dos homens, como se estivessem autorizados a expor e violar o corpo das mulheres. As observações de Gonzales (2020) contribuem, ainda, para observar a crítica feita pela autora no que corresponde à sexualização da mulher negra, racismo e misoginia que movimentam as falas direcionadas à Maria. Em continuidade, a autora destaca que,

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros foram em direção à Maria (EVARISTO, 2016, p.42) (grifos no original).

Maria é agredida verbalmente, tem seu corpo violado por ser mulher e negra. O sentimento de poder e autorização de seus agressores de violar a mulher está imersos na narrativa que poderia ter sido apenas uma ficção, mas que infelizmente se manifesta tanto no tempo da escrita da autora como no presente. A violação do corpo negro, sentimento de posse e sexualização da mulher negra são alimento para outras violências, sendo a voz da mulher negra não atendida, silenciada e colocada como atrevida quando se tenta tirar o seu direito de falar.

Mesmo com a possível tentativa de o motorista intervir por ver a mulher todos os dias no ônibus, de que ela “[...] está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (EVARISTO, 2016, p. 42), a autora segue,

*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortavam até a vida. Quando o ônibus parou esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (Evaristo, 2016, p. 42).

Assim, o conto de Maria serve como uma extensão do olhar de Conceição Evaristo para observar as relações de trabalho. Maria é a mulher que volta do trabalho, é explorada todos os dias devido a uma jornada de trabalho e ao salário precário. Sozinha, vive para os filhos e para driblar a fome. Enquanto mulher negra, está sujeita a outras violações, a ser xingada, exposta, violada, agredida a tal ponto de arrancarem sua vida. Contudo, a personagem não é a única, representa muitos brasileiros negros supostamente “confundidos” com criminosos. Guarda-chuva, martelo ou a simples mão no bolso servem como gatilhos para disparar balas que atravessam suas vidas, para agredir vidas que voltam do trabalho na tentativa de (sobre)viver e garantir a vida de seus/as filhos/as. Maria é essa empregada doméstica que não chega do trabalho, não iria chegar, pois haviam arrancado isso dela e dos filhos. Os meninos, repletos de

desejos e de futuro, tardaram em experimentar o melão, em tentar lapidar a vida com um possível gosto doce da fruta.

Como dito no início deste tópico, pretendeu-se atribuir destaque às relações de trabalho no âmbito doméstico experienciados pelos/as personagens, tendo em vista que esses são os que ganham maior destaque no conjunto da obra.

Junto a pontos já levantados ao longo deste e do terceiro capítulo, outras configurações de trabalho estão expostas, tal como no conto, “Lumbiá”, que usada história para apresentar outras formas de as crianças conseguirem dinheiro, sendo Lumbiá um vendedor de flores junto dos amigos. Contudo, a mesma história levanta críticas à vulnerabilidade de crianças pelas ruas, sendo Lumbiá morto por um acidente de carro. Outras formas de trabalho estão presentes na história de Cida, uma empresária, no conto “*O cooper de Cida*”, já destacado por sua rotina de trabalho demandar escolhas e solidão. O trabalho no supermercado desenvolvido por Kimbá, no conto “*Os amores de Kimbá*”. E, a busca por dinheiro rápido em meio às atividades criminosas, como observado principalmente nos contos, “Ana-Davenga” e “A gente combinamos de não morrer”. Atividades domésticas perpassam quase todos os contos, como em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, sendo o trabalho da mãe da menina exibido como forma exploratória, principalmente pelo salário que mal colocava comida nas prateleiras.

Logo, por meio das obras selecionadas para esta análise, é possível afirmar que Conceição Evaristo utiliza sua escrevivência para expor as fragilidades da vida, das relações de trabalho, das configurações familiares, dos infortúnios da vida, mas como uma forma de lapidar a vida, de irrigar flores que vivem em meio às avenidas, becos e barracos. A autora, ao mesmo tempo em que nos convida a observar como são constituídas as formas de (re)existência, firma-se no pensamento social brasileiro de forma analítica e crítica, reivindicando seu lugar, dos seus e dos demais que ainda precisam resistir diariamente.

## Considerações

No meio do caminho tinha uma pedra  
 mas a ousada esperanças  
 de quem marcha cordilheiras  
 triturando todas as pedras  
 da primeira a derradeira  
 de quem banha a vida toda  
 no unguento da coragem  
 e da luta cotidiana  
 faz do sumo beberagem  
 topa a pedra pesadelo  
 e ali que faz parada,  
 para o salto e não recuo  
 não estanca os seus sonhos  
 lá no fundo da memória  
 pedra, pau, espinho e grade  
 são da vida desafio  
 e se caem nunca  
 se perdem, pois os seus sonhos esparramados  
 adubam a vida, multiplicam  
 são motivos de viagem.

(EVARISTO, 2017, p. 62. Pedra, pau, espinho e grade. In: *Poemas de recordação e outros movimentos*)

O poema acima, escrito por Conceição Evaristo e publicado no livro *Poemas de recordação e outros movimentos*, em 2017, serve como um condutor para refletir sobre as argumentações levantadas ao longo desta dissertação. Como observado, havia muitas pedras pelo(s) caminho(s), muitas vezes sem alternativas de escapar delas. Mas, tal como no poema, “[...] ousada esperanças de quem marcha cordilheiras triturando todas as pedras” (EVARISTO, 2017, p. 62), com coragem (re)construída cotidianamente, servem para lapidar a vida, jamais estancar sonhos de esperança, de desejos de mudança, de se chegar, talvez nem se precise saber exatamente aonde, mas que seja melhor. Pois, “[...] pedra, pau, espinho e grade são da vida desafio e se caem nunca se perdem, pois os seus sonhos esparramados adubam a vida, multiplicam são motivos de viagem” (EVARISTO, 2017, p. 62). Assim, aquilo que se fazia barreira servia como combustível para seguir. Dores, sofrimentos, partidas, ausências e quaisquer formas de opressão são reconduzidas como (re)existência para seguir, para deixar sementes que irão germinar e conduzir para novas alternativas.

Como já dito na introdução, as histórias narradas por Conceição Evaristo são aquelas possíveis de serem confundidas com as de muitas pessoas. Mesmo em meio

aos privilégios de ser uma mulher branca, professora, com três graduações, a ponto de concluir o mestrado, com casa própria dados os programas habitacionais de acesso à moradia, trago em minhas memórias muitas lembranças do passado (e até mesmo de um período mais recente) da vida enquanto criança, da falta de brinquedos, do aperto da comida, do doce para distrair a vida, de não ter casa própria, da ausência do pai, das muitas mudanças em que se perdia o pouco que tinha, do colo da Avó, quando tive que morar com ela no interior, já que três meninas deixariam a vida de uma empregada doméstica mais difícil. Dos costumes do Avô, do virado com ovo frito na panela de barro em fogo feito na cozinha de chão batido, das benzeduras (só bem mais tarde fui saber que ele era pai de santo). Ao voltar para a cidade, dividir histórias com as amigas da rua, não dependíamos das torneiras públicas, mas a vida parecia uma, que servia de encontro para compartilhar dores e alegrias. De aos doze anos começar a trabalhar como empregada doméstica, de ser babá, de ser “quase da família” para não ter carteira assinada, férias, um salário digno, já que era criança, alimentando assim o senso comum de melhor ela estar trabalhando. E, em um conjunto de dores e fortalecimento, de me reconhecer, de aceitar o meu cabelo e compreender os efeitos do racismo, mas que dele não carrego no corpo. A observação de Lia Vainer Schucman auxilia para compreender as relações em famílias inter-raciais, muitas vezes tidas como uma cegueira racial, mas que, minha posição e privilégios, me permite perceber a importância e necessidade de combater o racismo<sup>67</sup>.

Como nas histórias de Conceição Evaristo, o ensino e a esperança se fizeram presentes, na tentativa de mudança, de romper exclusões e proporcionar futuros melhores. Assim se fez, como pude. Cheguei ao ensino superior, mas isso não era garantia de sucesso, ainda precisavam ser rompidas muitas barreiras, tal como investir em outras graduações para, por meio delas, conseguir emprego, dadas as configurações desumanas que ainda persistem no ensino. Esse percurso permite facilmente compreender os motivos de apenas aos 43 anos de idade poder concluir o mestrado. Como dita a autora repetidas vezes por meio de suas personagens, tal como em Ponciá, ao ouvir histórias de dor, “[...] bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (EVARISTO,

---

<sup>67</sup> Sobre famílias inter-raciais e a noção de cegueira racial ver: SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. São Paulo: Fósforo, 2023.

2017, p. 55). E assim, tal como tantas personagens, utilizei as pedras para triturá-las, de ousadas esperanças para adubar a vida, constituir um futuro melhor para mim e meu filho. E assim poder me (re)encontrar, compreender como meus percursos da vida se atravessam com os de meus ancestrais, os problemas enfrentados no passado por meus avós por serem negros e como, de certa maneira, o racismo contribuiu para delinear o caminho dos integrantes da família, de ser a primeira de uma extensa geração a ir para a faculdade, de me tornar professora e usar essa profissão como uma forma de auxiliar outras pessoas, de oportunizar outras histórias.

Conceição Evaristo, em distintos momentos em suas obras, materializa sua percepção sobre a escrita e o poder transformador dela e do ensino. Como em *Maria-Nova*, incomodada com a narrativa aprendida na escola sobre a escravidão e com o comparativo com a senzala-favela, o pensamento que lhe veio à cabeça foi, “[...] quem sabe escreveria essa história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2017, p. 55). E assim se fez com a *Maria-Nova/Conceição Evaristo*, o narrar, falar de si e dos seus exercitou um conjunto de muitos movimentos, que como afirma por meio de sua escrevivência, “[...] toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54), como uma reivindicação da história, de marcar um lugar que é seu por direito, de observar o passado e presente como tentativa de mudança, destacando ainda que, com a escrita podemos, “[...] exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos” (EVARISTO, 2012, p. 10).

Como dito na introdução, o contato com Carolina de Jesus instigou o interesse de buscar outras produções de autoras negras. Foi o encontro com Conceição Evaristo que despertou o cruzar-se de tantas histórias, de perceber que sua escrevivência tanto exibiam parte de sua história pessoal, amigos, conhecidos, parentes que se assemelham com a história de tantas pessoas, e de compreender que essas narrativas perpassam o pensamento social da autora sobre a realidade brasileira, existindo tanto o reconhecimento de suas produções como a percepção da potencialidade da literatura como caminho para a humanização, tanto de quem escreve como de seus/as leitores/as, aos quais se torna impossível ler Conceição Evaristo e permanecer a mesma pessoa.

E assim foi, as obras foram lidas repetidas vezes na tentativa de adensar as discussões e reflexões para o objetivo geral deste trabalho. Contudo, a leitura que se

faz lenta por exigir observar os detalhes da vida, por vezes precisou ser interrompida para chorar, quando não me mantinha com os olhos cheios d'água. Conceição Evaristo narra a vida, as relações pessoais, a afetividade, as distintas formas de (sobre)viver e de (re)existir em meio a tantas exclusões sociais que são movidas principalmente pelas desigualdades de raça, classe e gênero. No exercício da leitura social do mundo, suas narrativas levantam críticas a toda configuração histórica excludente sofrida pela população, tanto nas observadas, como nas histórias lidas ou ouvidas. E assim, tal como expõe por meio de Maria-Nova, “[...] o seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (EVARISTO, 2017, p. 63). Assim, o pensamento social da autora apresenta a crítica social às exclusões sociais e à sua manutenção, e firma-se em um lugar que lhe é seu por direito, como mulher negra intelectual, conquistado por muitas lutas, e reivindica outras histórias, principalmente aquelas que não foram contadas, romper com aquelas que serviram para colonizar a mente e corpos dos sujeitos, pois, como materializa sua posição na narrativa de Maria-Nova,

[...] agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2017, p. 177).

E assim Conceição Evaristo fez, utilizou sua escrita como ferramenta para si e para os seus. Marcou um território de disputa, firmou-se enquanto intelectual, com sua escrevivência, proporcionou por meio de sua escrita o pensamento social que observa e narra realidade social, materializando esse olhar na história de suas personagens que transitam em meio aos problemas sociais, que reivindicam melhores condições.

Partindo da compreensão de Conceição Evaristo como intelectual e sabendo de sua trajetória de difícil inserção e reconhecimento de suas produções, na introdução, busquei desenvolver um levantamento teórico produzido por diferentes linhas teóricas metodológicas que, ao mesmo tempo, contribuem para compreender a escrevivência da autora e servem como embasamento para perceber percursos similares. Tendo em vista que os estudos da interseccionalidade, feminismo negro e estudos decoloniais possuem semelhança em sua trajetória de reivindicação para a construção de narrativas que partam dos saberes produzidos por pessoas negras,

daquelas que foram subalternizadas e minorizadas na história e na historiografia, intento deslocar o olhar eurocentrado bastante consolidado e provocar uma ruptura epistêmica que pudesse auxiliar a observar tantos detalhes da vida narrada nas obras analisadas nesta dissertação.

Junto ao embasamento teórico-metodológico levantado no primeiro capítulo, a compreensão e utilização de conceitos como decoloniedade, interseccionalidade, relações étnico-raciais, letramento racial crítico, ancestralidade e pensamento afrodiásporico, dentre outros, serviram para conduzir as observações sobre as narrativas expostas em *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos d'água*. Dado o interesse de perceber a crítica social desenvolvida por Conceição Evaristo nessas obras, entende-se o processo de afirmação da pensadora narrada em meio às linhas de sua escrevivência. Assim, para a condução da pesquisa, a leitura das obras exigiu a seleção de elementos que demonstrem a crítica às desigualdades sociais e à constituição do pensamento liminar movido pela ancestralidade e reconhecimento de si e dos seus materializados nas histórias de vida das personagens. Com isso, juntamente com a introdução, a análise foi constituída por quatro capítulos que observam o movimento contestatório da autora e de como seu pensamento social provoca novas formas de observar e narrar o mundo. O primeiro capítulo é oportuno para sustentar a análise sobre os assuntos sobre os quais versam as obras e a compreensão da intelectualidade da autora. Já nos capítulos seguintes pude percorrer becos, avenidas e casas inteiras que adensam a compreensão das obras investigadas.

No segundo capítulo, procurei levantar uma breve análise sobre a inserção de Conceição Evaristo como intelectual negra. Tendo em vista que por anos a literatura brasileira seguiu os padrões e uma narrativa sustentada pelo eurocentrismo, as obras da autora provocaram um rompimento epistêmico, a descolonização dos moldes literários. Assim, a escrevivência da autora tanto reivindicou um lugar na produção literária brasileira como promoveu a narrativa de outras histórias, que talvez demorassem muitos anos para serem contadas, e até mesmo publicadas, tal como assim também aconteceu com suas obras.

Ainda neste capítulo, o olhar atento às capas das obras publicadas e analisadas nesta dissertação, a partir da compreensão de que elas auxiliam o primeiro contato com as obras e servem como uma pedagogia visual, destaquei como já nas capas é promovida uma valorização da ancestralidade. Junto à escrita de um eu

narrador que quer ser visto como negro, e de personagens negras que são narradas a partir de seu protagonismo e valorização estética corporal, identidade, história e cultura negra, as capas contribuem para a construção do letramento racial crítico, exibindo imagens de valorização dos sujeitos negros. Contudo, *Olhos D'água* difere das duas outras obras analisadas, apresentando na capa uma imagem que oscila entre as dores e alegrias que enchem os olhos d'água.

Ainda no segundo capítulo, a partir da noção de ancestralidade, pude compreender como o pensamento liminar provoca novas interpretações. Através da observação da narrativa de Conceição Evaristo, identifiquei como água, terra e religiosidade, por exemplo, são utilizados pela autora como formas de demonstrar e reivindicar outras maneiras de compreender o mundo, de descolonizar o pensamento e leitura social sobre os grupos. Com a noção de pensamento afrodiaspórico, compreendi que a autora aborda histórias que movimentam o olhar social do presente, mas com sua conectividade com o passado, não como mero resultado de relações excludentes, mas do protagonismo e conexão com os ancestrais, gerações anteriores que servem como condição para firmar-se no mundo por sua valorização de pertencimento e para lapidar a vida, quando se encontram pedras pelo caminho.

Com muitas lacunas abertas, investi em percorrer os caminhos de Conceição Evaristo. Dada sua escrevivência, de personagens que se confundem com as histórias da autora, como de Ponciá querer estudar, de buscar na cidade um futuro melhor, das experiências e observações de Maria-Nova em meio a becos e de sua vontade de mudança e investida na escrita, de muitas trabalhadoras, principalmente domésticas que embasam a obra *Olhos d'água*. Pretendi, nesse percurso, compreender a leitura social narrada pela autora sobre a vida no campo, cidade, relações familiares, afetivas e de trabalho a partir das distinções de gênero. Em virtude da amplitude da análise, mesmo que fosse difícil desvincular os assuntos, sustentei o olhar em dois capítulos.

No terceiro capítulo, o olhar sobre as configurações da vida no campo e na cidade permitiram compreender como se configurou a escrevivência da autora. Conceição Evaristo investe em diferentes experiências em suas personagens. A vida no campo se desenha de uma forma muito distinta da cidade. Contudo, algumas marcações impostas, principalmente a disputa de terras, expõem um olhar crítico ao capitalismo, a como, em ambas as situações, a vida da população negra é colocada à parte dos interesses do mercado. No campo, o embate com latifundiários que impõem a monocultura, na cidade a especulação imobiliária que demarca por onde os

corpos negros podem e quando devem circular. Em ambas as situações, a autora recorre aos laços, à ancestralidade como formas de reconstruir a dignidade e tentar lapidar a vida que se faz frágil e desumana. Assim, a autora observa a constituição da vida mais simples no campo, e a imposição de outro ritmo e sabedoria nas cidades. Contudo, as marcações sociais desiguais de raça, classe e gênero que tanto intensificam dores, partidas, ausências e sofrimentos são utilizadas pela autora como formas de exibir a configuração social desenhada a partir delas.

No quarto capítulo, na tentativa de compreender as alternativas para suavizar a vida carregada de pedras que permeia a escrevivência como pensamento social da autora, observei elementos que demonstram a construção de espaços de sociabilidade e redes de afetividade em meio à vida no campo e na favela. A ancestralidade embasa ambas as situações, sendo por vezes anunciada a valorização aos ancestrais, à história e cultura da população negra no Brasil e às origens com a África. O ritmo do samba, sorrisos amarelos ou sem dentes, as algazaras de crianças apresentam outro olhar sobre a vida da população negra. Tanto exibem as formas de (re)existência como reivindicam uma leitura valorativa da favela, por exemplo. Mesmo que as histórias sejam carregadas de pedras, elas não devem ser reduzidas a elas, mas sim elas devem servir de adubo para tantas sementes de vida que germinam em busca de melhores condições de futuro. Assim, a autora perpassa distintas histórias que são movidas por alegrias e esperanças.

Por fim, a investigação das narrativas que versam sobre as relações de trabalho permitiu percorrer principalmente o cotidiano de muitas trabalhadoras domésticas. Em um misturar de histórias que narram suas experiências como trabalhadora doméstica e de muitas outras mulheres amigas ou de sua família, Conceição Evaristo permite percorrer o íntimo das moradias e das casas em que trabalhavam. O lapidar da vida narrado pela autora é desafiado constantemente por salários injustos, os quais impõem a manutenção das relações sociais excludentes, de ter que cozinhar e da “[...] da panela subir cheiro algum”, marcando o brutalismo poético da escrita da autora e como uma das muitas formas construídas para poder encarar a vida e assim (re)existir.

Dessa forma, ao longo desta dissertação muitas brechas foram abertas. Talvez seja esse o interesse de Conceição Evaristo: estancar feridas que ainda doem no presente. Entre lapidações e dores da vida, nos últimos dias que tenho dedicado para finalização deste texto, a narrativa de Conceição Evaristo se faz ainda mais presente.

Se no início havia destacado alguns assassinatos de crianças e adolescentes, recentes acontecimentos demonstram a emergência de políticas públicas de reparação histórica, da revisão da noção de polícia e serviço de segurança pública, da insegurança alimentar que ainda atravessa a vida de muitas pessoas, de tantos problemas sociais escancarados por Conceição Evaristo que fazem milhões de brasileiros sangrarem, e muito. Sua literatura é para isso, escancarar a ferida, mas cicatrizar sobre a expectativa para evitar futuros tais como os de Agatha; Miguel, João Pedro; Thiago; Eloah; Kauã Vitor; Leônidas Augusto; Luiz Antônio; Maria Alice; Rayane Lopes; João Vitor; Anna Carolina; Douglas Enzo; Italo Augusto; Emily Vitória; Rebeca Beatriz ...

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Belo horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ALBERTO, Paulina. A mãe preta entre sentimento, ciência e mito: intelectuais negros e as metáforas cambiantes de inclusão racial, 1920-1980. In: Flavio Gomes e Petrônio Domingues. (Org.). **Políticas da Raça** - Experiências e legados da Abolição e da pós-emancipação no Brasil. 1ed.São Paulo: Selo Negro, p. 377- 401, 2014.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. As cotas raciais na UNB: um parecer apresentado ao STF contra a ADPF 186. In: Flavio Gomes e Petrônio Domingues. (Org.). **Políticas da Raça** - Experiências e legados da Abolição e da pós-emancipação no Brasil. 1ed.São Paulo: Selo Negro, p. 403-41, 2014.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Epílogo. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. Coleção coordenada por Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 438-440.

AGUIAR, Rui; HOLANDA, Thiago. **Trajetórias interrompidas**: homicídios na adolescência em Fortaleza e em seis municípios do Ceará, Brasília: UNICEF, 2017. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/1261/file/Trajetorias\\_interrompidas.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1261/file/Trajetorias_interrompidas.pdf) Acesso em 03 de agosto de 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2018.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

AREND, Silvia Maria Fávero; ARAÚJO, Anelise Rodrigues Machado de. Já nas bancas: Meninos e meninas nas páginas de uma revista semanal (Brasil, década de 1990). In: MOREIRA, Rosemeri; CAMARGO, Hertz Wendel de; KLANOVSCZ, Luciana Rosa Fornazari. (Org.). **Gênero e os Meios**: Imprensa, televisão e cinema. 1ed. Londrina: Syntagma, 2014, p. 67-77.

AREND, Silvia Maria Fávero.; ASSIS, Gláucia de Oliveira; MOTTA, Flávia de Mattos. (Org.) **Aborto e contracepção**: histórias que ninguém conta. Florianópolis: Insular, 2012.

AREND, Silvia Maria Fávero. “ROMPENDO O “SILÊNCIO””: Violências sexuais, infâncias e direitos (1989-2000). **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 205–220, 2020. DOI: 10.18817/ot.v17i29.762. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/762](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/762). Acesso em: 3 ago. 2023.

AREND, Silvia Maria Fávero. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BÁRBARA, Rosamaria. **A dança das iabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé**. 200 fls. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça**. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. 2003.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras: as civilizações africanas no novo mundo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Edusp, 1974.

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil In: **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, p. 1-31, 2002. Disponível em: <https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>

BENTO, Oluwa Seyi Salles. **Orixá e Literatura brasileira: a esteticização da deusa afro-brasileira Oxum em narrativas de Conceição Evaristo**. 205f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BERNARDES, Tatiana Valentin Mina. **A literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para educação infantil**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

BERNARDES, Tatiana Valentin Mina; SANTOS, Zâmbia Osório dos; DEBUS, Eliane Santana Dias. A representação de mulheres negras na literatura afro-brasileira: uma leitura de “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis e “Minha mãe”, de Luis Gama. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 47, p. 117-119, 29 dez. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v47i1.1198>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/330230610\\_A\\_representacao\\_de\\_mulheres\\_negras\\_na\\_literatura\\_afrobrasileira\\_Uma\\_leitura\\_de\\_A\\_escrava\\_de\\_Maria\\_Firmina\\_dos\\_Reis\\_e\\_Minha\\_mae\\_de\\_Luis\\_Gama](https://www.researchgate.net/publication/330230610_A_representacao_de_mulheres_negras_na_literatura_afrobrasileira_Uma_leitura_de_A_escrava_de_Maria_Firmina_dos_Reis_e_Minha_mae_de_Luis_Gama). Acesso em: 15 fev. 2023.

BERNDT, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. (Org.) **Aborto e Democracia**. São Paulo: alameda, 2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2 ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013.

BOLDO, Jaqueline. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil**. Dissertação (mestrado) (134 fls.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2015.

BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte – MG: Letramento: Justificando, 2018.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENDGENS, Jully Fortunato. **O preconceito e as diferenças na literatura infantil: um estudo de caso com base na teoria histórico-cultural**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

BRASIL, **Lei nº 12.711, de 29 de Agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm) Acesso em 20 de março de 2023.

BRASIL. **Lei nº. 3.071 de 1 de janeiro de 1916**. Código Civil, 1916. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3071.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm) Acesso em 25 de março de 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 003/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004.

BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 01 fev. 2023.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069Compilado.htm) Acesso em 20 de julho de 2023.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos** – Cânticos irmãos. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1 ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALEGARI, Lizandro Carlos. O cânone e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. In: FOSTER, David Willian; CALEGARI, Lizandro Carlos; MARTINS, Ricardo André Ferreira (Org.). **Excluídos e marginalizados na literatura**: uma estética dos oprimidos. Santa Maria: Ed. da UFSM, p. 11-36, 2013.

CAMPOS, Luana Carla Martins Campos; SILVA, Kenia Caroline Vieira da Silva. A prevenção do mal-dos-sete-dias ou mal-de-umbigo por meio da prática da fomentação: reconhecimento, compreensão e valorização dos saberes tradicionais. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História**, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011. Universidade de São Paulo (USP), 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares> Acesso em 20 de março de 2023.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**: vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro 2006.

CARMO, Sura Souza; VIEIRA, Flávia Cristina Costa. Intersecções entre gênero, raça e trabalho: o vestir-se das negras de ganho no século XIX. **Veredas da História**, v. 13, n. 2, p. 100-125, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47435>. Acesso em 01 de março de 2023.

CARNEIRO, Sueli. Ennegrecer el feminismo. In: CAMPOALEGRE SEPTIEN, Rosa; BIDASECA, Karina Andrea (Org.). **Más allá del decenio de los pueblos afrodescendientes**. 1ª ed.; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p. 109-115, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERQUEIRA, Janice Souza. **Da literatura afro-brasileira à poesia afro-feminina de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

CLAUDINO, Simoni Conceição Rodrigues. **O lugar da literatura infantil no Projeto Político Pedagógico das instituições públicas de educação infantil da rede municipal de educação de Florianópolis**. Dissertação (mestrado) (184 fls.); Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2017.

COLLETTI, Patricia Muryell Guimarães. **"Parcerias público-privadas" na gestão educacional: o caráter fetichista das cisões na literatura acadêmica.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** 1ed. -São Paulo: Boitempo, 2021.

CONCEIÇÃO Evaristo por Conceição Evaristo. **Portal Literafro**, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 20. fev. 2023.

COSTA, Lucilene. **Meninas negras na literatura infantojuvenil: escritoras negras contam outras histórias.** 2012. Dissertação (Pós Graduação em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11114>. Acesso em: 8 fev. jul. 2023.

COSTA, Vanessa da Rosa. **Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea.** Dissertação (Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11114>. Acesso em: 9 fev. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA.** Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso da. **No vão da voz de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: uma poética de silêncios.** Tese (Doutorado), 257 fls., Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, 2021.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. A tradição oral das práticas de benzeção. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 30-42, jan. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/528>. Acesso em: 15 de março de 2023.

DANTAS, Audálio. Prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10º. Ed.; São Paulo: Ática, p. 06-09, 2014.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** 1ª ed; Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 191-210, jan./jun. 2010.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DIAS, Mileide Santos. **Becos da memória**: a (des)construção de um (não) lugar para vozes silenciadas. Dissertação (Mestrado em Letras) (142 fls.), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Espírito Santo, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Da diáspora e decolonialidade. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de (Orgs.) **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva**: abordagens no campo da História e Literatura - Volume 1: História; Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 9-17, 2021.

DOMINGUES, Petrônio.. Agenciar raça, reinventar a nação: o Movimento Pelas Reparações no Brasil. **Análise Social**, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v. LIII, p. 332-361, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22303> Acesso em 20 de junho de 2023.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristine; PEREIRA, Maria do Rosário. Voz(es) da escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristine; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivência**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2º. ed., Belo Horizonte: Idea, p. 09-12, 2018.

DUARTE, Eduardo Assis. Faces do negro na literatura brasileira. In: ALMEIDA, Júlia; SIEGA, Paula. (Org.). **Literatura e voz subalterna**. 1ed. Vitória-ES: EDUFES, p. 41-64, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis; FIALHO, Elisângela Lopes. Conceição Evaristo: literatura e identidade. **Literafro/UFMG**, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro, Pallas, 2014.

DUARTE, Roberta de Araújo Lantyer. Nas águas do rio: o devir de Ponciá Vicêncio. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de (Orgs.) **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva**: abordagens no campo da História e Literatura - Volume 2: História; Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 128-157, 2021

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro, BestBolso, 2011. p. 9-21.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re)existência. In: PEREIRA, Amílcar (org.). **Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 23-48.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. **Nossa Escrivência**, Blog, 2012. Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso em 10 de agosto. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia – Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte, Mazza Edições, p 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52- 57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102> Acesso em 20 de dezembro de 2022.

FILHO, Antonio Cardoso. **Crítica Literária**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.9-38.

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). **Brasil tem sétima maior taxa de gravidez adolescente da América do Sul**. Site. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-tem-s%C3%A9tima-maior-taxa-de-gravidez-adolescente-da-am%C3%A9rica-do-sul#:~:text=A%20taxa%20de%20fecundidade%20adolescente,para%20cada%201%20mil%20adolescentes>. Acesso em 20 de junho de 2023.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: UNICEF; 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf> Acesso em 03 de agosto de 2023.

FURTADO, Thamirys Frigo. **A mediação na formação do leitor**: encontros com a literatura nos tempos e espaços da educação infantil. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

GAMA, Lígia Barros. **Kosi ejé Kosi orixá**: simbolismo e representações do sangue no candomblé. 125 f Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2009.

GILBERT, Olive. **A história de Sojourner Truth, a escrava do Norte**. Jandira, SP: Principis, 2020.

GOMES, Elisângela Oliveira. **A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro**. 136 fls. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. Ed. 3º reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 223-246, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-**

**racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, DF: SEC, 2005. (Coleção Educação para todos). p. 39-62.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Hampaté Bâ, Amadou. A tradição viva. In: **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed – Brasília: UNESCO, p. 167-212, 2010.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

hooks, bell. Contar histórias. In: hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, p. 89-94, 2020a.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020b.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020c.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Liv Sovik (org). 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

IBGE, **Diretoria de pesquisas**, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua 2012-2019.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA. **O abandono afetivo paterno além das estatísticas**. Universidade de São Paulo – USP, site, 2019. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/o-abandono-afetivo-paterno-alem-das-estatisticas/> Acesso em 28 de março de 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos Negros** - Quilombhoje (SP). Site, 2020. Disponível em: <https://ims.com.br/convida/cadernos-negros-quilombhoje/> Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed.; São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. **A literatura infantil afrobrasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras**: uma narrativa autobiográfica. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Cefet/Rj, Rio de Janeiro, 2019.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 189–226, 2015. DOI: 10.14244/198271991167. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1167>. Acesso em: 5 fev. 2023.

JOVINO, Ione da Silva. **Crianças negras em imagens do século XIX**. 131 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003, p. 525-541.

LIMA, Alyne Barbosa. **Olhos d'água de Conceição Evaristo**: Memória e Ancestralidade para agência do feminino negro. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

LIMA, Sara Regina de Oliveira; BRITO, Maria Aline Porto. Miséria, infância e afrobrasilidade: os reflexos de uma construção nacional assimétrica retratados na literatura de Conceição Evaristo. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 70, p. 107–131, 2021. DOI: 10.9771/ell.i70.44106. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44106>. Acesso em: 5 fev 2023.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Rafaella. **Em busca do País das Maravilhas**: o lugar da literatura nos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação (mestrado) (141 fls.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2013.

MANJATE, Teresa. A ancestralidade e a figura da mulher: entre rupturas e continuidades. IN: CONSORTE; Josildeth Gomes; SANTANA. Marise de (Org.). **Mulher negra e ancestralidade**. São Paulo: Selo Negro, p. 16-27, 2023.

MATTOS, Hebe; LUGÃO RIOS, Ana Maria. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais**: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. 1 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf) Acesso em 20 de jan. 2023.

MORAIS, Luana Micaelhy da Silva. **Escrevendo a infância em Olhos D'água de Conceição Evaristo**. 91 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Letras e Artes – CEDUC, 2022.

MOREIRA, Maria Aparecida Rita. **A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no ensino médio: diálogos e silêncios**. Tese (doutorado), 228 fls. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. **Fêmea-matriz: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, Claudia Maira Silva de. **Histórias para incomodar os da casa-grande em seus sonos injustos: menores em situação de risco em contos de Conceição**. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), 2017.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de. **A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18:maio-out/2012, p.28-47. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456/4068> Acesso em 15 de março de 2023.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**. 353f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

Oliveira, Victor Hugo Neves. A gente combinamos de não morrer: necropolítica e produção artística. **Conceição/Conception**, 9(00), e020021, 2020. <https://doi.org/10.20396/conce.v9i00.8661943>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661943> Acesso em 21 de julho de 2023.

OLIVEIRA, Samuel Silva. O “desfavelamento” em Belo Horizonte: política urbana, habitação popular e assistência social no âmbito municipal (1940-1959). **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/> Acesso em 20 de julho de 2023.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: umbanda e sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**: São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro**. Relações Raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro, Pallas/Faperj, 2013.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos)**: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. Tese (Doutorado em História da Literatura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FURG; Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Letras, Rio Grande, 2016.

PISANI, Patrícia Adriane Elias. **De mãe para filha, histórias que se trançam**: uma análise das narrativas sobre cabelo e feminilidades negras na literatura infanto-juvenil. 118 f. Tese (Doutorado) - Curso de Tecnologia e Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte, Letramento, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (comp.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>. Acesso em 20 de jan. 2023.

RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva (Org.). **Reflexões sobre as escrituras de Conceição Evaristo**. 1.ed. Curitiba, PR: Bagai, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, André. **Vidas adolescentes interrompidas**: um estudo sobre mortes violentas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14811/file/vidas-adolescentes-interrompidas.pdf> Acesso em 03 de agosto de 2023.

ROZA, Luciano Magela Roza; ROZA, Isis Silva. Lélia Gonzalez: contribuições para compreensão de representações racializadas na sociedade brasileira. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de (Orgs.) **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva**: abordagens no campo da História e Literatura - Volume 1: História; Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 271-292, 2021.

SÁ, Dayanne Ribeiro de; SOUZA, João Marcelo Alves de; SALES, Maryane Ribeiro; MARRON, Sandra Nara. Incidência de gravidez na adolescência no período pandêmico nas Unidades Básicas de Saúde em um município da região sul do Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 15(2), e9351. <https://doi.org/10.25248/reas.e9351.2022> Acesso em 20 de junho de 2023.

SARTESCHI, Rosângela. O ensino de literatura: perspectivas comparatistas e a formação de professores à luz da Lei 11.645/08. **Revista Crioula**, nº.18, p. 13-30, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2016.124553>. Acesso em 15 de out. 2022.

SANTINI, Daniel; SANTARÉM, Paíque Duques; ALBERGARIA, Rafaela. **Mobilidade antirracista**. SANTINI, Daniel; SANTARÉM, Paíque Duques; ALBERGARIA, Rafaela (Org). São Paulo: SP: Autonomia Literária, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Descollonizar**: abrindo a história do presente. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora; São Paulo, Boitempo, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1 ed.; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **"Meu Tempo é Agora"**. 2 ed: Vol.1. Salvador, BA: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

SALES, Laryssa Oliveira. **Memorial do projeto AYABAS**: O poder feminino. Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social -Comunicação Organizacional, Brasília, 2020. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/34252/1/2020\\_LaryssaOliveiraSales\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/34252/1/2020_LaryssaOliveiraSales_tcc.pdf) Acesso em 20 de março de 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais**: tensões entre cor e amor. São Paulo: Fósforo, 2023.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez., 1995.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor** – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SILVA, Elen Karla Sousa da. **A mulher negra e a escrita de resistência em Ponciá Vicêncio e Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo**. 217 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

SILVA, Elika da. **Literatura infantil em sites educativos: um olhar sobre a formação do/a leitora dos anos iniciais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016.

SILVA, Marinaldo da. **O coelhinho do halo azul, de Adolfo B. Scheneider**: a literatura para infância, em Santa Catarina, na década de 1950. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Fernanda Costa e. **A Literatura Afro-Brasileira para a Infância**: de Mulheres para Meninas. Dissertação (mestrado) (101 fls.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2022.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop. São Paulo, Parábola, 2011.

SOJOURNER Truth. Eu não sou uma mulher? Tradução de Osmundo Pinho, GELEDES, 8 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enao-sou-umamulher-sojourner-truth>. Acesso em 15 de fev. 2023.

SUGUIMATSU, Isabela Cristina. **Atrás dos panos**: vestuário, ornamentos e identidades escravas: Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

TV UFMA. **Abandono paterno é a regra no Brasil**. Universidade federal do maranhão, site, 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/tvufma/noticias/abandono-paterno-e-a-regra-no-brasil#:~:text=O%20abandono%20paterno%20%C3%A9%20uma,m%C3%A3es%20nas%20certid%C3%B5es%20de%20nascimento>. Acesso em 28 de março de 2023.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VITÓRIA, Soraya Reginato da. **Vir-a-ser da sensibilidade**: ensaio sobre a dimensão estética da formação humana mediada pela literatura. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, p. 7-20, 2014.

ZALUSKI, Jorge Luiz. Entrevista com a professora Ângela Figueiredo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 14, n. 28, p. 6–19, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i28.12070. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12070>. Acesso em: 21 fev. 2023.

## ANEXOS

**Quadro 02:**  
**Produções teses e dissertações do PPGE-UFSC com a temática literatura**

<b>Defesas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) com o tema literatura</b>		
<b>Teses</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Defesa/Ano</b>
A mediação na formação do leitor: encontros com a literatura nos tempos e espaços da educação infantil	Thamirys Frigo Furtaro	2022
<b>Dissertação</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Defesa/Ano</b>
A literatura afro-brasileira para a infância: de mulheres para meninas	Fernanda Costa e Souza	2022
"Parcerias público-privadas" na gestão educacional: o caráter fetichista das cisões na literatura acadêmica	Patrícia Muryell Guimarães Colletto	2022
O coelhinho do halo azul, de Adolfo B. Scheneider: a literatura para infância, em Santa Catarina, na década de 1950	Marinaldo da Silva	2019
A literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para educação infantil	Tatiana Valentin Mina Bernardes	2018
O lugar da literatura infantil no projeto político pedagógico das instituições públicas de educação infantil da rede municipal de educação de Florianópolis	Simoni Conceição Rodrigues Claudino	2017
Literatura infantil em sites educativos: um olhar sobre a formação do/a leitora dos anos iniciais	Elika da Silva	2016
Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil	Jaqueline Boldo	2015
Vir-a-ser da sensibilidade: ensaio sobre a dimensão estética da formação humana mediada pela literatura	Soraya Reginato da Vitória	2014
O preconceito e as diferenças na literatura infantil: um estudo de caso com base na teoria histórico-cultural	Jully Fortunato Buendgens	2014
Em busca do País das Maravilhas: o lugar da literatura nos anos iniciais do ensino fundamental	Rafaella Machado	2013